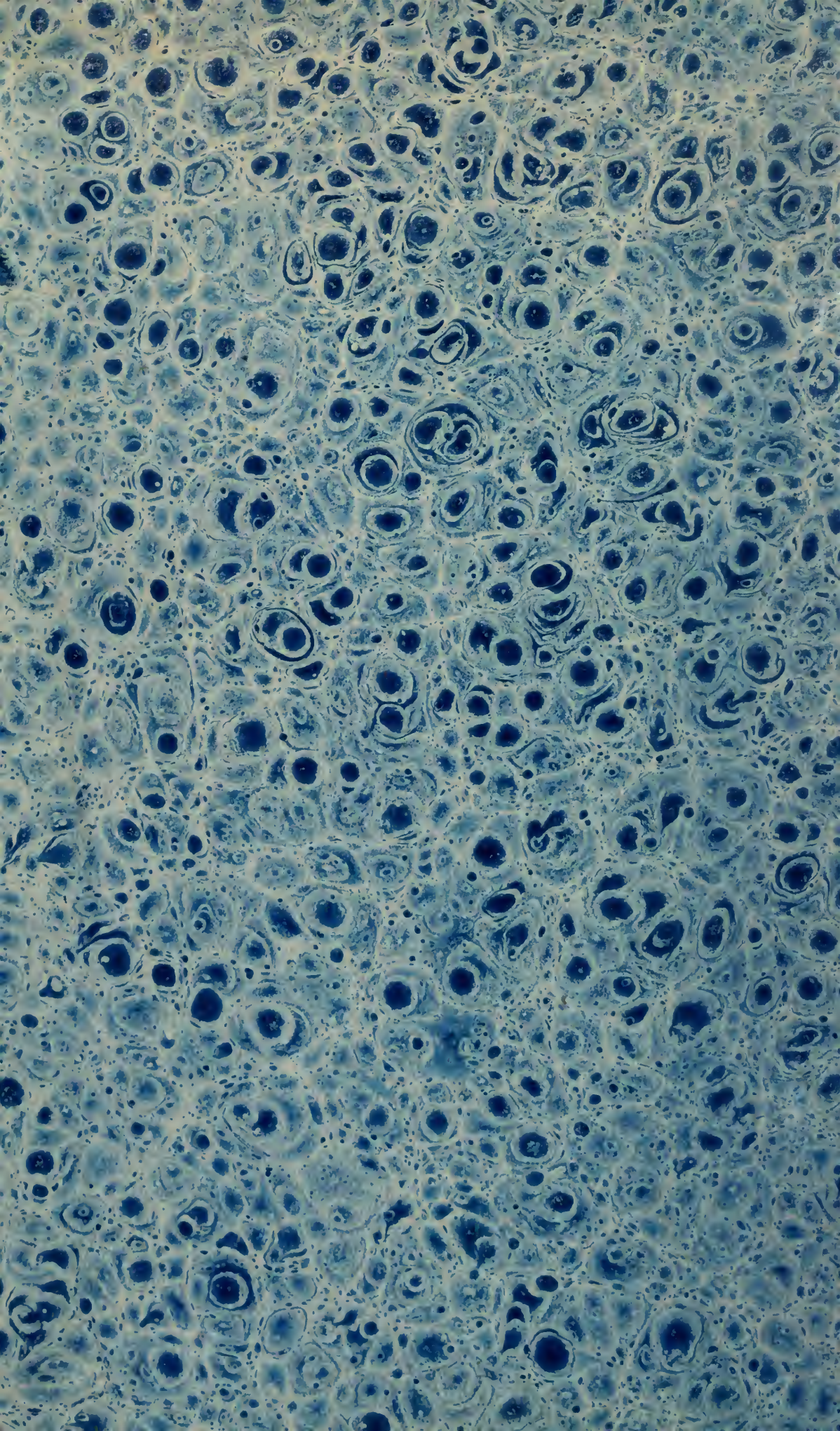
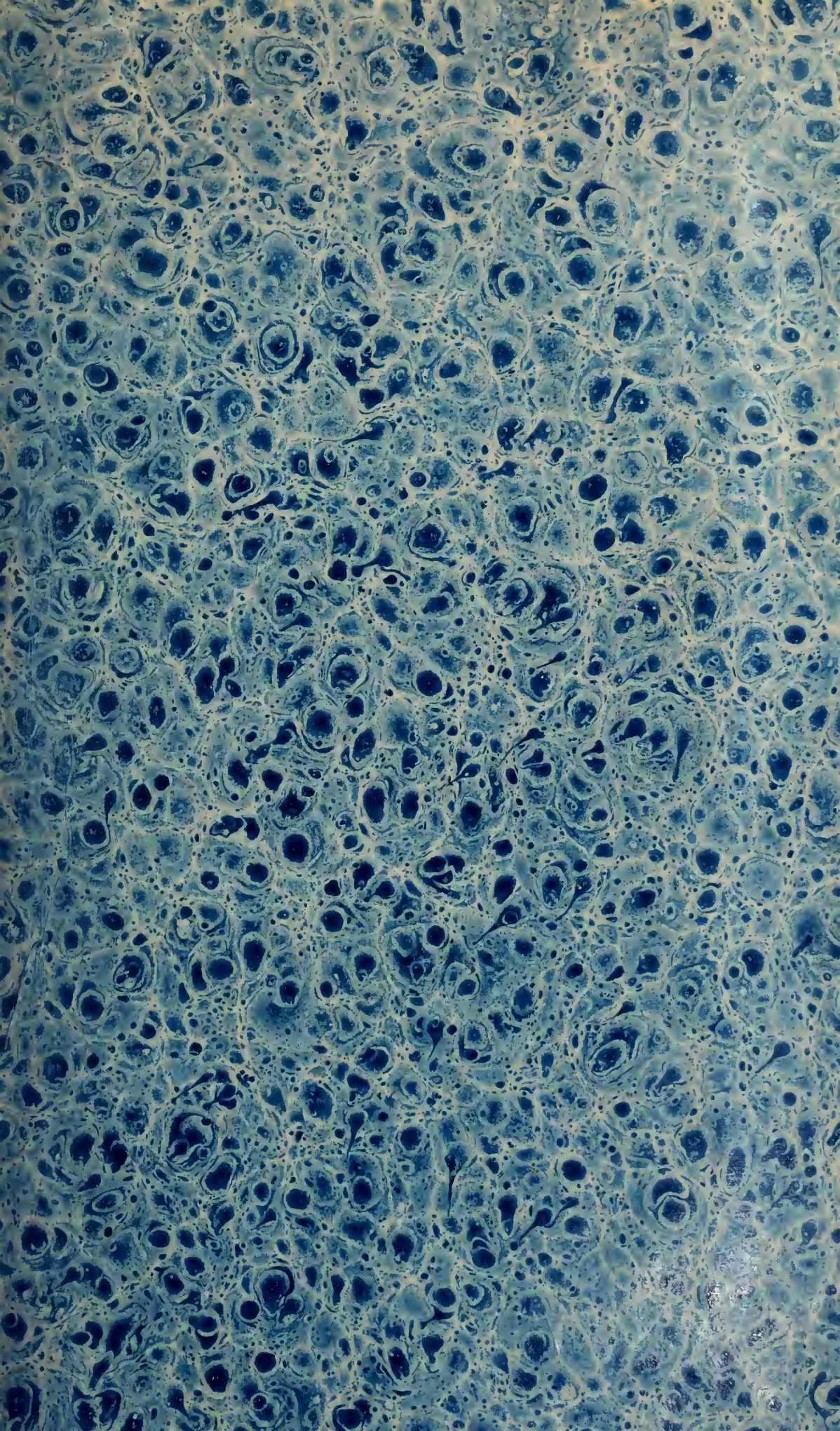
3 1761 07135951 7





Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/obraspoetica1v2alor

OBRAS POETICAS

DE

D. LEONOR D'ALMEIDA PORTUGAL LORENA E LENCASTRE,

MARQUEZA D'ALORNA,

CONDESSA D'ASSUMAR, E D'OEYNHAUSEN,

CONHECIDA ENTRE OS POETAS PORTUGUEZES

PELO NOME

DE

ALCIPE.

TOMO I.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1844.

Antena de tele
azul claro
casas fechadas

Sendim lith. Lith. de M. L. da Cta B. N. dos Mtos nº 10. Lxa.

Condessa d'Oeynhausen.

Copia d'hum retrato feito em 1781.

Condessa d. Oeynhausen

OBRAS POETICAS

DE

D. LEONOR D'ALMEIDA PORTUGAL LORENA E LENCASTRE,

MARQUEZA D'ALORNA,

CONDESSA D'ASSUMAR, E D'OEYNHAUSEN,

CONHECIDA ENTRE OS POETAS PORTUGUEZES

PELO NOME

DE

ALCIPE.

TOMO I.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1844.

PQ
9261
A6
1844
t. 1-2
LIBRARY
NOV 27 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

NOTICIA BIOGRAPHICA

DA

EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. LEONOR D'ALMEIDA,

MARQUEZA D'ALORNA,

CONDESSA D'ASSUMAR, E D'OEYNHAUSEN.

NOTICIA BIOGRAPHICA

DA

EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. LEONOR D'ALMEIDA,

MARQUEZA D'ALORNA,

CONDESSA D'ASSUMAR, E D'OEYNHAUSEN, *ETC. ETC.*

A Senhora D. Leonor d'Almeida Portugal de Lorena e Lencastre, Condessa d'Oeynhausen por seu marido, Dama da Ordem da Cruz Estrellada em Allemanha: Dona de Honor, e Dama da Real Ordem de Santa Isabel em Portugal; 4.ª Marqueza d'Alorna, e 7.ª Condessa d'Assumar, pela morte de seu irmão o Marquez D. Pedro d'Almeida Portugal, e de seus dois filhos; nasceo em Lisboa, em 31 de Outubro de 1750.

Foi seu pae D. João d'Almeida Portugal, 2.º Marquez d'Alorna, e 4.º Conde d'Assumar, Védor da Casa Real, Commendador da Ordem de Christo, Capitão de Cavallaria na Corte; e foi sua mãe a Senhora D. Leonor de Lorena, 4.ª filha dos 3.os Marquezes de Tavora, Francisco d'Assís de Tavora, que era 3.º Conde d'Alvor, ramo dessa mesma familia, e a Marqueza D. Leonor Thomasia de Tavora, em quem tinha recahido toda a Casa dos Tavoras, hoje extincta.

A Senhora Condessa d'Oeynhausen, a quem para o diante chamaremos Senhora Marqueza d'Alorna, era a primogenita de seus irmãos por esta ordem; seguindo-se-lhe a Senhora D. Maria d'Almeida, Condessa da Ribeira Grande, 2.ª mulher de D. Luiz Antonio da Camara, 6.º Conde do mesmo titulo, dos quaes é neto D. Francisco de Salles da Camara, 8.º Conde actual da Ribeira Grande; e seguindo-se em fim D. Pedro d'Almeida Portugal, que foi 3.º Marquez d'Alorna, 5.º Conde d'Assumar, Védor da Casa Real, Commendador da Ordem de Christo, Tenente General, Governador das Armas da Provincia do Alem-Téjo, Chefe da Legião de Tropas Ligeiras, organisada com o seu nome em Portugal; pelos acontecimentos de 1808 arrastado á França, e em 1813 fallecido em Konigsberg, sem successão viva de sua mulher a Marqueza D. Henriqueta da Cunha, filha dos 6.os Condes de S. Vicente, havendo-lhe morrido seus filhos, o 6.º Conde d'Assumar D. João em 1805, e D. Miguel em 1806; em cuja falta a Senhora Marqueza D. Leonor succedeo a seu irmão D. Pedro, que foi o ultimo Marquez d'Alorna.

Temos pois a considerar a Senhora Marqueza D. Leonor em tres epochas principaes da sua vida:

1.ª — Menina e donzella, na vida de seu pae o Marquez D. João d'Almeida:

2.ª — Condessa d'Oeynhausen, na vida do Conde seu marido; e viuva, até á morte de seu irmão: e

3.ª — Marqueza d'Alorna, depois da morte de seu irmão, e de seus dois filhos.

E antes de entrarmos na 1.ª epocha, julgamos conveniente

dar aqui uma breve relação da origem desta familia, do seu appellido honroso, da grandeza e importancia de seus serviços á Monarchia, fundado tudo nas Historias, e em documentos indubitaveis; e o faremos sem a prolixidade genealogica, e sem sentimento algum de vaidade, ou de vangloria, que em nós não cabe. Move-nos sómente o respeito que devemos á memoria da Senhora Marqueza, e ás suas raras qualidades, pelo motivo particular que manifestaremos no fim desta noticia.

Origem da familia e titulo de Almeida.

Os primeiros progenitores da Senhora Marqueza são contemporaneos, e ainda anteriores ao principio da Monarchia Portugueza; e o nome distinctissimo de *Almeida* começa em Paio Guterres, que em tempo de D. Sancho 1.°, que subio ao throno em 1185, tomou o Castello de Almeida aos Mouros, como se póde vêr em Frei Bernardo de Brito, no Liv. 5.° Cap. 6.° da primeira parte da Chronica de Cister.

Este Paio Guterres é neto de Pelaio Amado, Cavalleiro *mui principal* na Corte do Conde D. Henrique, e conhecido de todos os *Senhores Portuguezes*, como diz Brito; ou elle fosse um dos Cavalleiros que de França acompanharam á Hespanha Henrique de Borgonha, como julgam alguns Historiadores; ou elle seja da geração dos *Coelhos* em Portugal, que é a mesma de Egas Moniz, como o julgam Argote de Molina, e o Conde D. Pedro no Livro das Linhagens.

Casou Pelaio Amado com uma Dama da Rainha D. Thereza, mulher do Conde D. Henrique, chamada D. Munia, ou

Moninha Guterres, Senhora Portugueza muito abastada, *na qual*, pela phrase dos Escriptores, *houve filho* Sueiro Paes, que vivia no tempo de D. Affonso Henriques; e de Sueiro Paes é filho Paio Guterres, chamado o *Almeidão* pelo motivo acima dito. E essa descendencia, que então começa aproximadamente em 1100, porque Henrique de Borgonha entrou na Hespanha em 1098, se continúa por sette seculos, em linha directa, e n'um só ponto, lateral, sem interrnpção de varonia; o que é mui raro, se não unico, em toda a fidalguia portugueza.

Paio Guterres, neto de Pelaio Amado, teve muita privança com D. Affonso 2.°; e no seu tempo, ou de D. Sancho 2.°, teve um filho chamado Pero Paes d'Almeida, o primeiro que tomou regularmente este appellido; e teve por elle um neto, Fernão Peres d'Almeida, que em tempos de D. Diniz foi Alcaide-mór de Avô, e se achou com D. Affonso 4.° na batalha do Salado, em 1340.

De Fernão Peres é filho Pero Fernandes d'Almeida, que foi da Casa de D. Pedro 1.° sendo ainda Principe, e servia D. Ignez de Castro por ordem sua: e deste Pero Fernandes é filho Fernão Alvares d'Almeida, que acompanhou D. João 1.° na tomada de Ceuta em 1415, Védor da sua Casa, e Aio dos Principes seus filhos.

De Fernão Alvares d'Almeida é filho D. Diogo Fernandes d'Almeida, legitimado em 1433, sendo elle o primeiro que nesta descendencia toma o titulo de *Dom*, da familia de sua mãe, que depois se continúa, e a quem D. Duarte faz seu Reposteiro-mór, e Védor da sua Fazenda; e é seu filho D. Lopo d'Almeida, 1.° Conde d'Abrantes por D. Affonso 5.°, em 1471.

Deste periodo por diante, isto é, de D. Lopo d'Almeida, primeiro Conde d'Abrantes em 1471, se torna ainda mais notavel esta clara descendencia de Pelaio Amado por seus feitos gloriosos; e os ascendentes da Senhora Marqueza D. Leonor vão enlaçar-se com as primeiras Casas e familias de Portugal. Porquanto, D. Lopo d'Almeida, 1.° Conde d'Abrantes, tem tres filhos, dos quaes é necessario fazer menção distincta e separada:

1.° — D. João d'Almeida, 2.° Conde d'Abrantes, Guarda-mór de D. João 2.°, do seu Conselho, e Védor da sua Fazenda, que não teve successão, passando o titulo de Conde d'Abrantes para os Condes de Pena-Guião, Marquezes de Fontes, que são os Marquezes d'Abrantes do nosso tempo:

2.° — D. Francisco d'Almeida, 1.° Vice-Rei da India em tempo de D. Manoel; e cuja filha unica D. Leonor d'Almeida foi mulher de D. Rodrigo de Mello, 1.° Marquez de Ferreira, que era filho de D. Alvaro de Portugal, ou o *Senhor D. Alvaro*, 4.° filho do 2.° Duque de Bragança D. Fernando 1.°; e do qual 1.° Marquez de Ferreira foi 3.° neto em linha directa D. Nuno Alvares Pereira de Mello, 1.° Duque do Cadaval: e

3.° — D. Diogo Fernandes d'Almeida, em quem a familia se continúa, Grão-Prior do Crato, Alcaide-mór de Torres Novas, Monteiro-mór de D. João 2.°, pae de D. Lopo d' Almeida.

Deste D. Lopo d'Almeida é filho D. Pedro d'Almeida, que servio na India, no Cerco de Dio, que defendeo com D. João de Mascarenhas, obrando prodigios de valor, ainda no

tempo de D. Manoel, entre 1500 e 1520. E a estes dois Almeidas, D. Pedro, e D. Francisco (acima), é que se refere o que diz Camões na estancia 14.ª, verso 5.º e 6.º do seu Poema:

. . . . . *os temidos*
Almeidas, por quem sempre o Téjo chora;

porque os outros Almeidas na India, que vamos vêr, são posteriores a Camões e ao seu Poema, que elle fez imprimir em 1572.

Aquelle D. Pedro d'Almeida, recolhendo-se da India a Portugal, foi Presidente do Senado da Camara de Lisboa, Commendador de Loures na Ordem de Christo, Alcaide-mór de Torres Novas, e Conselheiro d'Estado de Filippe 2.º E seu filho D. Lopo d'Almeida, Commendador de Loures, e Alcaide-mór d'Alcobaça, foi casado com D. Joanna de Portugal, filha herdeira de D. João de Portugal, neto dos 1.ºs Condes de Vimioso, que foram os Marquezes de Valença do nosso tempo, e de D. Magdalena de Vilhena, filha de Francisco de Sousa Tavares, da Casa dos Condes de Miranda, á qual é justo que dêmos um logar nesta noticia, não só por ser a mãe de D. Joanna de Portugal, mulher de D. Lopo d'Almeida, mas tambem pelo facto importantissimo que a Historia conhece, e que aqui sómente queremos recordar.

Julgando-se perdido ou morto D. João de Portugal, com ElRei D. Sebastião, na infeliz jornada de Africa, passou D. Magdalena de Vilhena a segundas nupcias com Manoel de Souza Coutinho, illustre Cavalleiro daquelle tempo. Mas verificando-se depois a vida e existencia de D. João de Portugal, resolveo-se

D. Magdalena a tomar o habito de Religiosa no Convento do Sacramento, ao Campo de Santa Clara, com o nome de Soror Magdalena das Chagas; e Manoel de Souza Coutinho entrou em S. Domingos de Bemfica, onde, tomando o nome de Frei Luiz de Souza, tornou-se na solidão, na penitencia e no estudo, um dos primeiros ornamentos da litteratura e da lingua portugueza, entrando como tal na serie dos notaveis ascendentes da familia d'Alorna e d'Assumar.

E voltando nós ao fio desta Noticia, que em D. Lopo d'Almeida ficou interrompida, continuamos dizendo qne, de D. Lopo d'Almeida e de D. Joanna de Portugal é filho D. João d'Almeida, Commendador de Loures, e Alcaide-mór d'Alcobaça como seu pae, Védor da Casa de D. João 4.° e de D. Affonso 6.°, casado com D. Violante Henriques, irmã de D. Thomás de Noronha, 3.° Conde dos Arcos, directo descendente de D. Henrique 2.° e de D. Affonso 11.° de Castella.

De D. João d'Almeida é filho D. Pedro d'Almeida, nascido em 1630, Védor da Casa de D. Affonso 6.°, Commendador de Loures, Vereador da Camara de Lisboa, Deputado da Junta dos Tres-Estados, Vice-Rei da India, o segundo na sua familia, por D. Pedro 2.°, Regente em nome de seu irmão, e, por elle, 1.° Conde d'Assumar, fallecido em Goa, em 1679.

De D. Pedro d'Almeida 1.° Conde d'Assumar é filho D. João d'Almeida, 2.° Conde, Alcaide-mór de Santarem, do Conselho d'Estado e do de Guerra, Embaixador Extraordinario a Carlos 3.° em Barcelona, Academico do numero da Academia Real, e Gentil-homem da Camara, servindo de Mordomo-mór de D. Pedro 2.°

De D. João d'Almeida, 2.° Conde, é filho D. Pedro d'Almeida, 3.° Conde, Academico do numero e Censor da Academia Real, General de Batalha na Catalunha, Governador de Minas-Geraes, Mestre de Campo General, 1.° Marquez de Castello-Novo, Vice-Rei da India em 1744, o terceiro na sua familia, onde se lhe mudou o titulo de Marquez de Castello-Novo em 1.° Marquez d'Alorna em 1748, pela conquista brilhante desta e de outras importantes Fortalezas; e voltando ao Reino em 1752, foi Mordomo-mór da Rainha D. Maria Anna d'Austria.

Foi casado o 1.° Marquez d'Alorna e 3.° Conde d'Assumar D. Pedro d'Almeida com D. Maria de Lencastre, filha do 4.° Conde de Villa-Nova de Portimão D. Luiz de Lencastre, directo descendente de outro D. Luiz de Lencastre, irmão do Duque d'Aveiro D. João de Lencastre, filho do *Senhor D. Jorge* Duque de Coimbra, filho natural de D. João 2.° e Progenitor da Casa dos Duques d'Aveiro, cuja linha passou em Portugal mais tarde aos Marquezes de Gouvêa, e se extinguio.

Deste D. Pedro, 1.° Marquez d'Alorna, e 3.° Conde d'Assumar, é filho D. João d'Almeida, 2.° Marquez, e 4.° Conde d'Assumar, de quem já foi ditto acima; e delle são filhos

1.° — A Senhora D. Leonor d'Almeida, em 1750, Condessa d'Oeynhausen por seu marido o Conde Carlos Augusto:

2.° — A Senhora D. Maria d'Almeida, em 1751, casada com o 6.° Conde da Ribeira D. Luiz Antonio José Maria da Camara, de quem é neto o actual 8.° Conde D. Francisco de Salles Zarco da Camara: e

3.° — D. Pedro José d'Almeida, em 1754; 3.° Marquez

d'Alorna, e 5.º Conde d'Assumar, em cuja morte e de seus filhos, a Senhora D. Leonor d'Almeida succede na sua Casa, tomando o titulo de 4.ª Marqueza d'Alorna, e 7.ª Condessa d'Assumar, como acima ficou ditto, porque seu filho D. João foi 6.º Conde, em vida de seu pae.

Tronco dos Almeidas	Pelaio Amado	Companheiro de Henrique de Borgonha.	Conde D. Henrique. Annos proximamente de 1100.
Seu filho	Sueiro Paes	.....	D. Affonso Henriques. Annos de 1120 — 1180.
1.º neto	Paio Guterres	Chamado o Almeidão por tomar Almeida aos Mouros.	D. Sancho 1.º e D. Affonso 2.º — 1180 — 1220.
2.º	Pero Paes d'Almeida	O primeiro que toma o nome de Almeida.	D. Sancho 2.º e D. Affonso 3.º — 1220 — 1270.
3.º	Fernão Peres d'Almeida	Batalha do Salado com D. Affonso 4.º em 1340.	D. Diniz e D. Affonso 4.º — 1280 — 1350.
4.º	Pero Fernandes d'Almeida	.....	D. Pedro 1.º — 1350 — 1365.
5.º	Fernão Alvares d'Almeida	Tomada de Ceuta com D. João 1.º em 1415.	D. Fernando e D. João 1.º — 1370 — 1430.
6.º	D. Diogo Fernandes d'Almeida	O primeiro na familia que toma o titulo de *Dom*, que continúa. — Reposteiro-mór de D. Duarte.	
7.º	D. Lopo d'Almeida	1.º Conde de Abrantes em 1471.	D. Affonso 5.º — 1440 — 1480.
8.º irmãos	D. João d'Almeida	2.º Conde — Sem successão. — Guarda-mór de D. D. João 2.º	D. João 2.º e D. Manoel — 1480 — 1520.
	D. Francisco d'Almeida	1.º Vice-Rei da India, com successão feminina. — Relações com a Casa de Cadaval.	
	D. Diogo d'Almeida	Monteiro-mór de D. João 2.º — Successão masculina que continúa.	
9.º	D. Lopo d'Almeida	Capitão de Sofala, na India.	D. João 3.º — 1521 — 1557.
10.º	D. Pedro d'Almeida	Cerco de Dio. — Presidente do Senado da Camara de Lisboa.	D. João 3.º
11.º	D. Lopo d'Almeida	Relações com a Casa de Vimioso, e com Frei Luiz de Souza.	D. Sebastião e D. Henrique.
12.º	D. João d'Almeida	Védor da Casa de D. João 4.º	D. João 4.º e D. Affonso 6.º
13.º	D. Pedro d'Almeida	1.º Conde d'Assumar, em 1677. — 2.º Vice-Rei da India na sua familia.	D. Affonso 6.º e D. Pedro 2.º
14.º	D. João d'Almeida	2.º Conde d'Assumar.	D. Pedro 2.º
15.º	D. Pedro d'Almeida	3.º Conde. — Marquez de Castello-Novo, mudado em 1.º Marquez d'Alorna. — 3.º Vice-Rei da India na sua familia.	D. João 5.º
16.º	D. João d'Almeida	2.º Marquez d'Alorna.	D. José.
17.º	D. Pedro José d'Almeida	3.º Marquez d'Alorna.	D. Maria 1.ª e D. João 6.º

PRIMEIRA EPOCHA DA VIDA DA SENHORA MARQUEZA D'ALORNA.

EDUCADA nos seus primeiros annos como convinha á elevada consideração de que a sua familia gozava na Corte, e na sociedade portugueza, começou esta Senhora muito cêdo a sentir os golpes do infortunio; e na idade de oito annos, com sua mãe, e com sua irmã D. Maria d'Almeida, na idade de sette annos, como se todas foram presas d'Estado, se achou reclusa no Convento de Chellas junto a Lisboa. Entre tanto seu irmão D. Pedro, de tres para quatro annos de idade, ficava como abandonado á compaixão de seus familiares; e seu pae o Marquez D. João d'Almeida, proximo a partir para París, Embaixador á Corte de Luiz 15, tinha sido lançado n'um horrivel carcere do Forte da Junqueira, pela injusta e levissima suspeita de ter conhecimento do attentado da noite de 3 de Settembro de 1758.

É pois no retiro de Chellas, e no apertado encerro em que alli se achava confinada, que esta menina, sem mestres, e sem outro auxilio mais que um genio muito elevado, a doutrina e ternura de sua mãe, e as maximas e conselhos de seu pae, que passados alguns annos lhe eram regularmente communicados, com grande perigo seu, e risco de ambos; e com o auxilio de livros escolhidos, que os amigos da sua familia lhe facilitavam, se tornou insigne pelo conhecimento das linguas e das lettras, pelo da sã Philosophia, da Musica e da Poesia, sem que lhe fossem estranhas as outras prendas do seu sexo.

Ornado o seu espirito com estes conhecimentos, apesar da sua pouca idade, e do seu estado de secular naquelle Convento, adquirio nelle certa preponderancia, sendo rogada para assistir a todos os actos de communidade, aos quaes se não escusava; antes por sua devoção e muito boa vontade servia de Enfermeira, de Refeitoreira e de Organista, sem que essas occupações a distrahissem da sua applicação ás lettras, e muito menos á Poesia, a que sempre foi por extremo affeiçoada. E antes com um enthusiasmo que nada neste mundo amortecia, produzio essas composições melodiosas que agora vão publicar-se, sendo as que apparecem no 1.º volume com o titulo de *Poesias de Chellas*, que alli as entoava seu estro, igualmente sublime e delicado, quando apenas o seu desenvolvimento começava.

Onze annos ainda ella contava, quando sua mãe muito doente com um ataque de nervos que lhe tomava os movimentos, e precisando escrever a seu marido encarcerado; notando em sua filha qualidades que, apesar dos poucos annos, lhe inspiravam confiança, a chamou ao pé do leito em que se achava. E mostrando-lhe umas tiras de papel, todas escriptas de encarnado, lhe disse: «Minha filha conhece esta letra? — Parece-me a letra de meu pae. — Com que é escripta? — Parece-me que é com sangue. — Pois bem: é sangue de seu pae. E se minha filha revelar que vio estes papeis, este sangue, o meu, e o de minha filha correrá. Preciso escrever a seu pae, e só minha filha é que tenho para me ajudar.» Dahi em diante ficou a menina de onze annos encarregada de toda a correspondencia, sobremaneira interessante, que ainda um dia poderá sahir á luz, e que é mui digna de apparecer.

Quinze annos tinha ella apenas, quando succedeo perder-se uma das cartas de seu pae. O susto e afflicção em que ficou por esta perda suscitou-lhe a idéa de que só tomando o *habito* de freira poderia reparar esta culpa involuntaria. Alcançou para isso os votos das Religiosas; e para fortificar-se na resolução que assim tomara, fez os chamados *Exercicios espirituaes* de Santo Ignacio, que, em logar de serem de dez dias, segundo a practica de então, foram de vinte dias, por devoção da penitente. Mas no fim delles, confessando-se a um douto Padre, Frei Alexandre da Silva, que depois foi Bispo de Malaca, bem longe de ajudá-la em seu proposito, este lhe aconselhou que ouvisse a Marqueza sua mãe, e lhe beijasse a mão, porque em tão poucos annos não devia seguir sómente a sua vontade. A este Padre de juizo, tambem Poeta, e Socio da Arcadia Portugueza, dirigio a sua confessada a epistola que principia = *Quem me diria, ó Silvio*, que se acha nesta Collecção das suas Obras (tom. 1.º pag. 215).

Perdido este pensamento da pouca idade, continuou esta senhora os seus estudos na idade de 16 e 18 annos, cultivando com elles os seus talentos naturaes, e começaram a celebrar-se e a ser muito conhecidas algumas das suas composições mais elegantes.

Estavam naquelle tempo muito em moda os chamados *Outeiros*, pela Corte, e particularmente nos Conventos: e além dos Socios da Arcadia, havia muitos e bons Poetas, entre os quaes se distinguia Francisco Manoel do Nascimento, com o nome de Filinto Elysio. Este e os seus amigos começaram a encaminhar-se para Chellas, repetindo ahi os seus versos, e

pedindo motes ás Freiras, esperando nessas occasiões encontrar esta Senhora, e ouvi-la n'alguma *Grade.*

Com effeito appareceo, brilhou, e confundio alguns dos seus admiradores. Data dahi o nome de *Alcippe*, com que elles a celebraram, e com que ficou sendo conhecida entre os Poetas Portuguezes; assim como pelo de *Daphne* sua irmã a Senhora D. Maria d'Almeida, que foi depois Condessa da Ribeira. E data desse tempo o que lhe aconteceo com o Arcebispo de Lacedemonia, por ordem do qual esteve dois annos reclusa na sua cella, não podendo sair senão por sua ordem e chamamento, para vir fallar-lhe á *Grade.*

Era uso permittido e tolerado em todos os Conventos, quando alguma Senhora, Freira ou Secular, se achava gravemente enferma, e a queria visitar um parente sem suspeita, como pae, irmão, ou filho, tomar este o logar de um dos criados do Convento, e conduzir á cella da Senhora enferma qualquer cousa que por outra pessoa não pudesse ser levada.

Achava-se a Senhora Marqueza mãe muito doente, e vinha para fallar-lhe seu filho, depois Marquez D. Pedro. Sua filha veio á Portaria, e achando alli o aguadeiro com o barril, fez com que seu irmão o tomasse ás costas, e assim fosse dar essa consolação a sua mãe. Mas como esta Senhora era uma *presa d'Estado*, fez isto grande impressão, e foi denunciado ao Arcebispo. Veio este fazer-lhe um grande sermão sobre o rompimento da clausura, obrigou-a a não sair da sua cella, e determinou-lhe que cortasse os cabellos, e vestisse de cor honesta.

Como a cella de *Alcippe* se communicava por dentro com a de sua mãe, obedeceo ella em quanto á sua reclusão; mas no

mais, duvidou obedecer, por isso mesmo que a ninguem de fóra do Convento apparecia. Passados poucos dias, voltou o Arcebispo a ver se era obedecido. Chamada Alcippe *á Grade*, appareceo no seu costume antigo. — Não lhe disse eu que vestisse de cor honesta? (lhe disse o Arcebispo) Não lhe disse eu que cortasse os seus cabellos? — Como não sou Religiosa (lhe respondeo Alcippe), só de meu pae ou de minha mãe posso receber uma tal ordem. — Deixe estar, que eu direi ao *Senhor Marquez* a sua desobediencia. — A meu pae? — Não me falle em seu pae: do Senhor Marquez de Pombal é que eu lhe fallo. Ao que Alcippe retorquio com todo o valor que dá a consciencia da propria dignidade, repetindo-lhe dois versos, que então muito a proposito lhe occorreram, de uma tragedia de Corneille:

Le cœur d'Eléonore est trop noble et trop franc
Pour craindre ou respecter le bourreau de son sang.

E ainda que o Arcebispo não gostasse muito da lembrança, comtudo respondeo-lhe: « Está bem, está bem. Como não ha de sair desta clausura, tanto importa que ande vestida de preto, como vestida de encarnado. » A idade de Alcippe, que então era de pouco mais que 18 annos, lhe foi desculpa nesta occasião. E é a este facto e ás suas precedencias que se refere a bella Ode de Francisco Manoel = *Não esperes, formosa e meiga Daphne* = dirigida á irmã de Alcippe, e que vem nas *Poesias de Filinto*, na edição de París em 8 volumes em 12, no vol. 6.º pag. 84, e por isso aqui não a escrevemos.

Ainda se passaram alguns annos, que chegaram a dezoito

e alguns mezes, de estudo, de saudade, e de tormentos, ao pae e á filha, em Chellas, e na torre de Belem. Até que, fallecendo ElRei D. José, e tomando as redeas do governo a Senhora D. Maria 1.ª, se abriram as portas dos carceres; e a tantos que se julgavam criminosos se deo a consolação de tornarem aos braços dos parentes e dos amigos. N'um dia, que ficou sempre assignalado, chega pela meia-noite a Chellas o pae de Alcippe, não já como um gentil cavalheiro de 25 annos, que assim tinha entrado para o forte da Junqueira, em vez de ir para França, cuja Enviatura então lhe era destinada; mas com um semblante macerado pelos padecimentos de uma prisão tão dilatada e rigorosa.

Esperava-o na *Grade* a Marqueza e suas filhas, e grande numero de pessoas, parentes, e amigos que haviam concorrido a festejar a sua vinda, e a comprimentar a sua familia, que em fim dalli saía, conservando naquella casa mutuas saudades e lembranças, que duraram até ao fim da sua vida.

O Marquez, a quem os trabalhos e os incommodos do carcere em 18 annos tinham arruinado a saude até ao ponto que póde, ou que não póde imaginar-se, preferio retirar-se para o campo, e foi viver para a sua casa de Almeirim por alguns mezes. Porêm como os negocios da Casa e da familia reclamavam a sua assistencia em Lisboa por algum tempo, tornou a deixar os campos, e voltou para Lisboa com sua mulher e suas filhas, sendo aqui a sua casa uma das mais agradaveis que podiam encontrar-se, pela optima sociedade que alli se reunia, assim de portuguezes como de estrangeiros, attrahidos pelo saber e amabilidade do Marquez, pelos dotes naturaes,

espirito e talentos de suas filhas, e pela sympathia e curiosidade que excitava uma familia tão interessante, maltratada pela injustiça e prepotencia.

SEGUNDA EPOCHA DA VIDA DA SENHORA MARQUEZA.

Não tardou muito que apparecessem pretendentes á mão d'Alcippe, cujas prendas e perfeições chamavam irresistivelmente as attenções de todo o mundo.

No reinado antecedente havia chegado a Portugal o Conde-Reinante de Schaumbourg-Lippe, Principe Soberano em Allemanha, para commandar o Exercito Portuguez, trazendo comsigo seu primo com-irmão o Conde d'Oeynhausen Grœvemburg, de quem daremos tambem abreviada noticia para o diante. Frequentava este muito a casa do Marquez d'Alorna, que o recebia e estimava como elle merecia; mas entre os pretendentes d'Alcippe seria elle o ultimo que seu pae lhe desejasse, porque era estrangeiro, e podia levar-lhe para longe a sua filha. Comtudo, sendo esta a escolha ultima d'Alcippe, conformou-se o Marquez com ella, achando-a muito digna da sua familia. E para que este negocio se concluisse, abraçou o Conde d'Oeynhausen a Religião Catholica Romana, em cujo acto foram seus Padrinhos a Rainha D. Maria 1.ª e ElRei D. Pedro, por quem ao mesmo tempo foi armado Cavalleiro da Ordem Militar de Christo, sendo convidada toda a Corte para assistir a tão distinctas ceremonias. Sua Magestade a Rainha deo-lhe o abraço ou *accolada;* ElRei poz-lhe o *cinturão,* e tocou-lhe com a espada nua; e os Principes D. José e D. João ajuda-

ram os Reis seus paes na *investidura*. Taes foram as honras com que Suas Magestades quizeram mostrar que protegiam esta alliança.

Seguio-se a nomeação do Conde para commandar o 6.º Regimento de Infanteria, então 1.º Regimento do Porto, para onde logo partio com a Condessa, deixando nesta ausencia grandes saudades, principalmente a sua mãe, de quem pela primeira vez se separava, em tantos annos de gostosa companhia. E passado um anno de consorcio, a 30 de Novembro de 1780 nasceo a primeira filha da Condessa, que é hoje a Senhora Marqueza de Fronteira, mãe; e a Condessa teve o gosto de receber no Porto a visita de sua mãe, que alli foi assistir-lhe no seu trabalho, exemplar e carinhosa.

O desejo de ver augmentada a fortuna e boa sorte de seu marido fez com que a Condessa viesse a Lisboa, e dahi fosse a Salvaterra, onde estavam Suas Magestades; e em dois mezes que alli fez a sua corte, obteve para seu marido a nomeação de Ministro Enviado a Vienna d'Austria, para onde foi necessario que partissem, deixando o Conde o commando do Regimento, e ella deixando a sua filha na companhia da Marqueza mãe e avó.

Intentou a sua viagem por terra até Vienna. Demorou-se algum tempo em Madrid, onde recebeo o melhor acolhimento de Carlos 3.º que então reinava. Passou á França, onde igualmente foi bem acolhida por Luiz 16 e pela sua familia, e travou grande conhecimento com M.r e M.me Necker, que nesse tempo tinha já credito e influencia, em cuja casa se reuniam os eruditos e os politicos do tempo. Em uma dessas

reuniões foi a Condessa convidada para fazer a narração dos acontecimentos daquella epocha importante, o que ella desempenhou de forma que mereceo o maior applauso.

Continuou para Vienna, onde reinava ainda a Imperatriz Maria Thereza, que recebeo a Condessa com a maior affabilidade, dando-lhe até ao fim da sua vida assignaladas provas de estima e de affeição. E subindo ao throno seu filho José 2.°, continuou este a dar á Condessa as mesmas provas, fazendo-lhe presente da insignia e diploma da Ordem da Cruz Estrellada daquelle Imperio, escrevendo-lhe de sua mão, que sendo a Condessa já *metade allemã* por seu marido, elle desejava que o fosse toda, acceitando e usando aquella insignia. A Condessa respondeo agradecendo, mas não fez uso da insignia em quanto não recebeo de seus Soberanos licença para usar e acceitar, como é costume.

Além das illustres personagens que ficam nomeadas, muitas foram as pessoas mais notaveis daquella Corte que em toda a occasião mostraram a sua amizade, estima e sympathia pela Condessa. Entre estas se distinguiram o Principe de Kaunitz, o Landgrave de Furstemberg, M.me de Valstein, M.me de Thun, e outras Senhoras, em que a Condessa fallava muitas vezes, e que eram da sua mais intima convivencia. Aqui achou a Condessa ainda o Abbade Pedro Metastasio, Poeta Cesareo da Corte de Carlos 6.° e de Maria Thereza, com o qual contrahio as relações de amizade, e as da litteratura italiana, que muito lhe aproveitaram nas suas composições as mais harmoniosas.

Durante a sua residencia em Vienna d'Austria, a Con-

dessa teve ahi tres filhas, a primeira das quaes falleceo dentro de um anno; a segunda é a Senhora D. Frederica d'Oeynhausen, que hoje vive em Lisboa; e a terceira a Senhora D. Juliana, que foi Condessa da Ega, e é hoje a Condessa de Stroganoff, na Corte da Russia.

Achava-se a Condessa ainda em Vienna, quando o Pontifice Pio 6.º foi visitar o Imperador José 2.º na sua propria Capital, tendo por isso occasião de assistir a todas as festas e ceremonias que tiveram logar na recepção e assistencia do Pontifice. A Condessa obteve a distincção de beijar-lhe o pé; e seu marido recebeo aquellas demonstrações de affecto que já tinham começado pela sua introducção no gremio da Religião Catholica, manifestadas na carta latina, ou *Breve*, que nesse tempo lhe foi expedido para Lisboa, de S. Pedro no Vaticano, em 17 de Março de 1779; e que agora continuaram nas duas Cartas que o Pontifice lhe escreveo, depois da sua retirada, pela sua mão, e em francez; a primeira do Vaticano para Vienna, em 13 de Maio de 1784, e a segunda, de Santa Maria Maior para París, em 17 de Agosto de 1785; as quaes todas, as filhas da Senhora Condessa ainda guardam na maior estimação.

Entretanto, conservava a Condessa activa correspondencia com sua mãe, com sua irmã Condessa da Ribeira, e com seu pae, do qual todavia não recebia resposta alguma. Depois de baldadas diligencias, lembrando-se que seu pae amava com paixão a arte da Pintura, pensou que elle talvez lhe responderia, se lhe enviasse um painel da sua mão. Executando esta lembrança, pintou ella um ingenhoso quadro da Solidão, ou *Sole-*

dade, no qual representava de um modo bem sensivel a saudade, o silencio, e o abandono em que vivia, pela falta das noticias de seu pae, que anciosamente desejava. E chegando esta composição felizmente á presença daquelle para quem era destinada, não podendo seu pae resistir a tal impulso, começou e ficou escrevendo regularmente a sua filha.

Outros quadros pintou igualmente a Condessa por esse tempo, no genero chamado *de pastel:* o seu proprio retrato, que se perdeo: o quadro do Amor Conjugal, que mandou á Princeza do Brasil D. Maria Benedicta, e se queimou no incendio do Palacio da Ajuda: uma copia da Sybilla de *Guido Reni*, e alguns outros cujo destino se não sabe.

Em tres para quatro annos de residencia em Vienna, começou a saude da Condessa a sentir-se dos incommodos do clima, o que a impellio a sair por algum tempo daquella Corte. E como os negocios de seu marido requeriam a sua presença em Portugal, pedio ella, e obteve, licença para vir até Lisboa.

Atravessou alguns Estados de Allemanha, e entrou nas Provincias do Sul da França, em toda a parte optimamente recebida. N'uma dessas Provincias encontrou a Condessa o celebre Delille, auctor do Poema dos Jardins, e das Georgicas Francezas, de quem a Condessa depois se recorda suavemente nas suas Recreações Botanicas. Esteve em Avinhão, onde seu marido veio ter com ella, recolhendo-se da sua Enviatura. Ahi deo a Condessa á luz o seu primeiro filho Carlos, e ahi se demorou esperando a procuração da Rainha, a Senhora D. Maria 1.ª, que se dignou ser Madrinha no baptismo do recem-nascido; e esta ceremonia foi celebrada com todo o apparato das cir-

cunstancias pelo Legado do Papa, que ainda naquelle tempo residia em Avinhão. Este filho da Condessa falleceo de mui tenra idade, e pouco tempo depois de seus paes voltarem para Lisboa.

De Avinhão, continuando sua viagem, passou a Condessa a Toulon, onde teve occasião de conseguir a liberdade de um infeliz adolescente, preso nas galés por um crime falsamente attribuido. Veio a Marselha, onde nasceo sua filha a Senhora D. Henriqueta, hoje Dama Camarista de Sua Magestade a Senhora D. Maria 2.ª Do baptismo desta filha quiz ser Madrinha a Princeza D. Maria Benedicta, agradecendo muito a Condessa o offerecimento que lhe tinha sido feito pela cidade de Marselha.

Entrou na Hespanha pela estrada da Catalunha; passou pelo *Col de Balaguer*, onde foi assaltada por ladrões, de cujo perigo a salvou a sua presença d'espirito, e o seu animo varonil. Chegando a Tortosa, achou a cidade inundada por uma enchente do Ebro, e outra vez lhe valeo o seu grande animo para salvar-se, e a todas as pessoas da sua comitiva. Com permissão do governo da cidade, poude extrair dos arsenaes e estabelecimentos publicos o que era necessario para formar uma especie de jangada, na qual fez entrar e segurar a sua carruagem, conseguindo por este modo atravessar a enchente, e tirar-se do perigo em que se achava. No meio da inundação encontrou um rapaz, em cima de uma arvore, sem esperança de soccorro. Felizmente poude recolhê-lo, e o levou comsigo.

Daqui desceo a Valencia, e tendo sido muito bem recebida pelos Governadores destas Provincias, tomou a estrada de

Madrid, onde Suas Magestades Catholicas lhe fizeram grato acolhimento, e a encarregaram de recommendações para sua filha a Princeza D. Carlota. E entrando em Portugal, achou em Elvas seu irmão o Conde d'Assumar, depois Marquez d'Alorna, que tinha ido ao seu encontro cheio de cuidado, por já ter chegado a noticia do assalto dos ladrões, e dos perigos de Tortosa.

Chegando a Lisboa, dirigio-se logo ao Paço, onde foi recebida com todo o agrado pela Rainha D. Maria, e mais Real Familia. E um dos Principes, encontrando depois o Conde d'Assumar, lhe disse: — Já vi sua irmã a Condessa d'Oeynhausen, que estimei muito. Vem Portugueza, como foi.

Auxiliada pela protecção da Corte, conseguio a Condessa o melhor exito que poude aos negocios de seu marido, que tinha ficado em Marselha com sua filha D. Henriqueta, e com seu filho, e que depois veio de todo a Portugal, onde continuou a servir no Estado militar. Nessa mesma epocha teve a Condessa mais dois filhos, ambos nascidos na freguezia de Santa Isabel, a saber: sua filha D. Luiza, e seu filho João Ulrico, que nasceo quatorze mezes antes do fallecimento de seu pae, sendo Padrinho do seu baptismo o Principe D. João, e Madrinha a Senhora Infanta D. Marianna, irmã da Rainha a Senhora D. Maria 1.ª

Como Tenente General e Inspector Geral da Infanteria, fez o Conde d'Oeynhausen a inspecção pelas Provincias, commandou no Campo da Porcalhota, e achava-se ultimamente nomeado para o Governo do Algarve, que não chegou a exercer, porque nesse meio tempo falleceo, a 3 de Março de 1793, aos 54 annos de sua idade.

Na vespera do seu ultimo dia recebeo o Conde um recado do Principe D. João pelo seu Camarista de Semana, sentindo a sua molestia, e perguntando-lhe se desejava delle alguma cousa. Ao que o Conde respondeo — que só desejava ter mais vida, para ainda servir a Rainha, e Sua Alteza. Retirando-se o Camarista, chamou o Conde sua mulher, e lhe rogou que o desculpasse de não ter aproveitado aquella occasião para lhe deixar mais alguma fortuna; mas que elle não sabia pedir senão a Deos.

E assim acabou o Conde d'Oeynhausen, deixando uma viuva ainda moça, com seis filhos, sem riqueza, a não ser a de muitos e virtuosos exemplos para elles imitarem e seguirem. Este funesto acontecimento acabou de dislacerar o coração da Condessa, que já havia passado pelos transes de perder sua irmã a Condessa da Ribeira, e sua mãe a Marqueza d'Alorna.

A dor e o sentimento da Condessa d'Oeynhausen pela morte de seu marido é superior a tudo quanto poderiamos expressar; mas seja-nos licito reflectir que a magoa de uma pessoa de espirito superior tem muita differença da que affecta as pessoas d'espirito ordinario; e é por isso que a Condessa no cumprimento das suas obrigações maternaes achou o mais suave lenitivo que precisava. A Poesia, sua companheira inseparavel, na qual sempre adoçava as suas amarguras; a Pintura, em que muito se recreava, eram as suas queridas occupações nas horas que lhe vagavam. Alguns mezes depois da morte de seu marido, debuxou ella o seu retrato, que lhe sahio tão parecido que foi justamente o assumpto daquella sua tão engraçada cantiga =

Pincel, celeste pincel, De Amor divina invenção! = que está nas suas Poesias, tomo 2.° pag. 243.

Pouco tempo depois que a Condessa voltasse para Lisboa, tinha Portugal passado pela desgraça de perder o Principe D. José, ficando sua mulher a Princeza D. Maria Benedicta inconsolavel, sem haver cousa alguma que a pudesse alliviar ou distrahir. Por essa occasião a Infanta D. Marianna sua irmã encarregou a Condessa d'Oeynhausen de compor-lhe alguns versos áquelle infausto assumpto, procurando na sua imaginação alguma cousa que pudesse moderar o sentimento da viuva inconsolavel. Ao que a Condessa obedeceo, compondo a Epistola sobre a morte do Principe fallecido, que está nas suas Poesias, tomo 2.° pag. 7.

Por esse tempo, e com o mesmo fim, emprehendeo a Condessa a traducção, ou antes a imitação livre e primorosa do Poema das Estações, de Thompson, em verso portuguez, de que só acabou o livro primeiro, ou Estação da Primavera, em cujos primeiros versos dirige uma allocução á ditta Princeza, e que se acha no tomo 3.° das suas Obras, a pag. 3. E traduzio tambem por esse tempo um canto das *Solidões* de Cronegk, particularmente dirigido á memoria de sua irmã a Condessa da Ribeira.

Depois que falleceo o Conde d'Oeynhausen passava a Condessa em Almeirim a maior parte do anno, occupando-se na educação de suas filhas, e em soccorrer os pobres daquellas suas terras, favorecendo-os com todos os meios que estavam ao seu alcance. Entretinha á sua custa uma boa mestra, para que as moças d'Almeirim aprendessem todas a ler, a coser, e os

mais lavores proprios do seu sexo. Em um dia da semana juntava em sua casa as outras raparigas, que sabiam só fiar; dava-lhes de comer, e fazia-as trabalhar, pagando-lhes depois a obra que lhe faziam, com o fim de as costumar, e de lhes dar gosto pelo trabalho; e como a Poesia embellezava todos os passos da sua vida, compunha-lhes cantigas com que ellas se entretivessem, e que um pouco lhes desenvolvessem o espirito, na proporção do seu estado. E ao mesmo tempo, em beneficio da instrucção de suas filhas, compunha em verso umas lições da Historia de Portugal, que seriam mui dignas e proprias para tal objecto, se fossem concluidas e aproveitadas.

Finalmente a Condessa resolveo-se a tornar para Lisboa. A boa companhia, assim portugueza como estrangeira, affluio toda em sua casa, sem que a Condessa precisasse de convidar alguem, porque todos concorriam a procurá-la. Nas suas reuniões encontrava-se o util, o honesto, e o agradavel. As Lettras e as Artes alli tinham o seu lugar. Os Sabios, os eruditos eram por ella recebidos com particular acolhimento; e n'uma das suas reuniões, levantando-se uma discussão entre a Condessa e um allemão chamado Muller, sobre a riqueza comparativa das duas linguas, allemã e portugueza, dando a Condessa a esta a primazia, apostou com o estrangeiro que, se lhe désse um poema allemão qualquer que fosse, ella o verteria em portuguez, conservando toda a força das expressões e das imagens. Foi-lhe dado pois o *Oberon*, poema de Wieland, então muito celebrado, cujos quatro primeiros Cantos ella verteo nesse mesmo anno, com tal gentileza e perfeição, que

se julgou ter ganho a aposta, ainda que só depois a Condessa continuasse até ao fim do 6.º Canto, em que ficou.

Tinha a Revolução de França arrojado por esse tempo a Portugal muitos Emigrados daquelle paiz, destituidos de recursos, e privados de todo o amparo. A Condessa procurou-lhes agazalho e protecção, abrigando mesmo alguns em sua casa, em quanto a não tiveram propria. Neste numero entrou a estimavel M.me de Roquefeuille, com toda a sua familia, a quem a Condessa conservou sempre amizade a mais constante.

É desse tempo o casamento de duas filhas da Condessa; D. Leonor com o Marquez de Fronteira, e D. Juliana com o Conde da Ega, paes dos actuaes Marquez, e Conde.

Frequentava a casa da Condessa o Pintor italiano Foschini, a quem ella dava programmas que o Pintor executava *a lapis*, para que isto servisse de recreio á sua sociedade, de instrucção e exercicio a suas filhas. Dando-lhe, entre outros, o Sonho de D. Manoel, imaginado no Canto 4.º dos Lusiadas, e com elle, a apotheose de Camões, houve alguem que levou esta relação e estes desenhos ao Principe D. João, a quem agradaram tanto, que lhe suscitaram a idéa de fazer do palacio da Ajuda, que então começava a edificar-se, um monumento da gloria portugueza, por meio das Bellas-Artes, nas quaes então floreciam alguns distinctos Professores nacionaes, encarregando a Condessa do plano para esta grande e digna empreza, e para a Condessa tão honrosa e lisongeira. Acceitou a Condessa, ainda que a commissão fosse ardua, vasta, e de difficil desempenho; mas, intrigas de Palacio embaraçaram tudo; e nenhuma das

cousas que hoje alli se notam se póde suppor que fosse producção do seu ingenho.

Não obstante isso, o Principe Regente avaliando o merecimento da Condessa, e a sua extremada fidelidade, houve por bem nomeá-la Dona de Honor da Princeza D. Carlota Joaquina, sua esposa. Em tanto que, o fallecimento do pae da Condessa, o Marquez D. João d'Almeida, veio affligir de novo o seu coração já magoado, e consternar toda a familia, que na existencia delle tinha todo o prazer e consolação.

As pessoas de um espirito elevado, e de uso do mundo, ás vezes descortinam o futuro, e parece que chegam a prever os grandes acontecimentos. E por isso, considerando a Condessa que os Francezes invadiriam Portugal, como já tinham invadido a Europa toda; e sendo ella verdadeiramente opposta e adversa aos principios da Revolução Franceza, e a quanto pudesse acarretar sobre a sua patria as desgraças que se iam aproximando; pedio licença para sahir do Reino, com a intenção de ir trattar dos interesses de seu filho em Allemanha. E sendo-lhe concedida, munindo-se com passaportes, e com cartas e recommendações para os Ministros de Portugal nas Cortes por onde tencionava transitar, partio, levando comsigo o ditto seu filho, e deixando suas filhas ao cuidado de seu irmão o Marquez D. Pedro, até que ella voltasse a Portugal.

Quando porêm chegou a Madrid, achando ahi a noticia de que os Francezes tinham entrado outra vez na Allemanha, suspendeo a sua jornada, e tomou outra direcção muito diversa á sua viagem projectada. Sahio de Madrid, e encaminhou-se á Corunha, em cujo porto se achava a Nau de observação de

lord Beauclerk, nella entrou a bordo, e foi desembarcar em um dos primeiros portos da costa da Inglaterra.

Algum tempo depois que a Condessa alli chegasse, e antes que partisse directamente para Londres, Luiz 18 na sua desgraça aproximou-se das costas da Inglaterra, onde o navio que o conduzia andou pairando cinco dias, sem que o Rei desembarcasse, por não achar quem se movesse a recebê-lo, ou em quem elle pudesse confiar-se. Sabendo isto a Condessa, mandou logo offerecer-lhe a sua casa, posto que não fosse proporcionada á pessoa de um Rei de França; e estava já proxima a largá-la, quando o Duque de Buckingham lhe mandou offerecer o seu palacio de Hartwell, não consentindo que uma estrangeira fosse mais do que elle generosa.

Verificando-se a invasão de Portugal pelos Francezes, e a partida da Familia Real para o Brasil, foi necessario á Condessa demorar-se em Inglaterra mais tempo do que pensara; e no meio dos incommodos e desgostos que supportou pelo espaço de dez annos, julgou ainda a proposito mandar seu filho para a Corte do Rio de Janeiro.

As saudades deste filho, a morte de uma filha, a perseguição suscitada contra outra em Portugal, e a perda irreparavel de seu irmão o Marquez D. Pedro, eram magoas de sobejo para a fazerem sossobrar, a não ser uma perfeita resignação com a vontade de Deos, mediante a qual, e uma continua occupação, poude superar tantos infortunios e pezares, com o valor e constancia de Christã.

Nessa epocha é que a Condessa escreveo o poema das *Recreações Botanicas*, composição sua original, onde reluzem

claramente os sentimentos da auctora, como boa Portugueza. Nelle desafogou todas as suas magoas, achando em varias plantas raras analogias com as propriedades de seus perseguidores, e com a innocencia dos seus parentes processados. E por esta razão não consentio que se imprimisse, durante a sua vida. Começou igualmente, e concluio alli a traducção da Arte Poetica de Horacio, e a do Ensaio sobre a Critica, de Pope; e na companhia de suas filhas, fazia a Condessa o seu serão escrevendo aquellas obras, sem que de tal a distrahisse o rumor que se fazia em torno della.

Frequentava a Condessa a casa do Embaixador de Portugal, que então era D. Domingos de Souza Coutinho, Conde do Funchal, onde ás vezes se encontrava com o Doutor Vicente Pedro Nolasco da Cunha, addido a algumas Enviaturas portuguezas, e que tambem fazia os versos com muita facilidade. E pedindo-lhe este em certa occasião um *mote* para soneto, deo-lhe ella o seguinte verso:

« *Faço o bem, sigo as leis, e a Deos só temo.* »

recordando-se de dois versos da Merope de Voltaire, acto 2.º, scena 2.ª, onde Egistho diz:

Sous ses rustiques toits mon Père vertueux
Fait le bien, suit les loix, et ne craint que les Dieux

que sem duvida conteem o resumo da sua vida e sentimentos.

Em 1809 poude a Condessa vir a Portugal, com o in-

tento de alcançar alguns meios pecuniarios para resgatar seu irmão o Marquez D. Pedro, detido em França, e trattar de alguns negocios da sua familia. Porêm, chegando a Lisboa, passados tres dias, recebeo uma intimação da parte dos Governadores do Reino daquelle tempo, de que seria a proposito que voltasse para Inglaterra, por ter vindo sem passaporte.

Debalde recorreo a Condessa ao Patriarcha eleito, mostrando-lhe o passaporte que trouxera, e pedindo-lhe lugar para justificar-se de qualquer imputação que lhe houvessem feito. E vendo inuteis as suas diligencias todas, resolveo-se a partir de novo para Inglaterra, levando recommendações do Patriarcha para o Embaixador de Portugal, e para os Ministros Inglezes. Depois de uma viagem trabalhosa, chegou a Condessa a Londres no mesmo dia em que alli constava que um navio, que lhe levava toda a sua mobilia de Lisboa, tinha sido tomado por um Corsario. Ao receber esta noticia desagradavel respondeo ella: — Por testemunhos falsos fizeram-me sahir da minha patria: o pouco que me restava levou-mo um Corsario: está bem... Deos o deo, Deos o tirou: faça-se a sua vontade: não pensemos mais nisso: Deos dará o que for necessario para vivermos. — Resignação sublime e christã, que lhe valia sempre que experimentava alguma contradicção na sua vida.

Passado pouco tempo, resolveo-se a Condessa a deixar Londres, e foi morar para uma casa no Glocestershire, nas visinhanças do paiz de Galles, onde continuou a residir até 1812. Dahi voltou para Londres, onde se demorou por mais dois annos, até que se restaurou a França, e que Luiz 18 foi restituido ao throno de seus maiores. Neste meio tempo reno-

vou ella com M.me de Stael, que então alli se achava, as relações que tinha contrahido em casa de seu pae M.r Necker, quando passou em París para a Corte de Vienna.

Eram na verdade interessantes as conversações entre estas duas illustres damas, ácerca das discussões politicas do tempo, seguindo ellas opiniões diversas, e principios inteiramente oppostos. M.me de Stael, nascida na Suissa, era republicana como seu pae, e adversa á causa de Luiz 18, não obstante haver sido maltrattada, e desterrada por Bonaparte. A Condessa era monarchica, sequaz da Realeza, contraria a tudo quanto a pudesse vulnerar; e Luiz 18 era um Rei legitimo; o que bastava para que a Condessa sustentasse a sua causa. Achando-se ambas um dia em casa do actual Duque de Palmella, que então era Ministro de Portugal, onde tinham sido convidadas a jantar, começaram questionando sobre a difficuldade da restituição dos Bourbons á França. A Condessa julgou-a muito possivel; e M.me de Stael pelo contrario, decidio-a impracticavel, porquanto Luiz 18 (dizia ella) não tinha em seu favor mais que tres coxos, e quatro cegos que o seguiam; alludindo exaggeradamente ao Principe de Talleyrand, que era coxo de uma perna; e ao Duque de Blacas, que padecia dos olhos, e estava quasi cego. Não se turbou a Condessa com esta decisão; mas voltando para o Ministro d'Austria, convidou-o a fazer uma saude á proxima restituição de Luiz 18. Um anno depois achava-se esta realisada; e no dia seguinte á partida de Luiz 18 para França, foi M.me de Stael a Hamersmith, morada da Condessa, dar-lhe as desculpas de se haver enganado no seu juizo, aproveitando a occasião de lhe dizer cousas muito lison-

geiras e agradaveis ácerca do mesmo objecto, e do espirito da Condessa.

TERCEIRA EPOCHA DA VIDA DA SENHORA MARQUEZA.

A 2 de Janeiro de 1813 tinha fallecido o Marquez d'Alorna em Konigsberg, como já dissemos; e apenas a Condessa recebeo essa noticia, tinha escripto para o Rio de Janeiro pedindo licença para vir para Lisboa, procurar todos os meios de justificar a memoria de seu irmão, e trattar dos negocios dessa Casa, que herdava por sua morte. Chegou-lhe esta licença quando a restauração da França se realisava. A Condessa veio a Lisboa, e não tendo ahi casa sua propria, foi assistir para Bemfica, em casa de seu neto, o actual Marquez de Fronteira.

Passado pouco tempo, recebeo uma Portaria da Regencia do Reino, em que se lhe participava ter esta escolhido um *Mestre* que a ajudasse na educação de seus netos, accrescentando-se que os Governadores do Reino esperavam que S. Ex.ª, de accordo com o Desembargador Administrador da Casa de Fronteira, adoptaria o plano que elle para esse fim lhe offerecesse.

A Condessa, obediente sempre ás ordens do Soberano, respeitou o que em seu nome se lhe intimava; e vendo que aquelle Desembargador era o proprio que lhe apresentava a Portaria, perguntou-lhe naturalmente qual era o plano que elle propunha, e a cuja execução ella se prestaria de bom grado. — Eu tenho cá planos? respondeo elle, enfadado. Practica, pra-

ctica é que é necessario. — Mas toda a practica requer primeiro alguma theoria. — Theoria?... Isso é bom para cabeças esquentadas. E a Condessa, á vista do argumento concludente, escolheo antes procurar uma casa em que pudesse viver com algum socego, livre ao menos dos dictames do discreto Director.

Como a Condessa pelo seu espirito incançavel não podia estar ociosa, começou na empreza da justificação de seu irmão, e de restabelecer a sua memoria; o que em fim teve o exito desejado, depois de alguns dez annos de trabalho, não só conseguindo-se plena justificação e reforma de sentença, mas libertando-se os bens da Casa da confiscação em que se achavam. Em consequencia do que, o Senhor D. João 6.° lhe conferio os mesmos titulos de que seu pae e seu irmão tinham sido possuidores.

Por esse tempo concluia a Marqueza d'Alorna, que por esse titulo agora a trattaremos, a traducção do poema de Claudiano, do *Roubo de Proserpina*, em muito bellos versos portuguezes; e em prosa não menos concertada, o Ensaio de M.r de la Menais sobre a indifferença em materias de Religião; tarefa em que a Marqueza perdeo algumas noites e madrugadas, e que os Litteratos portuguezes acreditaram de muito particular merecimento.

Tinha a Marqueza d'Alorna em outro tempo, a instancias de Frei Manoel da Trindade, Prégador Regio, e homem pio e litterato, traduzido os sette Psalmos penitenciaes, em cujo ensaio tinha sido tão bem succedida, que entendeo que poderia com trabalho maior na mesma especie; e a elle se dedicou, vertendo, e em parte paraphraseando todo o Psalterio, obra

que não havia em verso portuguez, e que ella teve a gloria de dar á Litteratura patria, não existindo outra completa nas linguas sabias da Europa, senão na italiana, a de Saverio Mattei, que possa comparar-se com a sua.

Tomando posse da sua casa, foi viver por algum tempo na Quinta de Almeirim, e n'outra em Almada, onde practicava toda a liberalidade e todo o bem que n'outro tempo fizera em Almeirim, soccorrendo agora dalli particularmente os habitantes pobres de Cassilhas, que por isso lhe chamavam *a Mãe de Cassilhas*, demonstrando e agradecendo os beneficios que della recebiam. Muitas vezes dizia ella, que presava mais este titulo do que os outros que tinha, ou poderiam dar-lhe, porque deste lhe resultava maior gloria.

Quando porêm a Marqueza imaginava que ía viver gostosa e socegada na companhia de seu filho, e nessa idéa formava os projectos mais lisongeiros, foi Deos servido transtornar-lhos, roubando-lhe esse filho das suas esperanças. Era elle o Conde d'Oeynhausen João Ulrico, Tenente Coronel do Regimento de Cavallaria n.° 4, fallecido na idade de 29 annos, a 14 de Agosto de 1822, e que, depois da morte do Marquez D. Pedro e de seus filhos, tinha ficado immediato successor á Casa e titulo d'Alorna. Esta perda consternou a Marqueza, tirou-lhe toda a satisfação, toda a alegria, e desde então até ao fallecimento do Senhor D. João 6.° a sua vida particular não offerece cousa alguma que seja mais notavel para lembrança.

Quando a Serenissima Senhora Infanta Regente a Senhora D. Isabel Maria, em Sessão Real, celebrou a abertura das Cortes Constituintes em 1826, achando-se então doente a Ca-

mareira-mór Marqueza de Soure, foi a Marqueza d'Alorna servir em seu lugar, acompanhando a Sua Alteza ao pé do Throno. E na outra Sessão que teve lugar quando a Senhora Infanta entregou o Governo a seu Irmão, foi a Marqueza tambem acompanhar a Sua Alteza como Dona de Honor, que então lhe pertencia.

Depois das perdas successivas de seu marido, de seu pae, e de seu irmão, a perda irreparavel de seu filho contribuio muito para que ella inteiramente se abstivesse de toda a communicação e convivencia; e esta reclusão concorreo bastante para enfraquecê-la, na sua idade já muito adiantada.

Como em todas as occasiões da sua vida lhe era necessaria alguma occupação de espirito, rogaram-lhe nesse tempo suas filhas, que traduzisse ella o 5.° e 6.° canto do *Oberon*, favor que ella lhes fez, ficando assim completa a primeira parte do poema. E sendo por outras pessoas instada para que continuasse a versão da segunda parte, não foi possivel resolver-se a emprehendê-la, dizendo com o seu antigo conhecido Metastasio:

Non mi piace morir nei versi miei.

A sua filha D. Henriqueta lia a Marqueza os seus ultimos versos com toda a candura e bondade; e tal era a sua modestia, e a sua humildade de coração, que sempre estava prompta a mudá-los e emendá-los, quando a sua filha não pareciam harmoniosos, ou esta não entendia perfeitamente o seu sentido. Quando lhe pedia sua filha que os não mudasse, e antes os conservasse como estavam escriptos, contava-lhe ella

que o Poeta francez Molière tambem lia as suas Comedias á sua cosinheira. — Eu leio-lhe os meus versos; e aquelles que não lhe agradarem, não tenho remedio senão mudá-los. Minha filha é a minha cosinheira. — Dando com estes brinquedos innocentes um bello exemplo de abnegação, de bondade, e de juizo.

Estava pois acabado todo o seu trabalho litterario, quando chegava o dia memoravel de 24 de Julho de 1833, e a Marqueza tinha o gosto de receber a visita do Marechal Duque da Terceira, e de seu neto o Marquez de Fronteira, que foram comprimentá-la apenas entraram em Lisboa. Mas estas commoções, ainda que tão doces e agradaveis, eram comtudo fortes em demasia para a saude enfraquecida de uma Senhora que já contava 83 annos da sua idade; e dahi em diante se foi resentindo cada vez mais da falta de exercicio a que se achava reduzida. Ainda teve a satisfação de assistir ao *Te Deum* na Sé pela entrada de Suas Magestades: ainda recebeo aviso para assistir á funebre solemnidade que teve lugar pelo acontecimento que de lucto cobrio os corações dos Portuguezes: e por ultimo foi presente aos Desposorios de Sua Magestade a Rainha com o Principe Augusto de Leuchtemberg.

Desde esse tempo foi o seu alento decahindo progressivamente, de sorte que os ultimos quatro annos da sua vida foram passados quasi sempre de cama, em continuo padecêr, sem que se lhe notasse alteração no seu affavel genio, e natural jovialidade, effeitos da sua virtude solida e illustrada. Se as forças do corpo desfalleciam, o espirito conservava-se firme e seguro até aos ultimos momentos da sua carreira dilatada;

pois que, dezoito dias antes da sua morte, fez ainda versos tão graciosos como os tinha feito aos dezoito annos da sua idade.

Não poude porêm assistir ás segundas nupcias de Sua Magestade a Rainha com o Principe Fernando. Mas sem embargo de não se achar presente, dignou-se Sua Magestade lembrar-se della, honrando-a com a insignia da Ordem de Santa Isabel, que lhe mandou da sua mão, acompanhada com expressões de muito apreço. O Principe quiz ter a bondade de visitá-la, e demorar-se conversando-a por algum tempo, dando-lhe com isso o maior contentamento. Mais tarde, já em outro estado, mais longe levou ainda o mesmo Augusto Senhor a sua bondade, enviando-lhe os dois Serenissimos Principes seus filhos, acompanhados pela sua Dama; no que ElRei, juntamente com Sua Magestade a Rainha, deo á Marqueza a mais distincta prova da sua sincera estimação, que ella soube avaliar como devia.

Pouco mais de um anno viveo ainda a Marqueza depois destas visitas, até que em fim chegou o fatal momento no dia 11 de Outubro de 1839, tendo vivido quasi 89 annos, em que deo provas constantes de boa Christã, e de boa Portugueza. Amar a Deos, a sua Patria, e a sua familia; dar lustre áquella, e a esta fazer-lhe todo o bem que era possivel; foi a norma certa do seu procedimento. Conheceo o termo final da sua carreira, e resignou-se com a vontade de Deos, recebendo os ultimos Sacramentos. Nessas ultimas horas da existencia faltou-lhe a vista e o ouvido, e julgando que estava só, começou a agonisar-se a si mesma. Resou a *Saudação Angelica*, e na ultima palavra da oração... faltou-lhe a voz, e... falleceo.

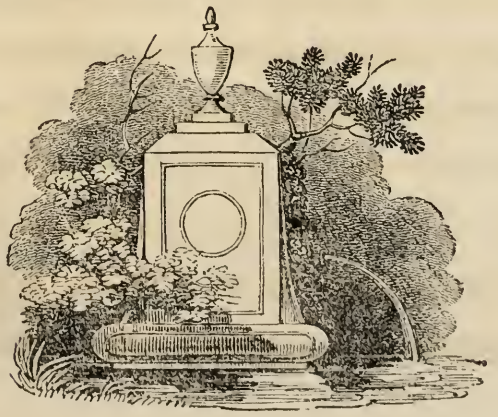
Foi subdita fiel, e por extremo obediente aos seus Soberanos; tanto assim, que sendo ella pouco affeiçoada á Medicina, e tendo como inutil a applicação de remedios aos 89 annos, lembrou-se sua filha D. Henriqueta de lhe fallar em nome da Rainha, para que tomasse o que os Medicos lhe aconselhavam. Ao nome da Rainha, obedeceo, e sujeitou-se.

Foi mãe terna e carinhosa, dispondo de tudo quanto possuia, para que suas filhas ficassem no commodo e amparo, que nas graves alterações politicas precisavam.

Seja pois permittido a suas filhas, herdeiras do seu bom nome, e dos seus puros sentimentos, dar á sua memoría um testemunho de agradecimento e de lembrança, e levantar-lhe um Monumento perenne, um Padrão glorioso, na publicação das suas Obras, que agora se offerecem ao Publico illustrado. E acreditam ellas que o Publico lhe fará benigno acolhimento, attendendo á novidade, á importancia e perfeição de alguns desses trabalhos; á modestia, verdade e simplicidade com que foram desempenhados, nos intervallos de uma vida tão extensa, ainda que, na maior parte, mortificada e tormentosa.

Quidquid ætatis retro est, mors tenet.

SENECA.



BREVE NOTICIA HISTORICA

DO

CONDE D'OEYNHAUSEN

CARLOS AUGUSTO.

O Conde d'Oeynhausen Carlos Augusto, ramo de uma antiga familia de Westphalia, e aparentado por seu pae e sua mãe com algumas Casas soberanas da Allemanha, como se mostra da tabella que ao diante se segue, nasceo em Hannover a 5 de Dezembro de 1738.

Em 1753 foi creado Gentil-homem da Corte de Jorge 2.° Rei d'Inglaterra, e entrou no serviço das suas tropas allemãs, com as quaes passou ao ditto paiz em 1756, servindo de Ajudante de Campo junto do general Sporch que as commandava. A instancias de Frederico Guilherme, landgrave de Hesse-Cassel, Jorge 2.° permittio ao Conde d'Oeynhausen que passasse ao serviço deste Principe, conservando a antiguidade e o soldo que tinha no de Hannover; o Conde porêm não quiz gozar desta ultima graça, por um daquelles escrupulos de que só são susceptiveis as almas generosas.

Fez todas as campanhas da guerra chamada dos *Sette annos* no exercito dos Alliados, commandado pelo Principe Fernando de Brunswick, achando-se na maior parte das acções que tiveram lugar no decurso dessas campanhas. Tenente Coronel na paz feita em 1762, e Ajudante General junto do Principe de Anhalt Bernbourg, General em Chefe das tropas de Hesse, foi promovido a Coronel em 1775 no mesmo serviço. Sendo depois empregado pelo landgrave Frederico Guilherme em varias negociações nas Cortes de Vienna, Haya, e Berlin, na qual assignou, como Plenipotenciario, o contracto do casamento

do landgrave com a Princeza de Brandebourg, sobrinha do Rei de Prussia, por motivos particulares vio-se obrigado a retirar-se do serviço do Hesse-Cassel.

Deixando este paiz, tornou a passar á Inglaterra, donde foi chamado para o serviço de Portugal no mez de Settembro de 1776. Aqui foi promovido a Brigadeiro em 1777; e em 1779, a 15 de Fevereiro, desposou a Senhora D. Leonor d'Almeida, filha dos Marquezes d'Alorna. Em 1780, Sua Magestade Fidelissima nomeou-o seu Ministro Plenipotenciario junto á Corte de Vienna, onde foi acolhido com particular distincção pela Imperatriz Maria Thereza, e por seu filho, depois José 2.°, que lhe fez a honra de dizer-lhe um dia, já depois de ter subido ao throno por fallecimento de sua mãe: — « O Conde d'Oeynhausen desde que entrou no serviço de Portugal esqueceo-se de que tinha aqui um amigo, e que esse amigo era eu. »

Em 1789 foi promovido a Marechal de Campo; e em 1792 a Tenente General, Inspector Geral da Infanteria.

No decurso de todo esse tempo que passou no serviço de Portugal, foi muitas vezes requestado para dar, como deo, planos e pareceres sobre diversos objectos militares; e porque não deixasse de aproveitar todos os momentos que lhe restavam desoccupados, deixou lançado no papel tudo quanto lhe suggerio o seu genio estudioso, de acordo com o amor do bem da nova Patria que adoptara.

TABELLA GENEALOGICA

DOS

ASCENDENTES

DO

CONDE D'OEYNHAUSEN.

1.º — João Christiano de Fridagen casou com Anna Condessa d'Oldembourg, filha de Antonio Conde d'Oldembourg, e de Sybilla Princeza de Brunswick, neta de João Conde d'Oldembourg, casado com Anna, Princeza d'Anhalt.

2.º — Christiano Adolpho de Fridagen Sonderbourg, filho do precedente, casou com Leonor Carlota de Saxe Lœwembourg, filha de Francisco Henrique de Saxe Lœwembourg, e de Maria Juliana de Nassau Siegen, neta de Francisco 1.º Duque de Saxe Lœwembourg, e de Margarida Princeza de Brunswick, que era neta de Christiano 2.º Rei de Dinamarca, sendo filha de Guilherme Duque de Brunswick, e de Dorothea filha de Christiano 3.º

3.º — Luiz Carlos de Fridagen, filho de Christiano Adolpho, casou com Magdalena de Winterfeld, de quem teve uma filha, a saber:

4.º — Juliana de Fridagen, que casou com N. de Marenholtz, dos quaes foi filha

5.º — Magdalena de Marenholtz, que casou com João Christovão, Conde de Hardenberg, dos quaes foi filha

6.º — Isabel, Condessa de Hardenberg, que casou com Rhabe Arent, Conde d'Oeynhausen, de quem foi filho

7.º — Rhabe Christovão, Conde d'Oeynhausen, que casou com Juliana Sophia, Condessa de Schulembourg, que teve uma filha e tres filhos; a saber:

Margarida, Condessa d'Oeynhausen, que casou com Alberto Wolfgang, Conde soberano de Lippe Buckebourg:

Mauricio, Conde d'Oeynhausen, Gram-Mestre da Ordem Teutonica, Tenente General no serviço do Imperador:

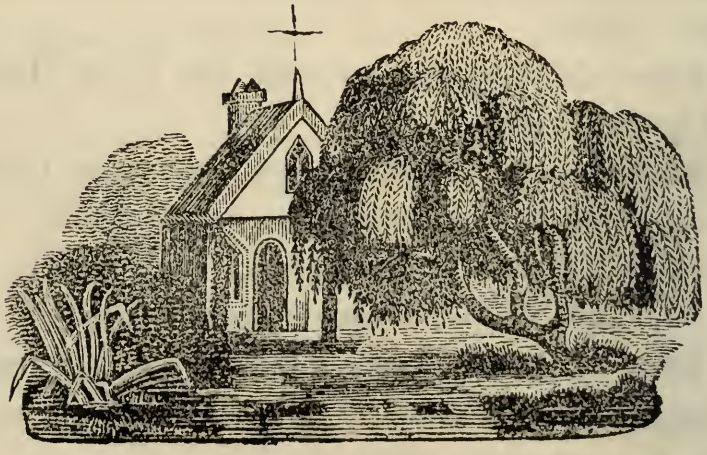
Luiz, Conde d'Oeynhausen e Schulembourg, Feld Marechal, que casou com a Condessa de Kotolinski, viuva de um dos Principes de Lickenstein: e

8.º — Frederico Ulrico, Conde d'Oeynhausen Grœwenbourg, Conde do Sacro Imperio Romano, Monteiro-mór d'ElRei d'Inglaterra nos seus Estados eleitoraes de Hannover, Senhor de Grœwenbourg, Eycholtz, Bremerfelz, Reelzen, Somerset, e Oldembourg, e do Condado de Southeim, que casou com Frederica Guilhermina, Princeza de Lorena, de quem teve

9.º — Frederico, Conde d'Oeynhausen, que casou com Melusina, Condessa de Kielmanseg, e falleceo muito moço, deixando dois filhos; a saber:

Jorge Luiz, que casou com Carolina, Baroneza de Spiegal, sobrinha de um Principe de Paderborn: e

Carlos Augusto, que casou em Portugal com D. Leonor d'Almeida, filha dos Marquezes d'Alorna, Condes d'Assumar.



POESIAS

DE

ALCIPE

NO

MOSTEIRO DE CHELLAS.

Carminibus quæro miserarum oblivia rerum.

Ovid. Trist. liv. 5.° eleg. 7.ª

SONETOS.

SONETO

Feito na cêrca em Chellas. (1)

Deitei-me sobre a fresca relva um dia,
E dando a um somno leve alguns instantes
C'os prazeres sonhei, que lá distantes
Debuxava a estragada fantasia.

Saturno vagaroso me trazia
Um diadema de lucidos diamantes,
Enramado de myrtos odorantes,
O qual Cypria na fronte me cingia.

A Fortuna risonha se mostrava;
Mas no disco da roda vacillando,
Voltando-a, me levou quanto eu sonhava.

Já Delio para os mares ía olhando,
E Boreas, que raivoso murmurava,
Me acordou, como d'antes, suspirando.

(1) É o primeiro soneto que fiz.
(Nota da Auctora).

SONETO

Feito ao pé de uma oliveira, na cêrca.

Que me falta? A vida me sobeja,
Obsequios da fortuna não espero,
Nem riquezas, nem gostos eu já quero,
Nem quanto pelo mundo se deseja.

Vive o homem feliz, não tenho inveja,
Se desgraçado, não me desespero,
E em quanto no mundo considero
Sempre indiff'rente estou, seja ou não seja.

De glorias e paixões o peito isento,
Não sinto nem prazer, nem pena intensa,
Que mais tarde ou mais cedo as leva o vento.

Nem disto quero outra recompensa
Que o conservar-me o Ceo o pobre alento,
Pois com elle conservo esta indiff'rença.

SONETO.

Sobre as margens de um rio, que fugindo
O seu centro procura velozmente,
Estou gozando o prazer mais innocente,
A vida mais feliz 'stou possuindo.

Imagino que os echos 'stão sentindo,
Armila nomear finjo contente,
Que cedendo uns aos outros brandamente
Seu nome me vão sempre repetindo.

Que os Zephyros s'escutam susurrando,
Que as aves desafiam com ternura
Uns suspiros que a selva estão magoando.

Depois não sei que affecto, ou que doçura
Se me vai dentro d'alma derramando,
Que adormeço, forçada da brandura.

SONETO.

Junto ás margens de um rio docemente
Com meus tristes suspiros altercando,
A viva apprehensão ía pintando
Passadas glorias no cristal luzente.

Mas quando n'esta idéa mais contente
O coração se estava recreando,
Despenhou-se do peito o gosto brando,
Envolto com a rapida corrente.

Lá vão parar meus gostos no Oceano,
Ficando inanimado o peito e frio,
Que o recreio buscou só por seu damno.

Acabou-se o contente desvario,
E meus olhos saudosos do engano
Quasi querem formar um novo rio.

SONETO.

Petição á melancolia para que se acabem certos dias de festa.

Tu, Deosa tutelar da solidão,
Amavel sombra, oh melancolia,
Aproxima-te, rouba-me a alegria
Que turba a suavidade ao coração.

Não prives o meu peito, Nympha, não,
Da tua triste e doce companhia,
Que suspira por ti um e outro dia
Quem de amar-te só faz consolação.

E não póde a que vive suspirante
Viver entre o tumulto muito espaço
Sem que faça o seu mal mais penetrante.

Attende, oh Nympha, o rogo que te faço,
Não demores mais tempo o doce instante,
Os dias tristes, que eu tão triste passo.

SONETO.

Retratar a tristeza em vão procura
Quem na vida um só pezar não sente,
Porque sempre vestigios de contente
Hão de appar'cer por baixo da pintura:

Porêm eu, infeliz, que a desventura
O minimo prazer me não consente,
Em dizendo o que sinto, a mim sómente
Parece que compete esta figura.

Sinto o barbaro effeito das mudanças,
Dos pezares o mais cruel pezar,
Sinto do que perdi tristes lembranças;

Condemnam-me a chorar, e a não chorar,
Sinto a perda total das esperanças,
E sinto-me morrer sem acabar.

SONETO.

Estando presa em Chellas.

Escuro Ceo, cravado de diamantes,
Onde o leite de Juno em soltas gotas
Reluz desde essas plagas tão remotas
'Té aos olhos dos terreos habitantes:

Se o reflexo dos astros scintillantes
Tão longe, dividindo os ares, brotas,
Saídos das entranhas minhas rôtas
Cheguem lá meus suspiros anhelantes.

Tu, que reges o mundo, Author de tudo,
Ouve o asperrimo som desta cadêa,
Envergonha com elle o Fado rudo:

Manda cá abaixo alguma Semidéa,
Não Mercurio, nem Hercules membrudo;
Se quizeres soltar-me manda Astréa.

SONETO

A uns annos.

Já rasgado da noite o obscuro manto,
Nova luz, nova graça traz o dia,
Espalha sobre as flores alegria
A aurora, suspendendo o terno pranto:

Os passaros entoam novo canto,
Nas lyras ha tambem nova harmonia,
Até eu, triste asylo d'agonia,
Me transporto no mais suave encanto.

Um novo assombro, a obra mais polida
Da virtude, da gloria, e da grandeza
Começou neste dia a illustre vida:

É tua alma este assombro de belleza;
Tu és o heroico objecto, Margarida, (1)
Que hoje tanto ennobrece a natureza.

(1) D. Margarida Telles, Condessa de Redondo, depois Marqueza de Borba.

SONETO

Ao mesmo assumpto.

Que harmonico ruido estou sentindo,
Que os ares brandamente vem rompendo?
São Genios, que do Ceo estão descendo,
E ao natal de uma Nympha presidindo:

Margarida contentes repetindo,
Aos corações mil glorias promettendo;
Nas cavernas os ventos suspendendo,
No berço tenras flores esparzindo.

Ah cara Margarida! E se soubesses
O gosto que produz dentro em meu peito
Imaginar os bens que tu mereces!...

Acceita da amizade o puro effeito,
E se a todos os bens não excedesses,
Dos bens te desejara o mais perfeito.

SONETO.

Bem como se perturba a clara fonte
Na agitação contínua da corrente,
A minha alma socego não consente,
Por mais que nos meus ais ancias desconte.

De cuidado em cuidado, monte em monte
Me leva este pezar que o peito sente;
Sempre diviso afflicta, descontente,
Os principios da luz pelo horizonte.

De que vem este mal? Um mal tão claro
Vem de um vago sentir que n'alma pêza:
Amor! serás comigo sempre avaro?

Amor em mim é filho da tristeza!
Eu sinto o coração ao desamparo...!
Pune, oh Deos! pelas leis da natureza.

SONETO

A uma despedida.

As horas voadoras vão trazendo
O instante fatal de uma partida,
Que dos gostos ligeiros desta vida
Um retrato funesto está fazendo.

A sociedade amavel entretendo
Esteve a paz (por pouco possuida);
Que em magoa pela dura despedida
No afflicto peito sinto ir convertendo.

Com que horrores a palida tristeza
Cobre o circulo breve dos meus annos,
Martyriza a sensivel natureza!

Como havendo pezares tão tyrannos,
E almas nobres, que adorna a singeleza,
São tão poucos os santos desenganos?!

SONETO

Feito na cêrca, onde trabalhavam uns homens na agricultura.

FELIZ esse mortal que se contenta
Com a herdade dos seus antepassados,
Que livre de tumulto e de cuidados
Só do pão que semêa se alimenta.

D'entre os filhos amados afugenta
A discordia cruel; vê dos seus gados,
Sempre gordos, alegres, bem tratados,
Numeroso rebanho que apascenta.

O throno mais ditoso é comparavel
Ao brando estado deste que não sente
De um sceptro d'ouro o pezo formidavel?

O que vive na Corte mais contente
Provou nunca um prazer tão agradavel
Como o deste Pastor pobre, innocente?

SONETO.

Dizendo-me uma pessoa que eu nunca havia de ser feliz.

Esperanças de um vão contentamento,
Por meu mal tantos annos conservadas,
É tempo de perder-vos, já que ousadas
Abusastes de um longo soffrimento:

Fugi; cá ficará meu pensamento
Meditando nas horas malogradas,
E das tristes, presentes e passadas,
Farei para as futuras argumento.

Já não me illudirá um doce engano,
Que trocarei ligeiras fantasias
Em pesadas razões do desengano.

E tu, sacra Virtude, que annuncias
A quem te logra, o gosto soberano,
Vem dominar o resto dos meus dias.

SONETO.

Partindo Pierio (1) *para Salvaterra, e deixando-nos cheias de saudades.*

Desde que vi brilhar a madrugada
Até'gora, que o puro sol s'esconde,
Procuro a minha lyra, e não sei donde
Algum maligno Genio a tem guardada.

Musa! clamo sentida, magoada;
Nem Musa, nem Apollo me responde:
Aonde estais, pergunto, *estais... aonde...*
Replicam echos, sem me aclarar nada.

Quero cantar tristissimas saudades,
Que se ausenta Pierio... Oh sorte dura!
Quanto com isto affliges tres vontades!

Porêm, chorando ausencia, é vã loucura
Invocar as Pindaricas Deidades,
Que melhor provam lagrimas fé pura.

(1) O irmão da auctora, D. Pedro d'Almeida, depois Marquez d'Alorna.

SONETO.

Recebendo Pierio muita honra na companhia d'elRei em Salvaterra.

PIERIO, tu que logras a ventura
De ver benigna a face do Soberano,
Compadece-te lá do acerbo damno
Que nos cerca, apezar da fé mais pura.

Não turbes dos prazeres a doçura,
Mas tira saudavel desengano
De ver fugir um anno e outro anno,
Em quanto nos persegue a sorte escura.

Vê com quanta incoherencia os bens reparte
A fortuna, que injusta opprime o todo,
Bem que respeite em ti a melhor parte:

Acceita o seu favor de qualquer modo,
Mas não te fies della de tal arte
Que te esqueça que o bem terreno é lodo.

SONETO

Arguindo-me varias pessoas de fazer sempre versos tristes.

Como posso explicar em brando verso
Doce prazer, se o peito nunca o sente?
Musas, vós não dictais ao descontente
Se não queixas do seu fado adverso!

Linda scena, espectaculo diverso
Embora alegre o mundo me apresente,
Que em luto, isto que choro amargamente,
Me sepulta o vastissimo Universo.

Jámais um dia alegre me afigura
A incerta e voadora fantasia,
Que a magoa o não transtorne em sombra escura.

Que quereis que vos diga d'alegria,
Se victima da negra desventura
Sirvo sempre a cruel melancolia?!

SONETO.

Tristeza.

Idéas que em desgostos exercitas
Te rodêam de spectros, e de medos,
Curvada e sotoposta aos penedos,
Que fazes, Lize triste, que meditas?

Cercam-te os ais de vozes mil afflictas,
Vês partidos dos raios os rochedos;
Em rudes troncos, densos arvoredos,
Que vês, Lize? senão magoas escriptas?

Foge daqui, Pastora, que a tormenta
Que em sitio tão cruel te tem cercada,
Inda mais com teu pranto se accrescenta.

Vê do trovão a nuvem carregada,
Teme os coriscos que entre si fermenta,
Escuta o negro mar que ao longe brada.

SONETO.

Se aqui neste logar me figurassem
O ladrador trifauce a boca abrindo,
Ir os manes ao Tartaro seguindo
Com ladros taes que os montes abalassem;

Se nas concavas grutas retumbassem
Dos que na eterna noite vão caindo
Os tristes ais, que os ares vem ferindo,
E as furias enormes se mostrassem;

Se de Ticio o tormento eu padecesse,
Se de Tantalo a sede supportando
Os Ceos de horror e a terra commovesse;

Em fim, se já o Letheo atravessando
Todo o mal supportara, e este esquecesse,
Menos triste 'staria eu suspirando.

SONETO

Em dia dos meus annos.

Dia cruel, no qual ao bem resiste
A memoria de uns annos desgraçados,
Ou brilha vencedor d'injustos fados,
Ou não tornes a vir como hoje triste.

Porêm que digo? Ceos! em que consiste
O emprego de meus votos inflammados,
Se dos terrenos bens tão desejados
Alem da morte nem um só persiste?

Dure pois muito embora esta violencia
Que o peito martyriza sem piedade,
Que eu assás me contento da innocencia;

E para a verdadeira utilidade
Receberei, entregue á paciencia,
Saudaveis lições na adversidade.

SONETO

A Tirce (1).

Entregue a meus pezares, inspirada
Por acerbas tristezas, certo dia,
Do cume desta agreste serrania
Lancei longe de mim a lyra amada.

Uma tarde em que afflicta, magoada
Pelo sombrio valle discorria,
Diviso Amor sobre ella, que dormia
Junto ao tronco de uma arvore copada.

Devota adoro o tenro Deos de Gnido,
E recolho outra vez o instrumento,
Que as selvas abrigaram por perdido.

Firo a corda: *Quem buscas, pensamento?*
Principío a cantar, segue o sentido,
Tirce, Tirce responde o brando accento.

(1) *Tirce*, a Condessa de Vimieiro D. Thereza de Mello, irmã de Pedro de Mello Brayner.

SONETO.

Eu cantarei um dia da tristeza
Por uns termos tão ternos e saudosos,
Que deixem aos alegres invejosos
De chorarem o mal que lhes não pêza.

Abrandarei das penhas a dureza,
Exhalando suspiros tão queixosos,
Que jámais os rochedos cavernosos
Os repitam da mesma natureza.

Serras, penhascos, troncos, arvoredos,
Ave, fonte, montanha, flor, corrente,
Comigo hão de chorar de amor enredos:

Mas ah! que adoro uma alma que não sente!
Guarda, Amor, os teus perfidos segredos,
Que eu derramo os meus ais inutilmente.

SONETO.

Esperanças de um bem tão contingente,
Com que fim me andais sempre atormentando?
Se inutil é que eu viva suspirando,
Por que me não deixais viver contente?

Ora fingis distante, ora presente
O motivo do mal que estou chorando;
Fingi-me, se podeis, ao menos quando
Hei de viver feliz sendo indiff'rente.

Se tanto vos afflige o meu socego
Que o perturbais por modo tão tyranno,
Matai-me, que a morrer eu não me nego.

Mas se viva, o destino deshumano
Me quer, fugi; que eu triste já me entrego
Ao descarnado e duro desengano.

SONETO.

Vós, oh Satyros desses arvoredos!
Driades fugitivas, vós Napéas!
Se vos condoem lastimas alhêas
Escutai compassivas meus segredos.

Não vos conto de Amor loucos enredos;
Suffocadas vos mostro claras vêas
D'Helicon e Aganipe, e por cadêas
Ligada Alcipe aos mais tristes degredos.

Oh Numen, que em penhasco converteste
Aquella que um sentir brando despreza,
Dai a Alcipe um castigo como este:

Que de meu fado a asperrima crueza
Solitaria chorar n'um monte agreste
Faz invejar de rocha a natureza.

SONETO.

Ouvi não já de Amor ternos enredos,
Não já do fado antigas semrazões,
Tristes valles, agrestes solidões,
Vós montes, serranias, vós penedos.

Oh vós, Satyros destes arvoredos,
Que n'outro tempo miseras canções
Me ouvieis recitar, e das traições
Do seculo e fortuna mil segredos:

Escutai, com transportes de alegria,
De Aonia, gentilissima pastora,
Dar o nome a meus versos melodia.

Vede quem de suspiros até'gora,
E de lagrimas tristes se nutria,
Contente respirar vendo o que adora.

SONETO.

MOTE ALHEIO.

Foi vontade, é amor, será loucura.

N'uma noite serena descançava
Lize triste, que um tempo foi contente,
Nas margens de uma placida corrente,
Onde a imagem de Cynthia se quebrava:

Ao puro Ceo os olhos levantava
Por força do pezar que n'alma sente,
Mas faltando-lhe o alento, decadente,
Chorosos para o chão logo os tornava.

Não podendo explicar o que sentia,
No peito palpitante a desventura
Indistincta e cruel se conhecia:

'Té que uma voz rompendo da espessura
Todo o mal declarou, que assim dizia:
Foi vontade, é amor, será loucura.

SONETO.

Como, importuno Amor, inda procuras
Misturar-te entre as minhas agonias?
Vai, cruel, para onde as alegrias
No seio da Fortuna estão seguras.

Onde em taças douradas, formosuras,
Esgotando o prazer, passam seus dias;
Onde acariciado tu serias
Por quem nem sabe o nome ás desventuras.

Ao som de harmoniosos instrumentos,
No peito, que é de perolas ornado,
Criarás mil suaves sentimentos:

Mas em mim! que sou victima do fado?!...
Cercada dos mais asperos tormentos
Achas uma alma só, e um só cuidado.

SONETO.

Bem póde sobre o candido Oriente
Soltar Phebo os cabellos douradores,
Que quem vive como eu, vê sempre as flores
Tintas da negra côr do mal que sente.

Para mim não ha prado florecente,
Tudo murcham meus ais, meus dissabores,
Nem me tornam cantigas dos Pastores
Jámais serena a pensativa frente.

Se triste vou ás danças, triste venho,
E quando a noite estende humido manto
A segurar o somno em vão m'empenho.

Não toco a flauta, versos já não canto;
Cercada de pezar, mais bem não tenho
Que um triste desafogo em terno pranto.

SONETO.

MOTE DE PIERIO (1) EM COIMBRA.

Longe da Patria, longe dos parentes.

SOLTANDO as louras tranças pensativa,
A minha triste Musa soluçava
Nas bordas d'Hyppocrene, e magoava
Com seu saudoso chôro a rocha viva.

Se cantando explicar magoa excessiva
Pelo antigo costume procurava,
O brando som nas cordas expirava,
Que á lyra frouxa o pranto de voz priva.

Da testa desviando a c'roa d'hera,
Os loureiros e os myrtos florecentes
De puro desprazer queimar quizera:

Vê como torna os dias descontentes,
Quando, caro Pierio, te pondera
Longe da Patria, longe dos parentes.

(1) O irmão da auctora, D. Pedro d'Almeida.

SONETO

De Pierio.

N'um abysmo de horrores fui criado,
Contra mim se empenhou a sorte dura;
A deshumana e rispida figura
Da desgraça avistei sempre a meu lado.

Mas quanto prézo o tempo amargurado,
Pois que nelle aprendi moral segura,
E livre da lisonja ou da impostura,
Da Verdade escutei severo brado!

Dom de infelizes! reflexão saudavel:
Tu me fazes amar a singeleza,
Adorar a virtude inalteravel:

Uma dicta, por voz da natureza,
Dá bem por bem, procura ser louvavel;
N'outra o spirito encontra o que é nobreza.

SONETO

A elRei, estando eu muito doente, em Chellas.

Um moribundo esforço, um fraco alento,
Indicio d'uma quasi extincta vida,
Envia uma infeliz, triste, abatida,
Desde o leito da morte ao Regio Assento.

Modera, oh Soberano, o meu tormento,
Sólta o Pae, por quem chóro dividida:
Esta voz, já sem força proferida,
Faça em teu peito brando movimento.

Quatro lustros, passados na amargura,
Comprehende sómente a minha idade;
Entro no quinto, e mais na sepultura.

Ah! consente, Monarcha, por piedade,
Que a mão paterna beije com ternura;
Mate o gosto quem morre de saudade!

SONETO.

Em uma doença.

Áquelle espaço que a alma comprehende
Os meus passos dirijo temerosa;
Abre-se a Eternidade, que horrorosa
Por multidões de seculos se estende.

Mas neste ponto em que Atropos desprende
O fio de uma vida tão penosa,
A mãe, a cara mãe, triste, saudosa,
O pae, a terna irmã, tudo me prende!

Idéas do descanço roubadoras,
Deixai-me junto aos candidos altares
Pôr fim tranquillo ás minhas tristes horas.

Rompa o espirito em paz liberto os ares,
E completem as Parcas agressoras
Ruinas que fizeram meus pezares.

SONETO

A FILINTO

Sobre a egloga dos Pomareiros.

Morra a memoria da famosa Alcina,
Esqueça-se o poder do mago Ismeno,
Que ao melifluo som do verso ameno
Surgem bosques, commove-se a campina.

Apenas de Filinto a voz divina
Fere alegre o selvatico terreno,
Calam-se as Musas, 'té se cala Alfeno,
Que o grande Vate todo o Pindo ensina.

Brilha suspenso o Delphico luzeiro;
Doce aroma, que os ares embalsema,
Gira em torno do sabio Pomareiro;

E Alcipe absorta, bem que o assumpto tema,
Faz resoar no monte sobranceiro
De rouco Cysne a voz talvez extrema. (1)

(1) Quando fiz este soneto estava muito doente, sem esperança de vida. *(Nota da auctora).*

SONETO

A Jesus Christo.

Se a dar-vos morte, oh Deos! um só peccado
Bastou que Adão tivesse commettido,
Eu, que em tantos, Senhor, hei delinquido,
Quantas mortes vos tenho renovado!

Adão, de um só delicto horrorisado,
O deixou no seu pranto submergido;
Porêm meu coração endurecido
Não duvidou mil vezes ser culpado.

Eu fui, Senhor, eu fui quem descontente
Da morte que vos deram sem piedade,
O peito vos rasguei mais cruelmente.

Se não lavam a minha iniquidade
As lagrimas que choro amargamente,
Ai de mim! na espantosa eternidade.

SONETO.

Se me aparto de ti, Deos de bondade,
Que ausencia tão cruel! Como é possivel
Que me leve a um abysmo tão terrivel
O pendor infeliz da humanidade!

Conforta-me, Senhor, que esta saudade
Me despedaça o coração sensivel;
Se a teus olhos na cruz sou desprezivel,
Não olhes para a minha iniquidade.

Á suave esperança me entregaste,
E o preço de teu sangue precioso
Me afiança que não me abandonaste.

Se justo, castigar-me te é forçoso,
Lembre-te que te amei, e me creaste
Para habitar comtigo o Ceo lustroso.

SONETO.

Fecunda Natureza, em vão procura
Comtigo competir Arte engenhosa;
Tu és mais agradavel, mais formosa
Do que quanto inventou a Architectura.

Como vem despenhada esta agua pura!
Como se vê esta arvore frondosa!
Convidando na sésta mais calmosa
A gozar do socego e da frescura!

Sitio feliz, se fosses habitado
Por quem livre de amor e de tristeza
Só em ti limitasse o seu cuidado:

Então seria (que ditosa empreza!)
Em verso brando, em verso delicado
Visto todo o poder da Natureza.

SONETO

De tres.

Phylis (1) O Zephyro em silencio lisongêa
Destes valles os alamos frondosos,
Doce frescura espalham amorosos
Os regatos brincando pela arêa.

Lilia (2) Que pouco um peito afflicto se recrêa
Pelos templos de Flora deleitosos!
Que objecto veem com gosto olhos chorosos
Se a torrente das lagrimas medêa?...

Marcia (3) Não vejo ser que o peito não sossobre,
Nem tu, Mudança, escutas meus clamores,
Por mais que os sons variados nelles dobre.

Entre teu leve manto furta-cores
A ventura diviso, que se encobre,
Deixando-me tragar dos dissabores.

(1) A minha discipula Marianna.
(2) Eu.
(3) Minha irmã D. Maria d'Almeida, que foi depois Condessa da Ribeira.
(Notas da auctora).

SONETO

De tres.

Phylis ESCASSAMENTE o sol já se mostrava
Entre a sombra que as luzes lhe encobria,
Dos passaros o canto que se ouvia
A ternura e saudades inspirava:

Marcia Já o mocho nocturno se escutava,
Que o retorno das trevas prevenia;
O terror que no peito meu descia
Triste pranto dos olhos me arrancava.

Lilia Larguei a voz então aos surdos ventos,
Que nas cavernas asperas, com brados,
Convocavam os sustos macilentos:

Aos soltos ais, nos montes espalhados,
Não respondem os seres somnolentos,
Que não ha quem responda aos desgraçados.

SONETO

De Marcia. (1)

Doces cheiros, do Ceo rico prezente,
Que Zephyro sacode d'entre as flores,
A que misturam candidos Amores
Vivas *scintillas* de seu fogo ardente:

Alegre prado, selva florecente,
Que guardas a alegria em teus verdores,
Onde Iris entornou as lindas cores,
Quando em chuva desfez seu veo luzente:

Como após o que ama irá segura
Aquella que em teu centro vir gostosa
Sempre o brando sorriso da ventura!

Mas ai de mim!... que a sorte de saudosa
Me faz achar os fructos sem doçura,
A tulipa sem côr, sem cheiro a rosa.

(1) A irmã da auctora, D. Maria d'Almeida.

SONETO

Da mesma, applicado aos cabellos de Lize (1).

Que encanto em vêr-te, oh rio, estou provando,
Quando Zephyro as azas sacudindo,
Te vai da flôr das arvores cobrindo
Que estão as tuas margens sombreando!

As argentinas ondas levantando,
Como que estás do enfeite presumindo;
Murmurando suave vais fugindo,
De doces cheiros o ar embalsamando.

Mas quanto maior bem, mais agradavel,
É ver de Lize solto e negligente
Ondeando o cabello incomparavel!

Embora foge, oh rapida corrente,
Que vendo-a tão formosa, tão amavel,
De nada tenho falta, e estou contente.

(1) Alcipe.

SONETO

Em agradecimento de uma lata de chá.

Trigueira e bella a noite illuminava
Os ambitos do vasto firmamento,
E de Pandora linda o nascimento
Em celeste congresso celebrava:

Cada qual das Deidades se sentava
Em torno á meza, em diamantino assento,
O moço Ganimedes doce alento
Nos suaves liquores lhes libava:

Em taças immortaes d'agata pura
Off'rece as orientaes gotas (1) saudaveis,
Que ao almo vinho o bom Lieo mistura.

Provam teu chá os Numes adoraveis,
E d'Hyppocrene santa Apollo jura
Infundir-lhes os dons incomparaveis.

(1) O anfião, bebida oriental.

SONETO

A uma Senhora que principiava a fazer versos, e me pedio os meus fracos conselhos sobre os primeiros que fez, os quaes foram eroticos.

Scribendi rectè sapere est et principium et fons.
Hor. Art. Poet.

Nympha gentil, não penses que em Cythéra
De Aganipe ha quem prove a pura enchente;
Colhe Amor algum myrto florecente,
Porêm não tece Amor a c'roa d'hera.

O menino travesso bem quizera
Turbar da fonte a vêa transparente,
E publíca entre falsa e nescia gente
Que nos braços d'Erato adormecera.

Mas quem buscar da magica Poesia
O harmonico som, que a alma namora,
A leis sabias submetta a fantasia.

Não crêa Amor, que mente a cada hora;
Lêa os vates sublimes d'algum dia,
Estes os templos onde Apollo mora.

SONETO.

Em quanto Pierio tocava flauta.

Do teimoso desgosto a mão nefanda
Que o coração me estava comprimindo
Com susto se desvia, e vai fugindo
Ao barathro, após Mégera execranda.

Nascei, versos, ao som da flauta branda,
Recreai as Deidades lá do Pindo,
Vá-se o canto sublime, vá-se abrindo,
Que Delio, o mesmo sacro Delio o manda.

A Camena altas musicas descante,
Co' a citara aspergida d'ambrosia,
Em honra de Pierio hymnos levante.

Oh Paz, filha d'Apollo e d'Harmonia,
Descança no meu peito um doce instante,
Roubemo-lo ao dominio da agonia.

SONETO

Á Musica.

De um veo de nuvens finas, guarnecido
De oiro puro, se touca a tarde fria;
Do Ceo foge ligeiro o frouxo dia,
A sombra envolve o valle desabrido.

Já sem pejo, por Delio ter fugido,
Sólto a voz em demanda da alegria;
Quieto o vento nada respondia,
Entre as folhas e flores recolhido.

Cantei, cantei, até cançar do peito,
E conheci então como a cantiga
Produz contra o pezar magico effeito.

Assim zombo de ti, sorte inimiga!
Todo o triste que a penas vive affeito
Não chore, pois cantando é que as mitiga.

SONETO

Ás Musas.

Co' a flauta agreste os beiços comprimindo,
Desde que alva a manhã se despertava,
Ante Phebo submissa me prostrava,
O sublime furor ao Deos pedindo.

Iam-se os Ceos co' a clara luz abrindo,
Morpheo ao mundo alegre costas dava;
E Delio, sem mostrar que m'escutava,
A rapida carreira proseguindo.

Sobre a tripode em vão triste me sento,
Corro os tres tetracordos sobre a lyra,
Nenhum iguala a voz do meu tormento.

Musas crueis! se aquelle que delira
Mil vezes em vós acha acolhimento,
Porque não confortais a quem suspira?

QUADRAS GLOSADAS.

QUADRA.

De que serve, oh sorte ingrata,
Do bem passado a memoria,
Se a lembrança do perdido
Torna em pena toda a gloria?

GLOSA.

1.ª

Marcia (1), lá naquella serra (2)
Todo o bem deixei comtigo;
Sómente veio comigo
A magoa que o peito encerra:
Meu pranto regando a terra,
A idéa lá me arrebata
Áquella pura cascata (3)
Junto á qual vivi contente;
Mas tal lembrança ao presente
De que serve, oh sorte ingrata?

2.ª

Vivendo nesta espessura,
Sem ter do allivio esperança,
Uma tão doce lembrança
Faz mais grave a desventura:
Oh sorte inimiga e dura!
Basta que na triste historia
Tenhas completa victoria:
A vida e a infelicidade
Me rouba, ou por piedade
Do bem passado a memoria.

(1) Minha irmã.
(2) Allude ao tempo de Cintra, em que estivemos juntas.
(3) Allude á cascata que estava ao pé das nossas casas, onde de ordinario íamos brincar. *(Notas da auctora).*

3.ª

Mas se o bem que então logrei
Foi tanto, Marcia querida,
É facil perder a vida,
Esquecê-lo não poderei:
Quanto é cruel bem o sei
Ter a perda no sentido;
Mas neste caso duvido,
Sendo um mal e outro possivel,
Se é peor ser insensivel,
Se a lembrança do perdido.

4.ª

Ser mais triste pouco importa;
Se já perdi a esperança
De algum bem, soffra a lembrança
Deste, quem o mal supporta:
A muitos tristes conforta
O gosto d'antiga historia;
Porêm a mim tal memoria
Só me accrescenta o cuidado,
Porque já meu triste estado
Torna em pena toda a gloria.

Não tem mais fim as minhas poesias que o divertimento de minha mãe, e a utilidade de me roubar por algum modo á ociosidade nas muitas horas vagas que é forçoso ter nesta situação melancolica e solitaria.

(Nota da auctora).

QUADRA.

Se lá ouvires, Dircéa,
Um suspirar vagaroso,
São vozes do teu Alcino,
Que por ti morre saudoso.

GLOSA.

1.ª

Oh desse valle! oh Pastora,
Sempre triste, afflicta, errante,
Deixa, deixa o ser constante
Nesse amor que te devora:
Lize escuta, que até'gora
Não provou de Cytheréa
O veneno que recrêa,
E ao bem que logra innocente
Não sejas indifferente
Se lá ouvires, Dircéa.

2.ª

Olha que Amor mil tormentos
Contra ti 'stá preparando,
Em duros males trocando
Muitos doces fingimentos:
Os farpões sanguinolentos
Lavando em pranto saudoso,
Promette que um amargoso
Esperar te gaste a idade,
Te roube a tranquillidade
Um suspirar vagaroso.

3.ª

Tanto um Pastor insensato,
Oh Deos! terá merecido?
Um, que a não ter-te esquecido,
O menos é ser-te ingrato?
Um, que despresa o teu trato,
Que julga por desatino
Amar teu gesto divino!...
Estas expressões penosas
Não são ficções mentirosas,
São vozes do teu Alcino.

4.ª

Que ditosa utilidade
Acaso tem resultado
De teu peito magoado
Soffrer de Amor a impiedade?
D'entregar-te a uma saudade?
De fingir no mentiroso
Pensamento, que extremoso
Alcino por ti suspira,
Que ausente de ti delira,
Que por ti morre saudoso?

CANTIGAS.

CANTIGAS.

MOTE.

Silvio, meu caro Pastor.

1.ª

Dos nossos primeiros annos
A historia terna de amor,
Lerás escripta nos troncos,
Silvio, meu caro Pastor.

2.ª

Dos troncos em que escrevi
O nome do meu amor,
Ha de ler-se em cada ramo
Silvio, meu caro Pastor.

3.ª

As aves desta espessura,
Onde explico a minha dor,
Já repetem no seu canto
Silvio, meu caro Pastor.

4.ª

Repara em meu coração,
(E confunde-te, traidor)
Que repete palpitando:
Silvio, meu caro Pastor.

5.ª

Ah! perdoa, amado Silvio
Este transporte de amor;
Ausencia é quem teve a culpa,
Silvio, meu caro Pastor.

CANTIGA ANACREONTICA.

No seio de um bosque umbroso,
Onde o Sol não penetrava,
Capella de fresco louro
Para Tirce concertava.

Depois de havê-la acabado
Lancei mão da flauta branda,
Que os ternos sons amorosos
Para quatro partes manda.

Então benigna esperança
Docemente me annuncia
Que assim disperso meu canto
A Tirce chegar podia.

Amor, que perto morava,
Zeloso pelo respeito,
Corre a ver se destas vozes
Impede o atrevido effeito.

Abre as curtas azas, cuida
De comprimir o ar vibrado,
Gira, esforça-se, voleja,
Fica-lhe o esforço baldado.

Já voa o canto ligeiro,
Por entre as azas respira,
Chega ao transtagano Elysio,
E lá por Tirce suspira.

CANTIGAS

À Paz, divindade que adoravam os Athenienses e os Romanos, considerando-a filha de Jupiter e Themis.

Tens onde empregues
Teu caduceo.

Filha de Jove,
Paz doce e pura,
Desce hoje aos tectos
Da desventura.
Tens onde empregues
Teu caduceo.

Os meus desgostos
Amotinados,
Desfallecidos
Calem seus brados.
Tens onde, etc.

Soberbos templos
Não, não te off'reço,
Com Roma, Athenas,
Eu me não meço.
Tens onde, etc.

Tu que nasceste
De Themis justa,
De ti contente
Nada te assusta.
Tens onde, etc.

Turba de angustias
Desappareça,
E ao ver teus louros
Logo estremeça.
Tens onde, etc.

Em mim que emprega
Mil crueldades
O negro bando
De umas saudades;
Tens onde, etc.

Em mim que triste
Ordena a Sorte
Mais do que a vida
Me agrade a morte:
Tens onde, etc.

Ah! no meu peito
Vem repousar-te,
Com ternos ais
Quero incensar-te.
Tens onde, etc.

Vem, Deosa amavel,
No peito meu
Tens onde empregues
Teu caduceo.

CANTIGAS

Á Liberdade.

1.ª

Filha do Ceo,
Tu Liberdade,
Para que foges
Com impiedade?

2.ª

Nos altos montes,
Rudes outeiros,
Tens, Nympha, os templos
Mais verdadeiros.

3.ª

Teus Sacerdotes,
Deosa tyranna,
Nunca os escolhes
Da raça humana.

4.ª

Lá sobre as nuvens
Fórmas altares
Que os habitantes
Cercam dos ares.

5.ª

Ligeiras aves
Vês com agrado,
Só ellas chegam
Junto ao teu lado.

6.ª

Livres no campo
Os passarinhos
Formam nos troncos
Seus tenros ninhos.

7.ª

Com muito custo
Pobre serrana
No campo erige
Uma cabana.

8.ª

Se a cantar branda
Vai Philomela,
A Liberdade
Canta com ella.

9.ª

Mas se um Pastor
Segui-la intenta,
A Liberdade
Logo affugenta.

10.ª

Duros grilhões
Depois arrasta,
Oh com que magoas
A vida gasta!

11.ª

A Liberdade
Guia as canções,
Se as aves cantam
Suas paixões.

12.ª

Cantam de amores
Toda a ternura,
Todas encontram
Nisto doçura.

13.ª

Mas se as Pastoras
De amores cantam,
Logo os Pastores
De amor s'espantam.

14.ª

Vós suspirando,
Vós explicais
A doce causa
Dos vossos ais.

15.ª

Quantas saudades
Tenho eu soffrido,
Sem que exhalasse
Um só gemido!

16.ª

Cantai felizes,
Aves, cantai,
De bens tão doces
Livres gozai.

17.ª

Triste não posso
Já cantar mais,
Que o canto embargam
Meus tristes ais.

18.ª

Ide contentes
Vós passarinhos,
A paz saudar
Nos vossos ninhos;

19.ª

Que eu na cabana
Triste onde moro
Esconder vou
Pranto que choro.

CANTIGAS

Para a mesma musica.

Á Noite.

1.ª

Escura Noite,
Que vens descendo
Para que eu possa
Livre ir gemendo:

2.ª

Meus olhos tristes
Ao Ceo levanto
Por contemplar
Teu vario manto.

3.ª

Aos claros astros
Triste pergunto
Quaes são qu'influem
Tanto mal junto.

4.ª

Porêm só fere
O meu suspiro
Esse brilhante
Terceiro giro.

5.ª

A bella Cypria
Terna responde:
« Vem desse fogo
« Que o peito esconde.

6.ª

« Todo o pezar
« Que o peito afflige,
« Amor sentido
« É que o dirige.

7.ª

« Tu tens a culpa,
« Tu, que desprezas
« O Deos que a tantas
« Almas tem prezas.

8.ª

« Se queres, Lize,
« Não ter pezares,
« Pastora, incensa
« Os meus altares. »

9.ª

Doce tyranno!
Duro preceito,
Oh quanto affliges
Meu terno peito!

10.ª

Se te contentas,
Deosa, de um culto
Que dentro n'alma
Te rendo occulto;

11.ª

Serei feliz;
Mas em Cythéra
Vê que a ventura
Em vão me espera.

12.ª

Nas tuas sombras,
Noite serena,
Sepultaremos
A minha pena.

13.ª

Amor irado
De mim se queixe;
Que perco, Deosa,
Em que me deixe?

14.ª

Talvez que injusto
Mais me atormente;
Mas soffra o mais
Quem tanto sente.

15.ª

Como não firam
Meus ternos ais
Nunca os ouvidos
Desses mortaes;

16.ª

Rasgue-se o peito
Com crueldade,
Fira minha alma
Dura saudade.

CANÇÕES.

CANÇÃO

Ao Despotismo. (1)

PENSAMENTOS, nascei, que Apollo o manda;
Atrevidos nascei, em liberdade:
Quando a mão execranda
Do Poder, ou da fera atrocidade,
Vos queira comprimir o vôo altivo,
Soltos voai, impavidos rompendo
O veo em que a mentira
Quer simuladamente ir-se envolvendo.

Contra a luz da justiça tremulando
Assustados os vicios se arremeçam,
A mascara rasgando;
Com vacillante pé coxos tropeçam
Ante o gesto brilhante da verdade,
E vão bater co' as formas espantosas
Nos escolhos medonhos
Que as Furias acarretam cavilosas.

(1) Estando presa em Chellas, na idade de dezoito annos.
(Nota da auctora).

Levantai-vos, clamores, do meu peito,
Não péses, mão, co' a força das cadêas;
É vergonhoso effeito
Do Despotismo, limitar idéas;
Os sustos pusillanimes nasceram
No seio deste monstro assás fecundo;
Delle, ai de nós! derivam
Os males que hoje inundam todo o mundo.

Como te pintará meu verso triste?
Despotismo cruel! tua face vejo...
Com Jove te mediste,
Altivo levantando a voz sem pejo:
Antropophago cru, lavado em sangue,
Monstro sem lei, que as leis todas despreza,
E arrastra sem vergonha
O codigo da sabia Natureza.

Tu, energicas almas abatendo,
Em lugar da virtude generosa
Nellas foste accendendo
Aduladora chamma melindrosa:
Do vil receio os corações dominas,
Decorado dos trajes da Prudencia,
E espiritos arrastras
Ante as aras profanas da indecencia.

O Fanatismo segue-te choroso,
Cinge a corda, o cilicio não despreza;
Mas punhal sanguinoso
Esconde para a victima indefeza;
Levanta os olhos para o Ceo que argúe
Com brandos sons, com vozes simuladas;
As entranhas lacera,
E a fraude guia ás mentes subjugadas.

Sólta, oh Jove, os teus raios sobre o impio;
Cybele antiga, traga este tyranno;
Surge, oh severo brio!
Virtude! surge, e vence o nosso damno:
Se uma victima falta ao Despotismo,
Lilia (1) se off'rece aos fados tenebrosos;
Farte em mim seus furores,
E os mais homens em fim sejam ditosos.

(1) *Lilia*, *Lize*, e *Laura*, são nomes poeticos que a auctora adoptou para si antes de se chamar *Alcipe*, nome que lhe foi posto por Francisco Manoel do Nascimento, segundo ella mesma diz em uma nota.

CANÇÃO.

Escutai-me, altos muros pavorosos,
Regiões de silencio e d'amargura;
Canções de magoa pura
Gemente solte a lyra ao desamparo.
Volve a elastica luz aos Ceos formosos
Se Phebo a manda ao valle;
Mas em vão quer a sorte que eu me cale,
Forçando o mesmo Phebo a ser avaro.

No peito afflicto surge novo canto;
Nasce em nós a harmonia da tristeza;
Exprime com clareza
Um triste a dor que sente, as magoas suas:
A lyra move mais lavada em pranto,
Que de louro virente
Pela Musa enramada, alegremente
Cantando Amor e as lindas Graças nuas.

Que momento haverá que me não désse
Assumpto a canto lugubre e sentido?
Que gesto embravecido
De Fortuna sem tino se olharia
Que contra mim bramindo não volvesse
As mãos estragadoras?
Que não faça colheita em curtas horas
Dos mais tenues indicios d'alegria?

Vi daqui a innocente Liberdade,
Qual uma pomba candida e mimosa,
Vir pousar-se gostosa
Sobre os mesmos grilhões que arrasto afflicta;
Mas quando o peito (asylo d'amizade)
Co' as azas branda affaga,
Repara que Fortuna tudo estraga,
E volta aos leves ares onde habita.

Com vagos pensamentos e suspiros
Que um doce ignoto fogo em mim criava,
O lindo Amor chamava,
A quem nunca pensei fosse importuna
A reclusa innocencia dos retiros;
Mas o rapaz medroso,
Sem dó do triste peito lastimoso,
Nunca me ouvio, com medo da Fortuna.

Vibrava o ar ligeiro terno accento,
Tecido na inflammada fantasia;
Sómente o ar gemia;
E aos reflexos que Delio scintillava
Só trabalhava o simples pensamento:
Assim meus crueis damnos
Menos rispidos fiz, menos tyrannos:
E disto o mundo estulto murmurava!...

Já tudo me fugio, já não escuto
Mais que o surdo rumor que a magoa excita.

CANÇÃO

Aos annos de Tirce (1).

As desnudadas Graças brincadoras,
Ao redor das verduras do Ericina,
As Graças, que das almas roubadoras
Cercam Cypria divina,
Em danças e cantigas amorosas
Curtas façam as horas vagarosas.

Já suaves amores palpitando
Sigam o amavel terno, ora accendendo,
Ora de amor os fachos apagando;
Que os Faunos escondendo
Entre as brenhas o fogo que os devora,
Cada qual c'um suspiro amor implora.

Escute-se no Pindo brandamente
Temperarem as lyras sonorosas
Clio bella, Calliope excellente:
As Musas mais formosas
Seguindo o Padre Apollo, em brando verso,
Commovam com seus hymnos o Universo.

(1) A Condessa do Vimieiro D. Thereza de Mello Brayner.

As Bacchantes nas mãos venham mostrando
Os thyrsos já de folhas coroados,
Sonoros dithyrambos entoando:
Os copos esgotados
Alegremente sejam nesses dias
Em que ao bimater Deos honram orgias.

Contentes e ligeiros lavradores,
Em torno de uma victima c'roada,
D'Eleusina os beneficos favores,
Co' a familia adorada,
Invoquem nas silvestres suas danças,
Guiados de doiradas esperanças.

Pize Dryade leve o campo agreste,
Indo buscar do bosque a sombra escura,
Onde Sylvano ainda honra o cypreste;
Juntando com ternura
Os Satyros caprinos e amadores,
Que ao pé delle relatem seus amores.

Em quanto longe voa o meu desejo,
Distante d'Ambarval e d'Ascolia,
Debaixo d'um loureiro alegre vejo
Volver brilhante o dia
Em que Tirce nasceo; e então suspira
Suavemente amor ao som da lyra.

Então por concertar versos suaves
Escuto o som das aguas murmurando,
Os gorgeios amaveis com que as aves
No campo estão saudando
Aquella madrugada precursora
Do dia em que nasceo esta Pastora.

O mais doce prazer me inunda o peito;
Chóro ausente não vê-la; mas do pranto
Amor sabe abrandar o amargo effeito
Quando seu nome canto:
Tirce... Tirce mil vezes nomeando,
Que impressão tão suave 'stou provando!...

Não invejo o metal que Pluto espalha,
Nem as palmas honrosas do soldado
Que as vai colher no seio da batalha:
Por cantar com agrado
Mil extremos, que d'alma estão saindo,
Citara branda invejo, metro lindo.

Mas bem que rouca a voz o verso entoa,
Presta ouvidos, oh valle, ao terno canto
Que no teu seio tosco, alegre soa:
Por Tirce a voz levanto;
Ouçam della tuas grutas o elogio,
Em quanto a Thetis siga o patrio rio.

E vós que ouvis cantar um peito isento,
Deosas silvestres, Nymphas da espessura,
Vede qual póde ser o fundamento
De tão nova ternura!
Que objecto!... Se é difficil explicá-lo,
Vale mais respeitosas ponderá-lo.

Recebe, oh Tirce, a pobre cantilena
Com que Lilia no dia dos teus annos
Honra nos valles sempre a rude avena:
Teus dotes, mais que humanos,
Dignos são de outro canto, outros louvores;
Mas eu cantar só posso entre Pastores.

E tu, Canção, narrando uns sentimentos
Puros como a manhã que desce clara,
Soa lá onde mora Tirce cara,
Mais doce que os mais doces instrumentos.

CANÇÃO.

Acordai, ternas aves, com meu canto:
Esposa de Titão, suspende o pranto;
Se ao filho querido
No peito enternecido
Crias de pranto amargo inda um tributo,
O rosto mal enxuto
Volve a mim, pois que faço hoje a saudade
Primeira saudação da claridade.
Lança os olhos celestes
Nestes campos agrestes,
Suprema Divindade, e reconhece
O asylo em que a minha alma desfallece.
Se males não vulgares
São, Titonia celeste, os meus pezares,
Olha de lá do Ceo,
Esquecerás teu damno pelo meu.

Por mais que espalhes rosas matutinas,
Por mais frescas boninas
Que á madrugada o lindo prado off'reça,
Não ha bem com que os males meus esqueça.

Em vão submissa a dura sorte imploro;
Insensivel ao chôro,
Aos ais que hoje derramo,
O Destino que eu chamo
Indignado responde aos meus clamores;
E cruelmente aos labios meus applica
A taça adonde encerra os seus furores.
Em vão queixoso explica
Meu peito em seus suspiros
Os damnos meus ás grutas, aos retiros:
Atys, se ouve, n'um tronco transformado,
Insensivel se mostra ao meu cuidado:
Anaxarte, que a rocha inda mais dura,
Não se commove á minha desventura.
O Tejo, que algum dia, se eu cantava,
Erguido sobre as ondas m'escutava,
Hoje nem se enternece,
E ao som dos meus gemidos adormece.
Bem póde alguma Nympha, commovida
De ver tão triste vida,
Contar a minha historia com ternura
No bosque, ou na espessura:
Os pastores, tão duros como as penhas
Ao som da branda avena,
Commentam c'um sorriso a minha pena,
Mostram mais que de feras ter entranhas.

Pois que inutil meu canto ao vento entrego,
Cantiga, te dissipe o fero vento:
Oh! permittisse o Ceo, por meu socego,
Roubar-me a causa até do pensamento!

CANÇÃO.

Oh puro Amor, conforto dos humanos!
Se ás almas delicadas,
Na madrugada dos florentes annos,
Nas azas prateadas
Vens trazendo do Ceo a paz serena,
Guia, felice Amor, guia-me a penna.

Do sanguinoso Marte, ou de Cyprina
Não foste, Amor, gerado;
Nem qual raio na forja peregrina
Que Brontes e Encelado
Servem queimados; ou do pae Vulcano
Nasceste, Deos suave, em nosso damno.

Quem serás pois, Amor?... A terra inculta,
Do Zephyro soprada,
Quando inerte aos mortaes tristes insulta,
De seu seio, inflammada,
Co' a sorte dos communs monstros tyrannos,
Te crearia, Amor, contra os humanos?

Qual immaturo pomo que escondido
Apenas vai crescendo
Entre as ramas do bosque abastecido,
Que lhe estão defendendo
Os raios piedosos que o completam,
Taes sem amor os corações vegetam.

Vós, campinas do Eden, vós que vistes
Os beijos da innocencia,
Vós que as frases primeiras inda ouvistes
Correndo sem violencia,
D'aquelles que primeiro Amor sentiram;
Se inda os echos guardais, elles me firam.

Que vozes libertadas da censura
Amor descreveriam?
Quaes serião os gestos da candura
Que Amores esculpiam?
Da simples natureza derivados,
Sem pensões, sem receios, sem cuidados?

Doce vinculo d'almas bem nascidas,
Na idade afortunada
Em que as selvas de novo eram vestidas,
Mal apenas creada
A natureza humana, tu nasceste,
E docemente as almas incendeste.

Foste filho da força e da razão;
De teu seio fecundo
Recebe nova graça a creação;
E já no tenro mundo,
Qual enxame d'abelhas susurrando,
De ti vem os prazeres derivando.

Foram obras de Amor as lindas artes;
Co' a branda Poesia
Surgir se viram logo de mil partes,
Na mais doce harmonia;
E ao mundo, repetido nas pinturas,
O cinzel e buril deu mil figuras.

Não julguem, não, que a sordida avareza,
Os mares franqueando,
Pòde mais que a amigavel natureza,
Os povos ajuntando:
Não quebranta a cubiça os embaraços,
É sim o terno Amor que aperta os laços.

Quantas vezes, por cima de esquadrões,
De sangue e pó cuberto,
Assaltando os guerreiros corações,
Voleja de tão perto,
Que apagando atrevidas esperanças
Aos Volscos e aos Albinos quebra as lanças!

Canção, que esta delicia descreveste,
Vai fugindo de assumpto tão celeste,
Que se augmentar quizeres o retrato
Mostrarás quanto póde o home' ingrato,
E veremos um Deos de horror e medo,
Maneatado á carroça do segredo. (1)

(1) Ainda que a Divindade do segredo é a Nympha Calypso, e aqui pareça um Deos, ou o mesmo segredo pessonalisado, Harpocrates, que é tambem o Deos do silencio, póde satisfazer os criticos severos, quando seja necessaria alguma satisfação sobre o ultimo verso desta Canção.

(Nota da auctora).

CANÇÃO.

Ite rime dolente al duro sasso.
Petrarca.

IDADE abençoada, que fugistes!...
Na qual dias contentes
Gostei em troca destes dias tristes!
Tu, falsa confiança,
Tu nutriste uma perfida esperança...
Pranto amargo, que livre vou soltando,
Agora irás lavando
Imagens de alegria
Que guarda a delirante fantasia.

Desenvolve teu manto, Noite escura;
Tu, Cynthia magoada,
Chora comigo identica ventura.
Os latmeos rochedos (1)
Eternos guardarão os teus segredos;
E de Laura no peito enternecido
Responde a teu gemido
Outro gemido brando,
Que está de amor desastres ensinando.

(1) Os do monte Latmo em Caria, no qual Endymião pastoreava os seus rebanhos.

Prolonga, Delia, as trevas neste valle;
Suspiros suffocados,
Sahi do peito afflicto; e logo cale
Quando aos raios suaves
Comecem versos novos ternas aves:
Afogada na dor, triste memoria,
Minha funesta historia
Não deixes que prosiga:
Um ai sentido e solto o resto diga.

Ide, versos de magoa derivados,
Lêam-te uns olhos, funebre canção,
Grave-te Amor na causa dos cuidados,
Tens por penhasco um frio coração.

CANÇÃO

De Sapho.

Se descrever ao menos eu pudesse
Os passaros, as flores,
Se a relva descrevesse
Sobre a qual dormem placidos Amores;
Se depois de um silencio rigoroso,
Do rouxinol sómente interrompido,
Pintara seu ternissimo gemido,
Que este commove valle cavernoso,
Na rude flauta os versos modulados
Deram conforto aos damnos meus pesados.

Mas só da noite escura e pavorosa
Espectros denegridos,
Só da penha musgosa,
Que repete das feras os bramidos,
O ar gelado, o desabrido vento,
Que faz gemer os troncos abalados,
Sei descrever em versos magoados,
Concebidos no seio do tormento:
Vós, Musas, não dictais ao descontente
Senão copias do mal que afflicto sente.

Eu não corro com Cynthia delicada
O vasto firmamento;
Com ella namorada
Pelos montes d'Elide o somnolento
Pastor, entre o prazer, não vou buscando:
Cortejada dos sonhos denegridos,
Sombras, sustos crueis, espavoridos,
Do negro Orco o centro procurando,
Com terror n'alma, sem que me dilate,
Vôo após a medonha e seria Hecate.

Ticio, Ticio infeliz, quanto te invejo
Do abutre devorado!...
Se em ti louco desejo
Apollo, o grande Apollo, tem vingado,
De tua dor se lastima a Natureza;
Em chammas ateadas, crepitantes,
Rebentam teus suspiros arrogantes,
Que a Sicilia commovem com tristeza;
E o Etna espantoso, com ruido
Repete ao mundo o som do teu gemido.

Estancias do silencio denegridas,
E formas espantosas,
Que já soltando as vidas,
Sois tenues sombras, sombras horrorosas;
Vós, Scyllas, Stymphalides, Harpias,
Cançado e taciturno somno eterno,
Cão trifauce, que ladras no Averno,
Vós não encheis de horror meus tristes dias:
Só tu, devoradora ingratidão,
Despedaças meu terno coração.

Vai-te, monstro que bebes sangue humano,
Formado n'alta idéa,
No peito assás tyranno
De quem de Sapho os votos senhorêa.
E tu, canção gerada em noite escura,
Nascida entre os horrores da saudade,
Voa, e goza a perdida liberdade
Que me guarda sem dor a Sorte escura.
Amor, Amor, não ouças meus clamores,
Que augmentas um triumpho a teus furores.

CANÇÃO

Aos Passaros.

Sensiveis Passarinhos, até quando
Nesses brandos gorgeios que formais
Haveis de copiar meus tristes ais?
Hei de viver comvosco suspirando?
Comvosco fallam
Estes gemidos,
Que enternecidos
Grutas, penhascos, montes, tudo abalam.

Quanta inveja vos tenho, ternas aves,
Que explicais, nesse canto delicado,
Talvez o mesmo que eu n'um triste brado,
E fazeis vossas magoas mais suaves!
Oh se algum dia
Eu suspirando
Tornasse brando
O motivo do mal que me agonia!...

Nos salgueiros, nas frescas bordas d'agua,
No tosco seio de algum tronco informe,
Asylo a vosso gosto achais conforme,
E eu choro em desamparo a minha magoa.
Do fado injusto
Choro o delirio,
E o meu martyrio
Grava Amor em meu peito com bem custo.

Bem que, aves, fosseis nymphas engraçadas,
E que o fogo amoroso, ou terna historia
De vós mesmas conserve só memoria,
Nos gestos infelices transformadas;
Cortais libertas,
Gemendo, os ares,
E os meus pezares
Eu choro entre prisões, que oh Fado apertas!

Se a filha de Coronis soffre a pena
De ver perdido o gesto encantador,
Por clamorosos ais a magoa, a dor
Faz ouvir a que Pallas a condemna:
Ao universo
Voando a explica,
Em quanto indica
Sómente o que eu padeço um rude verso.

Eu vejo suspender-se a natureza
Aos ais que lá no centro do retiro
Exhala Philomella; um só suspiro
Da voz não lhe interrompe a fortaleza;
Nem por ventura
Ressoa a gruta;
Attento a escuta
O bosque todo envolto em noite escura.

O quieto silencio, a obscuridade,
Que geram mil saudosos pensamentos,
Parece que das aves aos tormentos
Por estimulo, servem, de piedade:
Queixo-me em vão,
Pois meus gemidos
Ficam perdidos
Nesta insensivel negra solidão.

Basta, triste Canção, que a noite escura
Já manda recolher aos caros ninhos
Os suspirantes, ternos passarinhos,
E em vão lhes conto a minha desventura:
Quando nascer
A madrugada
Eu magoada
Tornarei o silencio a interromper.

CANÇÃO

Ás Aguas.

Turbate son l'onde
Del saggio Hyppocrene,
E Apollo divvene
Ministro d'Amor.
Metast. Azil. d'Amore.

Claras aguas, de que ouço o murmurio,
Calado bosque, ermo, que sombrio
Abrigas em teu centro o escuro medo;
O mais terno segredo
Vem Alcipe fiar-vos no seu canto.
Doei-vos, selvas tristes,
Das magoas que me ouvistes
Desde que a voz queixosa aos Ceos levanto.

Não são as minhas magoas, não, vulgares:
Inventou para mim novos pezares,
No seu furor, a sorte mais adversa.
Aguas! quanto diversa
Junto das vossas margens 'stive um dia!
Um dia só contente,
Que o fado cruelmente
Alonga a dor, e encurta uma alegria.

Ali na fresca arêa destas praias,
Repousando-me á sombra d'altas faias,
Via passar a placida corrente:
Versos alegremente
Dictava Amor ao brando som da lyra:
Os Genios namorados
Me contavam cuidados
Que escutam de Cythera a quem suspira.

Nas verduras meus olhos alongando,
Passava o tempo leda: um gesto brando
Enleava meus ternos pensamentos:
Jámais os somnolentos
Filhos do Erebo, males deshumanos,
O seu negro vapor
Espalharam ao redor
Do asylo em que passei meus tenros annos.

Quantas vezes a Musa me guiava
Ao lugar em que terno suspirava
Petrarca saudoso! que em Vaucluso
Suave fez o uso
Da citara cadente, repetindo
Aquella branda historia
Que lhe poz na memoria,
Com as farpas de Amor, um gesto lindo.

Aonde os pensamentos me levavam!
Par'cia-me que as Musas enlaçavam
Com fios d'oiro as ramas do loureiro;
Depois, que o Deos flécheiro
Verdes myrtos colhendo os ía unindo
Á formosa capella
De que a Musa mais bella
C'roou Petrarca = *Laura* = repetindo.

Sonhos vãos que forjava a fantasia!...
Prazeres que benigno Amor fingia!...
As Dryades me ouviram mil canções,
Que aos ternos corações
Excitaram mil gratos sentimentos:
Hoje nos troncos duros,
De meus fados escuros
Escrevo os tão diversos movimentos!

A minha antiga Musa se desvia,
Só m'inspira a cruel melancolia;
Outro Apollo não tenho que o meu damno:
Ás vezes d'anno a anno
Uma triste cantiga solitaria
No centro do retiro,
Seguida de um suspiro
Arranca de meu peito a sorte varia.

Oh Nay'des, que do fundo desta fonte
Ouvis o mal que Amor manda que eu conte;
Se acaso minhas lagrimas saudosas
Distinguirdes piedosas,
Ah! condoei-vos, sim, do damno meu:
Se o mal que eu chóro tanto
Paga outro terno pranto,
Dai-me a sorte feliz do claro Alpheu.

Canção, vai; que a levar-te não me atrevo;
Segue longe do meu outro destino;
Em quanto nos pezares que imagino
A minha acerba dor eu triste cevo. (1)

(1) *Pictoribus atque poëtis quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.*
Horat. Art. Poet.

A ternura desta canção não condiz com o meu genio agreste; nenhuma das situações em que supponho Laura são as minhas. Nunca vi um dia sereno; e são tantos os gestos que enlêam os meus pensamentos, quantas as amaveis pessoas da nossa triste familia.

(Carta da auctora a seu irmão, remettendo-lhe a canção antecedente).

CANÇÃO.

Abre um som, terna flauta, como aquelle
Que soa nos ouvidos do que adora
Quando = *meu bem* = lhe chama a sua Pastora.
Embora por Apollo se desvele
O seguidor das Filhas da Memoria;
Despreza essa inutil gloria;
E o Deos motor do brando sentimento
Te afine agora, magico instrumento.

Não tenho inveja á bellica trombeta
Com que em rimas ornadas e cadentes
Nas bordas do Scamandro Heroes valentes
Armados canta a Musa mais discreta:
Guiada de amoroso e vão desejo
Aquelle fogo invejo
Que de Tibullo os versos animava,
E os suspiros no peito lhe ateava.

Vou seguindo essa náo que sulca os mares,
E entre o rumor das ondas bramidoras,
Entre o canto daquellas que sonoras
Do berço de Nereo rompem os ares;
Distingo os ais d'Ovidio, que gemendo
Me faz ir aprendendo
Em versos desiguaes, nos tristes valles,
De myrtos coroada, a cantar males. (1)

Com sympathia doce vou seguindo
O latino pastor ao seu degredo,
E em quanto estou seu terno damno ouvindo
Triste o comparo aos meus, mas em segredo.
Nas cordas dessa citara divina
O nome de Corina
Soa, ao tempo que dentro do meu peito
Amor grava outro nome, outro sujeito.

De um terno sentimento arrebatada
Já me finjo nos bosques de Cythera,
Já de amor, já de gosto desmaiada...
Quem provar quanto finge, oh Ceos, pudera!
Todo o cortejo amavel que Amor segue,
Todo o bem que consegue
Quem na Elysia campina já descança
Se excede na ficção, e até se alcança.

(1) Ovidio, elegia 1.ª

Aquella vista branda que premêa
Os suspiros de uma alma delicada,
Aquella sympathia que uma idéa
Á de outrem docemente vê ligada;
Uma sempre conforme intelligencia
Mesmo apesar da ausencia,
Um nunca duvidar de quem se adora,
Arte doce, ditosa, encantadora!...

Mas qual negro vapor da terra fria
Sae rapido, e nos ares condensado
Escuro torna o mais brilhante dia;
Tal acerbo o receio levantado
No peito se amotina cruelmente;
Tyranno só consente
Junto a Amor uma furia vigilante,
Que sem piedade rasga o peito amante.

Que mal podes cantar, flauta, uns taes damnos!
Os olhos veem fugir varias auroras
Sem fechar-se; veriam correr annos
Se das tartareas Parcas aggressoras
A tesoura fatal prompta não fôra
A cortar sem demora,
Em terminar de um golpe a fraca vida,
Em suspeitas e sustos consumida.

Mas se acaso o vapor de um somno leve
Se espalha sobre as palpebras cançadas,
Logo um sonho funesto faz mais breve
O repouso, com mil ficções magoadas.
Acordo, por tornar a sentir logo
Aquelle voraz fogo
Que nem agua, nem lagrimas saudosas
Lhe moderam as chammas vigorosas.

Ah! quanto caro custa o ser sensivel!
Faz com dor arrancar do peito os ais
Não só no damno proprio, se é possivel
Naquelles de quem soffre outros iguaes.
Se a bella Clycia a Delio vai seguindo,
Com ella vou sentindo
Essa dura, funesta crueldade
Do fugitivo Pae da claridade.

Se Delio Daphne segue, eu conto os passos
Da filha de Peneo; o mal primeiro
Desculpo ao Deos, beijando os novos laços,
E suspirando á sombra do loureiro.
Ah! quantas vezes, quantas! com ternura,
Com pranto de amargura,
Eu lavo esses escriptos namorados
De mil ternos amantes desgraçados!

Os versos de Petrarca, onde elle deixa
A copia de seu terno coração,
Que suspiro não forma ou branda queixa
Que por Laura não seja... oh semrazão
De algum Genio cruel, que despiedado
Deixa o laço quebrado
De uma doce união que Amor formara,
Se o Destino incoherente o não negara!

Faze, triste Canção, lugar ao pranto...
Já vão correndo as lagrimas saudosas...
Ah! suspendei, oh penhas cavernosas,
As suaves respostas do meu canto. (1)

(1) Repito o mesmo que disse ácerca da canção antecedente.
(Nota da auctora).

EGLOGAS.

FANTASIAS DE MARCIA E LIZE.

COMPOSTA POR CADA UMA DELLAS A PARTE QUE LHE PERTENCE.

EGLOGA.

Amizade.

Marcia.

Salve, formosa Aurora, que annuncias
Hoje um dia distincto dos mais dias!
A negra sombra vens afugentando,
Que os montes enlutando
Uma vista off'reciam pavorosa;
A linda cor vens dando á fresca rosa:
A verdura diviso ornar-se agora
Pelos amaveis dons que ostenta Flora:
Zephyro namorado de tal obra,
Alegre brinca sobre as varias flores.

Vem já gozar comigo, Lize amada,
Da saudavel frescura deste prado.
Já tres vezes no seio d'Amphitrite
Phebo se repousou, sem que eu te escute
Alçar a linda voz; ha muito que esta
Aos corações não dá lições de amores.
Vem, que tambem as Musas já m'inspiram
Uma canção que as bellas Nymphas amam,
Doce aos echos, ás aves, e aos Pastores:
A virtude de Lize, e os seus louvores.

Lize.

Oh doce Natureza,
Da qual minha alma preza
Prova um prazer de todos differente!
Aurora, pois contente
Desces dos altos cumes dos outeiros,
Os louvores primeiros
Que a Marcia, a quem adoro por extremo,
Envio ao som da lyra,
Escuta, que respira
Indicios de um prazer terno e supremo.
Fonte murmuradora,
Cuja agua brincadora
Vai serpeando o prado,
Beijando com agrado
Os pés dos troncos verdes;
Doce agua, que te perdes
Lá no seio do Océano profundo,
Eu comtigo confundo
Mil vezes nestas selvas o meu pranto,
Que hoje quero trocar por doce canto.

Tu pois que me retratas
As imagens mais gratas
Deste doce e terrestre Paraiso,
Retrata-me o sorriso
Da bella Marcia, candida Pastora,
Que me convida agora
A cantar juntamente
O prazer innocente.
Cantemos pois seus olhos matadores,
De Amor delicia, e damno dos Pastores.
O canto Amor ordene;
E vós, oh gentis filhas de Climene,
Em choupos convertidas,
Ouvi enternecidas
Quanto eu de Marcia conte;
Esquecereis os damnos de Phaetonte.

Oh Deos que amor provaste!
Dize-me se encontraste
Em Alcmena, e na filha de Atelante
Um gesto tão galante?
Igualando de Marcia a formosura,
Outra igual innocencia, igual candura?
Oh ditosos Pastores,
Que esses vossos amores
Fazendo ouvir ao rude som da avena,
De Alcipe, de Tircéa, e de Silena
Os nomes repetis com tanto gosto;
Alguma dellas tem tão lindo rosto?
Oh Marcia! se contemplo
Teu meigo genio brando,
Que ás pombas está dando
Invejas, e ás Pastoras claro exemplo:

Se a tanto a minha idéa
Se levanta, a bellissima Hebéa,
A gentil Cytheréa,
E quantas Deosas de gestos singulares
Honram sobre os altares
Sacrificios immensos,
Menos dignas que Marcia acho de incensos.
Vós, que de Amor cantais,
E vós, que derramais
Tantos ternos gemidos neste valle,
Vede se ha quem iguale,
Nymphas, Pastores, minha Marcia bella,
E se não ha, cantai sómente della.
Eu, que em verso concérto
As mais ternas cantigas,
Só tu, só tu me obrigas,
Caro objecto, que admiro de tão perto,
A dar ao leve vento
Com o teu nome sonoroso accento;
Nem jámais deixarei
De cantar quanto sei
De teu gesto, de tua formosura;
Se não, se na espessura,
Aos echos, que te chamam com agrado,
Interromper teu canto delicado.

Marcia.

Esse teu, Lize amada,
Produzio em meu peito
Um semelhante effeito
Ao que faz esta fonte prateada
Quando refresca as flores

Dos Phebêos ardores.
Sentio a natureza
De tal modo a belleza
De tua doce voz, dos teus accentos,
Que este verde loureiro
Parecia ir tomando o ser primeiro,
Por seguir teus suaves pensamentos;
E como em linda nympha se tornava
Segunda vez a Delio namorava.
Retratai, clara fonte,
A cor do horizonte
Quando a fresca e serena madrugada
Apparece rosada;
Retratareis de Lize as lindas faces.
Tu Phebo, quando nasces,
Que sobre o monte espalhas teus cabellos,
Como os de Lize não, não são tão bellos:
A doce singeleza
Que na frente retrata,
Com que os Serranos, ai!... de amores mata,
Realça-lhe a belleza.
Aquella a quem os Deoses com cuidado
Deram todos os dotes agradaveis,
O gesto delicado,
As graças mais amaveis,
Não prefiro á Pastora
Com quem busco adornar meu canto agora.
Porêm, oh Lize amada,
Cantar teu lindo gesto!...
Teu doce olhar modesto!...
A lyra, a um tom mais baixo costumada,
Se torna, de temor, desafinada.
Mas ah! que o sol...

Lize.

Sim, Marcia, no horizonte
Tira Pirois, e Ethonte
A carroça de Phebo luminosa:
Á torrente lustrosa
Deste placido rio
Delio alegre concede,
Com doce murmurio,
Que envolva em si os raios que despede;
Correndo vai dourada
Co' as faiscas da luz reverberada.
Bem que do secco Estio,
Do Inverno desnudado, aspero e frio,
Não temas os rigores,
Essa frente, morada dos amores,
Vai resguardar no centro da cabana.
Teme tambem, oh Marcia soberana,
Que o Pastor namorado
Do gesto de Coronis sublimado,
Da fugitiva filha de Peneo,
Não tome pelo dellas esse teu.
Oh!... vai-te, cara Marcia, que eu te sigo:
O tecto que te abriga é o meu abrigo;
Nem sei viver distante
Da querida Pastora que constante
Se repousa entre os braços da amizade.
Oh! nunca da cidade
Essa lida importuna,
Nunca a cega fortuna,
Por mais doces caricias que me faça,
Me roube tanto bem!...
Que este só me convêm,
Bem que seja no seio da desgraça.

EGLOGA

Aos annos de Tirce. (1)

LILIA E MARCIA.

Lilia.

Cantemos, flauta, em quanto irado o vento
Não perturba o socego deste prado;
Sinceras expressões do meu tormento
Derrame livre o peito magoado.

Talvez que de meus ais compadecido
Este calado bosque, este rochedo,
Repita com tristissimo gemido
Quanto apenas dizer posso em segredo.

Talvez que ao repetir as minhas magoas,
Só para confusão d'impios humanos
Se suspendam de horror as frias aguas,
As feras se condoam dos meus damnos.

(1) A Condessa do Vimieiro D. Thereza de Mello.

Ao confuso ruido das cadêas,
Ao passo lento, ao suspirar custoso,
Ás tristes e acerbissimas idéas
Que se pintam no rosto saudoso;

Me parece que toda a natureza
Se commove, sensivel se enternece,
E que nesses abysmos da tristeza
Tambem comigo os males meus padece...

Oh dia, feliz dia! tu que brilhas
Menos c'os apollineos resplandores
Que pelas excellentes maravilhas
Da bella Tirce, gloria dos Pastores:

Tu renovas suavissimo a memoria
Do instante em que vio a luz primeira,
E da rara virtude que com gloria
Lhe ennobrece dos annos a carreira:

No breve tempo que feliz respira,
Tantos dotes amaveis unir sabe,
Que a turba pastoril absorta admira
Tanto bem, que em tão pouco espaço cabe.

Oh duro Fado!... impio!... rigoroso!...
Tristissima pensão é estar ausente!...
Como pois, sendo um dia tão ditoso,
Me deixas suspirar tão tristemente?...

Se a doce e fugitiva Liberdade
Os meus votos ardentes escutara,
Não soffrera as violencias da saudade,
Os meus duros grilhões hoje quebrara.

Se já livrar-me a sorte menos dura
Deste mato escabroso consentia,
Aos pés da bella Tirce que doçura
Em mostrar-lhe o meu gosto encontraria!

Hoje os murchos cyprestes arrancara
Da triste frente que cingida tinham,
De verdes myrtos logo me c'roara,
Que só myrtos e rosas me convinham.

De flores adornara o meu cajado;
Ao som da minha flauta uma cantiga,
Que soasse aos ouvidos com agrado,
Cantaria em louvor da cara amiga.

Apenas espalhasse a roxa Aurora
Nos horizontes as primeiras rosas,
Saudara a bellissima Pastora,
Beijara reverente as mãos mimosas.

Ao primeiro volver dos olhos bellos,
D'entre as sombras da noite fugitivas,
Veria de finissimos desvelos
Demonstrações sinceras, puras, vivas:

Que amor, que sabe unir-se docemente
Em meu peito co' as graças da amizade,
Derrama com seu fogo sempre ardente
Nos doces laços mais suavidade.

Mas que posso fazer? se o meu destino,
Affrontado da minha tolerancia,
Entre mim e esse objecto peregrino
Põe tyranno os horrores da distancia?

Se inflammada com terna impaciencia
Derramo inutilmente os meus gemidos,
Aonde a tyrannia de uma ausencia
Nem consente que sejam della ouvidos?

Marcia.

Já vens descendo, fresca madrugada,
Dessa corte de Jove luminosa:
Como teu gesto volves engraçada
A quem possue a paz deliciosa!

Um não sei que de alegre, Aurora, trazes,
Mais candida, mais linda me pareces:
Que doce movimento n'alma fazes
Á proporção que sobre a terra desces!

Com lindas mãos de rosas levantando
Da prateada fronte os teus cabellos,
Hoje mais que algum dia nos vens dando
No rosto alegre mil indicios bellos.

De Flora o terno esposo, que banido,
Já de Boreas cruel, de Noto irado,
Do nosso triste valle tinha sido,
Torna a brincar sobre o florido prado.

Em fim, quanto contemplo, quanto vejo
Me transtorna de triste em ser contente,
Todo o pezar me fica de sobejo
Pelo doce prazer que o peito sente...

Os troncos mil historias renovando,
Já de zelos crueis, e já de amores,
Uma doce ternura estão gerando
Nos corações sensiveis dos pastores.

Levanta-se acolá daquella parte
O frondoso loureiro sempre verde,
A quem Delio protege de tal arte
Que as engraçadas folhas jámais perde:

De seus ramos se tecem as capellas
Que premêam os fortes vencedores,
E alcançam os serranos tambem dellas
Se cantam docemente os seus amores.

Ah quanto assim se vinga a tyrannia
De uma nympha cruel que desprezava
O Numen, pae supremo da harmonia,
Que pastor de Admeto a idolatrava!

A vista das correntes me renova
De um Acis infeliz a terna historia;
A fé de Galathéa ali se prova,
Um Cyclope cruel canta a victoria.

Sempre se vio no mundo injustamente
A força triumphar contra a virtude,
E o Ceo irado ainda não consente
Que tão vil condição a gente mude!...

Matiza Flora aqui diversas flores,
Umas cobrindo com purpureo manto
Puro sangue que á Deosa dos Amores
Custou por longo tempo amargo pranto:

Outras são monumento do castigo
Desse moço insensivel aos suspiros
Da Nympha a quem negou suave abrigo,
Que inda geme no centro dos retiros.

Moduladas cantigas, casos varios
Fazem ouvir os tenros passarinhos;
No centro destes bosques solitarios
Tem Progne e Philomella os caros ninhos.

Se aos seus cantos os meus se misturassem,
Talvez que nunca ouvido neste valle
(Por mais diversos casos que contassem)
Houvera sido algum que aos meus iguale.

Mas já que superior á desventura
O Ceo me fez com alta piedade,
Gozemos da manhã serena e pura,
Sem lembranças crueis d'adversidade.

Mas que brando gemer?... doce lamento
De lá daquellas penhas 'stou ouvindo?...
Parece-me que exhala aquelle accento
Quem penas amorosas 'stá sentindo!...

Quanto afflige este mal! quanto magôa!
Quem será que seus damnos tanto sente?...
Desta parte daqui mais alto soa...
Eu vou ver se conforto algum consente.

É Lilia: e quem seria senão ella,
Que, os olhos inundados sempre d'agua,
Estivesse arguindo a sua estrella,
Dando tristes signaes de pura magoa!

Deos te guarde, Pastora, o Ceo propicio
Te conceda taes bens quaes te desejo;
Queira acceitar o puro sacrificio
Do pranto que em teus olhos sempre vejo.

Mas dize-me, tristissima Pastora,
Que ditoso proveito acaso tira
Quem por gostos passados inda agora
Afflicta e solitaria em vão suspira?

Modera esse pezar, mostra o teu rosto
Sensivel á purissima alegria,
Triumpha de um teimoso e vão desgosto
Que o Fado injusto vencedor queria.

Lilia.

Oh Marcia, se soubesses por ventura
Do pranto que derramo um só motivo,
Te veria queixar da sorte dura,
Tão triste viverias quanto eu vivo.

Em quanto da mais bella e doce amiga
Me tem distante aqui nestes retiros
A sorte mais cruel, mais inimiga,
Completa Phebo regulares giros.

A pallida Titania, revolvendo
O seu pesado globo, vem serena,
Sobre o throno da Noite apparecendo,
Muitas vezes mostrar a face plena.

Sem que eu veja de Tirce o rosto amavel,
Sem que eu possa cantar co' as mais pastoras
Neste dia festivo e memoravel
O principio das suas doces horas.

Marcia.

Que me dizes, oh Lilia? que annuncias?
É pois hoje esse dia afortunado
Que em toda a vastidão de alegres dias
O Deos da luz igual não tem creado?

A razão do meu gosto agora posso
Encontrar neste alegre nascimento;
Porque, tão cedo, cheia d'alvoroço
Me acordava um feliz presentimento.

Tão cedo foi que o gosto me obrigava
A cantar meus primeiros pensamentos,
Que ao despertado Hespero que brilhava
Deixei ouvir ainda alguns accentos.

Acordei com meu canto alegremente
Adormecidos echos, repetindo
Louvores da manhã resplandecente,
Os tenros passarinhos prevenindo.

Não te demores, não, Lilia querida,
Canta de Tirce, canta a doce amiga,
Agoura-lhe em teus versos larga vida,
Principia a suavissima cantiga.

Lilia.

Costumada a chorar funestos giros
Da ventura, no bosque mais sombrio,
Que direi, bella Marcia?... Os meus suspiros
Devem tecer melhor esse elogio.

Mas qual póde soar a voz saudosa,
Exhalada por triste e fraco peito,
Ouvirás da Pastora mais formosa
Se não digno louvor, alto conceito.

O que em pena de acção feliz e incauta
Foi pastor dos rebanhos da Thessalia,
Queira abrandar a minha secca flauta
C'o liquor puro e doce da Castalia.

ODE.

Vós Tagides sonoras,
Que ouvistes já cantar puros amores,
Suavissimas cantigas,
Pelas bellas Pastoras
Que adoraram ternissimos Pastores
Nestas selvas amigas:
Ah! fazei que da amavel Tirce bella
Soe um louvor que seja digno della. (1)

Das humidas cavernas
Benignas escutai o verso brando;
Contai ao patrio Tejo
Que estas cantigas ternas
Que em suas praias vai Lilia entoando,
Dicta o puro desejo,
Que gera o coração fino e constante
A Tirce bella, ainda que distante.

(1) No resto desta egloga encontram-se alguns versos menos correctos, porque a auctora não chegou a corrigi-la toda, o que não é de estranhar attendendo aos motivos que expoz em uma nota que se acha no fim da glosa á quadra que principia = De que serve, oh sorte ingrata = e mesmo porque nunca tencionou publicar pela imprensa esta e outras obras suas.

Ao filho de Amphitrite
Mandai que a larga concha retorcendo,
No seio do Oceano
Grato prazer excite,
Com som distincto ao longo mar dizendo:
« Hoje é o dia sob'rano
« Em que triumpha Amor e alegria,
« Em que Tirce nasceo, oh feliz dia! »

Não sejam só Pastores
Que nas rudes avenas brandamente
Deste ditoso dia
Cantem doces louvores:
E se Pastores podem ser sómente,
Com pura sympathia
Participem do bem que estou sentindo
Os das praias do Ganges e do Indo.

A feliz alma pura
Que no peito de Tirce alegre habita,
De virtudes cercada,
Dependente a ventura
Tem dos immensos bens que facilita:
Com a paz abraçada,
Como em throno descança na amizade,
Á qual dará firmeza e eternidade.

Feliz, que te contemplo!
Mais feliz quem te vê, Tirce adorada!
Tu que apenas nascida
Indicas o exemplo
Da virtude mais clara e sublimada:
Á tua illustre vida
Promette o Fado espaço quasi eterno:
A Parca aprisionar manda no Averno.

E quando assim não fora,
E esse monstro faminto e sequioso
Do sangue dos humanos
Pudesse livre agora
Cortar indifferente e cobiçoso
Geralmente os annos:
A tesoura vulgar não cortaria
Os teus, que o doce Amor defenderia.

As Graças vigilantes
Com elle em torno estão desde o teu berço,
Doce cuidado tendo
Dos teus dias brilhantes:
As almas pastoris em brando verso
Teus louvores tecendo,
Mandam prostrar a supplica innocente
Ao throno de Jove omnipotente.

Os votos dos serranos
O Deos benigno attentamente escuta,
Move a augusta cabeça,
Assigna largos annos:
Echo alegre responde em cada gruta;
Porque tudo obedeça
Nos montes e nos valles deixa ouvir-se
A suavissima nota... Viva Tirce.

Marcia.

Viva Tirce, em meu peito respondia
Tambem meu coração, que admirado
Mais apressado e forte hoje batia,
Pelo bem que de Tirce tens cantado.

Ainda agora n'alma estou sentindo
Um resto de suavissima doçura,
Que ao tempo em que te estava, oh Lilia ouvindo,
Me interessava o peito com brandura.

Não cantes mais, não cantes mais, que eu sinto
Cá dentro d'alma effeito desusado;
Repara bem, Pastora, não te minto,
Esse canto, essa voz tenho invejado.

Quero tambem cantar de Tirce bella;
Mas que faço! se a voz entrego ao vento:
Melhor é nesta faya digno della
Erigir um perpetuo monumento.

Mas que posso escrever que digno seja?
A virtude,... a belleza excede quanto
Dizer podem meus versos... quanta inveja,
Oh Delio, tenho agora de teu canto!

Tirce, digno cuidado, amor primeiro...
Que te parece, Lilia?... que assim diga
Sobre os troncos das fayas o letreiro?
Vê se te lembra outra melhor cantiga.

Espera, que ali deixo pendurada
No tronco a minha flauta, um vento brando
Vindo alegre agitá-la = *Tirce amada* =
Fará que diga o som de quando em quando.

Sómente estas palavras aos serranos
Quero escrever: = *A Tirce, que adorava*
Com ternura, no dia dos seus annos
Dedicou Marcia a lyra que tocava. =

Lilia.

Tambem, querida Marcia, tambem deixo
Em memoria de um dia tão ditoso
Os meus versos escriptos neste freixo,
Desafogo de um peito saudoso.

Não são elles senão uns signaes certos
Daquelle puro amor que arde em meu peito,
Figura dos letreiros encobertos
Que estão n'alma gravados sem defeito.

Almeno, Coridon, Filis, Albina,
E mil outros Pastores, que vierem
O gado apacentar nesta campina,
Dirão admirados quando os lerem:

« Oh com quanta razão, se não logravam
« De Tirce a companhia deleitosa,
« Nestes bosques afflictas suspiravam
« A terna Marcia, e Lilia saudosa! »

Porêm, Marcia, não vês a grande altura
Em que já vai o sol? Nós a cabana
E os gados esquecemos, se a ventura
Nos fez cantar de Tirce soberana.

Marcia.

Deixa d'outros cuidados a lembrança;
Vamos colher do campo as varias flores,
Adorna o teu gibão, a linda trança,
Tece grinaldas para os mais Pastores.

IDYLLIOS.

IDYLLIO

De Marcia. (1)

No dia em que o Pastor que seguio Daphne
Queria dar principio ao lindo Maio,
Quando a branda e ligeira philomella
Acordava a manhã serena e clara,
Já Marcia terna, e Lize soberana
Vinham abrindo a porta da cabana.
Lize, antes que Marcia se apressasse,
Dirige os passos a um visinho bosque,
Junto a um musgoso tronco se reclina,
Ao puro Ceo levanta os claros olhos;
Da etherea habitação e habitadores
A alegria contempla, os bens maiores;
Saúda a deleitavel Primavera,
E vai unindo á lyra sonorosa
A voz suave, a voz harmoniosa.
Pouco a pouco a agradavel melodia,
E o socego que os valles inculcavam,
As papoilas que o campo guarneciam,
Um não sei que vapor que derramavam,
A um doce e brando somno a convidavam.

(1) A irmã de Alcipe.

Cahe-lhe a lyra da mão, os olhos cerra,
Cede em fim a uma doce somnolencia,
Adormece entre a paz, entre a innocencia.
Já Marcia, que de longe a contemplava,
Vem com passos ligeiros, apressados,
E vendo-a no socego adormecida,
Admira da Pastora o gesto lindo;
E tomando na mão a branda lyra,
Que Lize não tocava, pois dormia,
Tão docemente fere a corda d'ouro
Que inveja causaria ao Pastor louro;
E no centro do bosque retirado
Dá este desafogo ao seu cuidado:

« Agradavel Pastora, os teus accentos
« A mim foram tão doces, tão suaves
« Como os sonhos ligeiros e agradaveis
« Ao fatigado e pobre caminhante
« Que depõe por um pouco o seu cuidado,
« E dorme sobre a relva socegado.
« Ou como as frescas aguas de uma fonte,
« Na qual apaga a sede que lhe causa
« O cançasso e o ardor do secco Estio.
« Ah! consente, Pastora, ah! Lize amada,
« Que a mão tremula applique á tua lyra;
« Talvez que por ser teu este instrumento
« Modere de algum modo o meu tormento.
« Amavel solidão, em cujo centro
« Vem provar a minha alma um doce encanto:
« Verdes alamos, lugubres cyprestes,
« Repartirei comvosco as minhas magoas,
« Explicando o que o triste peito sente,
« Se tanto a uma infeliz o Ceo consente.

« Vós, brandos rouxinoes que na espessura
« Renovais de Tereo crueis lembranças,
« Ensinai-me a cantar tristes saudades,
« Que senti-las sei eu (ah que violencia!)
« Desde o tempo que soffro a dura ausencia.
« Ah! consente que explique em brando verso
« A causa do meu pranto, e que repitam
« Estes valles de Agrario (1) o amado nome.
« Ah! repitam, que quando elle e Tircéa
« Gozavam das delicias verdadeiras
« Que uma união fiel, indissoluvel,
« Procura ás almas nobres e innocentes;
« Tal como um fero lobo rapinante,
« Que encontrando um rebanho, sem piedade
« Despedaça uma ovelha, outra fere,
« E com sede de sangue sempre fica;
« Tal um fado severo, desatando
« Os laços mais sagrados e mais puros,
« Lhe roubou o descanço de seus dias,
« Derramando na misera familia
« Os horrores funestos do desgosto;
« Já dividindo dos paternos braços
« Os filhos, caras prendas que o Ceo déra;
« Já ditosos consortes apartando,
« Deixando umas viuvas, outras orfãs...
« Exceptuou o Ceo Agrario amado;
« Mas como, oh Deos! Em uma prisão dura,
« Onde afflictas lembranças acompanham,
« Com suspiros e lagrimas ardentes,
« O triste som das asperas correntes! »

(1) Allude ao Marquez d'Alorna, D. João d'Almeida, pae da auctora, que se achava então preso no Forte da Junqueira, por effeitos da politica do Marquez de Pombal.

Mas neste ponto Lize bella acorda;
E sentindo que Phebo derramava
Com mais calor os puros raios d'ouro,
Diz a Marcia que o dia se adianta,
Que não deve do mal o sentimento
Roubar aos seus cordeiros o alimento.

IDYLLIO

A Tirce.

Aurora diligente,
Que o somno meu dissipas docemente;
Eu te saúdo, alegre madrugada,
Que desces dos prazeres rodeada.
Sopro benigno e doce,
Zephyro saudavel,
Que fazes que entre as flores se alvoroce
Um perfume agradavel;
Tu, que até'gora estavas reclinado
N'um berço delicado
Sobre os copos da candida assucena,
Dormindo ao som da vôz de Philomena;
Co' a manhã te levantas
A rever namorado
As matizadas plantas
Com que a linda tua esposa esmalta o prado:
Tu que brando respiras,
Com teu habito as folhas revolvendo,
Testemunha o que terna estou dizendo
Em louvor da amizade: ah! que se viras
Tirce, (amavel Pastora)
Talvez, Favonio, deras susto a Flora.
Por aquella doçura
Com que na selva amiga
Exhalas teus suspiros com brandura,
Na flauta entoarei minha cantiga.

Só vós, oh troncos verdes,
Oh bosques solitarios,
Em quanto em vossas sombras me tiverdes,
Me ouvireis modular nos sons mais varios
Sempre de Tirce o nome.
Bem que o tempo consome
Facilmente as memorias do passado,
Olhando com respeito
Este nome (suave a um terno peito),
A fouce encolherá como admirado.
Meus numeros soberbos
Sobre a marmore dura não verão
Gloriosos e acerbos
Successos relatar de falsa gloria:
Eu teço terna historia
Daquelle delicado coração,
Cuja forma quebrou o Ceo, temente
Que, a haver mais, esquecesse á humana gente.

Aqui, longe do fausto e da cobiça,
(Para pensar floresta accommodada)
Tenho quasi entalhada
N'uma rude cortiça
A simples cantilena
Que a benigna amizade co-ordena.
Cuidando aqui em Tirce,
Aqui, onde não póde dividir-se
Della um instante o terno pensamento;
Aqui, onde não sabe turbulento
O tumulto illudir-me,
A ambição das cidades persuadir-me;
Onde a vista ociosa
Mais objecto não tem que a onda espumosa

De algum claro regato,
Ou o som brando e grato
Que das tremulas folhas dos ulmeiros
Rompe o silencio apenas nos outeiros;
Ah! com que suavidade
Todo o peito se occupa d'amizade!
Do terno objecto della,
De Tirce... Tirce bella!
A delicia de Amor e da Virtude,
Em cuja alma o benigno sentimento
Não cria pensamento
De piedade que o tempo ao depois mude!

Vós o sabeis, Pastores,
Innocentes e rudes Lavradores:
Campinas deleitosas
Que a virtude de Tirce faz ditosas!
Ali nunca suspira desgraçado
Serrano que perdesse o pobre gado,
Sem que Tirce reparta largamente
Das suas provisões com o indigente;
Não se exhala gemido
Que outro della o não siga enternecido.
Se as alegres serranas na floresta
Passam cantando a sesta,
Tirce canta, e jámais a fonte pura
Que suave murmura,
Jámais d'entre os raminhos
Os gorgeios dos ledos passarinhos,
Seguindo em liberdade a natureza,
Formam doce harmonia
Que tanto acalme as sombras da tristeza.

Assim cantou um dia,
Assim cantou de Tirce uma Pastora,
De seus pobres cordeiros guardadora:
Da virtude cantou dignos segredos
N'um valle, aonde dava a singeleza
De frondosos e altos arvoredos
Lugar para cantar-se a natureza.

IDYLLIO

Quando, pela molestia de peito que então soffria, me desenganaram de que não tinha remedio em quanto estivesse em Chellas, e havia inteira impossibilidade para mudar de sitio.

Cordeiros meus, que em tempo mais ditoso
Fazieis a delicia dos meus dias,
Escutai os gemidos lastimosos
Com que Lilia nas bordas do sepulchro
Vos envia um adeos, com que saudade!

Passou ligeiro o tempo em que contentes
No mais alto do monte, consagrado
Aos canticos das Musas, felizmente
Vos nutrieis de um pasto que regava
A fresca Aurora co' a porção mais pura
Do pranto que dedica ao filho amado;
Gostaveis um liquor sacro e sublime,
Que a alma inflamma dos candidos Pastores,
E os obriga a cantar suavemente
Seus amores nas flautas sonorosas.

Que pacificos gostos eu lograva!
(Oh milagres de Delio!) quando apenas
Da minha pobre avena, mansamente
Os innocentes collos estendendo,
Sentir parecieis vós esse meu canto,
Parecieis applaudir os meus accentos,
Em que a Amor perdoava as travessuras
Com que affligia os miseros pastores!

Outras vezes, que a Amor chamei tyranno,
Que só cantei as graças da innocencia,
Com que pressa, Cordeiros, me cercaveis,
E co' a paz que meus versos inspiravam
Entre os braços do somno vos perdieis!
Oh memoria suave, onde me levas!...
Taes como as densas nuvens que no inverno
As estrellas aos olhos vão roubando,
A distancia me faz ver esse tempo,
Ditoso, mas perdido, ir já cedendo
Ao tyranno poder do esquecimento.

Neste valle cruel, onde a desgraça
Ordena que termine os tristes dias,
Escuto só os ventos rugidores
Arrancando da terra os verdes freixos,
Que abrigavam co' as frondosas ramas
Comigo a terna Marcia, a cara Tirce.
O rebanho de Agrario pelos montes
Sómente deixa ouvir tristes balidos,
Disperso, quasi extincto! Com que pena
Meus olhos tal objecto consideram!...

No espaço immenso dos passados sec'los,
Com passos apressados se sepulta
O tempo, que não cessa. A horrenda morte
Com que aspecto a meus olhos (tristes olhos!)
Os descarnados ossos apresenta!
Levanta com furor a enorme fouce,
(Que susto!... oh Ceos, valei-me!...) que pendente
Vejo sobre a cabeça... mostra irada...
O voraz appetite com que espera
Fazer preza em meus dias brevemente!

Cordeiros, minha doce companhia,
Com quem já reparti os meus prazeres:
Quando da morte o livido semblante
Vos mostrar com hórror minha figura,
E não puder a mão, tremula e fria,
Sustentar por mais tempo o meu cajado,
(Que jámais vos servio para castigo;
Que á fonte vos guiava, que ao redil
Vos levou tantas vezes ao descanço)
Ah! não deixeis que algum Pastor profano
Á minha Tirce o roube: a minha lyra
Nelle deixo pendente de um grilhão
Que o maligno Cupido, na cabana
Da mesma Tirce amada, subtilmente
Me trocou pela minha liberdade.

Nos versos meus, que eu confiei dos troncos,
Deixo a funebre historia dos meus males:
Não consintais que o musgo, o tempo, a sorte
A memoria sepultem do que eu sinto,
Antes que os claros olhos do meu Nume
Derramem, quando os lerem, terno pranto;
E que á memoria da constante Lilia
Pague Amor os extremos que lhe deve.

Ah! possa a mão de Tirce inda algum dia
Ao querido Pastor, ao Pae amado,
Com os dons que lhe restam, de uma filha
Compensar os suspiros que hoje exhala!

Oh! feliz sorte a vossa, triste a minha!
Cordeiros innocentes, que aos desastres
Insensiveis viveis, que da saudade

Não provais a violencia, o golpe amargo;
Não soffreis o poder fero e tyranno
Deste duro farpão, que rasga e peito,
Monstro que a alma devora sem piedade:
Ficai sempre felices, sempre alegres,
Que eu, sem ver os objectos que adorava,
Acabo... oh Ceos!... meus dias... na amargura!...

IDYLLIO

Ao Valle de Chellas.

Comtigo agora falle
A minha dor aguda, oh triste Valle!
Escuta-me, arvoredo,
Claro e placido rio,
Concava rocha, ermo que sombrio
Prestas habitação ao escuro medo:
A ti argúo, pois que em tuas grutas
As magoas despiedadas
Contra mim resolutas
Eu vejo conjuradas:
A ti, onde aprendi a chorar tanto
Que em rios, fontes, se me torna o pranto...

Vi nestas claras aguas,
Junto ás quaes me guiavam minhas magoas,
Vi pela vez primeira no meu rosto
As tristes mostras do fatal desgosto:
Junto daquelle ulmeiro
Exhalei de meus ais o ai primeiro.

Que vos fiz, triste Valle? Como agora,
Menos agreste sendo aos mais Pastores,
Sómente és tão cruel co' esta Pastora?
Se elles cantam de amores, eu de amores
Tambem posso cantar:
(Mas que digo? se amor para meu peito
Sómente dá motivo a suspirar!)

Vamos, de novo geito
Tempere a minha lyra
O doce Amor, que junto a mim suspira:
Mas ah!... que em vão procuro a suavidade
D'amorosa cantiga!
Não ha frase que a dor cruel não siga,
Que não seja de magoa e de saudade.

A ti, que o puro sol nega a luz clara,
Que a formosa manhã se mostra avara;
Tu, que no escuro centro ouves apenas
Dos passaros nocturnos triste canto,
De Pastores afflictos terno pranto,
E de Alcipe infeliz as duras penas:
Por mais suave e manso murmurio
Que formem tuas aguas, por mimosas
Que entre os florentes lirios nasçam rosas,
Tu não és digno, não, valle sombrio,
De que o raio da candida alegria
A luz te dê que te recusa o dia.

Oh Valle! uma igual sorte nos condemna,
Tu a viver nas sombras, eu na pena!
Mas tua natureza
A sorte não altera:
Minha sorte, que alegre bem pudera
Fazer-me um dia, dá-me só tristeza.
Tu, cercam-te esses troncos que criaste;
Vês renascer em cada primavera
Tudo, sem que uma folha o tempo gaste
Que a renovar não torne o que perdera:
Tranquillas murmurando as aguas correm;
Se as flores debeis facilmente morrem,

Um dia novo novas flores traz,
Que adorno do teu campo alegre faz:
Não te assassina a dor que me assassina:
Infeliz eu, ditosa esta campina!...
Eu solitaria e triste vivo aonde
Tudo quanto desejo se me esconde...
O damno, que em meu peito fez abrigo,
Vem sempre, adonde quer que eu vou, comigo.
Bem que a variedade me atormente,
Nem de feliz mudança
O máo fado invejoso me consente
Ao menos passageira uma esperança:
Este meu coração é destinado
Ao tormento de Ticio, e a cada um damno
Renasce por ser d'outro devorado,
De modo, se é possivel, mais tyranno.

Multidões de suspiros de meu peito
Me arranca a dor, com doloroso effeito;
Bem que mil vezes a alma se divida,
Para affligir-me permanece a vida.
Meus olhos, que do pranto estão cançados,
Na tristeza retratam os meus fados;
E entregues á cruel melancolia,
Estremecem de ver a luz do dia.

Oh Valle, oh triste Valle! tu me escuta!
Comtigo viverei: dá-me uma gruta
Tão triste, tão escura, que os Pastores,
As feras, os ligeiros passarinhos,
Cabanas, covas, e os mimosos ninhos
Ponham lá mui distantes na espessura.

IDYLLIO

A Pierio (1), *que depois de uma ausencia dilatada, não chegou quando se esperava.*

Dos sopros de Favonio conduzida,
Já serena, de rosas coroada,
Na campina esmaltada
Nos traz a Primavera doce vida.
Já seu gesto divino,
Sorrindo brandamente,
Está convidando ao prado florecente
O tropel dos Amores infantino.
A doce claridade, o terno pranto
Da que Cephalo chama com ternura,
Recorda ás aves seu antigo canto,
Convida os lavradores á cultura.

Lá vem o claro Delio rutilando,
Entre nuvens purpureas appar'cendo,
As cores espalhando
Sobre o orbe, que as sombras vai perdendo.
Da luz ferida, a noite desmaiada
Foge ao centro dos valles e rochedos;
Cavernosa morada
Entre os negros segredos
Das volumosas penhas
Busca, em quanto o sol doira altas montanhas.

(1) Nome que costumo dar a meu irmão. Este idyllio foi feito no tempo em que elle estava em Coimbra, e nós em Chellas.
(Nota da auctora).

O Inverno pavoroso
Envolto em nuvens densas lá s'esconde,
Em quanto nas cavernas só responde
Á forçosa alegria echo saudoso.
Já se não piza a neve congelada:
Molle relva, de orvalho borrifada,
Presta doce repouso aos lavradores:
Os ternos amadores,
Bemdizendo a estação, contentes vem
Cantando ora o seu mal, ora o seu bem.
Tudo annuncios do bem, tudo respira:
A branda cornemusa, a flauta, a lyra,
No canto pastoril bem moduladas,
Vão ensinando aos ventos
Os brandos sentimentos,
Ora ternas, sensiveis, magoadas,
Na torrente de prata
A ligeira alegria se retrata;
Nos perfumados ares
Se extinguem c'os suspiros os pezares.
No peito sem socego
Palpita o coração alvoroçado,
Porque um doce cuidado
Me transporta ás ribeiras do Mondego.
Do frio centro as Nymphas mais formosas
No azulado pego a fronte alçando,
= Adeos, Pierio meu = lhe vem cantando,
Do suave Pierio saudosas.

Chamado de um desejo

Já te avisto, Pastor, que os passos guias
Ás praias espaçosas onde o Tejo
Chamando-te, Pierio, passa os dias.

Qual bem não provará quem te pondera
Adornando-te os mais competidores
As alvas mãos de palma, a fronte d'hera!...
Lá ficam os Pastores
Junto á fonte, cuja agua é doce pranto,
Recordando teu canto:
Qual se lembra do gesto, da figura,
Qual te inveja a suavissima candura.
Em quanto enternecido,
Instado das saudades mais severas,
Os passos acceleras,
O velho encanecido,
As distantes pinturas
Do nublado futuro divisando,
Te envia doces bençãos, agoirando
De teus dotes celestes mil venturas.

Com que amorosa e terna impaciencia,
De doces esperanças persuadidas,
As que assás tem chorado a tua ausencia
Te esperam, pelas praias entretidas!
Qual vê no verde Tejo encapellada
A onda em que de longe te figura:
Qual na densa espessura,
Em qualquer rude tronco presentindo
Favonio que menêa a espessa rama,
Cuidando que a vereda vens subindo,
=Pierio!...=alvoroçada alegre chama.
Quanto o Fado retarda uma alegria!
Um dia após um dia,
Um instante, seguido de outro instante,
Nos vai pondo o prazer sempre distante!

Estas cantigas ternas modulando
Foi Alcipe, saudades entretendo;
A manhã foi correndo,
Em quanto a escura tarde foi chegando.
Já desciam do monte denegridas
As sombras sobre o valle adonde estava
A saudosa Pastora, que esperava,
Depois de muitas horas consumidas,
Pierio que não vinha... O vento irado
As flores abatia sobre o prado;
Por ver distante o dia
O môcho melancolico gemia;
As aves recolhidas
Apenas percebidas
Podiam ser nos bem tecidos ninhos;
Pelos ermos caminhos
Nem serrano, nem gado já se via:
Tudo envolto em silencio adormecia.

Então do que esperava dissuadida,
Saudosa Alcipe... triste... enternecida,
Sem queixar-se do mal que a magoava,
Para a triste cabana se voltava...

ODES.

ODE

Ás Parcas. (1)

Voai, votos sinceros, votos puros,
Suspiros da minha alma, meus gemidos,
Cercai esses sepulchros horrorosos,
Movei as tristes cinzas.

Ossos mirrados, descarnados membros,
Sombras da morte, lividos semblantes,
Manes errantes sobre tristes bordas,
Escutai meu lamento.

Aonde estais, Supremas Divindades,
Inexoraveis filhas do Destino?...
Sobre altares de rosas concertados
Não faço sacrificios:

Eu não invoco os Numes saudaveis
Que presidem ao claro nascimento
Do mortal que depois cercam desgostos:
Invoco as feias Parcas.

(1) Feita á noite, na jenella do meu quarto, que deitava para um cemiterio, em Chellas.

(Nota da auctora).

Sobre os tumulos tristes, que a memoria
Só conservam de morte, escolho as aras,
E misturados c'o vapor dos mortos
Voam meus ais sentidos.

Pela mãe conduzida desces, Deosa,
Com passos firmes, inflexivel Clotho,
E no fundo da triste natureza
Soa voz poderosa.

Treme o mortal, que nesse rosto pallido
Fixa os olhos, de lagrimas banhados,
E apenas acostuma a fraca vista
A teu medonho aspecto.

Já Lachesis anciosa volta o fuso;
Accumulando dias sobre dias,
Com impeto os sepulta tristemente
No acerbo esquecimento.

Treme a terra; as palpitantes almas,
Das bordas do sepulchro espavoridas,
Quasi d'entre os suspiros que se arrancam
Já dos humanos laços.

As tres irmãs, as voadoras Horas,
Contemporaneas do antigo Tempo,
Incansaveis nos ares se suspendem,
De susto estremecendo.

Perecem os momentos preciosos,
A leve occasião medrosa voa,
E já da luz aos raios vão fugindo
O somno e a noite densa.

N'um escolho quebre as ondas o mar negro,
Rasgue os ares o raio fuzilante,
Rebente em tempestade a nuve' escura,
Que o Sabio não vacilla.

Entre montes de fumo e negro lume
Nos ares vibra o gesto descórado
D'Atropos... e o pallido desmaio
Cobre o mortal semblante.

Sopre o vento com furia desmedida,
Boreas arranque os troncos na espessura,
Em granizos e raios se desfaça
A nuvem tempestuosa:

Turbe-se o ar, vacille o pavimento,
Ao fundo corra a náo, os bens se percam,
Que na fatal boceta inda nos resta
O raio de esperança.

Mas se tu desces, Deosa, de teus golpes
Quem poderá fugir? Qual gruta escura,
Qual segredo da terra nos esconde
Dessa fatal tesoura?

Entre o prazer, nas mezas delicadas,
De myrtos florecentes adornados,
Cuidamos de esconder com a alegria
Da vida o tenue fio:

Cercados dos Amores, mil phalanges
Á tua furia oppomos, defendendo-o;
Resguardam-no mil bens acautelados,
Oh Ceos! que inutilmente!...

Nos Cyprios bosques, nos suaves leitos,
No seio do prazer, sómente um sopro
O levanta, e tu logo apercebida
O fero golpe vibras.

Ali colhes da moribunda boca
O derradeiro, o ultimo suspiro;
Ali te fartas, sim, de sangue humano,
Já meio congelado.

E logo, sacudindo as azas, largas
Sobre o terreno o misero despojo,
Pallido, frio, pasto em poucas horas
Da corrupção faminta.

Tu, suprema Deidade, tu m'escuta,
A ti voam meus votos; não te peço
Que respeites meus dias; 'stou cançada
De lutar c'o desgosto:

Porêm escolhe o instante em que eu respire
Tranquillamente, unida co' a virtude;
Clotho! deixa que a paz sustente um pouco
Esse fero instrumento.

E tu Lachesis, tu, Deosa inhumana,
Que immerges na amargura o fio triste
De meus annos; consente que o que resta
Doure a tranquillidade.

Se applacar-ves consigo, oh Deosas, voto
Equivocar meu ultimo gemido
Com um sorriso brando, a voz extrema
Ser, bemdizendo as Parcas.

ODE

A Amor.

Voleja ardendo em ira
O rapaz que sem vista a todos cega,
Só vingança respira;
Desgrenhado o cabello, afflicto, errante,
O gesto scintillante,
A vista branda e o riso a todos nega.

Aos cumes dos outeiros
Qual setta que do arco disparada
Fere os alvos primeiros,
Tal impaciente o tenro Amor subia,
E no arco que trazia
Fixava com furor a vista irada.

D'ali já pensativo
Volvia as lindas azas descahidas,
E quasi simi-vivo
Com as plumas tocava a terra fria.
Ou nascem de repente, ou murcham logo
As plantas com seu fogo,
E o chão de quando em quando estremecia.

Em fim, soltava o choro:
« Laura (1) Laura tyranna! (Amor bradava)
« Em vão, Fado, te imploro
« Contra um peito de bronze! A nympha crua
« Não vence a força tua,
« Se não póde vencê-la a minha aljava.

(1) Veja-se a nota a pag. 69.

«Sim, pelo Styx eu juro
«Ou fazer que de Amor as leis adore,
«Ou n'algum tronco duro,
«N'uma rocha musgosa convertida,
«Solte a ligeira vida,
«E a sorte d'Anaxarte ou Daphne chore.

«Bellezas subjugadas!
«Vingai o vosso insulto, Amor vingando:
«As plumas prateadas
«De um alvo cysne a Leda não venceram?
«Amores não tiveram
«De Nymphas mil um gracioso bando?»

De novo em fogo ardendo
Inflammam-se as feições. Olhos traidores,
Quanto estais promettendo!...
Ai de ti, Laura! pois para teu damno
A forja de Vulcano
Grilhões trabalha, ferros passadores.

Mil Amores armados
O retiro de Laura senhorêam;
Qual faz doces agrados,
Qual venenosas flores terno off'rece:
Mas ella desconhece
Estes bens de que nunca teve idéa.

«Armas, armas!» exclama
O Deos, que já no carro as pombas tiram:
Scintilla ardente chamma,
As farpas contra Laura voltam todos.
Inefficazes modos!...
Que em torno a Laura inutilmente giram!

Egida poderosa,
Que a benigna razão embraça um dia,
A turba numerosa
Faz desertar dos Genios assustados;
E Laura sem cuidados,
Nos braços da razão, de Amor se ria. (1)

(1) Quem achar uma estrofe errada, que a concerte.
(Nota da auctora).

ODE

A Almeno. (1)

Tu, que branda repousas no meu peito,
Amavel Innocencia,
Tu distingue meu canto, elle interrompa
Os vulgares cantores.
Onde a paz solitaria se retira
D'Almeno soe o nome,
E sorrindo-se a candida amizade
No seu templo o escreva.
Quando a nuve' espantosa aos olhos mostra
As obras de Vulcano,
Que vacilla assustado o pavimento,
Atroados os ares
Por férvida materia que rebenta,
Não me perturbo, Almeno:
O peito onde o destino quebra os tiros
Só recêa o delicto.
Pobre cabana presta doce abrigo
Aos fatigados membros
Pela batalha tacita do tempo:
Mas debaixo dos freixos,
De um já velho carvalho á sombra parda,
Contente as manhãs vejo;
Vejo sorrir-se a fresca Primavera,
Cuja fronte serena,
Inclinando, a florida pompa off'rece

(1) Frei José do Coração de Jesus, traductor d'Ovidio.
(Nota da auctora).

Ao inflammado Estio.
Abre o prodigo seio a terra fertil;
O Deos pae da harmonia
Tambem dos raios seus serve Pomona
Sobre os maduros fructos.
Já de Baccho os sequazes se alvoroçam,
E das curvadas vinhas
Em suave liquor trocam o pezo:
Já nos copos doirados,
Que Amor resguarda com as proprias azas,
Bebem ligeiros sonhos.
Quando volta a estação em que a meus dias
Deram principio as Parcas, (1)
Orion piza de Scorpio a cerviz dura,
E Jupiter chuvoso
Abre o seio das nuvens, rega a terra
Co' as prateadas gotas:
Carrancudo tirita o escuro Inverno,
Despe-se a natureza;
Só debaixo das penhas tosco musgo
Por pasto saboroso
Vai colher com trabalho o gado parco.
Deixo voar os dias,
Estas leis immutaveis contemplando;
De vagas esperanças
Não soffro que meu peito se recreie.
Almeno, se os teus ermos
Te consentem lograr tão doce estado,
Entre austeras memorias,
Que nutre a solidão, lugar consente
Á lembrança de Alcipe;

(1) Em 31 de Outubro.

De Alcipe solitaria que despreza
No centro do seu Valle (1)
A fortuna, a riqueza, a pompa, o mundo;
E só entre cordeiros,
Contente co' as delicias da amizade,
Não quer outros prazeres.

(1) O Valle de Chellas.

(Nota da auctora).

ODE

Á delicia da amizade. (1)

Que m'importa que os loiros da victoria
Cinjam a testa ao vencedor altivo,
No tempo em que aos applausos se misturam
Os gritos dos vencidos?

Que em doirada carroça ostentem gloria
Os validos do Fado, dando preço
Aos pereciveis dons que ora concede
Ora nega a Fortuna?

Que invejamos, Almeno? Qual bem póde
Medir-se co' as delicias da amizade?
Luzir como os momentos que domina
A sã filosophia?

Nestes humildes tectos que habitamos
Mora Virtude e Paz; seu rosto amavel
Não nos mostra o desdem com que se affasta
Dos soberbos palacios.

As suaves Camenas, que só tecem
De loiros immortaes dignas capellas,
Co' as pindaricas folhas nos adornam
As frontes e as cabanas.

(1) Feita nas horas do silencio em Chellas.
(Nota da auctora).

Nas aguas puras onde a sede apago
Vejo a copia dos nossos sentimentos;
Correm sem violencia, claras correm
No sequioso prado.

Tudo me alegra, toda a natureza
É pasto dos meus doces pensamentos;
Comtigo, Young, Horacio, Marcia (1), e Tirce (2)
Habito o Elysio campo.

Oh seres immortaes! no eterno templo
Do divino prazer mais bem s'encontra?
Ou quiz benigno o Ceo que a terra visse
Parte do bem supremo?

Vulgo insensato (3), que seu preço ignoras,
Leva os olhos profanos a outra parte;
Ah! não venhas turbar, não, os prazeres
Dos filhos da amizade.

(1) A irmã da auctora.
(2) D. Thereza de Mello Brayner, Condessa do Vimieiro.
(3) *Odi profanum vulgus, et arceo.*
Horac. L. 3.° Od. 1.ª

ODE

A Alcipe.

Lyra minha, não toques de affrontada;
Vinguemo-nos um dia
Em não soltar a voz ao leve vento.
Invejosos de Almeno,
Que ouvidos insolentes não respeitam,
Nem sequer, seus assumptos?
A vossa formosura, amada Alcipe,
Vossos ricos cabellos,
A testa d'oiro, o collo d'alabastro;
Aquelle olhar tão meigo,
Que Amor não esperdiça, se é mandado
Pela Mãe aleivosa;
Aquelles vivos beiços, côr de sangue,
Que Venus se arrepende
De haver pintado; aonde a graça, o riso
Se prende co' a modestia;
As faces cristalinas, semeadas
De lirios rubicundos,
Que o fraudulento moço está colhendo
Para cobrir as settas,
Deixai, deixai que fujam de meus hymnos;
Entre as mimosas flores
Das palmas que vos teço está latindo
O aspid macilento,
Que póde o lindo gesto inficionar-vos
Da espuma que arreveça.
Mas tu, sagrado Delio, não consintas
Que a Nympha mais formosa

Fique sem ser louvada: tu lhe canta
As triumphadoras odes.
Sê tu o seu Poeta; não recêas
A torpe catadura
Do monstro horrendo, que silvando vibra
A lingua ensanguentada.

Almeno.

ODE

A Alcipe.

Ás Musas consagrado,
Não se tema Diana que lhe roube
As formidaveis settas
Que a fazem ser a Deosa da espessura:
As tuas forças bastam,
Amavel Innocencia, inda que veja
Abrir Numidia o ventre,
E os famintos leões cercar-me em roda.
As inimigas lanças
Quebrando-se no peito, não me abatem:
Louvores canto a Alcipe,
Que armada dentro delle, como Venus,
Defende a sua Chypre
Dos horridos furores de Vulcano;
Não fere a mão vermelha
Os loiros que me pões, oh Nympha bella.
Que a Fortuna me lance
Nos feros braços da torrada Lybia,
Ou nos torpes desertos
Do Caucaso gelado, ou nas correntes
Do furibundo Hydaspe;
Levando-te comigo, os frios ossos,
As aridas entranhas
Recebem só de ouvir-te novo alento;
Serás a Deosa, Alcipe,
Que são me tire lá das crespas ondas.

Almeno.

ODE

A Alcipe.

Pelas rotas entranhas dos penhascos
O esqualido Mineiro
Arrisca escravos, baratêa a vida
Em troco da aurea vêa
Que a Terra cauta nega aos torpes usos
Dos mortaes insensatos,
Qual a prevista mãe nega ao filhinho
O ponteagudo ferro.
Bem anteviram os sagazes Numes
Que a prole de Japeto
Deixaria pelo oiro a Sapiencia:
Junto á Tartarea abobada
Puzeram o oiro, nunca melhor posto,
E á flor dos Ceos e Terra
As Sciencias expondo, expondo as Artes,
Commetteram tenta-los
Com os unicos bens uteis aos homens.
Mas somos baixo lodo,
Propensos sempre á nossa terrea origem:
Poucos á luz celeste,
Que este lodo animou, nos levantamos.
Feliz quem olha, Alcipe,
As causas e a cadêa dos successos,
E como tu, segura
No pedestal constante da Virtude,
Verá os Ceos fender-se,
Afoguear-se o ar, abrir-se a terra,
Sem mudar de semblante.

Graças ao teu saber profundo e vasto,
(De teus Paes grão desvello)
Com que acima dos transes empolados
Impavida boiaste,
E vês de salva praia os naufragantes
No pelago do mundo.

Filinto.

ODE (1).

Espirito inflammado, adonde corres?...
Já Delio fatigado o carro guia;
No dominio azulado de Neptuno
Pyrois (2) apaga a sede.

Com passos largos a tranquilla Noite
Vê das plagas do Ceo a fria terra;
Já desenrola o manto aonde o somno
Envolto repousava.

Já nos lucidos tectos do Universo
A vista do mortal divisa os rostos
Das formosas Pleiades (3); vem Calisto (4)
Do filho acompanhada.

Se sobre a terra volvo a vista fraca,
Teus escuros ministros, Deosa triste,
Noite superna, sinto horrorisar-me;
Mil espectros me seguem.

(1) Feita nas horas do silencio.

(2) *Pyrois*, um dos cavallos do carro do Sol.

(3) Filhas de Pleione e de Atlas, que foram metamorphoseadas em estrellas, e collocadas no peito da constellação do *Tauro*.

(4) Entende-se por este nome a *Ursa maior*, constellação em que foi metamorphoseada Calisto, uma das nymphas da comitiva de Diana.

(Notas da auctora).

Das grutas se lastimam ternos echos,
Que de horror assustados, mais distinctos
Mandam sons aos ouvidos dos humanos,
Com que a alma se estremece.

O esqueleto da morte carcomida
Entre as medrosas sombras se figura,
E o susto poderoso s'estab'lece
No enregelado peito.

Voa, espirito meu, sim, desampara
A negra habitação de tantos males;
Da reflexão suave conduzido
Ao Olympo te transporta.

Não roubes, não, qual Prometheo, a vida,
(Inutil dom quando o não segue a gloria)
Beija o pé de Minerva, e um doce influxo
Só da prudencia pede.

ODE.

Poder do genio e da razão.

Espirito, que rompes leve os ares,
E ou já no seio amavel de Polymnia,
Ou sobre varios mundos Pindos novos
Discorres sem limite:

Vê em torno de ti minhas cadêas,
Em pedaços desfeitos os estorvos,
Objectos de teu riso e teu desprezo,
Bate ligeiro as azas.

Quem póde constranger a idéa humana?
Quem da firme razão quebra o dictame,
Oppondo-lhe distancias, ferros, muros?
Quem nos divide, Agrario? (1)

Aqui onde a materia me circula
E o curto espaço quasi me suffoca, (2),
Fechando os olhos triste ao negro objecto
Que os grilhões me apresentam;

A mente me rodêa a luz de Apollo,
E em cantigas as Musas desenvolvem
Os segredos que Pallas traz recentes
Do cerebro de Jove,

(1) *Agrario*, meu pae, que estava então preso no forte da Junqueira.
(2) Alludo á minha cella no convento de Chellas.
(Notas da auctora).

Pouco importa que os seculos passados
Um Socrates absorto aos Ceos presentem;
Que Platão, meditando a Divindade,
Respire o ar d'Athenas:

Que do frio Danubio as praias honre
Do sabio Alceste (1) o berço venturoso,
Que ou já na sociedade, ou no retiro
Profunde a natureza:

Que Almeno (2) lá nos ermos solitarios
Derrame nos seus numeros suaves
O espirito d'Horacio, imagens lindas
Que as Musas lhe debuxam.

Tece a pura razão aurea cadêa,
E n'um tempo, n'um sitio une gostosa
A Socrates Platão, Alceste, Almeno,
E Alcipe que os estuda.

(1) O Doutor Ignacio Tamagnini.
(2) Frei José do Coração de Jesus.

ODE (1).

Vinguemos-nos um dia; a Daphne versos.
Com ferreo cadeado esconda avaro
O Quintella (2) o thesouro, em vão Pierio (3)
A porta lhe frequente.

Nas estridentes azas, transportada,
Dos ventos agitados, subo ao Pindo;
Nas difficeis montanhas da Thessalia
Vago, cantando alegre.

Encaro com as Musas desgrenhadas,
E das ramas de pudicos loureiros
Um frondente docel me cobre a testa,
Onde as idéas pulam.

Vejo Apollo lavar as loiras tranças
No magestoso Xantho, vejo as Nymphas
Soprarem sobre as mentes dos Homeros
Illiades pomposas.

Os escuros cabellos descahidos
Na frente de Melpomene severa
Quanto mais lindos são que a insulsa pompa
Dos modernos adornos!

(1) Em lugar de colgadura, no dia em que minha irmã completava dezeseis annos. *Daphne* é o nome que lhe poz Filinto Elysio.

(2) Ignacio Pedro Quintella, administrador da Casa d'Alorna.

(3) Meu irmão, que difficilmente obtinha dinheiro do dito administrador.

(Notas da auctora).

Póde a estupida Moda, nume altivo,
Empunhando a tesoura inexoravel,
Ser flagello das sedas, dos volantes,
Pedir-me sacrificios.

Sobre estes verdes musgos e rochedos
Comtigo, Daphne, arranco dos abysmos
A razão vergonhosa, que recêá
Sempre os olhos do vulgo.

Seus dictames nos ornam; lá do Elysio
Os manes de Corinna (1) e Telacila (2),
De Praxila (3) e d'Hypacia (4) se desprendem,
E em torno de nós giram.

Mais candidos mysterios não romperam
Da bella Egeria (5) os beiços sacrosantos,
Quando ensinou a Numa a reger povos
Co' as graças da virtude.

(1) *Corinna*, appellidada a *Musa lyrica*, entrou em certame poetico com Pindaro, a quem levou a palma cinco vezes. Compoz quantidade de poesias, das quaes apenas restam alguns fragmentos, que se podem ver na *Bibliotheca Grega*, de Fabricio.

(2) *Telacila*, mulher illustre d'Argos, no Peloponeso, que livrou sua patria do cerco que lhe puzera Cleomenes, rei de Sparta, e manejava a lyra das Musas tão bem como o arco de Bellona. — Existem fragmentos das suas poesias na collecção intitulada = *Carmina novem Poetarum fœminarum* = impressa em Hamburgo, no anno de 1734 — em 4.°

(3) Praxila, dama de Sicyone, no Peloponeso, cujos talentos poeticos deram motivo a ser collocada no numero das Poetizas lyricas, de quem algumas poesias foram impressas na sobredita collecção de Hamburgo.

(4) *Hypacia*, filha de *Theon*, filosopho e mathematico celebre de Alexandria; teve seu pae por mestre, e excedeo-o no conhecimento das mathematicas, e principalmente na geometria. — Compoz varias obras que não chegaram até nós.

(5) Nympha de extremada belleza, que Diana mudou em fonte. *Numa*, rei dos Romanos, fingia ter conferencias secretas com ella, a fim de dar mais auctoridade ás leis que promulgava.

Que invejamos, se livres nossos genios
Alcançam dons que aos Socrates honraram,
E pelas mãos guiadas das Camenas
Abraçamos Urania?...

Vão as fugazes horas, carregadas
De reflexões, d'estudo, e d'innocencia,
Reconduzir o dia memoravel
Que premêa as fadigas.

Quando o Sol pelo Ceo arrastra o anno,
Do Caçador celeste se despede,
Avistando da casa d'Amalthéa
Obliquamente a terra;

Então, Daphne, teus annos celebramos;
Então, logo que raia a manhã bella,
Ao pé de ti m'enfeito d'amizade,
De paz e de ternura.

ODE. (1)

Que esmaltados festões teceis de flores,
Castas Irmãs de Phebo, sobre o Pindo,
C'um sorriso agradavel saudando
Hoje o nascente dia?

Como alegre das portas do Oriente
Espalha sobre o mundo a claridade
O filho de Latona, o Deos dos versos,
Abrindo ternos hymnos!

Eu vejo cortejar a madrugada
Cada qual das Deidades, sobre o Olympo
As taças esgotando que lhe off'rece
A juvenil Hebéa (2).

Junto á meza, encostado sobre a maça,
Membrudo o Domador de Lerneas Hydras,
Segue co' a vista branda a esposa amada,
Tutelar deste dia.

Tu és, Deosa gentil da mocidade,
És quem protege o fio desta vida,
Em que a virtude amavel sempre novos
Os fructos apresenta.

(1) Aos annos de uma parenta minha.
(Nota da auctora).

(2) A deosa da Mocidade, esposa de Hercules.

Não teve, não, poder cego o Destino,
Mettendo a mão na urna formidavel,
De tirar um tal nome sem respeito
Entre os do escuro vulgo.

Guiada de Calliope sublime
Eu vi Delio escolher-lhe um claro signo;
Prefixar-lhe, ao nascer, hora ditosa,
Bater depois as palmas.

ODE

A Filinto (1) *e a Albano, a respeito dos seus versos.*

Que escuto! a voz de Phebo? em coro as Musas?...
De Filinto e d'Albano os doces versos,
Essas copias da bella natureza,
Que ao Pindo me transportam?...

Albano, em cuja voz as Musas fallam,
Em cujos beiços canta Philomela;
Filinto, que em seu vôo Pindaro alcança
Quando as palmas o adornam.

Cantai, cantai oh Vates, que renovam
Os antigos milagres estas selvas,
E debaixo das folhas destes freixos
As Driades vos ouvem.

Quanto póde a harmonia de tal canto!
Parece que sensiveis estes troncos
Fremem de gosto, e as folhas revolvendo
O fresco orvalho entornam.

Que suave impressão provam as flores!
As corolas abrindo, cheiro exhalam
Tão doce, que nos ares perfumados
Se respira a saude.

A paz desce serena, e se repousa
Na ramagem das arvores frondosas;
Não sopra o vento, nem gemido triste
Rôla sentida sólta.

(1) O Padre Francisco Manoel do Nascimento.

Oh Deosas que inspirais tão claros Vates!
Pasmai, que outro prodigio se descobre:
Vede o aspecto feroz do meu desgosto
Menos medonho um dia.

Nos ignotos segredos de meu peito,
Onde sopra tristeza seu veneno,
Descer vede, guiado das cantigas,
O suavissimo alivio.

Gabe-se embora Orpheo, que as portas abre
Do Averno pavoroso, que suspende
Do Cão trifauce os ladros vigilantes,
Que as Furias adormece:

Vá co' a lyra sonora após a morte,
E da mão sanguinosa arranque a preza;
Ao esfaimado ladrão da vida humana
Roube Euridice cara:

Duas vezes passe a Stygie sem receio;
Vença o barqueiro avaro, que não deixa
De retorno esperança ao viajante
Que já sulcou taes ondas:

Sim, clamores eternos se suspendam,
As aguas parem, o afflicto sequioso
Beber possa a torrente que lhe foge:
Não invejes, Filinto,

Não receies, Albano, que na Thracia
Haja cantor que só tal gloria obtenha;
Se abrandais de meus damnos a dureza
Já fica Orpheo vencido.

Ah! vede do alto assento para baixo
Em menos preço acções que o mundo atroam;
O filho de Crytheis (1) julgar pequenas
As proezas d'Achilles.

Á vista deste monstro, já por terra,
Ensanguentado Alcides mostrar triste
Do Nemeo o despojo formidavel,
Pacifico o Erymantho.

(1) *Crytheis*, mãe de Homero.

ODE

A Albano partindo para o Ultramar, aonde ía exercer um emprego de magistratura.

Reddas incolumem, precor.
Hor. Liv. 1.º Od. 3.ª

Densa nuvem de férvidos perfumes,
Que um fogo puro corta em varias partes,
Vem sustentando o carro, e sombreando
As pombas, e alvos cysnes.

Como anhelantes voam os suspiros,
E os olhos dos mortaes fitam o gesto
Da encantadora Deosa que chamaram
Em coro as altas Musas!

És tu, Dione? Ah! tu vens trazida
Dos votos engraçados com que Albano,
Recordando os prodigios de teu gesto,
Doces hymnos te envia.

Oh magico poder d'estro brilhante!
Oh lyra que commove as mesmas penhas!
Que imagem bella a Paphia assim recordas
Nos arnezes Mavorcios!

Os amadores Genios que te escutam
Vem bocejando co' as pesadas malhas;
Por sustentar a espada se fatigam
Em turba numerosa:

Em quanto o fero Deos, perdendo as forças
A um sorriso da Deosa, cahe por terra,
O bosque treme ao choque de taes membros,
Os passaros s'espantam.

Nós vimos... Mas que entoas, lyra frouxa?
Teus mysterios, oh Deosa, não penetro;
Falla tu, Divindade encantadora,
Responde ao sabio Albano.

As palpebras cançadas estremecem
De tanta luz. A mão nevada erguendo
Um veo da côr que Ovidio só concede
A amantes venturosos;

Por Marte, por Adonis, por Anchises
Jura a Deosa que os frigidos galernos
As azas baixarão; e corte os mares
O lenho afortunado.

Inda julga presente o grande dia
No qual, por causa della, o Deos da guerra
Assusta o sol, na sala do Tonante,
C'os Fados Portuguezes.

Mas tu voltas a vista saudoso?
Filinto!... Ah sim, Filinto te magôa,
Honra das Musas, honra dos Pomares, (1)
Que as Tagides consolem.

(1) Allusão a uma egloga de Filinto.

Corre feliz, Albano: a ornada prôa
Beijarão os Favonios com respeito;
Astréa volverá, após teus passos
Guiando a idade d'oiro.

A impavida virtude o peito te honra,
Comtigo a paz serena irá segura,
Se os Ceos não são de bronze, s'inda escutam
Firmes votos d'Alcipe.

ODE

A Filinto (1).

Já partiria Albano? e as verdes ondas,
Affeitas aos maritimos tisnados,
Deste filho do flavo Deos entregues,
Vaidosas se embravecem?

Quantas vezes as avidas saudades
Colheram de teus olhos terno pranto?
Quantas vezes aos mares, sem acordo,
Pediste o caro amigo?

Ah Filinto, que tristes me retinem
Dos nauticos as vozes clamorosas!
Aqui resôa o golpe que vibraram
Sobre a forçosa amarra.

Quantas vezes choroso, memorando
A patria, volverá suspenso Albano
A vista para os Ceos de novo aspecto,
Que adornam novos signos!

« Ali, (dirá) as filhas de Pleione
« Ornam do Tauro o flanco luminoso;
« Scorpio morde o pé do amante Oríon
« Que as segue cubiçoso.

(1) Para saber se já tinha partido Albano, e pedindo-lhe a restituição de alguns versos meus, para os mostrar á minha Tirce.

(Nota da auctora).

« Se Prometheo ao Caucaso ligado
« De loucas presumpções soffre o castigo,
« O sabio irmão (1), dos orbes firme base,
« O mal não comprehende.

« Jove as filhas escuta, lá do Olympo
« Olha piedoso a timida innocencia:
« A vingança dos Ceos só fere o ingrato
« Que eternas leis despreza. »

Que idéas levantadas lhe consomem
Dentro d'alma as sementes de saudade!
'Té que a vista cançada outra vez fita
No brando gesto á Musa.

Sôltas lindas madeixas descuidadas,
De côr d'ebano, sobre o claro peito,
O rosto mal enxuto, a mão incerta
Nas unisonas cordas;

« Albano! torna em ti (lhe grita a Musa) »
E os versos com que Flaco honrou Virgilio,
Em modulados sons compadecidos,
De novo lhe repete.

« Assim Filinto (diz) colhendo loiros
« Enfeita os simulacros d'amizade,
« E as primeiras emprezas maldiçôa
« Dos terrigenes filhos. »

Mas onde vou, Filinto! a dôr ferina,
Qual elastico pomo, em mim reflecte;
A dôr que despedaça dos amigos
Os corações sensiveis.

(1) Atlas.

Volver a mente afflicta a novo objecto
É difficil no seio da amargura;
Mas a austera razão conduz a idéa
Após o frouxo alivio.

Tu guardas um deposito que eu busco;
Flores não são, sómente relva humilde,
Colhida no escarpado e bipartido
Santo monte dos Vates.

Em quanto á laurea sombra o pranto soltas,
Puro incenso do throno da virtude,
Com Tirce amada (1) soffre que eu alterne.
Minhas pobres cantigas.

(1) D. Thereza de Mello Brayner.

ODE

Em resposta á precedente.

Albano não partio, mas breve parte;
Goza-lo-ha pouco tempo a Lysia terra,
Que alargando chorosa os tristes braços
Prepara as despedidas.

Já pelos altos montes assomadas
As Saudades em bandos esvoaçam;
Já sacodem as azas verdenegras,
Os vôos ensaiando.

Já de Filinto, Alcipe, e Daphne os peitos,
Ameaçados da imminente ausencia,
Estremecem aos ululantes pios
Das assanhadas Furias.

Tu tens, Alcipe, o teu Alceste e Almeno
Com que abrandes os golpes da saudade;
Ai do triste Filinto, se o seu pranto
Lho não enxuga Daphne!

Enxuga, oh Daphne, as lagrimas cançadas
Que abrem nodoas no descórado rosto,
Sejam teus versos lenitivo á chaga
Deste rasgado peito.

Phebo em mim sopra as fortunadas horas
Que elle bebeo da taça dos Destinos;
Está fadado que eu serei ditoso
Só pelas mãos de Daphne.

Começa a condoer-te do meu pranto,
Afugenta este bando famulento
Que me agoiram centenas de desgraças
Quaes nojentas harpias.

Filinto.

ODE.

Loiro Delio! esta lyra que me déste,
Beijando-a com respeito, hoje ta entrego:
Não tem força teus raios luminosos
Para inflammar meu peito.

Se pelas alvas mãos das sabias Musas
De fresco loiro a fronte me adornaste,
Deixa intacta essa pudica ramagem
Que esconde a bella Daphne.

Desce, numen propicio, linda Cypria,
Teu gesto encantador serene os ares,
No carro deleitoso recostada,
Brincando c'os amores:

As leves beatilhas que revelem
Das Cypriades gentís as lindas formas;
A travêssa Euphrosyna solte os risos
Que os ceos e a terra alegram.

Tu, semicapro Deos, de traz dos troncos,
C'o sequito caprino, apenas sintas
Essencias que esparzindo vão amores,
Palpita namorado.

Faça invejas aos Numes minha sorte:
Cypria, desce, ah! descança nestas flores,
Que borrifa da fonte a clara veia;
Deixa os berços de Idalia.

Se em premio de meus ais (votos a Amor),
Com myrtos enredar as tranças posso,
E o seio ornar das flores que de Adonis
Doce memoria guardam;

Deixa, Deosa, que Alcipe no teu peito
Brandamente encostada, de Amor cante;
Teu filho me sustente a doce flauta,
As Graças me respondam.

Retina do meu bem o doce nome,
Faça calar no Valle as aves tristes;
E em quanto rochas, montes o repetem,
Cresça nova harmonia.

Se carrancuda a negra tempestade
De Noto furioso o sôpro manda,
Não pereçam as flores testemunhas
Dos meus ternos amores.

Se Jove com a mão avermelhada
Do reflexo do raio a terra assusta,
O nome do meu bem e os teus sorrisos
As iras lhe desarmem.

Assim sempre em Amath, em Erix, Paphos,
As off'rendas adornem teus altares;
Assim voem suspiros inflammados
De contentes amantes.

Assim sempre mais bella te retratem
Novos Apelles, nesse doce instante
Que das ondas surgiste, e a branca espuma
Te molhava os cabellos.

ODE.

Guardai, Musas, os dons com que me honrastes;
Senão devo cantar o doce assumpto,
Com que á lyra de Sapho invejas déra,
Correi, lagrimas tristes.

D'aqui, morada escura dos pezares,
Verei Delio entre nuvens occultar-se,
E sobre as duras aras de Cybele
Espalhar frio pranto.

Nem já pizando a relva levemente
Em coros, ao clarão da Caria Delia,
Te ouvirei, oh Cyprina, oh Nymphas bellas,
Amor engrandecendo.

De mim fogem os gostos cautelosos;
Nem volvendo a Estação em novos dias
Se extingue no meu peito a fonte amarga
Que assás magôa os olhos.

Do tenro myrto a flor, do loiro a folha
Se côlho, para ornar o bem que adoro,
Com presagio cruel, antes que o veja,
Do Tempo o bafo as murcha.

Lá distante de mim, tu a quem mando
Tantos suspiros, vive afortunado,
Sem que o tyranno aspecto da saudade
Assuste o teu descanço.

Mas se acaso entre as Musas te repousas,
Se a seus hymnos sublimes cada instante
Envias novo assumpto, ah! não te esqueça
O puro amor d'Alcipe.

ELEGIAS.

ELEGIA.

Amaveis solidões, bosques sagrados,
Que nas noites tranquillas livremente
Prestais um doce abrigo aos desgraçados:

De meus olhos a limpida corrente
Deixai-me desatar; suspiros, brados,
Expliquem sem receio o que a alma sente.

Tu, Cynthia, cuja luz fraca e serena
Parece que de Caria reflectira,
Não culpes o que indica a minha pena.

Se em minha alma inflammada Amor delira,
Desculpas deste mal, que um gesto ordena,
As dera Endymião se não dormira.

Males tão novos, males tão tyrannos
Vão consumindo a minha triste vida,
A doce primavera dos meus annos;

Que até tenho a memoria já perdida
Daquelles suavissimos enganos
De que a lembrança me era tão querida.

Aquelles prados vejo que algum dia,
Mesmo apesar da pallida tristeza,
Doiravam mil indicios d'alegria;

Tão agrestes, tão cheios d'aspereza,
Que só inculcam morte; nem já sinto
D'alhêa responder minha firmeza...

Um não sei que de falso lhe presinto
Naquella que fez meus contentamentos,
Que em chamar-lhe o meu bem não sei se minto.

Consequencias fataes de uma saudade!
Que me tem a tal ponto reduzido,
Que nem sei esperar felicidade!

Vou vivendo por modo que duvido
Alguns instantes se serei já morta:
Tal anda com meus males meu sentido.

São isto extravagancias da ventura,
Que chegam a obrigar quem, como eu, passa,
A não saber se está na sepultura.

Mas sou tão costumada co' a desgraça,
Que duvido, se acaso o bem tivera,
Até que o mesmo bem me satisfaça:

Porque Fortuna varia é tão severa,
Que se me vir ao mal habituada
Então me dará bens que eu não quizera.

Falsos bens, falso amor, e falsa gloria,
Tyrannos que illudis quanto imagino,
Ou vinde, ou me fugi já da memoria:

Mas se ordena que eu morra o meu destino,
Dure depois da morte a terna historia
Do que eu soffro por um gesto divino.

Se á Nympha, que de amores se perdeo
Pelo Moço gentil que a desprezava,
Depois da morte a voz se concedeo;

Eu suspiro como ella suspirava,
Eu chóro, e só procuro, justo Ceo,
Testemunhe meu pranto o que eu chorava.

Depois de terminados os meus dias,
Neste valle s'escutem meus gemidos,
Interpretes das minhas agonias.

Os rios de meus olhos, submergidos
Não sejam; respeitai, selvas sombrias,
De mim meus ais, meu pranto divididos.

Basta já. Males meus, para matar-me
Mais nada se precisa que as lembranças
Do quanto vós sabeis atormentar-me:

Mas na perda de minhas esperanças,
Se da Parca depressa encontro o corte,
Na morte contra vós tenho as vinganças,
Pois não podeis vencer-me além da morte.

ELEGIA

Contra as minhas Canções.

Sólta os loiros cabellos pensativa, (1)
Tristissima Elegia; sólta o pranto,
Que tens para chorar magoa excessiva.

Não teças sobre a lyra terno canto;
Tristes ais, tristes vozes, triste accento
Comigo exhala, pois que a voz levanto.

Das Heliades lugubre lamento
Menos funesto escute o triste Pado
Do que oiça o Tejo a voz do meu tormento.

Quem me diria, oh tempo malogrado!
Que havia com horror de ver dispersos
Meus numeros, tecidos com cuidado?

Que a doce melodia dos meus versos
Havia interromper um pranto amargo
Que lavasse os escriptos meus diversos?

Quem dissera que a lyra duro encargo
Que as Musas me puzessem fosse ainda,
E objecto de meu chôro, tempo largo?

(1) Respondo á Critica com a elegia de Ovidio na morte de Tibullo.
(Nota da auctora).

Em vão com seus loureiros Delio brinda
Meu animo contricto, em vão me chama
Alegre sobre o Pindo Erato linda.

Olhando com horror a antiga flamma,
Entre as mãos consternada escondo o rosto,
Que sobre o peito lagrimas derrama:

Mas Amor, observando o meu desgosto,
Amor, que eu já detesto, Amor nefando,
Tambem chorando está a um lado opposto.

D'ali profere: « Alcipe, (soluçando)
« Soffre ao menos que arranque de teu peito
« As farpas que deixaste ir encravando:

« Soffre que eu cure o mal que tenho feito;
« Não quero, Alcipe docil, magoar-te;
« Tu provarás contente o brando effeito. »

Ai, Cupido! quem póde acreditar-te?
Deixa-me, fero Amor, monstro indomavel,
(Lhe torno) que é forçoso abandonar-te.

Essa venda, essa aljava inexoravel,
Que de meus versos foi doce motivo,
Pasto seja do fogo insaciavel.

No seio deste Valle, em quanto eu vivo,
Nunca sôe nas cordas prateadas
Mais que o som que da crua dor derivo.

Fallem roucas, de lagrimas banhadas,
Emmudeçam, se tanto quer a Sorte,
'Té que as horas me ponham fatigadas
Sobre o gelado altar da fria morte.

EPISTOLAS.

OFFRENDA A LIZE (1).

Nunca te desejei tão afinada,
Lyra de oiro, em outro tempo amada.
Os suaves prazeres de algum dia,
Que a mão lançou em branda poesia,
Não podem comparar-se á formosura,
Aos louvores de Lize; á alma pura
Da venturosa Marcia (2), que recrêa
Os ouvidos da Mãe, quando passêa
Alçando a doce voz, que é mais mimosa
Que a voz de Orpheo, na Thracia tão famosa.
Os vossos lindos versos, oh Pastoras,
Enchem d'inveja as Musas mais sonoras.
Cantais com tão pasmosa suavidade,
Que maravilha sois da nossa idade.
Tão raro é vosso som, que o patrio Tejo
A cabeça levanta, com desejo
De ouvir a deleitavel poesia,
A nova, a estrangeira melodia.
Dizei-o vós, Agrario (3) saudoso,
Que tendes sido o assumpto lastimoso
Da triste e amorosa cantilena,
Que respira no ramo de Lorena.

(1) Veja-se a nota que se acha a pag. 69.
(2) A irmã de Lize.
(3) O pae de Lize e Marcia.

As vossas queixas lidas no seu verso
Fazem cobrir de luto o Universo;
A natureza inteira se magôa
Quando a vossa desgraça nelle sôa.
Ninguem vos lança os olhos que não chore,
Que não se compadeça, e não implore
Sobre os vossos destinos a clemencia
Da sabia, da celeste Providencia.
Sendo gentil pastor, estais mudado,
Perdida a côr do rosto delicado.
Nenhum se avantajava ás vossas prendas
Nos bailes, nos outeiros, nas contendas;
Agora mais que todos abatido,
Já não sois por Agrario conhecido.
Não se lembra de vós a nossa aldêa,
De vós, que sois de Apollo a clara vêa,
Que nascestes no seio da innocencia,
Criado pelas Musas, sem violencia.
Quem era mais illustre e respeitado,
Por sangue, por sciencia celebrado?
Mas a todos fallava com doçura,
Como se fossem d'uma igual ventura;
Tinha grandeza meiga e appetecida,
Não d'espinhos cercada e defendida;
A elle os pequeninos se chegavam,
Com elle nos seus males conversavam.
  Oh Pastor innocente, oh doce gloria
Destes montes, em quanto a triste historia
De Agrario não deo causa ao triste pranto!
Que infausta e negra nuvem, com espanto,
Vos rouba a nossos olhos de repente?
A cara esposa dentro d'alma o sente;
A esposa, a nympha mais formosa e bella,

Que brilha e resplandece como estrella.
Só um peito de tigre fôra duro,
Um genio indocil, barbaro, perjuro,
Que amigos e parentes, suspirando,
Todos = Agrario, Agrario = estão chamando.
Queira o Ceo abrandar-se com gemidos,
Que serão nossos votos repetidos;
Sereis feliz, Pastor, se elle propicio
Da nossa magoa acceita o sacrificio;
Ainda vos veremos algum dia
Gozar a santa, a casta companhia,
Rodeado das filhas da Memoria,
Que vos cinjam dos louros da victoria.

Almeno.

EPISTOLA

A Almeno, em resposta ao idyllio antecedente.

Nunca poude esse Deos que o verso inspira
Afinar, sabio Almeno, alguma lyra
Que me deixe impressão qual tu me deixas
Quando escuto da tua as brandas queixas;
Quando louvas meu Pae, e as qualidades,
As prendas que nos enchem de saudades,
Eu sinto d'imitar-te um tal desejo,
Que as torrentes do nosso patrio Tejo
Se me trocam nas aguas d'Hyppocrene.
Talvez que o loiro Delio assim ordene
Para tecer-te em branda lyra d'ouro
Uma c'roa mais bella que a do louro.
Porêm que digo? Phebo não m'ensina;
Mais alto influxo sobre mim domina:
Chóro comtigo, e é doce então meu canto;
Minhas Camenas são teus ais, teu pranto.
Ah! se eu me aproveitara do que inspiram,
Que elevados conceitos se me ouviram!
Mas a turba de affectos que a alma cerca
Faz que a voz de explicar-se a força perca.
Não tem o rude plectro voz sonora;
Mas a falsa mentira aduladora
Não manchará meus beiços: eu adoro
O rosto da verdade; eu me namoro
Da singeleza: assim della attrahida
Detesto as expressões d'alma fingida.
Os vulgares louvores mentirosos,

Que mancham tantos versos sonorosos,
Não te sabe escrever a minha penna:
Não te diz que em suave cantilena
As Pastoras teus versos entoando
Estão echos saudosos consolando,
Estão movendo os troncos, os rochedos;
Que os passarinhos ficam mudos, quedos;
Que esse Deos que preside ao nosso rio
Por ouvi-las lhe applaca o murmurio.
Só te direi, Almeno, que no dia
Que m'escreveste em branda poesia,
Se abrandou de meus males a dureza.
Deixei este lugar, onde a tristeza
Tem comigo funesto domicilio,
E fui ao campo ler o teu idyllio.
Sentei-me ao pé de um tronco, que sobr' elle (1)
Tinha enredado o filho de Semele
A planta que protege; doce abrigo
Achei; Marcia tambem, que era comigo.
Era já noite; em silencio estava
O quieto jardim, e só brincava
Co' as ondas de uma fonte prateada
De Cynthia a imagem tremula e quebrada.
Para ler os teus versos, sabio Almeno,
Me bastava o luar puro e sereno:
Contente os li; sensivel meditando
Nos teus votos, fui terna derramando
Lagrimas doces no papel que lia,
Que a amizade em meu peito as produzia.

(1) Esta epistola tem o merecimento (talvez unico) de ser uma sincera relação do que passei com o idyllio d'Almeno; tudo quanto digo teve lugar na cêrca, onde li o papel á vista de Marcia, debaixo de uma parreira, ao luar.
(Nota da auctora).

A Marcia, que abraçava com ternura,
Mil vezes disse: «Marcia, que ventura
É ver restab'lecida a illustre gloria
Do nosso amado Pae! Esta memoria
Paga os nossos desgostos, se é possivel
Fazer-se a nossa dor menos sensivel.»
Eis-aqui meus sinceros sentimentos,
Sem adornos subtis, sem fingimentos:
Mais não posso dizer-te inutilmente,
Vê procuro explicar o que a alma sente.
Por mais versos que faça, por melhores,
Não cabem nos meus versos teus louvores;
E a lyra, costumada nos pezares
A atroar com gemidos estes ares,
N'um tom afflicto a lamentar saudades,
Degredos, sem razões, adversidades,
Se deixa por um pouco o seu lamento,
Nunca póde, ao ferir o novo accento,
Derramar uma voz tão docemente,
Que á tua corresponda dignamente;
Tomar o tom celeste, o tom divino
Que aprendeste das Musas (imagino)
Quando as Nymphas felizes que escutaram
Suas doces cantigas, as julgaram,
De um sentimento unanime e sincero,
Vencedoras das filhas de Piero.

Lize.

EPISTOLA

A Tirce.

Fugiste de meus olhos, doce amiga!
No sitio acerbo, onde o silencio mora,
Onde a saudade e a dor se não mitiga,
Desconsolada Lilia pena e chora.

Sem paz e sem conforto desfalleço:
O prestigio das sombras que abraçamos
Na dura lei d'ausencia reconheço,
Lei que assás, cara Tirce, não choramos.

Lilia, Lilia fiel, que amor recêa,
Que após outra mais firme divindade,
Julga, pela delicia que a recrêa,
Pequeno o coração para a amizade;

Como póde perder-te?... qual constancia
Póde fazer que soffra com acerto
A incerteza, a mudez de uma distancia,
E o proprio coração que está deserto?...

Os mesmos sentimentos que elle cria
Seguem-te, amiga; eu soffro em solidão:
E á maneira que Tirce se desvia
O alivio desampara o coração.

A dor que hoje me rasga o peito afflicto
É quem fere tambem a fraca lyra;
E os frouxos sons, que terna te repito,
São menos sons do que ais de quem suspira.

Mas tu não ouves, que talvez perdidos,
Como os raios da luz nas cavidades,
Não reflectem meus ais, enfraquecidos
De bater neste valle de saudades.

Escutam-me estas penhas animadas,
Que ás expressões do brando sentimento,
Como sonhos de enferma reputadas, (1)
Insultam, por dobrar o meu tormento.

Aqui a seva mão do Fanatismo
Serve as leis execrandas do meu fado;
Aqui geme o legitimo heroismo,
De uma falsa razão atormentado.

A amizade não é um fogo puro
Que duas almas acordes alumia;
São precauções prudentes do futuro,
Envoltas em presente tyrannia.

Amor, Tirce, não é qual o tu sentes,
Doce clamor da sabia Natureza;
É um rapaz que flechas traz pendentes,
Filho da liberdade e da vileza.

Logo apagam a tocha, se a accenderam,
Divisando mil sustos pavorosos
As mesmas almas nobres que deveram
Ornar de Idalia os fastos numerosos.

(1) Imitação d'Horacio, sem o saber.
(Nota da auctora).

Eu não sei que vapor envenenado
Neste sitio de horror tambem respiro:
Ou deliro... julgando haver pensado?
Ou penso... quando julgo que deliro?

Tanto póde essa lei irrevogavel
Da fera mãe das Parcas agressoras; (1)
Traz dos males a serie inevitavel,
Com que alonga, inda mal, as nossas horas.

Dos males me entretenho e me consolo,
Revolvendo as imagens que me cercam;
Nos versos que animar devêra Apollo
Lanço a dor; ella faz que a graça percam.

Não os lêas, oh Tirce, se magoam
Teu coração, delicia dos mortaes;
Tornem ao valle agreste adonde soam
Ha tres lustros completos os meus ais. (2)

(1) As Parcas, segundo a mythologia, são filhas da Necessidade e do Destino.

(2) Quinze annos e mais de meio de desastres annunciam uma idade avultada. Eu acabo de completar vinte e quatro annos, de que só oito tive o gosto de viver no seio da minha familia. Parece que nesta idade se tem mais alguns direitos á compaixão das almas sensiveis; e como dos bens da vida este é o unico de que tenho esperanças, julguei necessaria esta nota.

(Notas da auctora).

CONVERSAÇÃO ENTRE TRES.

Disse Venus a Juno: «Basta d'iras,
«Já basta, oh Pallas, de crueis contendas;
«As que ambas possuis são grandes prendas:
«Tu dás poderes, tu sciencia inspiras.
«Sem que invejeis a minha formosura,
«Tratemos todas uma paz segura;
«Dêmos as mãos, façamos crua guerra
«Contra Alcipe, que ás tres nos rouba o culto;
«Mettamos forças a vingar o insulto;
«Pereça o altar que lhe ergue toda a terra.»
«É vão, diz Juno a Venus, teu enfado:
«Essa mortal (a Jove o ouvi) já goza
«Culto grande por sabia e por formosa:
«Quem sabe o que inda lhe reserva o Fado?

Filinto.

EPISTOLA.

Resposta d'Alcipe.

Ah! Filinto, que versos magoados
Agora vão nascer, bem tristemente,
De uma lyra cercada de cuidados,
Que inda o Ceo por piedade me consente!

Em meu peito, onde a simples natureza
Erige o doce templo da ternura,
Lança todos os damnos da tristeza,
Qual furia enorme, a seva desventura.

Giram meus ais em torno a um triste leito,
Pallida vejo a Mãe... Oh Ceos, que vista!
Amor geme encostado no meu peito:
E inda Venus cobiça esta conquista?...

Assás vingada está... Oiça o ruido
De meus ferros pesados, meus clamores;
Olhe o gesto do Fado desabrido;
Ha de chorar, e o bando dos Amores.

De outra Arachne que tece fragil têa,
Pelas noites d'inverno, a um fraco lume,
Póde a Deosa que os orbes senhorêa,
Ou a sabia Minerva, ter ciume?

Vê, Filinto, se as moves a piedade,
Pois se pômos dourados eu tivera
Nem Venus só nutrira alta vaidade,
Nem Pergamo soberba se abatera.

Adeos, Filinto, adeos, que já me chama
Em soccorro da Mãe o meu cuidado:
Que pallidez!... Que susto em mim derrama!...
Quem sabe o mais que me reserva o Fado?...

EPISTOLA

A Alcipe.

Tuas queixas, Alcipe, lastimosas,
Que as frigidas Napéas enternecem,
Filhas são mais de entranhas generosas
Que gemidos da dor que ellas padecem.
Cantar a crueldade em branda rima
É mór honra fazer da que merecem
Aos auctores do mal. Teu verso anima
A mesma furia que cruel lamenta.
O silencio no peito a dor reprima,
Ignore Apollo a dor que te atormenta;
Porque não lhe accrescente a vaidade
Estimulos que a façam mais cruenta.
De teus sons á divina suavidade
Ministre assumpto a varia Natureza
Mais digno. Canta o Sol, a actividade
Dos seus raios ardentes que a viveza
De teus esgares rastrear presume:
De Phebe canta a placida belleza,
Retratada no mar ao proprio lume:
Canta a estrella da Deosa que a victoria
Cedera por não ter de ti ciume:
Canta os Marcios troféos, adonde a gloria
Dos Almeidas envolta, só lhe falta
Que a tu mostres ás Filhas da Memoria:
As flores de que Apollo a borda esmalta
Da fonte sacra donde bebe Jove:
A Marcia canta, cujos dons exalta,
Rendida á graça, que os amores move,

A córada Tulipa, a branca Rosa:
Canta a Alcipe; não temas que o reprove
A Deosa da Modestia. Que mimosa
Imagem a Verdade riscaria
De Pandora em Alcipe! Que harmoniosa
Nos beiços lhe soara a Poesia!
Que graças novas á Virtude dera!
Que meigo o Amor nas mãos lhe ficaria!
Nem sejas com as Musas tão severa
Que as desames, dos olhos espantada
Da que assim te persegue horrenda fera:
É filha da ignorancia, alimentada
Das proprias carnes, que c'o negro dente
Raivosa morde, e a espuma envenenada
Em vão te cospe. Phebo não consente
Que te manche: na lyra victoriosa
Quebra os dentes a Inveja inutilmente.
Assovie co' a lingua sanguinosa,
Raive até que arrebente. Á sombra amena
Os beiços trilhe a flauta numerosa,
Abra Alcipe a suave cantilena.

Silvio.

EPISTOLA

A Silvio. (1)

(Em resposta á antecedente.)

Quem me diria, oh Silvio, que moravam
Comtigo as bellas Nymphas do Permesso,
Quando austeras idéas nos privavam
Do prazer de sentir-lhe ou dar-lhe preço?

Ferruginosa a lyra descançavas
Sobre montes de livros moralistas,
E as mimosas Camenas assustavas
Com textos, com sentenças imprevistas.

Então a fraca voz da flauta minha,
Submissa a teu preceito, foi sopita:
Com que passos Saturno em fim caminha!
Que luz á mente traz que a necessita!

Agora teus dictames mais benignos
Não se vestem de ascetica arrogancia;
Com versos, que de Apollo foram dignos,
Mandas que eu cante, e aterras a ignorancia.

(1) Frei Alexandre da Silva, que foi depois Bispo de Malaca.

Convidas-me a invocar a Natureza,
Cantar de Triptolemo a arte divina,
Iniciar a gente Portugueza
Nos mysterios sublimes da Eleusina.

O velho Demogorgon (1) revolvendo
Na escabrosa caverna a crespa fronte,
E com tochas vorazes accendendo
O astro que nos doura o prado e o monte:

No cavo sulco o fertil grão lançado
Pela destra Princeza de Sicilia (2),
Em pingue espiga e pasto em fim tornado,
Com que se alegra a pastoril Palilia: (3)

Bordada a terra pelos dons de Flora,
Pelo amor animada, pouco importa
A esta gente de bronze, essa que implora
A riqueza por quem os mares corta.

Vão affeitos á bellica trombeta
Do Vate que celebra o forte Gama;
Zombam da frouxa voz de outro Poeta
Se contra as leis da força em verso clama.

(1) *Demogorgon* é o Genio da Terra. Vejam-se as Metamorphoses d'Ovidio, e a Theogonia de Hesiodo.

(2) A Deosa Ceres.

(3) *Palilia* ou *Pales*, a Deosa dos pastores, cujas festas eram celebradas na antiga Roma depois das Lupercaes.

(Notas da auctora).

Escapam-lhe os prazeres delicados
Que enredam nossas almas brandamente;
Dos orbes a harmonia, os frescos prados
Pouco ou nada recrêam quem não sente.

Perde Laurencia os dons que tanto présa,
Perde Vertumno a bella variedade,
Perde a voz a sublime Natureza
Onde mora pacifica a Verdade.

Eu perco o tempo, Silvio, se lhe canto
Os preceitos de Phebo, se em voz rouca
Com elles 'té aos astros não levanto
Os insulsos sonetos de Tarouca;

Se moraliso um pouco, se lhe ensino
Que é homogeneo tudo, que não soffre
Contradicções na especie o Author divino;
Que é só polido ou tosco d'alma o cofre:

Que se nutre d'espuma e tenue vento
A vaidade, fantasma delicada
Que ao filosopho deixa só tormento,
Como a nuvem d'Ixion dissipada.

Na materia enterrados, labutando
Nas trevas, que jámais penetra o dia,
Affastam-se de si, vão apagando
A tocha interna, o sol que os allumia.

Perguntam os presados de mais sizo:
= *Alguem vio já mania desta casta?...* =
E commentando os versos c'um sorriso,
Diz Albano = *é mulher, isso lhe basta.* =

D'arrogante ignorancia revestidos
Quantos vi sobre a tripode sentados!
Quantas vezes feriram meus ouvidos
Injurias contra os Vates mais sagrados!

Á mediania doe-lhe ingenho alheio,
Surdo rancor o peito vil lhe assalta,
E em quanto não destroe, por qualquer meio,
Vantagem d'outrem, sente a que lhe falta.

Tu contra a inveja formas debil queixa:
Ah Silvio! teme o monstro, vê que dizes,
Pois se chagas abertas nos não deixa,
Deixa ao menos eternas cicatrizes.

EPISTOLA

A Alceste. (1)

Alceste, sabio Alceste, revolvendo
Rotos papeis, das Musas inspirados,
De entregar-te quaesquer estou tremendo
Não sejam de outros olhos criticados.

Eu fallo em liberdade; uma alma nova
Como a minha, não soffre o vil disfarce:
Que sei eu se o que digo se reprova?
Que sei se deve a Musa limitar-se?

Bem como o bom Despreaux, não me equivóco,
O nome proprio dou á fraude, ao vicio;
A meu favor Verdade, Astréa invoco,
Deidades que dão pouco beneficio.

Como do Olympo os Deoses são fingidos,
Sem que offenda a moral, que firme adoro,
Finjo Dianas, Martes, e Cupidos,
Fallo com elles, finjo que os imploro.

Não soffre a nossa terra esta linguagem;
Paiz onde se queimam feiticeiras
Descobre o mal n'uma innocente imagem,
Como o demonio em casa das primeiras.

Ha ciumes aqui até de Apollo;
Basta que uma mulher com elle falle
Para ter liberdade qualquer tolo
De mandar seja presa até que estale.

(1) O Doutor Ignacio Tamagnini.

EPISTOLA

A uma Freira em Chellas.

Quando em silencio adormecem
Todos os seres mortaes,
Ligeiros á tua cella
Voam saudosos meus ais.

Dize, lêste os versos d'hontem,
Onde insculpio a ternura,
Commovida ao contemplar-te,
Indicios de magoa pura?

Agora que tudo dorme,
Agora que só s'escuta
Da noite o surdo rumor,
Reflexo d'alguma gruta;

Quando toda a natureza,
Envolvida em sombra densa,
Dá liberdade aos suspiros
Que nascem de magoa intensa:

Corre o vago pensamento,
E no pequeno recinto
De uma cella, ahi te encontro
Para explicar-te o que sinto.

Eu te vejo, oh Ceos! que vista!
Aprisionando entre flores
Os corações delicados
De mil captivos amores.

Das perfeitas mãos te nasce
Ora murta, ora alecrim,
Ora imitando teu rosto
Candido e lindo jasmim.

Que idéas ternas te inspiram!
Quando o gosto da leitura
Diminue brandamente
O cargo da desventura!...

Nos discretos caracteres
Vão teus olhos magoados
Ora lendo o seu conforto,
Ora o decreto dos Fados.

Já te lanças brandamente
No seio da paciencia;
Já te recrêa admirar
O aspecto da Providencia.

Eu te sigo suspirando,
E teço então sobre a lyra
Estas cantigas saudosas,
Que o contemplar-te m'inspira.

Se meus versos te consolam,
Sempre a branda sympathia
Conduzirá no silencio
A Musa que teme o dia.

EPISTOLA

De Izabel Clesse, no tempo em que vai a morrer por um crime que não confessa, ou não tem (1); *a seu pae, que fôra o seu denunciante, segundo diz a voz publica.*

Injuriado Pae, que me injurías,
Que fazes terminar meus curtos dias
No seio da ignominia e da desgraça:
Das minhas mãos ás tuas hoje passa
Este funebre, terno, e ultimo escripto,
Que moribunda firmo, e sem delicto:
Não te argúo da pressa com que morro,
Nem já 'gora te peço algum soccorro.

Eu não me queixo, oh Pae, se depuzeste
Contra a vida que mesmo tu me déste:
Uma obra que artista bom comece
Nunca geme se ás mãos delle perece.
Se a honra, que em teu peito brilhar vejo, (2)
Illudida é que excita este desejo,

(1) Canço-me pouco em examinar se a minha opinião sobre o facto que deo assumpto a esta epistola, é a melhor. Sem injuriar os que sentencearam a desgraçada Izabel Clesse, quero, para recreio da minha imaginação, julgar falso o seo crime; seja ou não seja, para mim, e para a Poesia, basta-me que alguem chegasse a duvidar delle. As razões que para isso tenho são sufficientes para me satisfazerem a mim, e ás pessoas que tiverem a paciencia de as examinar como eu.

(Nota da auctora).

(2) *Se a honra*, etc. — A honra é muito distincta daquella que figuram vulgarmente os preoccupados e os ignorantes. As illusões é que sómente produ-

Bem que possa arguir-te, Pae querido,
Não te argúe o meu ultimo gemido.
Só digo nestas ultimas palavras,
Que o punhal que em meu peito hoje tu cravas,
Outro, que a paz possue impunemente,
Ferir podia, menos innocente.
Eu sei... eu sei, ah! com que magoa o digo!
Que tu foste o meu unico inimigo;
Que a deshonra sómente imaginada
Te bastou para que eu fosse accusada.
Contra um pae denunciante ah! quem se atreve
A julgar que o meu crime seja leve?
Com horror todos leem hoje o delicto
Pela tua mão na minha frente escripto:
Em vão ao mundo, ás illudidas gentes
Clamarão minhas vozes innocentes.
Serão mais fracas da innocencia as vozes
Por serem as calumnias mais atrozes;
Mas por ser mais enorme a tyrannia,
A innocencia menor nunca seria.

Meus beiços, de uma cor amortecida,
Onde apenas reside ainda a vida,
Te rogam que procures no teu peito

zem estes phenomenos tristes com que geme a especie humana. Enganam-se muito os paes e os mestres que julgam a proposito os grandes castigos para reprimir os defeitos de seus filhos, ou discipulos: longe de lhes imprimirem o amor da virtude, fazem-se horrorosos, offendendo as leis da natureza, de quem foi author o Ser Supremo. Na virtude é que consiste a felicidade, e a felicidade é incompativel com a tyrannia.

A infeliz que falla nesta epistola, convencida da illusão de seu pae, não o argúe, porque é inutil partido o dos argumentos quando o tomam os desgraçados, que lucram mais soffrendo em silencio, filosophicamente.

(Nota da auctora).

As sementes, senhor, do meu defeito:
Tu me déstes o ser, vê se podia
A virtude gerar a aleivosia?
Vem tu mesmo assistir á scena horrivel
Que preparaste, e dize se é possivel,
Vendo meus olhos, vendo a minha frente,
Jurar que encerram uma alma delinquente?

Lembrem-te aquellas horas tão gostosas
Que adornada por ti de brancas rosas
Fui conduzida áquelle altar sagrado
Com o Esposo, por mim sempre adorado:
Não te lembra o expresso juramento
Que fiz então?... Oh que fatal momento!
O templo, o sacro altar, quando eu jurava,
Nenhum mal dos que soffro annunciava:
Amor, o casto Amor, que conduzia
Os meus passos em tão ditoso dia,
Alegre parecia, e com ternura
Em tudo figurar minha candura:
Cuidei que minha fé pura e sincera
A tocha d'Hymeneo só accendera;
Mas a minha desgraça me declara
Que essa pela de Alecto se trocara.
Não tens visto, senhor, almas culpadas,
Sempre do seu remorso atribuladas,
Ao proferir mentidos juramentos
Vacillarem do templo os pavimentos?
Declarar a sensivel natureza
Que se injuria a santa singeleza?
Dize, quando eu jurei acaso viste
Algum presagio sanguinoso e triste?

Tu sempre derramaste com agrado
Nos meus dias o mais doce cuidado:
Bem me lembram os sabios documentos
Que me déste, aos primeiros movimentos
De uma alma tenra... Ceos! com que saudade
Se me pinta a ditosa mocidade!...
Que hoje termino... Aquelles tenros annos
Que eu passei entre os gostos soberanos
De uma familia honrada, a Deos temente,
De um carinhoso pae, sempre innocente!
Poderia esquecer uns taes cuidados?
Cubrir de affronta os annos teus honrados?
Tu teceste, senhor, aquelles laços
Que hoje dirigem meus funestos passos:
A facha accesa, o nupcial festejo
Transtornou-se em horror, torna-se em pejo:
Finalmente, a illusão vertiginosa
De ti se acclama (oh Ceos!) victoriosa!

Tu me matas, meu Pae!... Quem tal pensara?...
Eu beijo a mão que o golpe me prepara:
Gema o paterno amor, mas quando brilha
A innocencia no peito desta filha.
Já me chama o patibulo funesto:
De meu perdido alento debil resto
Meus passos vacillantes vai guiando,
Meus membros, já sem forças, arrastando.
Eu verei por instantes... triste sorte!
A crua fouce da temida morte
Entregar minha fragil formosura
Á fria terra de uma sepultura:
Os olhos meus, ao pranto costumados,
Para sempre, senhor, vão ser fechados...

Vai completar a morte esses estragos
Que o pranto fez, perdendo eu teus affagos.
Eu não verei jámais o rosto amavel
Da cara mãe!... teu gesto respeitavel,
Os irmãos, os parentes, esse esposo
Que a sorte minha só fez rigoroso:
Perdas incomparaveis! duras penas!
A que oh Fado inhumano me condemnas!... (1)

(1) Para não injuriar a natureza, e o nosso paiz, deve declarar-se que o denunciante de Izabel Clesse não foi seu pae, como correo no tempo em que foi escripta a epistola precedente. Mas para que possa de algum modo conservar-se a verosimilhança, basta saber-se que foi um homem que a tinha educado o proprio que a accusou.

(Nota da auctora).

EPISTOLA

A Filinto.

Apenas soltou Phebo a lyra d'oiro
No teu dia primeiro, e tu Filinto
Viste agitar do vento os seus cabellos
Sobre os despidos montes da Thessalia,
As Deosas engraçadas do Permesso
D'alvos cysnes um bando á terra enviam.
Os prodigios de Delos renovando,
Sete vezes, em torno do teu berço,
Sete vezes o voo remontaram:
Batem nos ares musicas sublimes:
Prenhe de sons, da parte do seu Nume
Co' a septi-corde lyra te prendaram.

Então as cordas d'oiro vendo absorto,
Co' a tenra mão já feres uma ou outra,
'Té que firme, qual novo Orpheo, soltaste
Os poderes immensos da harmonia:
Novos prodigios cada dia surgem.
Se a meiga Venus cantas, sae das ondas
O corpo serenando os Ceos e a Terra;
A espada cae da mão ao rijo Marte;
Os Numes se reveem na bella forma;
E das filhas de Themis leve dança
Festeja em Chypre a Deosa dos Amores.
Se cantas a Virtude, os echos vagam
D'um orbe ao outro, os Ceos todos atroam:
Vê-se o Nume despido, qual meteoro
Que brilhando consola os povos tristes

De quem Delio não fia as luzes gratas;
E os corações auritos se desfazem
Em desejos que a lyra te bafejam.
As Lemniades mansas vem dos pegos
Curiosas mostrar a verde testa:
=É Filinto, é o Vate=n'agua soa,
E a crespa superficie se revolta,
Mandando o gosto espuma aos leves ares.
Hamadrya não ha que não conserve
Teus versos, mutilando os proprios membros
Por entalhar no tronco as canções lindas
Que dos beiços colheste á branda Euterpe.
Deste Valle (1) as Napéas (valle agreste)
Quantas vezes, Filinto, a lyra forçam
Por que diga um louvor digno a teus versos!
O comprido cabello aos ventos solto,
Entrelaçado de frondente louro,
Cinjo a venda sagrada, um veo me cobre
O rosto acceso em chammas apollineas;
Alternadas cantigas sólto e Daphne (2),
Sem que arte ou mestre reja os sons na lyra;
É Phebo mesmo quem m'inspira o canto,
Quem revolve o futuro, quem me brada:
«Honra a Filinto, honra á copia minha»;
E os esforços do Deos que nos possue
Quasi que a alma desprendem de seus laços.
O profetico sopro as bocas soltam,
Agoiro a teu favor mil cousas bellas;
E depois de rasgar os veos da Noite
Com raios que em meus labios lança Apollo,
Pallida, fatigada, oiço em silencio

(1) O Valle de Chellas.
(2) Minha irmã.

As Dryas, que ao luar formam coréas,
E com teu nome as musicas adornam.

Como pagas, Filinto, ao gentil sexo?...
Ah! qu' inda ardentes lagrimas me banham
O rosto descórado pelo susto.
A lyra que cantar devia os Numes,
Canta os erros das Tagides sinceras,
E as grinaldas virentes de assucenas
Com secca mão a satira desfolha!
Ah! Filinto, piedade! Não, não roubes
Em versos immortaes a immortal nuvem
Com que abafa a cautela melindrosa
Do travesso Cupido insanos furtos.
Mas tu, longe de ti, nada m'escutas.
Ao furor da Poesia o peito aberto,
Agitado, arquejando, communicas
O fogo, que te abraza, ao verso altivo:
A torrente d'idéas pullulantes
Dessa mente fecunda, onde combatem,
Donde opprimidas, fervidas se expulsam,
Variadas pinturas da desordem
Prodigamente aos olhos teus presenta.
Do enthusiasmo ardente conduzido
Ergues o panno á scena pavorosa,
E arrazando segredos me recordas
A ousada mão de Cesar derrubando
A floresta dos Mêdos, respeitavel
Ao Druida que a investiga desmaiado.
Dos mysterios que aos Lusos hoje escreves
Desviaram os olhos temerosos
Os Heroes que a Nação inda celebra,
Bem como vendo a selva denegrida

Torcia o raio timido o caminho,
Voava longe o passaro medroso,
E os ventos fugitivos, lá distantes,
Murmuravam temor com surdo sopro.
Applica a tocha Cesar atrevido,
E a chamma que devora o altivo bosque
Mostra, em lugar do Nume, um fero spectro,
Teutates devorando entranhas cruas,
Enroscados dragões que a si se mordem,
Erynnis feias, Scyllas horrorosas,
Cujos bramidos entre a chamma estalam.
Taes verdades no mundo que aproveitam?
Feliz uma illusão quando é suave!
Feliz quem julga a candida innocencia
Batendo as puras azas sobre os tectos
Das Donzellas; quem crê que dos Ceos desce
De nacar puro um carro magestoso,
Onde o pudor com roseas mãos despende
Céstões ás Nymphas, gloria a seus costumes.
Bem como naufrago Ayax se segura
A um penhasco que o mar em torno açoita,
Um gentil bando pega-se ao silencio:
Mas, qual Neptuno fero parte a rocha
C'um golpe do tridente, tu Filinto
Divides esta penha; assim naufraga
A esperança das tristes Portuguezas:
A patria brada, a pudica Ulysséa
Ante meus olhos surge enternecida,
Cercam-na os ais das miseras donzellas:
Qual vaga como Cynthia sem alinho,
A esconder-se no bosque envergonhada;
Toda n'um feixe d'oiro a loira trança
Negligente lhe cae nos hombros alvos:

Qual mostra descórada o lindo rosto
Por onde em fio lagrimas serpêam;
Arguindo c'os olhos cristalinos
A mão que o veo lhe rasga, o Ceo que o soffre.
Purpureos ais das bocas vem rompendo,
Quaes fagulhas que voam vingadoras
A abrazar de Cupido as leves azas:
Em crespo fumo as plumas consumidas
Sobem aos ares; sobem os suspiros;
Férvidas queixas tornam-se em coriscos:
E quem sabe, Filinto, se este fogo,
Colhido pelas aguias lá nos ares,
Virá vingar as Nymphas Lusitanas?

EPISTOLA

A Filinto

A respeito de uma Ode que lhe mandaram fazer, e fez, ao Marquez de Pombal.

Quando será, Filinto, que este canto,
Que m'inspira benigno o Deos do dia,
Não equivoque a magoa com meu pranto,
Seja notado só pela alegria?

Eu não sei; porque a sorte denegrida
Os futuros envolve em noite espessa:
Vai-me a tristeza dando cabo á vida,
Quer a sorte teimosa que eu padeça.

Mente o velho Saturno, se promette
Nas estações diversas dar-me gostos;
A Jano variar-se não compete
Se volta para mim os quatro rostos.

A esperança fallaz quando esvoaça,
As verdes roupas ostentando airosa,
Icarias pennas tem, cae por desgraça,
E perece na queda desditosa.

Nem o canto das lyras alternadas
Que ama Delio, tão pouco o som cadente
De alegre coro d'aves namoradas,
Amansam esta magoa permanente.

Das Camenas em vão orno os altares,
Em vão me banho na Castalia pura;
Nos olhos se me pintam os pezares,
Nos beiços geme a voz da desventura.

Investigando a minha triste historia
Tu mesmo, oh Santo Phebo! tu te espantas,
Recommendando ás Musas a memoria
Quando lustroso caes, ou te levantas.

Não te esqueça, Filinto, o acerbo caso...
Lateja-me no peito um fogo intenso,
Se esperdiças as joias do Parnaso,
Dando ao tyranno o teu sublime incenso.

Bem sei que as Musas quando vão comtigo
Em captiveiro, afflictas, algemadas,
É por salvar-te só d'extremo p'rigo
Que soffrem ver-se assim tão degradadas.

Porêm tu, que és por ellas escolhido
Para em verso divino honrar verdades,
Recêa que o futuro espavorido
Te accuse d'infiel ás divindades.

A fortuna usurpada é que hoje toma
Direitos qne á innocencia o Ceo concede:
A fraude, a crua fraude afoita doma
Almas a quem justiça a razão pede.

Assim, qual nova Eumenide, a impostura,
Cruelmente de um fero açoite armada,
Desta terra infeliz toda a ventura
Fez voar, contra os Ceos arremeçada.

A meus olhos se mostra escassamente
Se com elles segui-la ao menos quero;
Bem como volejava em torno á mente
Um vago e lindo sonho ao cego Homero.

Os prazeres em bando fugitivos
Temem que os siga a magoa ponteaguda,
Pois da virtude a graça, os attractivos,
Em luctuosa dor a força muda.

Comtudo a Jove, que almas só conhece,
Que enche o vasto Universo e nos domina,
Apella Alcipe, e nunca desfallece:
A Jove unicamente a fronte inclina.

Não são novas as sortes desastradas:
Verei cair sem pasmo o mundo inteiro:
Ha longo tempo as terras assoladas
Maldiçoam a espada do guerreiro:

Ha longo tempo o fanatismo astuto
Assassinios reciprocos prepara;
E sem dó traga o coração corrupto
A verdade que o Ceo lhe confiara.

Lançando os olhos pelo vasto mundo,
Coberto de catastrophes e damnos,
Das proprias penas perco o horror profundo,
E reparto meus ais entre os humanos.

Se um Socrates, que a morte despedaça,
Vejo acabar, sem que a virtude valha,
Ao ler que esgota a venenosa taça
O mortal gelo sobre mim se espalha.

Tremo de raiva quando um vil tyranno
Rasga a vêa em que pulsa o sangue nobre
De um Seneca infeliz, ou de um Lucano,
Que injusta e prematura morte encobre.

Então chagas abertas no meu peito
Se exacerbam c'os casos atrazados:
Quantas vezes de Astréa o são direito
Argúe a meu favor iniquos fados?

Mas se um Vate sublime, revolvendo
Da escura antiguidade os casos varios,
Em Socrates Anitos convertendo,
Chama a Sejanos, Solons, Belisarios:

Que fructo tira o justo quando grita?
A cadêa dos erros dilatada,
Fabricada por homens, necessita
Ser por forças de um Deos despedaçada.

POESIAS

DE

ALCIPE

DEPOIS DE TER SAIDO

DO

MOSTEIRO DE CHELLAS.

SONETOS.

SONETO.

Da minha alma ditosa faculdade,
Meu thesouro, adorada Fantasia,
Que animada das graças da alegria
Tiras da mão as armas á saudade:

És tu quem de meus damnos tem piedade;
Tu me pagas de noite o horror do dia;
Tu me levas a ver Cintra sombria,
Dando-me em sonhos doce liberdade.

Igualmente me entregas á ventura,
Ou quando da harmonia a lyra empregas,
Ou quando os pinceis roubas á Pintura:

Mas só de todo os males meus socegas
Mostrando-me a lindissima figura
Com que de amor meus ternos olhos cegas.

SONETO.

Não vejo, não respiro, escuto, ou penso,
Sinto só; quem não sente não m'entende:
Um receio fatal a voz me prende,
Pelas veias me corre um fogo intenso.

Ao meu fogo se oppõe um gelo immenso,
E quanto mais a chamma em mim se accende,
Mais o gelo gelar-me em vão pretende,
Mais luto contra amor, e menos venço.

Dize, inconstante, dize, não te custa
A desamar o que algum dia amaste?
Ou fui, quando te amei, acaso injusta?

Se das rochas de Cintra, onde juraste
Eterna fé, o aspecto não te assusta,
Tira dellas a chamma que apagaste.

SONETO.

Alcandro, que me fez mil juramentos,
Zombou de si, dos Ceos, e da Verdade:
Se Jove não castiga esta impiedade
Que m'importam a mim seus fingimentos?

Não cuidei que mentia; alguns momentos
Assustou no meu peito a liberdade:
Mas a sombra que tem co' a realidade?
Fingido amor, chimericos tormentos!

Não t'eclipses, Alcandro vacillante;
Se o pouco que m'importas tu souberas
Virias cortejar-me a todo o instante.

Não se engana quem soube amar deveras;
Não crê de leve um novo e falso amante,
Nem chora um só minuto por chimeras.

SONETO.

Pensamento importuno, que me queres?...
Vens nas trevas da noite inquietar-me;
Abre-se o dia, vens atormentar-me,
E qual furia atacar os meus prazeres.

Bem sei que hasde matar-me se puderes;
Não tem poder a morte de assustar-me:
Mata pois; isso quero; hei-de alegrar-me
Se morrendo te impeço de venceres.

Mas quando tu me vires arquejando,
Pallido o rosto, a mão desfallecida,
Vai-te então, vai-te ao menos dissipando.

Eu não quero na praia desabrida
Do pallido Acheronte ir memorando
O assumpto que me mata, e te dá vida.

SONETO.

Que procurais de mim, tristes cuidados?
Deixai-me ao menos livre o pensamento,
Que parece sobeja a meu tormento
Na dureza dos males já passados.

Suspenda-se o martyrio, duros fados,
Receba o peito afflicto algum alento:
Mas que digo?... Da sorte me contento,
Quando sejam meus males triplicados.

Um triste peito alivio em vão procura,
Em vão busca dos males a distancia
Quando o persegue a sorte sempre dura.

Oh sorte iniqua! satisfaz a ancia,
Rouba-me o bem, rouba-me a ventura,
Que nunca roubarás minha constancia.

SONETO.

Idéas minhas, multidão de idéas
Que algum dia da citara fiava,
Vinde, trazei-me as horas que eu passava
Ao som de menos rispidas cadêas.

Bem que tristes, de paz as horas chêas,
Saturno no seu cofre as sepultava,
No feliz tempo em qu' inda eu ignorava
Que haviam para mim outras mais fêas.

Ide colher aos ermos tenebrosos
Os ais que lá deixei menos sentidos,
Para modelo destes tão queixosos:

Talvez que esses antigos meus gemidos,
Com que eu domava os monstros furiosos,
Hoje abrandem meus fados desabridos.

SONETO.

Por triste que da vida o termo avisto,
Distante cada flor com que era ornada
De meus annos a fresca madrugada,
Ao poder d'harmonia não resisto.

Luto co' as penas, o pezar conquisto,
E co' a face de lagrimas banhada
Vou procurar na citara empenada
Sons com que aplaque ou vença o rigor disto.

Sei que o prazer, qual fragil planta, dura,
Que o progresso do tempo traz mudanças,
E que a alegria é sempre mal segura:

Troco assumptos ditosos por lembranças;
Basta a meus hymnos gloria sem ventura,
Honra, virtude, e murchas esperanças.

SONETO (1).

Saudade.

Altas serras, que a vista frouxa alcança,
Onde o Cahos antigo inda hoje mora;
Nunca o tempo co' a esponja apagadora
Lavará da minha alma tua lembrança.

Nenhuns traços alegres da esperança!
Nenhuns sitios que afague a mão cultora!
Tudo da vida a luz activa ignora,
Tudo na morte tacito descança!

As palavras expiram-me na boca;
Quer desatar-me quasi da existencia
Um ethereo ambiente que suffoca:

Tal da saudade a asperrima violencia
Uma Tempe ditosa em horror troca,
De taes cores a tinge a triste ausencia.

(1) Na serra de Monte-junto.
(Nota da auctora).

SONETO.

Como se passa o dia.

Vai a fresca manhã alvorecendo,
Vão nos bosques as aves acordando,
Vai-se o Sol mansamente levantando,
E o mundo á vista delle renascendo:

Veio a noite os objectos desfazendo,
E nas sombras foi todos sepultando;
Eu desperta, o meu fado lamentando,
Fui co' a ausencia da luz esmorecendo.

Neste espaço, em que dorme a natureza,
Porque vigio assim tão cruelmente?
Porque me abafa o peso da tristeza?

Ah! que as magoas que soffre o descontente,
As mais dellas, são falta de firmeza:
Torna a alentar-me, oh Sol resplandecente!

SONETO

Ao tempo.

Tempo, que a mão benigna pões nas chagas
Que a saudade me abrio cruelmente;
Tu, que do espinho a dor suavemente
Vais tirando, e seu ferreo effeito apagas:

Em ti sómente espero, tu me affagas;
E quando enxuta houveres a torrente
Do inutil pranto que sae d'alma ardente,
Em vão buscada a paz talvez me tragas.

Os olhos voltarei para o passado,
E sorrindo verei chegar das lidas
O pacifico termo desejado:

Bem como á tarde as aves distraidas,
Esquecendo um chuveiro dissipado,
Cantam co' as plumas inda humedecidas.

SONETO.

JÁ diviso no campo as lindas flores,
Já Phebo vem doirando os altos montes,
Já brilham prateadas claras fontes,
E brincam pelo prado mil amores:

Cobre Cynthia seus fracos resplendores
Com a purpurea cor dos horizontes:
É tempo, Amor, que os males meus descontes,
Abre os olhos de Clisio, olhos traidores.

Porque dormes, ingrato? Acaso ignoras
Que Lilia, que te adora, te vigia,
E quer fartar de amor todas as horas?

Abre os olhos, meu bem, já rompe o dia;
Tens junto do teu peito a quem adoras,
E eu só se não amasse dormiria.

SONETO

Á morte de Leandro.

Pelo Deos dos Amores inspirado,
E de ardentes desejos conduzido,
Atravessa Leandro o mar de Abydo,
Buscando ver o rosto suspirado.

Já se cobre de horror o mar salgado,
Vem o trovão do raio precedido;
Mas pouco teme quem já foi vencido
Por aquelle feroz menino alado.

Correndo sobre as vagas espumantes,
As forças que no peito amor lhe cria
Anullam mar e ventos arrogantes:

Hero, que attenta lá da torre ouvia
Os echos nos penedos retumbantes,
A voz extrema ouvio da boca fria. (1)

(1) Verso de Camões — Lusiadas, Canto 3.°, estancia 133.

IDYLLIO.

IDYLLIO.

Daphne.

Vi sobre as margens de um rio
Vir Daphne, linda pastora,
Mais bella que a estrella d'alva,
Mais engraçada que a aurora.

Levantou co' a mão mimosa
A borda do seu vestido;
Descalçou os pés de neve,
E entrou n'agua com sentido.

Abaixou-se, e foi banhando
Co' a mão direita o seu rosto,
Onde as Graças generosas
Seus thesouros tinham posto.

Em quanto a mão gotejava
Parou; e como paravam
As aguas tambem, foi vendo
Que fieis a retratavam.

Sorrio, vendo-se tão linda;
Mas eu então suspirei...
Tão estudado atavio
Para quem será? — não sei...

Tornou a mirar-se na agua,
E dando um leve tregeito,
O ramalhete de flores
Na agua lhe caio, do peito.

Veio nadando, apanhei-o:
Feliz queda! feliz banho!
Dei-lhe mil beijos, e agora
Não o dou por um rebanho.

Seu doce cheiro conforta,
Encantam-me as suas cores;
Nenhumas na Primavera
O prado adornam melhores.

N'um vaso, premio do canto
Que eu ganhei contra Dametas,
O puz; vê-se ali gravado
Amor aguçando as settas.

Duas rolas carinhosas
Compoem a corte de amor;
Porêm o Deos ameaça
Os corações com rigor.

Ha dois dias que possuo
O encantador ramalhete;
Estremeço quando penso
Que mal póde durar sete.

No dia o régo tres vezes,
Á noite o ponho ao sereno;
Porêm flores pouco duram
Fóra do proprio terreno.

Ai de mim!... as flores murcham:
As que alcancei vão murchando;
Já descoram, já não cheiram,
Vão-se todas desfolhando...

Em vão busco na esperança
Soccorro que me conforte:
Cruel Amor! será isto
Presagio da minha sorte?...

CANÇÃO.

CANÇÃO.

Ciumes.

De teus golpes cuidei que as pisaduras
Sómente o teu deleite recordassem;
Tantas lagrimas, tantas amarguras,
Cuidei, severo Amor, que te bastassem:
Eis que os ares rasgando,
Entre a accesa cohorte das saudades,
Vens armado de novas crueldades,
Que em meu coração vais exp'rimentando.

Nas primicias da vida, nessa idade
Em que um vago sentir me denotava
Teu poder, fero Deos, já co' a vontade
A impotente razão se disputava:
Dos ares perfumados,
Do argentino cristal das frescas fontes
Me aturdiam reclamos namorados,
Me fallavam de Amor valles e montes.

Bastava a luz, bastava-me o ar ligeiro,
Um gorgeio das aves deleitoso,
O surdo murmurar de algum ribeiro,
A escuridão de um valle cavernoso,
Para a prompta memoria
Me recordar de Clicie, ou de Arethusa,
De mil ternos amantes larga historia,
E ficar pelo exemplo a alma confusa.

Neste estado bradou-me Amor tão alto,
Que a gloria de vencer julguei pequena,
E o gosto de ceder ao doce assalto
Inaccessivel sempre á menor pena:
Bebi da doce taça
Que continha teus filtros venenosos...
O prazer foi sómente uma negaça,
Amor! e teus favores cavilosos.

Na torrente de um fogo azul, espesso,
Que vermelhos relampagos rompiam,
Os enganos não vi, que os não conheço,
Não percebi que afoitos te seguiam;
Se um verdugo, uma harpia,
O Ciume, meu peito já roendo,
Me não mostrasse, rindo, a aleivosia
Que ingenuos corações 'stava mordendo.

Á luz sulfurea e pallida da tocha,
Com que o monstro feroz me allumiava,
Vi da triste Medéa a face roxa,
Que os torvos olhos contra o Ceo voltava:
Hecate macilenta,
Que o espirito de Dido amedrentado
Ás sombras dos ingratos apresenta,
Para mais increpar-lhe o seu peccado.

Do Averno as bronzeas portas se me abriram,
E turbilhões de amantes enganados
As eternas abobadas feriram,
Explicando o seu mal com feros brados:
Qual de Sysipho chora
Não ter em troca a pena; qual sem tino
As furias inquietas chama, implora,
E em vão pretende o fim do seu destino...

Mas qual Boreas, que altivo se levanta,
Troncos abate, messes arruina,
Derruba capiteis, povos espanta,
E envolve em pó os campos que amotina:
Assim varreo agora
Este grupo d'imagens desastradas
A suspeita feroz que me devora...
Cruel Amor!... Suspeitas desgraçadas!...

Vai sobre as azas desse monstro infame,
Vai, Canção, assustar a quem adoro;
De remorsos crueis férvido enxame
Vingue nelle estas lagrimas que choro.

EPISTOLA.

EPISTOLA

Á Virtude.

(Fragmento.)

Deidade do infeliz! Nume supremo!
Suberba a Lyra atreve-se a invocar-te:
Tu és quem doma a furia ao mal extremo,
Quem c'os tristes mortaes a paz reparte.

Só tu és quem da vida altêa o preço,
Oh Virtude! Com tuas mãos graciosas
Agrilhoas das penas o excesso,
Enxugas branda as palpebras chorosas.

Que vigor não diffundes, Deosa amavel,
Nas almas nobres que teu fogo accende!
De Venus seductora ou Pluto affavel
É teu doce calor quem nos defende.

Oh Deosa, oh pura essencia, tu animas
Mais que nunca o mortal desfallecido,
Quando rigida e firme acaso intimas
Da gloria este preceito desabrido:

« Despedaça as cadêas preciosas,
« Mortal, ouve a razão branda ou severa;
« Arranca o coração das mãos mimosas
« Do alegre e lindo Numen de Cythera. »

Então nesse deserto, e vacuo immenso,
Em que a alma afflicta vaga desolada,
O coração revoa no horror denso,
Qual ave em largo pego sem pousada.

Então, Virtude magica, te empenhas,
Tua mão bemfeitora derramando
Pelas profundas chagas das entranhas
Um balsamo que as vai regenerando.

Sereno o coração, como um bom dia,
Na mudez das paixões se applaude a si;
E o homem, qu' inda assusta o que sentia,
C'um sorriso modesto diz = Venci.

Não venhas, cego Amor, co' a facha accesa
A mostrar-lhe, no estrago de seu peito,
Que arrancando teus dardos sem destreza
Trouxe porções do coração desfeito:

O espirito viril já não vacilla;
Nem da esteril saudade a dor aguda,
Qual em mar procelloso brava Scylla,
A nobre estrada de seus passos muda.

ODES

IMITADAS DO ALLEMÃO.

ODE

Imitada de Hœrder.

Deos.

Tu, de quem me convence o sentimento!
Tu, que existes, ó Deos, na eternidade!
Se pertendo abranger-te, o pensamento
Absorve-me o teu mar d'infinidade.
Unico Sêr, que os orbes senhorêas,
Se comtudo a pensar em ti me atrevo,
É nas azas de um sonho que m'elevo,
Acho n'alma confusas as idéas:
Mas da tua existencia a fé segura
Levanta-me do pó a immensa altura.

Tu que já existias muito antes
Que Orionte (1) a teus olhos parecesse
Como meros argueiros scintillantes,
Que um sopro teu d'um golpe desvanece;
Tu, que os astros dispersas como a neve...
A dar-te um nome a mente não se atreve.
Que nome te darei? Dize-me, aonde
A medida acharei que corresponde
A tanta altura, a tanta immensidade?
Suspensa, ou nos abysmos despenhada,

(1) A constellação do Orion, uma das maiores do hemispherio boreal.

Vou do mundo tocar a extremidade,
Sobre as azas da luz equilibrada.

Vós que sois? vós, ó mundos chammejantes?
Talvez apenas atomos que ondeam,
Que vagam pelo sangue escandecido
Deste Universo, que outros mil rodeam;
Que em lúdricas contendas lá distantes
Se disputam no espaço desmedido:
Bem como, seu destino completando,
Tendo mil sensações imperceptiveis,
Exercitos de mundos invisiveis
Nas minhas proprias vêas vão lutando.

Onde estou eu? Ó tu, que do alto brilhas,
Dissipa-me a mortal debilidade:
Em torno a mim circula a immensidade,
Em mim contenho immensas maravilhas.

Ó tu, de quem um simples pensamento
Que trasborda dos proprios resplendores,
Da plenidão dos orbes é o portento,
Tu me ensina com que arte assim prendeste
Os fusis da cadêa interminavel
Que liga o terreo sêr ao sêr celeste.

Dessa Arvore da Vida formidavel
O cimo chega onde cessa o espaço,
E as raizes, afoitas profundando,
Vão mais longe que angelicas idéas:
Dize quem a plantou? Dize, qual braço,
Constantemente as folhas renovando,
Lh' infunde a seiva pelas largas vêas?

Tu, meu Canto, rebate o vôo altivo;
Cala, emmudece. O coração desperta,
Nelle fermenta incendio inda mais vivo,
Mais suave oblação, mais digna offerta.
Desperta, coração; solta os teus brados:
Tambem Deos te creou, como os mais entes,
No seio dos prodigios alternados;
Tocam-lhe a elle os votos teus ardentes:
(Só a errada vontade é que fluctua
Nas ondas empoladas do incerto)
Tu vês o Ceo, que narra a gloria sua,
As leis profundas, onde é tudo acerto:
Como auctor do teu bem submisso o adora,
Qual filho enternecido um Pae implora.

ODE. (1)

A instabilidade.

São breves nimiamente os nossos dias,
Curto é o termo fatal que nos illude
Co' a doirada esperança!
Repara como Phebo despedido
Vem lá desde o nascente, vem rolando,
E o quebrantado Tempo
Com seu magico sceptro acena e chama
A escura noite com que fecha o dia:
Em crepes denegridos
N'um ponto envolve a scena variada.
Amigo, assim da vida a densa noite,
Assim tambem se apressa.
Ninguem revoga o dia moribundo;
Nem atear a luz quasi expirante
As Divindades podem:
Nem a corrente arêa do clypsidro,
Nem o vôo das horas aquiligeras
Ousada mão suspende.
Gira a palida morte distrahida
No circulo prescripto, e mansamente
No peito s'insinua;
Da fugitiva idade gasta as forças;
Vence; e traz após si o esquecimento,
Que abre a Eternidade,

(1) No autographo da auctora acha-se esta peça titulada assim: *Ode de D.., — A instabilidade — Traduzida do allemão. — Ao Conde de Donhoff.*

Que apaga pouco a pouco os monumentos,
De polo a polo extingue os grandes nomes,
Extingue a pompa humana.
Já nas ermas ruinas dos palacios
Apenas se ouvem lugubres gemidos
Das agoureiras aves:
Por entre as columnatas devastadas,
De venenosas serpes assobia
Mortifera ninhada.
Nas ardentes arêas, que não trilha
Humano pé, de sangue sequioso
Feroz a presa segue,
Os desertos atroa com rugidos
O comado leão, e o leopardo.
Lá foi Memphis um dia!...
Lá Babylon, Corintho a magestosa!...
O alcantilado alcaçar foi dos Persas,
Que o mundo dominaram!...
Lá Carthago surgio, altiva e fera,
D'entre as salgadas ondas, como o cedro
Que ás nuvens se levanta,
Que contra os ceos s'eleva d'entre arbustos,
Até que a furibunda tempestade
Os troncos lhe desfolhe;
Té que o raio atrevido o desarreigue,
E por terra o derrube sem remedio
A rubra mão de Jove.
Assim passareis vós!... Tu, alta Roma,
Tu, na fertil Ausonia dominante!...
Tu, centro de prazeres,
Lutecia corrompida e tormentosa!...
Tu, que dois mares reges atrevida;
E tu, cara Lisboa,

Do Atlantico mar dominadora!...
Já debaixo de ti tremeo o abysmo,
Mugio, abrio-se a terra:
Os insepultos corpos, as ruinas
Dos templos, dos palacios derrubados,
Varreo vaga espumante.
Mas qu'importa? marmoreos edificios
Das cinzas nascem: vê que inda sujeita
A ultima das ondas
Do suberbo Oceano te obedece;
Off'rece-te os tributos preciosos
D'aromas e de oiro:
No mais puro cristal nectareos vinhos
Augmentam do festim embriagado
A Bacchica alegria:
As citaras, as flautas, concordando
Com as magicas vozes dos cantores,
Que respiram deleite,
Rompem pelos salões illuminados,
Zunindo em coros, encantando as gentes.
Tremei, ó descuidados!
Assim prepara a surda calmaria
As iradas borrascas que ameaçam...
Os desastres fermentam,
Até que o grande Jupiter acene,
E do alto do Olympo trovejando
Aos temerarios falle:
Té que um fogo sombrio e devorante,
Qual raivoso vulcão, sobre os viventes
Em turbilhões se arroje.

IMITAÇÃO

DO

PRIMEIRO CANTO

DAS

SOLIDÕES DE CRONEGK.

POEMA (1)

DEDICADO Á MEMORIA DE MINHA IRMÃ

D. MARIA D'ALMEIDA,

CONDESSA DA RIBEIRA.

Solitario retiro, onde emmudece
Com seriedade austera a Natureza!
Campos desertos, onde só habita
A tristeza envolvida em sombras densas!
Horrorosos penhascos!... Escondei-me
No vosso frio centro ao mundo inteiro.
Desconsolado o espirito procura,
Suspirando, uma paz que não alcança:
O mundo... o coração... tudo é deserto...
Tudo está como o tumulo calado...
Ó tu, que podes n'alma introduzir-me
Com teus magicos sons algum socego;
Ó lyra! que cantavas n'outro tempo
Da adolescencia as magoas fugitivas;
Derrama ternas queixas pelas selvas.

(1) Imitação livre do 1.º canto das *Solidões* do barão de Cronegk. Este poeta, que pela suave melancolia de seus versos é intitulado o Young Allemão, tinha devido a melhor parte da sua educação ao desvelado amor de sua mãe, que a morte lhe roubou em 1757. Ficando inconsolavel desta perda, á qual sobreviveo sómente um anno, fallecendo na idade de vinte e seis, procurou desafogar a sua dôr nos magoados queixumes deste poema, que foi o ultimo de seus cantos, consagrado á memoria da dita sua mãe, que sempre amara ternamente. Delle ficaram algumas outras producções d'estilo semelhante, como as *Despedidas da Cidade*, *a Pintura do Mundo*, etc., que se acham todas n'uma collecção publicada por Mr. Utz, seu amigo.

Envolta em pó, t'esqueces da harmonia!...
Tu, da Luz immortal doce faisca,
Tu encobre-me, ó Sol, teus tristes raios,
Que mais convem as sombras aos desertos.
Mas que altiva figura vagarosa
Vem do monte descendo, bella e triste?...
Traz cingida de lugubres cyprestes
A pensativa frente... os olhos baços!...
Menêa o vento leve os seus cabellos...
A claridade olympica a rodêa...
Os desertos adorna com seus passos...
Assim são os celestes paranymphos,
Assim foi Marcia (1)... Reconheço a Musa
Que os ternos corações que a dor isóla
A consolar destina o Ceo benigno:
Não qual dictou d'Ovidio as molles queixas,
Qual gemeo com Tibullo em sons maviosos;
Mas a Musa severa que inspirava
Ao britanico Young immortaes Noites.
Vem, ó Musa inflammar-me!... Ai de mim!... foges?
Suavissima illusão! outra vez torna...
Tudo são ermos tristes... Só me vejo!...
A Musa dissipou-se!... E poderia
A Musa consolar em tantas magoas
A quem a Sapiencia não consola?...
Terrena Sapiencia! onde é que moras?
A tua breve luz depressa doira
Com illusões aligeros minutos.
Lá estuda Timeu com phrases cultas
Esconder as traições que n'alma guarda:
De mogarins e rosas cobre astuto

(1) Minha irmã.

O ninho em que o terrivel aspid dorme:
Com fantasticas glorias embalado,
Qual Phenix já se admira renascendo
D'entre as cinzas dos outros... Que loucura!
No seio da ambição a morte o assalta,
E no tumulo acabam seus enganos.
Hyperbolus sem luzes, mas soberbo,
Contra os heroes provoca do ostracismo
A rigorosa lei: trocam-se as sinas;
A virtude triumpha; exclue a sorte,
De acordo co' a razão, quem a combate.
N'algum sonho pomposo Irus (1) mendigo
Sobre o throno dos Reis se crê sentado...
Rolano crê dos seculos Romanos
Renovar co' a aspereza o grande Genio...
Já de Virginio toma o punhal fero,
Já com Regulo affronta a acerba morte:
Mas quando no horizonte assoma a Aurora,
E rosada brilhando as nuvens rompe;
Quando as sombras dispersa, fugitiva,
Deixa o Rei mendicante, e o Sabio estulto.
Qual o fraco guerreiro que em distancia
Moteja os que s'escapam do inimigo,
Ameaça feroz os que vem longe;
Mas quando perto chegam, treme e foge:

(1) Celebre mendigo do paiz de Ithaca, que tambem se contava entre os numerosos pretendentes de Penelope, mulher do rei Ulysses, quando este, pelo seu desapparecimento depois da destruição de Troya, era julgado morto.

Os outros nomes que se encontram neste periodo, e nos dois antecedentes, como *Timeu*, *Hyperbolus*, *Rolano*, são de personagens allegoricos, que a auctora addicionou em ampliação do pensamento de que — *A breve luz da terrena sapiencia depressa doira com illusões aligeros minutos.*

Assim o presumido desafia
Os futuros desastres, inda incertos;
Assim altivo cuida ter vencido
A fugitiva dor, que o tempo cura,
Contra a qual a razão em vão lutava.
Ai de nós! na presença da desgraça
Fugimos fracamente... O sabio foge:
E o sabio que ha de ser?... Ha de ser cinza.
  Tu já és cinza, ó Marcia!... cinza fria!...
Nem as lagrimas ternas da amizade
Podem já acordar-te!... Em vão te chamo!...
Té que a trombeta, com fatal estrondo,
Arranque á morte a fouce e nos convoque,
Tu dormes, Marcia?... Não... de lá me observas:
Por entre as altas nuvens transparentes
Escutas meus gemidos sem sossobro,
Com piedade celeste te enterneces.
Ah! tu vives... e Alcipe triste é morta,
Sem que o bronze fatal entregue á Fama
A noticia que aos mortos pouco importa.
Morta!... para alegrias seductoras;
Morta nos corações que se esfriaram;
Morta para a ambição que me excitava
A velar no silencio sacro e turvo
Das lampadas nocturnas, rodeada
D'escriptos immortaes d'immortaes Sabios,
Que vivendo na morte, o mundo instruem.
Elles vivem ainda!... eu já não vivo...
E quando finalmente libertar-me
Vier a hora funebre e instructiva,
Que do corpo cançado a alma desprende,
Irei descanço achar no teu regaço,
Em pacifico asylo esquecer tudo.

Não dirá sobre a campa inscripção vasta
Quem fui, ao descuidado passageiro:
Algum orphão, algum afflicto humano,
Buscando a solidão, talvez me encontre
Nestas mattas sem vida; e compassivo
Lançará sobre mim a escura terra:
A sua magoa, a minha adivinhando,
Talvez piedoso pranto me consagre,
De minha alma sensivel digna offrenda!...
Mas esta alma de fogo irá voando,
Ignorada dos homens; conhecida
Só de mim, e dos Anjos, que me chamam.
Tu, que desces do alto das espheras,
Tu, que os Ceos mandam cá para guiar-me!
Que nome te darei, quando te invoco?
Anjo! Sylpho! invisivel Companheiro!...
Com terna compaixão talvez agora
Minhas lagrimas contas ao meu lado,
Analysas no peito impressões varias;
Escolhe-me uma idéa animadora,
Que conforto me dê nos meus desmaios...
Marcia está entre vós, Sêres celestes?...
Ou decretou o Ceo que d'entre os mortos
Ella é que fosse o meu tutelar Genio?...
Espirito divino! Marcia! Marcia!
Não te encubras aos olhos meus saudosos.
E qu' importa que aos olhos meus terrenos
A tua etherea forma se demonstre?...
Do mundo já não sou... já me riscaram
Os ingratos da lista dos viventes.
Apparece-me, ó Marcia!... ouve-me... falla!
Troca-me este deserto em Paraiso!...
Mas ah! desejo vão! inutil ancia!

Não fatigues minha alma por mais tempo:
Enlevação fantastica, não prendas
Com tão doce illusão a mente afflicta!
No peito entristecido a razão falle;
Só ella dá socego... ella me acalme.
Tu, que em coro celeste és outra essencia,
Tu, que foste aqui Marcia, já não sentes
As terrenas paixões que me laceram:
Não te attinge a calumnia lá no alto;
Não te lateja a frente onde fermentam
Mutilados fantasmas e incertezas;
Nem com porções do coração desfeito
Te arrancam delle os filhos e o socego.
Superior ás scenas inconstantes
Da miseravel vida, já te elevas
Ao sitio onde os limites se não tocam
Das penas, dos prazeres, nem confundem
Virtude e Crime o colorido incerto:
Não se mistura lá o acerbo pranto
C'o excesso da alegria, nem se troca
A delicia acabada em dor ou tédio.
Mundo! que és tu? — Enganador theatro,
Onde figura cada qual no estado
Que a Providencia como prova ordena.
Feliz quem representa como deve!
Quem constante apparece sobre a scena!
Corre a Morte a cortina: — outro theatro
Mais vasto, mais pomposo nos espera.
Com lagrimas nutridos, com pezares
Erramos n'uma noite pavorosa,
Rodeados das trevas mais sombrias;
Mas alem do sepulchro tudo é dia.
Sobre as azas do Genio que m'inspira

Corro veloz as scenas illusorias
Dessa tenue chimera que os humanos
Chamam prazer. — Que bellas perspectivas!
Que aspecto seductor não teem de longe!
Mas de perto, pintadas pelo erro,
Pasmam o louco só; o sabio observa,
E sabendo o que são, do engano zomba.
  Ali esgota a vida, os dias gasta
O florente mancebo distrahido,
Sem pensar qu' escorrega, e quão de pressa
A velhice e cuidados se avisinham.
O coração se lança após os gostos,
Deseja menos fama que alegria:
Corre-lhe pelas vêas fogo ardente,
E seguindo as bellezas que o transportam,
Vai perdendo a razão, que em vão lhe brada.
O magestoso amor da gloria esquece:
Acena-lhe Lyeu, e o Amor sorrindo
Os enganosos myrtos lhe offerece:
O suave Hymeneu acha severo;
Recêa de provar sensações nobres,
Só ás almas sublimes concedidas.
Romanesca a virtude lhe parece;
Zomba do Sabio austero, dos suspiros,
Das lagrimas serenas que derrama
Quando, sem vacillar, o prazer doma.
E não será feliz, se tal se julga?...
Não, que a velhice chama, assim brincando,
E o tempo vingador tudo lhe paga.
  Rodeado de perolas e joias,
De franjas d'oiro, de pomposas galas,
Aos olhos assustados que o contemplam
Um mais brilhante e mais illuso assoma,

Que cercado d'escravos, sobre um throno
Se assenta altivo, e pensa que é ditoso,
Em quanto inepto cuida que os domina.
Honrando-lhe o que diz, suppõe-se Sabio;
Quebra aqui uma lei, ali faz outra;
Faz insultos á timida Virtude,
Ri do Saber, comsigo se contenta,
No tumulto dos gostos confundido.
Tu pintaste, ó Cronegk, o que eu não pinto:
Teus numeros energicos descrevem
Erros que a escravidão acertos chama:
Tu conduziste os asperos remorsos
Aos corações altivos que rejeitam
Doutrina que não pregue a vã lisonja:
Mas tu, suave Cysne, tu cantaste
Sem temor, como os cysnes moribundos.
Eu canto, e como canto? — Só me toca
Pôr cadêas até aos pensamentos.
Em tanto para o Ceo as mãos levantam
Os opprimidos pobres... Ouve o Ceo...
E de longe o trovão já vem rolando:
Os sustos interiores já perturbam
A falsa paz do misero arrogante,
As bacchanaes do errado adolescente.
Desgraçado mancebo, que tão cedo
Enervaste teus membros na delicia!
A inquietação te alcança pelo trilho;
E o coração pequeno não lhe cabem,
Sem que estale, os excessos da alegria.
O prazer que tu buscas só se encontra
No pacifico seio da Virtude.
O fervor das paixões, impetos doces,
As caricias d'Amor, a vã soberba

Ventura te parecem; mas quão longe
Estás de ter descanço nos seus laços!
Fica-te uma paixão não satisfeita,
Um pungente desejo apenas fica.
Eis ali já no pó as folhas murchas
Das flores qu' inda hoje te c'roaram.
Basta que a Morte acene: a adolescencia
Murcha descae, qual moribunda rosa.
  Com dobrado terror assusta a Morte
O soberbo tyranno, que sem pejo
A calada Virtude desprezava:
O derramado sangue da innocencia,
O sangue!... brada aos Ceos... e os Ceos respondem.
Foi erro? ou de proposito o verteste
Sobre a terra assustada, monstro injusto?!...
A tua consciencia escuta... e treme:
Tu!... e o Ceo, ninguem mais sabe a verdade.
Ao resplendor com que feliz nos cegas
Já costumado estás, triste Imperante:
Sem paz os dias passas, sem socego
As noites melancolicas, turbadas
Por medonhos fantasmas, que te assaltam.
  Mas é possivel que na raça humana
Não medre algum prazer mais elevado
Que os prazeres que a purpura rodêam,
Que as delicias do moço descuidado?...
Vem, serena Alegria! companheira
Do solitario Sabio e da Virtude,
Vem mansa honrar estes quietos valles.
Aqui, longe da bulha, enche seus dias,
Sem manchar-se nos terreos embaraços.
Quando a manhã as flores reanima,
Contente vai com passos vagarosos,

Enlevado em pacificas idéas,
Contemplando encantado o alegre outeiro:
Favonios carinhosos, que revolvem
A verde rama nos pomposos bosques,
Vão leves precedendo o seu passeio:
As violas seus passos embalsemam:
A força vegetal desenvolvida
Ostenta em mil objectos seus primores.
Então, sorrindo, e manso, os olhos volve
Desde o sêr mais humilde até ao throno
Do immenso Creador, que tudo ordena.
Com devoto fervor a alma levanta
Acima deste globo criminoso:
A esposa o segue em social ternura,
Nos seus braços o aperta, o pranto soltam;
Lagrimas doces pelas faces puras,
Quaes matutinas perolas, s'espalham;
E os invisiveis Anjos que os rodêam,
De celeste alegria penetrados,
Admiram que o homem se assemelhe
Tanto em ventura ás immortaes essencias.
Alegre, quando a noite humida desce,
De manso orvalho os valles borrifando,
Passeando, serena a Lua observa,
E como ella sereno o peito sente.
Então a lyra fere, com que encanta
Os nocturnos cantores da floresta:
O vasto Ceo repete os altos hymnos
Que inflammado em louvor do Eterno entoa;
Té que outra vez do valle Doris chama,
E procurando a placida cabana,
Como a noite pacificos, contentes,
Como a noite do Estio, o dia fecham.

Salve, ditoso par, que em doce laço
Adormeces no seio do descanço!
Tal nos braços da esposa, inda innocente,
Rodeado dos Anjos que o guardavam,
No pacifico Eden Adão dormia...
Modelo d'alegria! onde resides?
Em que sitio habitais, Sabios ditosos?
E quanto, ai de nós! dura uma tal dita?
Talvez, se algum s'encontra qual eu pinto,
Talvez cedo o vereis desconsolado,
Em vão pedir ao tumulo a consorte:
Fixar calado a cinza surda e fria;
E seus olhos, em lagrimas desfeitos,
Implorarem sem fructo Ceos e terra.
Murchou-se para elle a Primavera,
A lyra emmudeceo; a Lua baça,
Melancolica, escassa, menos brilha:
Romperam-se as prisões qu' inda o ligavam
Ao pomposo Universo; nem se lhe ouve
Mais que um surdo gemido quando invoca
Esse tardio e rapido minuto
Que o arranque da terra, e o torne a Doris.
Concedamos que o Ceo acaso o poupe,
E que os olhos lhe feche a mão suave
Da esposa enternecida, sem que o pranto
Até 'li, melancolico, os turbasse:
Supponhamos um sabio, em fim, ditoso:
Insensivel seria ao damno alheio?
Não veria desastres nos amigos
Que houvesse de abrandar humano chôro?
Nunca do peito honesto arrancaria
A virtude abatida algum gemido?...
Mal póde ser feliz, se tal sentio!

E se nada sentio, póde ser sabio?
Compete-lhe de humano o nome augusto?...
Oh! quanto um só instante d'alegria,
Uma apparencia só de humanos gostos
Em dilatadas magoas se converte!
  Obra d'altivo artifice, que julga
Immortaes seus projectos e vigias,
Ali rompe raivosa a Guerra brava.
As beneficas doces esperanças
Do lavrador em fumo se dissolvem:
C'os estragos que vê desesperado,
Chorando, ao Ceo severo as mãos levanta:
Quando o soldado indomito, sem pejo
Do materno regaço afoito arranca
A desmaiada timida donzella.
Ali outra sensivel, duvidosa,
Suspira pelo amante que a abandona,
Que vai buscar no campo sanguinoso
As honras, onde só a morte encontra.
Recorda então com dor aquelle instante
Tão doce, e tão cruel, da despedida;
O ultimo, innocente e terno abraço
Vem tingir-lhe a lembrança d'amargura:
Inda o vê, c'o cabello ao vento solto,
Atraz voltando os olhos saudosos:
Perde-o de vista em fim, e o mundo todo
Co' esta imagem parece que s'extingue!
Elle no campo cae, e a voz extrema
Com ancia moribunda balbucia
O doce nome da perdida amante:
Triste amante! que então desesperada
Libertador punhal procura, e rouba
Seu corpo ao fero opprobrio que recêa,

Ao mundo seu espirito cançado.
Um foge após o bem que lhe arrebatam;
Outro, insepulto sobre a terra fria,
Ensina que a ternura nunca teme
Nem morte, nem punhaes, quando é sincera.
  Lá uma triste mãe o filho chora,
Que valoroso á guerra vai correndo,
Rapido a deixa, quando em pranto envolta
O gesto altivo, as armas rutilantes,
O triumphante aspecto mais admira:
Tudo exacerba a magoa, e o mal augmenta.
Com voz piedosa então aos Ceos exclama:
« Vós, Potencias celestes, defendei-me
« O desvairado filho!... » e neste pranto,
Nestes suspiros ternos maldiçôa
A inhumana ambição dos Soberanos
Que do nome de Heroes lisongeados
Acreditam escravos abatidos
Que por virtude teem destroçar Povos...
Oh! quão fataes, terriveis Potentados,
Os gemidos das mães desconsoladas,
Da esposa, da viuva solitaria,
Vos hão de ser no dia da vingança!
  A mortifera Peste se enfurece,
Desola as terras, e do Olympo turvo
Desce o Anjo da morte; tudo cobrem
Os terrores de um horrido deserto.
  Surge pallida a Fome roedora,
Consome irada as terras dessecadas.
Desfallecido velho apenas acha
Para conforto um pão endurecido;
Chega-o tremendo á boca, mas observa
Um filho que se extingue de fraqueza:

Beija-lhe a murcha face, o pão lh' entrega,
Aperta-o contra o peito, e cae sem vida.
Outros, a quem furor barbaro move,
Rasgam-se as vêas proprias, sequiosos,
E apagam com o sangue a crua sede!...
Tu encobre-te, ó Sol! ó Sol, não vejas
Os opprobrios da humana natureza:
Essa barbara mãe que ensopa o ferro
No coração de um filho palpitante.
Sombras espessas, sepultai no Averno
O escandalo da seva humanidade.
Tu, cruel Fantasia, não te cances
Em debuxar imagens tão funestas.
Teus desastres, Alcipe, não te bastam?
E com a alheia dor augmentar queres
Os excessos da dor que te laceram?
Tu já não és qual foste, apenas vives...
A luminosa imagem da Ventura,
Que a Esperança, e suave Adolescencia
N'uma alegre distancia te pintavam,
Dissipou-se de perto; em vão reclamas
Os lisongeiros lucidos prestigios;
As idéas affaveis se destroem,
Bem como os sonhos leves, fugitivos;
Cedo a idade risonha e florecente
Fugirá para sempre... para sempre.
Ah! que já vem raiando os dias serios,
Os dias enfadonhos dos cuidados,
Das molestias, dos horridos trabalhos!
Cedo os duros grilhões da dependencia,
Absorvendo e cançando as horas turvas,
Opprimirão da vida o curto resto;
E no jugo importuno dos negocios,

Ignorada e sem gloria, acabar posso.
Então dos nescios a cohorte infame,
Calcando a minha cinza altivamente,
Se applaudirão do seu triumpho louco.
As pungentes lembranças applacando,
Disfarçando os remorsos quem me mata,
Talvez com dor fingida inda me accuse:
E qu' importa!... Se ao menos eu soubesse
Quantos dias amargos inda faltam,
Quantos minutos de oppressão m'esperam!...
Talvez (que horror!) a languida velhice,
Talvez fero destino inda me roube
A minha lyra, o ultimo conforto
Da vida envenenada que me pésa...
Tu, divina Buquois, tu, doce Lippe! (1)
Nas denegridas azas a Saudade
Vos entregue um adeos ultimo e triste.
Uma lagrima só vos pede Alcipe:
Negareis este premio d'amizade?
Adeos, suave Esp'rança enganadora!
Vós, poeticos bosques, já vos deixo,
N'uma branda tristeza submergida.
Solitaria e tranquilla, não me toca
Nas vossas sombras ir soltar meu pranto:
Já não é para mim o doce emprego
De respirar esse ar embalsamado
Onde as aves espalham seus gorgeios
Nas manhãs da ditosa Primavera:
Já vos não ouvirei, alado povo,
Nem do remanso o murmurío affavel.
Tu fugiste tambem, chorada e cara,
Encantadora, augusta Liberdade!...

(1) Duas senhoras allemãs, amigas da auctora.

Adeos, sonho gentil!... adeos, ó bosques
Que attentos escutaveis minhas queixas!...
Se alguem, de ternas magoas affligido,
Melancolico errar nas vossas sombras;
Se na paz destes ermos deleitosos
O embalarem poeticas imagens;
Se o virdes de um secreto horror tocado,
Bradai-lhe então, ó bosques solitarios,
E dizei-lhe que Alcipe aqui chorava.
  Ó tu, que vagas serio e pensativo,
Em profundas idéas abysmado,
Escuta a mansa voz que te revela
Os segredos de Alcipe desgraçada.
Estes os sitios são onde ella errante
A seus males crueis se submettia:
Aqui sobre este musgo taciturno
Repousava, chorando o seu destino,
Ella, a quem coração honesto e brando,
Qual o teu coração, os Ceos lhe deram;
Uma alma como a tua, uma alma digna
D'alto pensar, d'inspirações sublimes.
Se adoras a virtude, és seu amigo;
Condoe-te pois della, que seus dias
Vio passar melancolicos e turvos,
Qual vagaroso passa esse ribeiro.
Seu espirito solto agora habita
Outros mundos mais vastos, mais ditosos.
Oh! se pensando nisto, humano pranto
Mansamente banhar teu terno rosto;
Se estas altas idéas te agitarem
Crebros suspiros no anhelante peito;
Abençoe-te o Ceo, do Ceo consigas
Um coração igual, uma igual lyra!...

Mas a Sorte te seja mais propicia;
D'um secreto pezar não queira o Fado
Roer-te o coração, e a curta vida
Não te envenenem nunca escuras magoas.
  Fugi pois finalmente, horas sombrias,
E levai este espirito cançado
Á morada d'Espiritos Celestes,
Lá onde Marcia está... onde m'espera.
Vem, ó Morte, que és meta suspirada
Dos humanos acerbos dissabores!...
  Mas que voz se levanta no meu peito?...
Que pavor me revolve o intimo d'alma?...
= Desterra esse desejo criminoso,
= Mortal impaciente, afflicta Alcipe:
= E como assim, cruel, a morte invocas?...
= Essas ancias que buscam?... Ser ditosa?...
= Voto altivo da fraca natureza,
= Voto grande, que a terra não comporta!
= Mortal, sê pois feliz alem da morte,
= Antes della sê sabia, se puderes.
= Não vês tantos mortaes que tambem gemem?
= Tens mais direitos que elles á ventura?
= Se tal queres, espera a Providencia,
= Espera moderada as tardas horas;
= Que Marcia, que te observa lá do alto,
= Entretanto teus males abençoa,
= Pois que o pezar o coração corrige.
= Aos impios a tristeza só compete:
= Cada acção, cada idéa que te abate,
= Que enfraquece tua alma vigorosa;
= Um descuido da mente que extravaga,
= Esses erros que aborta a alma turbada,
= Essas ancias crueis da impaciencia,

=Talvez Marcia as escute, as veja, as sinta:
=Marcia, que tanto amaste, e te amou tanto,
=Cruel! queres nos Ceos ir perturbá-la?...
=Modere-te de Marcia a imagem morta:
=Compara tudo áquelle horrido instante
=Em que leste, infeliz, — *Marcia não vive!...* —
=Tudo é menos na vida que este golpe.=
Já te sigo, Razão, bem que severa;
Já t'escuto, clamor da consciencia:
Aos meus crueis desastres me sujeito,
Ao destino inquieto me submetto,
Pois o descanço só com Marcia habita.
Aqui da servidão acceito os ferros,
Bem que lá veja a doce liberdade.
Emmudecei, lamentos! Duras penas,
Se tirais de meus olhos debil pranto,
Seja mansa e serena a minha magoa.
Aqui não chegará impio ruido
Do mundo, que o silencio me perturbe:
Quietas solidões, a vós me acolho,
Em vós dorme quieta a Natureza:
Aqui tudo é tranquillo, tudo mudo.
Lá onde o arvoredo é mais espesso,
E a terrifica sombra me surpr'ende,
Quero sentar-me, a contemplar immovel
Ora os Ceos espaçosos, ora as aguas:
Quero tambem chorar!... E quem prohibe
Que as lagrimas mitiguem duras penas?...
Sentada sobre os tumulos marmoreos
Assim calada está a Paciencia,
Piedosa na tristeza, e submettendo
A um sorriso suave a dor violenta.

HYMNO.

HYMNO MATINAL.

Desperta, coração; minha alma, acorda;
Occupa-te em louvar o Sêr dos Sêres:
Chama-te a roxa Aurora para veres
As obras que creou o Omnipotente,
Para exaltares delle a mão clemente.

Já por detrás daquelle oriental monte,
Já o esplendido sol, já vem sobindo:
Os valles, orvalhados, vão luzindo
Co' a inundação brilhante que derrama
Sobre elles do astro bello a activa chamma.

Um vapor nebuloso, lá distante,
Fluctua em torno aos montes levantados;
Cobre o espaço dos lagos socegados,
Sobe depois aos ares; vai crescendo,
E em nuvens bastas vai-se convertendo.

Meia acordada a bella Natureza
Despe da nevoa o manto, e docemente
Sorri para a manhã resplandecente,
Que trazida dos ventos vem baixando,
E nos floridos prados descançando.

Do seio dos frondosos troncos rompe
Alegre bando de aves sonorosas;
Rasgam do ar as plagas espaçosas,
E da luz o retorno festejando,
Vão concertos harmonicos formando.

Astro do dia! Origem bemfazeja
Das bençãos do Senhor, eu te saudo!
Qual Seraphim celeste, enchendo tudo
De favores, em tudo, por seu mando,
Os teus ethereos raios vens soltando.

De ti decorre, fonte interminavel,
O principio das côres, a luz pura,
Cuja torrente exalça a formosura:
O benigno calor de ti dimana,
E a força que ennobrece a vida humana.

É de ti, como em throno manifesto,
Que alguns raios do Altissimo disparam;
Do globo opaco as forças se reparam,
Abrilhanta-se o rio, as flores coram,
Orna-se a terra, os sêres se vigoram.

Áquelle Deos, que só contemplar podem
As celestes essencias reverentes,
As frescas flores, realçando as frentes,
Os mais doces perfumes lhe dedicam,
E a seu modo tambem o magnificam.

Com tenues azas, susurrando alegres,
Mil insectos aqui e ali voltêam;
O matutino orvalho saborêam,
Giram brincando, e bem que tudo ignoram,
As leis do Creador seguem, adoram.

Que doces vem da abobada azulada,
D'entre as folhas das arvores frondosas,
As cantigas das aves deleitosas!
A alegria, que os papos lhes dilata,
Em concentos suaves se desata.

Extasiadas formam seus gorgeios;
Monotono assobio uma ali solta
Com que o echo afinado acorda, e volta,
Quando est'outra desfecha da garganta
As modulações varias com que encanta.

Quem louvarão, senão quem tudo póde?
Tua bondade sentem, bem que entregues
Ao sentir só, meu Deos! e que tu negues,
Ás almas brutas, azas que as levante
De tua essencia á idéa relevante!

Tu porêm, ó minha alma, o Senhor louva,
Que azas te deo potentes que te lançam
Sobre tudo o que existe, e Deos alcançam
Em si mesmo; e amoroso te destina
Á sociedade angelica, divina.

Se mal as tuas forças correspondem
C'o ardor de teus desejos, balbucia
Seus louvores, em quanto alta harmonia
E dos filhos da Luz vozes sagradas
Resoam nas espheras encantadas.

Bemdito sejas pois, que me acordaste
Para vir contemplar do novo dia
As scenas variadas de alegria!
Que me déste vigor, que me conforte,
Com o somno, que é symbolo da morte.

S'inda veem os meus olhos tuas obras,
S'inda escuto a voz doce da amizade;
Se meu corpo inda tem capacidade
Para servir minha alma, e que esta absorta
Te louva, e com teu nome os ares corta;

Tua bondade, Eterno! é que o permitte:
Minha existencia, força, movimentos
Cumpram sempre fieis teus mandamentos;
E no Livro da Vida resplandeça,
Junto a meus dias, este que começa.

Abençoadas horas fugitivas,
Para onde voais? Á Eternidade?
Já vem chegando aquella da Verdade;
Sem a sentir minha alma, fluctuando,
Vossa mansa corrente a vai levando.

Quão breves são as horas que vivemos!
Quantas se passam, quantas! sem gozarmos,
Sem sacrificios puros consagrarmos
A nosso Pae celeste, e despedida
Corre sem acções nobres nossa vida!

Possa do tempo a rapida carreira
Lembrar-me como a morte já me assalta;
Mostrar-me o pouco tempo que me falta
Para dispor-me a entrar com santidade
Nos dominios da vasta Eternidade!

Communique importancia a minhas obras
Tão grande pensamento; encha-me a mente
De compuncção sublime e permanente;
Dê prudencia ás emprezas de meus dias,
E santifique as minhas alegrias.

Da perfeição da minha natureza
Meus desejos augmente; e a intensidade
Aqueça em mim o amor da humanidade:
Dome a paixão que mais me desatina,
E m'impede viver vida divina.

Pae dos Anjos e homens, bem conheces
O labyrintho barbaro e intrincado
Onde vago, e onde é tudo rodeado
De attractivos funestos e perigo:
Senhor! não me abandones, vem comigo.

Não posso um passo dar se não me assistes,
Se a tua mão piedosa me não guia:
Não sei seguir-te, não, qual te seguia,
Filho do Eterno, o teu Discip'lo amado;
Ou, Magdalena absorta, ir a teu lado.

Consolador Espirito Divino!
Fonte de sapiencia e de verdade!
Desce em minh'alma, desce por piedade:
Quando enfraqueço, vem reanimar-me;
Quando érro, conter-me, ou castigar-me.

Quando a malicia humana me revolta,
E que alheio rancor me tyrannisa,
A minha alma indignada tranquillisa:
Espirito de paz, faze que acerte,
E a colera em socego me converte.

Se uma offensa me fazem, põe-me á vista
Do puro Amor a imagem sanguinosa,
Salvando a raça ingrata e criminosa:
Troca-me da vingança os movimentos
Em suaves e ternos sentimentos.

Se o sopro da soberba, tenebroso,
Vier entumecer meu fraco peito,
Serena deste vento o louco effeito;
Mostra-me o lodo vil, o pó, o nada
De que a minha existencia foi tirada.

Quando as Serêas do deleite venham
Com seus canticos doces desgarrar-me,
Espirito Celeste! vem lembrar-me
Que os gostos curtos são, se os não achamos,
E, em fonte alem da morte, os não buscamos.

Distribuidor dos bens! faze que eu seja
Nulla para os prestigios da vaidade,
Immovel a ameaços da maldade:
Que me atreva entre gente depravada
A ser justa, constante, moderada.

Une-me ao teu querèr, sem pejo ou susto
De que segui-lo cause o meu destroço:
Que posso desejar, que temer posso
Se Anjos me guardam, Ceos é que me esperam,
E os meios d'alcançá-los se me deram?...

Cheia de confiança e de socego,
Espero quanto houveres resolvido;
Pois sabes o infortunio mais subido
Trocar em bem, e vai sempre segura
Nas tuas mãos a debil creatura.

Por entre este deserto arido e secco
Cêdo vou terminar minha viagem:
Outros tempos virão de que a passagem
Não se mede por periodos solares,
Por mezes, dias, horas regulares.

Seculos de delicia como instantes
Irão correndo, isentos de saudade:
Outros virão de igual felicidade,
Cheios de Deos, e premios da esperança,
Todos fartos de bemaventurança.

VARIANTES.

Na Canção que começa — Abre um som, terna flauta, como aquelle, *etc.* — *a pag.* 97, *verso* 22.

A cortar sem demora,
A terminar de um golpe a fraca vida,
Em suspeitas e sustos consumida.

Acham-se, em outro manuscripto mais antigo, deste modo:

A cortar cada hora
A tenue vida, quando a natureza
Com longo suspirar cede á fraqueza.

No Idyllio de Marcia, *a pag.* 129, *verso* 22.

Já dividindo dos paternos braços
Os filhos, caras prendas que o Ceo dera;
Já ditosos consortes apartando,
Deixando umas viuvas, outras orfãs...

Em outro manuscripto anterior acham-se pela maneira seguinte:

Já dividindo dos paternos braços
Os filhos, caras prendas que o Ceo dera,
Os consortes ditosos; os esposos
Já deixam umas viuvas, outras orfãs.

Na Ode a Almeno, *a pag.* 156, *verso* 12.°

Atroados os ares
Por férvida materia que rebenta,

Em outro manuscripto:

Que os ares atroados
Por férvida materia que rebenta.

Na Ode á Delicia da Amizade, *a pag.* 159, *strophes* 3.ª *e* 4.ª

Que invejamos, Almeno? Qual bem póde
Medir-se co' as delicias da amizade?
Luzir como os momentos que domina
A sã philosophia?

Nestes humildes tectos que habitamos
Mora Virtude e Paz; seu rosto amavel
Não nos mostra o desdem com que se affasta
Dos suberbos palacios.

No primitivo manuscripto acham-se desta forma:

Que invejamos, Almeno? Qual bem póde
Comparar-se ás delicias da amizade?
Aos tranquillos momentos que domina
A sã philosophia?

Nestes humildes tectos que habitamos
A Virtude formosa o rosto amavel
Não volve com desdem, como succede
Dos suberbos palacios.

FIM DO TOMO I.

OBRAS POETICAS

DE

D. LEONOR D'ALMEIDA PORTUGAL LORENA E LENCASTRE,

MARQUEZA D'ALORNA,

CONDESSA D'ASSUMAR, E D'OEYNHAUSEN,

CONHECIDA ENTRE OS POETAS PORTUGUEZES

PELO NOME

DE

ALCIPE.

TOMO II.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1844.

Carminibus quæro miserarum oblivia rerum.

Ovid. Trist. liv. 5.° eleg. 7.ª

EPISTOLAS.

EPISTOLA.

Enthusiasmo patriotico, na occasião do feliz parto da Infanta D. Marianna Victoria, filha da Rainha a Senhora D. Maria I., e mulher do Infante D. Gabriel d'Hespanha.

Ornamento do throno, Soberana!
Que do molde de Astréa o Ceo formou:
Por qual razão a sorte deshumana
Tão longe de teus olhos me lançou?

Acolhem-me os rochedos de Vauclusa, (1)
Os meus férvidos votos ouve o Rheno,
E a minha cara Patria expulsa a Musa
Que nutrio, que inspirou o Tejo ameno!

Quanto a Patria é querida a uma alma nobre!
Quanto occupa meus ternos pensamentos!
Do esquecimento a sombra que me cobre
Jámais póde apagar taes sentimentos.

Apesar do Destino, empunho a lyra;
Cantarei dos meus Principes a gloria:
O momento feliz que hoje m'inspira
Alcança do meu fado uma victoria.

(1) A esse tempo achava-se a auctora em Avinhão.

Rodeai-me, penhores da ternura,
Oh filhos meus! abençoai o dia
Em que a Aurora, rasgando a sombra escura,
Nos mostra os doces raios da alegria.

Cercai o berço augusto onde reside
O novo fructo da feliz alliança;
Felicitai a paz que ali preside;
Cantai comigo o nome de Bragança.

Por este nome, filho meu querido,
Dar a vida convem; por este nome
Affrontar o destino desabrido,
Os abysmos, o frio, a sede, a fome.

Se um dia, os nossos esquadrões soberbos
Pedem o sangue vosso por defensa,
Fartai com elle os fados mais acerbos,
E baste-vos a honra em recompensa.

Em quanto o tenue sopro que me anima,
Que anima vosso pae, o Ceo preserva,
Estas são as lições que vos intima
O paternal amor, Marte, e Minerva:

E quando a macilenta mão da Morte,
Que o pezar (seu ministro) serve attento,
Sobre nós disparar o fatal corte,
Formai-nos co' a virtude o monumento.

Mas que digo! Que imagem saudosa
Vem perturbar a mais doce harmonia?
Fugi, desgostos, tropa numerosa
Que interrompeis os cantos d'alegria:

Fructos da dor de um golpe inda recente (1),
Que as almas portuguezas magoando,
Funestas impressões deixou na mente,
Que transpiram na voz de quando em quando.

Applaca-te, oh lembrança! O Ceo piedoso
Ordena a successão do mal e bem;
E o pranto que custou um terno Esposo
Enxuguem-no as delicias de ser mãe.

Nos golfos do futuro os olhos lanço;
Animada de um estro providente,
Dos destinos propicios hoje alcanço
A promessa de um novo descendente.

N'um sonho vago que lhe ameiga a idéa,
Interprete da sabia Providencia,
Affonso vio o throno que o premêa
Immutavel na regia descendencia.

Por entre nuvens d'oiro os Ceos abertos,
Á vista das campinas transtaganas,
Ao grande Affonso oraculos tão certos
Confirmaram mil vozes sobre-humanas.

Suavissima esperança, dom dos Ceos!
De tão grandes motivos derivada:
Tu, que animas constante os votos meus,
Traze ao Tejo a ventura desejada.

Da Natureza as leis restauradoras
Se annunciam aos campos anhelantes,
Quando no estio as gotas percursoras
Nos promettem chuveiros abundantes:

(1) A morte d'ElRei D. Pedro III.

Tal o filho da augusta Marianna
Precede os que terá o Regio Irmão:
Brilhai, doces imagens da Sob'rana
Que hoje faz as delicias da Nação.

Oh Rainha! em quem poz a natureza
Thesouros de virtude e de razão,
De força e de justiça que despreza
O prestigio da vil adulação:

Lê na minha alma, escuta a voz do Povo;
Escuta os ternos sons com que te acclamo;
Observa a minha sorte... Se te louvo,
Não é porque te adule, é porque te amo.

EPISTOLA

Á Princeza D. Maria Francisca Benedicta, depois da morte de S. A. R. o Principe D. José, seu Esposo.

(Por ordem de S. A. S. a Senhora Infanta D. Marianna.)

Pelas trevas minha alma revoando,
Expulsando os phantasmas de um cuidado,
Vou com teu Nome excelso moderando
Os golpes que dispara incerto o fado.

Vês tu como nos mares se baldêa
O luminoso Deos, author do dia?
Vês como a sombra os orbes senhorêa,
E occulta a luz que Phebo diffundia?

Vês como rasga a Aurora a sombra densa,
Manda ao Cocyto as larvas denegridas,
Faz que outra vez Apollo a noite vença,
Resalte o mundo e as coisas escondidas?

Este progresso vejo, isto medito,
E acho nas leis da augusta Natureza
Materia com que nutra algum escripto
Balsamico vigor contra a tristeza.

Não me assustam phenomenos que houveram,
Nem me admira a sua variedade:
Desde o ponto em que os seculos nasceram
Corro co' a mente o pelago da idade.

Resoluta os espaços contemplando
Dos mundos me surpr'ende a quantidade,
E este globo, onde sempre ando lutando,
Reluz, qual ponto só, na immensidade.

Que sombra vã, que 'stupida quimera
Me parece o mortal soberbo e louco
Que abrange os raios de nma immensa esphera,
E se crê delles o luzido foco!...

Sem possuir os sonhos que passaram,
Sem poder demorar um bem presente,
Percebe instantes quando já voaram,
Busca o futuro, encontra o contingente.

Quer, e despreza o mesmo que queria;
Agradece o que ha pouco rejeitava;
Fluctua entre desejos noite e dia,
E alcança, quando já não desejava.

No globo não persiste uma só forma,
E a presumpção dos homens pretendia
Que uma lei, a que tudo se conforma,
Um Deos a seu favor mudar podia!...

Mas d'entre este caracter tão mesquinho
Surge o Sabio, c'os Deoses competindo,
Traça nos Ceos aos astros um caminho,
Calcula o espaço, mundos mil medindo.

Hemispherios oppostos aproxima,
Domando as ondas, e vencendo os mares,
Disputa o vôo ás aguias, leis intima
Ás mesmas nuvens, invadindo os ares.

Desce á terra, interroga a Natureza;
Das leis que traçou nella a mão divina,
Admirando a sublime singeleza,
Os mais vastos mysterios descortina.

Pela astuta diacrese conduzido,
Thesouros desentranha dos rochedos,
E o mundo todo, ás artes submettido,
Confia da razão os seus segredos.

Tudo a razão, tudo o saber aclara,
Do pezo e movimento as leis conhece;
E Archimedes a terra levantara
Se um ponto fóra della achar pudesse.

Tudo apaga a ignorancia, e deste todo,
Que a sciencia utilisa e vivifica,
A estupidez percebe um pardo lodo,
E no Cahos antigo inerte fica.

O exame e trabalho cauteloso
Com verdade e descanço o Ceo premêa;
Mas a mão do descuido preguiçoso
A Cohorte dos erros desenfrêa.

A tudo os ignorantes máos se atrevem;
Talvez seus tresvalios aos bons percam:
Quem sabe que desastres nascer devem
Destas trevas opacas que nos cercam! (1)

(1) Que presentimento! Esta epistola foi escripta em 1788.
(Nota da auctora).

Já não são as paixões quaes ser deviam,
Suave ingrediente da ventura;
São furias que raivosas allumiam
O caminho lethal da Sorte escura.

Não scintilla no posto levantado
Uma nobre ambição, justa firmeza;
Muitos cuidam servir melhor o estado
Em quebrantando as leis da Natureza.

Não ha quem destes damnos se convença:
Egoismo infernal!... Tu que geraste
Os corruptos vapores da indiff'rença,
Da humanidade os vinculos quebraste.

Porêm Philosophia animadora,
Que dourou sempre os meus crueis momentos,
Os seus thesouros me abre; vem agora
Ensinar-me a applacar outros tormentos.

Não me assusta a distancia que medêa
Entre a tripode, e o Solio levantado;
O sentimento não tolera a idéa
De coarctar-se no espaço limitado.

Foge o tempo, Princeza! isso que importa?
Foge quanto julgamos mais seguro;
Mas a mão poderosa que o bem corta
Tambem sabe alongar muito o futuro.

Se nos põe a ventura mais distante,
Se um objecto adorado em fim perdemos,
Segura-nos a posse mais constante,
Vamos correndo ao sitio aonde o temos.

Aos que a fortuna affaga muito custa
Avaliar do tempo a brevidade;
Mas esta, a quem padece, nada assusta,
Lança os braços afoito á Eternidade.

Existe um Deos. Suavissima lembrança!
Esta idéa nos liga a quanto existe;
Esta idéa, motora da esperança,
É quem sabe applacar o animo triste.

Sibila o vento, brada a tempestade,
O relampago brilha, o trovão sôa,
Dos astros desce a doce claridade,
Tudo a causa immortal nos apregôa.

A cada instante a nós se communica,
Tudo contêm, sciencia, poder, gosto;
Sempre no peito afflicto a paz radica
Quando ao mortal um Deos serve d'encosto.

Neste golfo d'immensa beatitude
Vai co' a mente encontrar o que te falta,
Pois deste modo as privações illude
Quem se transporta á região mais alta.

Tudo s'entende lá diversamente,
Da morte o negro aspecto nos esquece;
Morre-se aqui, vai-se viver contente
Onde o bem sem sossobro permanece.

Tudo toma celeste natureza;
A mente então nas causas se exercita,
Sabe o que attrahe um astro, porque pésa,
Por que razão a terra em fim gravita.

Cuidas tu que o Amor desapparece
Neste abysmo do bem? Não, não, Princeza;
No seio de um Deos bom prospera e cresce
O elemento de toda a Natureza.

Esse vinculo doce que seria
Se as Parcas o rompessem cruelmente?
Uma pura regaça d'alegria,
O veneno de um animo innocente.

Nada em vão ordenou quem nos governa:
Um preludio da bemaventurança
É nesta vida aquella paixão terna,
Mais doce, que na posse, na esperança.

EPISTOLA

Em resposta a um Embaixador de Portugal em França, onde foi feita.

Illustre Souza, (1) o fogo sacrosanto
Com que a razão, tua Musa, entoa os versos,
Accende o estro meu; melhor m'inspira,
Que os fantasticos Numes que desprezo.
Desertora do templo das Camenas,
De um coração sincero os puros votos
Consagro nos altares da Verdade;
Trilharei com pé firme os seus caminhos
De cardos, ou de flores semeados.
Mas quem sabe, ai de mim! onde reside
Este Numen, que incensam tantos Sabios?
No berço meu, no misero Occidente
Apenas se conhece mascarado:
Curtas idéas em recinto estreito
Os energicos vôos não intentam;
E recaindo sobre o proprio centro
Perecem estagnadas sem remedio.
Mas em troca verás que o fingimento
Entre nós não conserva simulacros:
Somos quaes somos, quaes a natureza
Soube crear em um momento honrado.
Nos paizes mais cultos eu não vejo
Arder de Vesta a pyra respeitavel,
Accendida por candidos costumes:

(1) D. Vicente de Souza.

Degradam a cultura, os olhos mancham
Os festejos profanos de Cybele:
Já se não vêem as timidas Lucrecias
Satisfazer co' a morte a honestidade,
Lavar injurias c'o seu proprio sangue:
Batem-se as mãos ao crime, o crime exaltam
As Graças brincadoras á porfia.
Que m'importa que as luzes curiosas
Nos façam ver os eixos do Universo?...
Que m'importa que fixem dos Planetas
A ordem, que numerem as estrellas?
Os astros são uns mundos estrangeiros;
O homem deve só viver na terra;
Que estude o ser feliz; consiste a arte
Em mais virtudes, menos attractivos.
Eis-aqui como um raio da Verdade
Me compensa os clamores com que a chamo.
Não penses, não, que eu seja partidaria
Da ignorancia cruel que affecta a Patria;
Eu dou lagrimas tristes aos seus erros.
Com uma honesta inveja olho as vantagens
Com que o estudo triumpha em outros reinos,
E corrigindo os meus proprios defeitos
Sempre docil serei aos teus preceitos.

EPISTOLA

A Armania (1) *que me pedio versos.*

Queres versos, Armania, e já te esquece
Que os dicta a paz, e a vida socegada?
Que um misero poeta que padece
Tem quasi sempre a citara empenada?

Eu sinto n'alma ás vezes certo alento
Para cantar Heroes, se os Ceos os dessem:
Mas tu não vês que apaga o esquecimento
Os Heroes e os Poetas que apparecem?

O teu gesto, a tua alma delicada
Inda corrigem esta fatal sorte:
Mas tu tens tempo para escutar nada?
Tu feliz? tu amavel? tu na Corte?

Queres versos, Armania, quando eu chóro!
Enxuga o pranto meu tão rigoroso;
E das Musas verás o santo coro
Desfechar um concerto harmonioso.

Sem applauso e fortuna tu verias
Horacio mesmo estupido, e sem gosto:
Eu nada disto tenho; e tu querias
Que a lyra não tivesse já deposto!

O culto da nação cria o ingenho,
O favor, deste ingenho, faz prodigios;
Mas quando a antipathia tem empenho,
De tanto bem não ficam nem vestigios.

(1) D. Marianna Arriaga, açafata da Rainha a Senhora D. Maria I.

Eu não sinto no seculo presente
Quem possa fazer versos singulares
Senão quem rege o Erario omnipotente,
E que é nauta, sem nunca ver os mares (1).

Este sim, que possue as artes todas;
E neste caso lastima seria
Que houvesse n'um composto de taes rodas
Tanta ficção, e pouca poesia.

Armania, cá no peito inda me ferve
Aquelle antigo brio lusitano:
Louvo-te a ti; porêm Deos me preserve
D'approvar os caprichos de um tyranno.

Quem despedaça o nome, e a fama apaga,
Faz peor que se o sangue me derrama:
O mundo indifferente não indaga
Se mente ou não aquelle que difama.

Perdoa o desafogo a um peito honrado;
Passa adiante, Armania, e não me pizes;
Pois das feridas que este tem levado
Doridas tenho ainda as cicatrizes.

Tu, que foste e serás o meu conforto,
Tu, que sabes co' a candida amizade
As penas adoçar que eu mal supporto,
S'isto é fraqueza, tem de mim piedade.

Augusta quer o bem, isso me basta;
Quando te vejo a ti ao pé d'Augusta
Todo o receio d'alma se me affasta:
Que hei de temer, se a minha causa é justa?

(1) O M. d'A... que governava as duas Repartições.

EPISTOLA

A Natercia (1).

Almeirim 1796.

Natercia, já te não lembra
Uma amiga solitaria
Que vegeta nestas selvas,
Ou luta co' a sorte varia?
Sabes como passo os dias
Sem te ouvir ou sem te ver?
Se as Parcas me não acabam
É que teem mais que fazer.

Nessa terra dos Latinos
Andam talvez occupadas,
Cortando as vidas felizes,
E alongando as desgraçadas.
Se eu duro, faz-me durar
Talvez a doce esperança
De que Natercia me guarda
Um momento na lembrança.

(1) A Viscondessa de Balsemão, D. Catharina Michaella de Souza Cesar e Lencastre.

Dá-me provas disto, Amiga,
Lendo no meu coração,
Conforta-o de quando em quando,
O Ceo te achará razão.
Lê neste o que te não digo,
Pois firme por natureza
Sei lançar, quando convem,
Duros grilhões á tristeza.

Ás vezes sinto-a gemer,
Encarcerada no peito;
Mas impondo-lhe silencio
Segue o rigido preceito.
Inda não cultivo a terra, (1)
Não sei porquê na verdade;
Nem cumpri o voto puro (2)
Que fiz á santa amizade.

Já diversas estações
Para gentes mais felizes
Deram tempo ao que plantaram
De lançar longas raizes:
Eu, Natercia, inutilmente
Os dias contando vou;
Murchou-se a minha ventura,
Tudo para mim murchou.

(1) Porque me faltava a posse das terras que tinha aforado á Coroa.
(2) Tinha feito a promessa de plantar um freixo em honra de Natercia.
(Nota da auctora).

Ando ás vezes nestes campos
Buscando flores bravias,
Com isso engano desejos,
E encurto penosos dias:
Ando fingindo que vivo
Com acções, com movimento;
Mas é falso, que só vivem
Os que teem contentamento.

Este meu doce viveiro,
Penhores de eterno amor,
Tenho medo que não medre,
Faltou-lhe o cultivador:
Esta geração moderna
Que em torno de mim gorgêa,
Com sons como os passarinhos
Os meus ouvidos recrêa.

Porêm, Natercia, que são
Sons, contra penas tão graves?
Não tem vigor de abrandá-las,
Bem que pareçam suaves.
Um parte daqui, correndo
Atraz de uma borboleta,
Outro de uma canna forma
Uma espingarda, uma setta.

Entretanto eu, cogitando
Em mil casos desastrados,
Tenho tempo de lutar
Comigo, e com meus cuidados.
Não quero turbar os gostos
Da pacifica innocencia,
Nem com gemidos inuteis
Fatigar-te a paciencia.

EPISTOLA

Em resposta a Natercia.

Deixa-te d'isso, amiga, não me pregues;
Amor é para mim uma quimera;
Em meu peito deserto não prospera
Mais que a lei da razão que tu não segues.

Bem percebo essas maximas sublimes
Que ostenta a gente fraca; e que despreza
Quem tem força, quem doma a natureza,
E quem não quer passar d'erros a crimes.

Faze embora elogios á inconstancia,
Ama vinte, se queres, não m'importa;
Eu para criticar estou já morta...
Não conheces a minha tolerancia?

Sou de composição muito exquisita;
Não creio nos amores desta terra,
E declaro aos amantes maior guerra
Quando de amor minha alma necessita.

Quem vês tu que mereça ser amado?
Qual do culto de Amor digno hierophante
Não terá co' as fraquezas d'inconstante
Os augustos mysterios profanado?

Amor em mim não é qual o tu sentes,
Um clamor, um tumulto dos sentidos;
Eu tenho esses escravos submettidos
A leis mais elevadas, mais decentes.

Sinto amor como a terra toda sente
As forças que a mantêm, forças diversas;
Amor me faz fugir d'almas perversas,
Por amor busco (em vão) uma innocente.

De opiniões cobardes governados,
Os homens hão de rir destas doutrinas,
Hão de rir os peraltas e as meninas:
Queres que adore um desses malcriados?...

EPISTOLA

A Philotas,

Sobre um Poema Epico, cuja acção principal era o nascimento do Principe D. Antonio. Este Poema foi-me remettido para dizer a minha opinião sobre elle, antes que se imprimisse. Não se imprimio.

Não posso ouvir em paz a lyra impia,
Que profanando os dons das santas Musas
Troca os hymnos celestes e a verdade
Pelo canto insidioso das Serêas;
E sem dó dos desastres que motiva
Co' a lisonja sonora o Throno assalta.
Não foi assim que Alceo, soltando as vozes,
Fez retumbar de Lesbos as florestas,
Nem que o doce Arião calmava os mares.
Luz celeste, que os Deoses communicam!
Estro divino! desce, arde em meu peito;
Toma a forma dos raios fulminantes
Com que Apollo vingava os grandes crimes.
Toma o teu livro, candido Philotas,
Que habituado ao bem o mal ignoras;
Lê, medita, repara quaes symptomas
De extrema corrupção todo respira;
Como as orlas fataes de um precipicio
Enramalheta com cheirosas flores.
Excessos no louvor são quasi insultos
De que se offende um coração modesto;
E quem transtorna a marcha das idéas
Para louvar sem freio um Rei mancebo,

A cicuta lhe off'rece em vasos d'oiro.
Não é (mente o Poeta) o louro steril; (1)
É symbolo da gloria que o Rei busca:
Não são quimeras carros de triumpho,
Vencidos Reis, e Povos destroçados;
Estes males são grandes, mas dos males
Menor mal é vencer que ser vencido.
Querem os Povos paz, mas paz decente, (2)
Que é fructo de virtudes vigorosas;
O Principe qual é, não qual o pinta
A servil phantasia do Poeta;
Querem ver o que vem, que antes da aurora,
Attento aos arsenaes, cortando o Tejo,
Despreza o frio, e as iras Neptuninas; (3)
Junto ás cohortes bellicas anima
O valor, a destreza, a honra, a gloria;
Querem-no ver attento, investigando
O incognito caminho da verdade;
Justo, intrepido, firme, compassivo,
Qual Marco Aurelio foi, e os Ceos o deram.
Tudo disse o Poeta, menos isto;
Errou, desafinou, e fez maos versos:
A lyra estranha, quando adula os homens.
A Poesia boa é como o fluido
Que a tua mão perita desenvolve (4)
Da planta em clara lympha mergulhada,
Na presença da luz, quando o Sol brilha;

(1) O auctor do poema assumpto desta critica condemnava os preparativos que então se faziam em Portugal contra a França.

(2) Aconselhava a paz.

(3) Nesta epocha S. A. R. visitava as esquadras, e assistia aos exercicios maritimos e militares.

(4) Allude-se a uma operação com que se extrahe o oxigenio das plantas.

(Notas da auctora).

Oxigenio que a vida nos realça,
Balsamico elixir com que a virtude
S'envigora, e reluz em nossas almas.
Se qual Erinys seva, o Sol despreza,
E do baço luar procura influxos;
Se o sangue de licranços, de serpentes,
Do teixo a folha, as aguas solfatarias
Tempera ousada, com sinistro intento,
Para compor seus filtros venenosos;
Digo então que o Poeta não conhece
As veredas do Pindo deleitosas:
Por suspeito o dou logo ás castas Musas,
E o *Plaudite*, que espera, não concedo.
Eu jámais contarei como Poetas
Os que forem buscar ficções aos charcos,
Ás lobregas moradas onde a Inveja
Traições medita, e as sedições fomenta. (1)
A Epopéa tem leis, que Apollo mesmo
Gravou co' a propria mão em taboas d'oiro:
Homero as trasladou, e fielmente
A Grecia em córos as redisse ao Lacio.
Os bosques, as campinas, o Eridano
Applaudiram Virgilio: o Tejo, o Tames
Depozeram tambem as verdes algas,
E do louro virente se adornaram.
Deve haver uma acção que seja heroica,
De que resulte maxima sublime.
Tu já leste Aristoteles, Horacio,
Leste Boileau, Scaligero, e mil outros:
Dize, qual dos Lycurgos do Parnaso

(1) Axiomas e imagens em que achei tendencia para as opiniões revolucionarias.

(Idem).

Acharia proeza o ter nascido?
Nasce qualquer, ninguem se gaba disso.
Os Reis, pelas phalanges defendidos,
E cobertos de purpura e diamantes,
Sem pedagogo sabem bellamente
Que tem principio e fim como os mais homens.
A invocação é frouxa e lisongeira,
A exposição, incerta, e me parece
Esse intrincado e vasto labyrintho
De que um Theseo apenas se livrara.
Depois, qual nao sem leme, abandonada
Aos bravos mares, batem-na mil ondas;
Sem piloto, sem bussola, ora toma
O rumo errado que lhe aponta a França,
Ora no abysmo horrisono se immerge.
A convulsiva Musa, delirando,
Julga Genios os monstros e phantasmas
Que enferma a phantasia lhe debuxa.
Descreve-me uma Inveja furibunda
Que aos impavidos póde metter medo,
E não ha para quê. Com feios berros
Uma Discordia velha, mola usada,
Que desempenha qualquer vate afflicto.
O Grego Cysne, pae das ficções bellas,
Se crê; mas crê-me tu, eu só lhe sinto
A linguagem dos delphicos prophetas,
Ou de um que sae da gruta de Trifonio,
Não sei bem se é Poeta, ou energumeno.
Se falla dos Heroes, o estilo eleva,
Resplandece co' as luzes da verdade,
E o clarão Apollineo o vai guiando
Pelas ladeiras ingremes da Gloria.
Eis que escorrega, timido vacilla,

Cala o grande segredo, memorando
Que ao Principe occultar ninguem devia:
= Pacheco ignoto, preso, pobre, afflicto,
= Lutou co' a morte só, que as testemunhas
= As tinha a ingratidão afugentado:
E nos mares que o viram triumphante,
Dos quaes foi o terror, o assombro, o espanto,
= Sem premio, sem fortuna, e sem thesouros,
= Acabou Albuquerque injuriado.
A maior das acções é morrer firme:
Assim morreo tão bem... mas os vindouros
Dirão mais altamente o que eu não digo.
O quarto canto é lindo; mas que importa?
D'uma estatua infeliz Flacco applaudia
A perfeição das unhas, dos cabellos,
Quando o harmonico todo lhe negava.
Canta o Principe, e canta a Gloria Lusa:
Busco o primeiro, e em dois cançados versos
O alcanço apenas quando a solfa acaba:
A Gloria Lusa busco, mas tardia
Só me apparece, quando eu já cançada
De andar á sirga pelo mar de Creta, (1)
Salto de Chypre ao Sol, e não sei donde
(Que o Poeta confuso nada explica)
Avisto os atrios de um pomposo Templo.
Se a descriptiva frase mais afoita
Deixasse andar os resolutos verbos,
Se qual menino timido não fosse
O substantivo sempre apadrinhado

(1) No quarto canto, bem que de um modo extravagante, o Poeta faz menção dos Heroes Portuguezes, e não obstante a irregularidade do caminho que leva, não deixa de ter merecimento.

(Idem).

De um rancido epitheto já sabido,
Nada notara neste canto lindo.
Quem não conhece as *horas fugitivas?*
E os dias, se são novos, por *ligeiros?*
É que *ligeiros* quadra mal com *dias;*
Dias *rapidos* ha, dias *velozes,*
Quaes os meus, *dias tristes:* temos visto
Que os epithetos proprios dão mais força;
Mas os improprios o discurso arrastram.
Paro aqui; doutrinar é triste officio.
E tu perguntarás quem me authorisa
A legislar na patria os dons de Phebo?
Se me comprime a testa a c'roa d'hera?
Se as lições recebi do gosto puro?
Se eu sou quem pede Apollo e as Musas honram?
Eu não sei bem qual sou; mas sinto n'alma
Uma chamma, um ardor que me arrebata,
Se um sacrilego audaz a lyra empunha:
A meus olhos a tripode vacilla,
Descora Apollo; os louros do Parnaso
A folha perdem, Hyppocrene sécca,
Morrem os Cysnes, calam-se as Camenas.

EPISTOLA

Em resposta ao Conde da Ega, Ayres de Saldanha.

Almeirim 1800.

Enganas-te; não posso *tanto, tanto*
Quanto esperas de mim, quanto me pedes;
Mais vida, mais vigor tem estas plantas,
Os arbustos que crescem nestes prados.
Vegeto as mais das horas; se me acorda
Deste triste lethargo algum assumpto,
Ou vem rompendo nuvens de cuidados
Em que envolta me traz a sorte austera,
Ou, qual trovão que vibra a mão de Jove,
De mil sustos me assombra o fraco peito.
Da vida a brevidade nos prohibe
Entablar esperanças dilatadas;
A Parca é surda ao nosso humilde rogo,
E já de um sopro seu envenenado
Me apagou de uma vez todo o Universo.
Eis-aqui como afflicta, e sepultada
Nos abysmos do puro sentimento,
Me separo da classe dos viventes:
Mas então radiante a razão surge,
E ao clarão de seus raios luminosos
Vou distinguindo os erros da tristeza,
E aprendo philosophicos preceitos,
Que mansa a paciencia me decora.
Fortificada assim, os olhos lanço
Sobre o painel da creação tão vasto:
Nos meus ermos co' a mente os Ceos abranjo,
Da Natureza estudo os tres dominios,

E em quanto desenvolve a Primavera
A força vegetal, que os campos veste,
Faço dormir a dor, calo as saudades.
Flora, por deleitar-se, um dia claro
Desceo do Olympo á terra, e destramente
Classificou as plantas variadas;
E em premio da razão indagadora
Revelou a Linneo grandes mysterios.
Flora mesma tambem me vai guiando,
E sem sequito, mais que alguns perfumes,
Os ventos brincadores, e o socego,
Me communica as leis simples, sublimes,
Com que a familia rege e desenvolve
Das lindas liliaceas que hoje apontam.
Cedo virão do Tlaspe argenteo as flores
Distinguir nas cruciferas as raças;
Virão os goivos perfumar os ventos;
De floreas borboletas brevemente
Se hade a terra cobrir, hade enfeitar-se.
Vês tu na Corte um tronco mui frondoso,
Cujos ramos ou tribus nos recordam
Da antiga lei as bençãos tão famosas?
Eu tambem, cá no campo, tambem vejo
O Geranio cheiroso, que sem fausto
Cento e tantas especies me apresenta.
Nunca um só individuo desta prole
Teve cargos nem postos que agitassem
As pacificas leis das outras plantas.
Que modelos não tem a Natureza,
Que brilhando no objecto inanimado,
Envergonham a especie intelligente!
Repara na Umbellifera vistosa;
Dos pedunculos desta saem raios,

Destes raios os filhos todos pendem;
O mesmo succo a todos vivifica,
Todos a um tempo os raios do Sol gostam,
Vivem juntos, e todos juntos morrem.
Ai de nós! quão diversa é nossa sorte!
Que divisões, que lutas, e que estragos
Semêam as paixões entre os humanos!
Se no seio das ondas empoladas,
Nos mares da politica, entre escôlhos
Passas teus dias, praza a Deos que possas
Aportar felizmente nestas praias;
Sincera gratidão aqui te espera,
E um lugar consagrado a ingenhos claros.
Nem porticos marmoreos, nem columnas
Que cinzelasse em Paros mão perita,
Has de achar neste sitio: altos pinheiros
Formam de espessa rama o nosso tecto,
E graminea alcatifa nos off'rece
Para pensar lugar accommodado.
Uma fonte serena ali murmura,
E mil vezes afoita a phantasia
Cuida ouvir revolver-se dentro d'agua
A Nayade gentil que lhe preside.
Se agita o vento as cannas buliçosas, (1)
Se da serra um rochedo assusta a vista,
Mythologicos sonhos me recordam
Ora aquella que a dor petrificara,
Ora a Nympha medrosa e fugitiva
Que o pudor converteu em verde junco.
Com palavras e idéas todo o globo
Corre depressa aquelle que conversa.

(1) Allusão a Val de Nabaes, sito não longe da serra d'Almeirim.

Quando se esconde o Sol, e a noite ostenta
D'entre sombras milhões d'astros luzentes,
Para entreter as filhas com proveito
Vou revolver então montes de idades.
Vinte seculos voam, quando apenas
Vem surgindo das trevas rutilante
O Pae dos Crentes, cujos passos guia
Deos mesmo para a terra onde o estab'lece.
Então de lá do Egypto o Rei primeiro
Vem pôr da gloria grega os alicerces:
Vem Cecrops depois fundar Athenas;
Athenas!... este nome as scenas abre
D'heroismo, valor, artes, e ingenho.
Italia, que hoje assusta mão terrivel
De um Guerreiro (1) rebelde e temerario,
Dormia então de fabulas coberta,
Nem raiava o crepusculo dos dias
Que illustrou Scipião, Fabricio, e Cesar.
Com os mappas na mão, aventurando
A memoria, lhes digo: Aqui foi Troya;
Se a coalisão moderna acaso fosse
A fatal coalisão da argiva gente,
Talvez como os de Pergamo, infelizes,
Os muros de París já vacillassem;
Mas supprimo as palavras neste assumpto,
E um grilhão ponho até no pensamento.
Distrae-me a vista ali no mar visinho
Lesbos, patria d'Alceo, d'Erinna, e Sapho;
Vem as magicas artes lançar fora
O tedio das lições, do estudo austero;
Ora a voz, ora a mão industriosa,

(1) Buonaparte.

Copiando modelos mais amenos,
Dão alma aos sons, e vida á tela e cores.
Vem pensar como nós, vem por um pouco
Ver triumphar as Aguias nestes ares,
Em quanto sobre o Adige infelizmente
As insulta esse Corsega inhumano.

EPISTOLA

A Elmano (1)

Em resposta á dedicatoria das suas obras.

Londres.

Desgostosa de um mundo espedaçado,
Vagando c'o ligeiro pensamento
Nos serros que o Peneo banha e fecunda,
Fui buscar uma gruta accommodada
Para entregar a Phebo a mente e as penas.
Aqui, disse, amansou o Thracio Vate
Com meigos sons as feras e os penedos;
D'aqui partio a demandar a esposa,
E quebrantou do Averno as bronzeas portas.
Ali se elevam dois montes soberbos
Que avistam Phebo apenas deixa Thetis.
Entre os dois alicerces dos Gigantes
(Modelo horrivel dos Antheos d'agora)
Repousa o Valle aonde as Musas brincam.
Ao norte surge o monte sacro-santo
Donde dimana a luz aos genios altos...
Oh quimerica Tempe, a ti me acolho,
Se não c'os membros, co' a alma fatigada;
Nos teus bosques frondosos articulam
As folhas, que menêa o vento leve,
Harmonico susurro, o metro nasce
Do compassado som que nos recrêa.

(1) Manoel Maria Barbosa du Bocage. A dedicatoria acha-se no 3.° tomo das suas obras.

Torrente argentea entorna o fresco Eurotas,
Que altivo não mistura de outras aguas;
Altêa os hombros mesmo o Pae de Daphne,
E respeitoso os seus cristaes transporta.
Assim tambem me arrojo na desgraça;
Eu vou sósinha entre a corrente escura
Que a todos leva, aonde? Ah! não sei onde...
Elmano! Com teu canto, oiro d'Apollo,
Magico dom das Musas, me ergues templo,
Que em vão Sansoneas mãos arrazar querem.
Vem, junto ás fontes da Thessalia illustre,
Cantar aonde eu busco algum conforto;
Brinda as Cantoras que estes sitios honram
Com teus versos de fogo, com teus versos
Em que renasce Ovidio, e que sossobram
Nos lares immortaes o Mantuano.
Alcipe, dirás tu, *Alcipe a Vate*
Fiz com meus hymnos Deosa, e com meus hymnos
Lhe afiança sem susto a eternidade.
Elmano, jura Alcipe, vence o tempo,
Vence as serpes da inveja, e transformado
Em Cysne voador, qual outro Flacco,
Tem por Mecenas o seu proprio ingenho,
Por juizes os Numens e a Verdade. (1)

(1) Quando chegou esta epistola a Lisboa, já Elmano tinha morrido.
(Nota da auctora).

EPISTOLA

A G***

Resposta ao Poema sobre a origem dos Açores.

Em Inglaterra.

Salve, oh lyra deleitosa,
Salve, oh Vate Lusitano,
Anonymo que passêas
Sobre as forjas de Vulcano.

Goza em paz desses aromas
Que espalham as Paphias rosas,
E á gentil Cloris dedica
Tuas canções sonorosas.

Mas sabe que aonde mora
Um cysne já moribundo
Veio teu canto embargar-lhe
A saída deste mundo.

Apollo que n'outro tempo
Me revelou mil segredos,
Scintillava nos teus versos,
E tornou-me aos dias ledos.

Vi, como tu, a Fortuna
Sobre a roda baqueando,
E tambem zombando della
Fui meus versos entoando.

Tinha-lhe feito um aceno
De que a cruel se sentio;
Fantastica, quer escravos,
Vio-me soberba, fugio.

Ao mago clarão dos versos
Vulcano vi forcejando,
Por cumprir o gosto a Venus
As ilhas desconjuntando:

Manda aos Brontes que do ferro
A essencia tenaz desatem;
A um tempo os braços levantam,
A um tempo os martellos batem.

A labareda das forjas
Reflecte nas faces brutas,
E dos golpes na bigorna
Gemem com estrondo as grutas.

As armas adamascadas
Que das mãos destras saíam
Fiaram d'Eneas glorias
Que a Turno mais competiam.

Ha muito que amor da gloria,
Zelo, lealdade pura,
Tem para corações nobres
Maior calor que ventura.

Bastardos restos da Phrygia
Obtem dos Deoses favor,
Armas, applausos deixando
Inutil, natal valor.

Vio o Tibre ensanguentada
Por isto a praia latina,
As mesmas paixões causaram
D'outras praias a ruina.

Foram vãs as hecatombas
Que a Jove os Gregos fizeram,
Nos ares preces e votos
Os ventos desvaneceram.

Perfidas mãos destruiram
O chefe d'Argiva gente;
Para os animos cobardes
Crime é ser nobre e valente.

Tão miserandos successos
Da memoria são tormento,
Por mais que a razão s'esforce,
E que invoque o esquecimento.

EPISTOLA

A P. C. P. (1).

Em 1815.

Tu mea plectra moves.
Antraque Musarum longo torpentia somno
Excutis, et placidos ducis in orbe choros.
Claudiano.

Mais facil me seria pôr o Pelion
Em cima dos gelados cimos do Ossa,
Que alcançar até onde a intriga chega;
Quanto eleva, derruba, quanto gasta.
Não cuides, não, Pierio, que insensivel
Os teus versos suaves não escuto;
Oiço, percebo, gosto, porêm temo
Responder-te, receio que trasborde
A bilis que reprimo, e que afogara
Em torrentes amargas erros tantos.
O meu fel não procede de outros erros,
Deo-mo a justiça, neutralisa-o força,
E se o mundo não fôra tão perverso,
Fôra do mundo excelsa medicina,
E com ella voltara a idade d'oiro.
Ah! tu porêm conheces como a Grecia
Com triste agoiro grava e representa
A esperança nutrindo uma quimera.
O já devorador Saturno impede
Que o monstro nos illuda; nada espero:
O profanado Phebo hão de insultá-lo

(1) Pedro Caetano Pinto de Moraes Sarmento.

Os semi-sabios, presumidos nescios,
Hão de os casquilhos enterrar a lingua
Que Ferreira fallou, falla Filinto.
Mas taes males não são mais que symptomas
De outros maiores, pois Doutores bestas
Só nascem de fortuna e poder grande,
E de trevas, que a luz do ingenho apagam.
Pois que o mundo assim fica, que faremos?
Admirar, lastimar tão triste scena!...
Não posso atormentar-me com tal vista,
Prefiro uma caverna onde medite,
Onde a imaginação soltando as azas
Vá sem constrangimento encontrar Musas,
Orpheos, Terpandros, Linos, e mil outros
Que em divinos concertos ensinaram
A terra a ser feliz. Não me divertem
Histriões sem costumes, dramas oucos
Que no Theatro as almas envenenam.
Oiço co' a idéa os sons melodiosos
Do amante de Eurydice; as duras rochas
Da terra circundante se despegam,
Atrahidas dos melicos accentos;
Do Hebro as ondas pasmam, e a carreira
Da rapida torrente se demora;
Curva o Rhodope a frente levantada,
O tigre a furia amansa, e alegre pasce
Entre animaes pacificos, cedendo
Ao prazer que diffunde o doce canto;
E em quanto estas imagens me rodêam
Nada invejo dos lyricos theatros.
De factos, que não teem analogia
Co' as tão lindas ficções da antiga Grecia,
Tiro ás vezes proveito, convertendo,

Como Homero fazia, tudo em oiro.
Analyso Escrivães, Juizes, e outros,
E cuido ver sair do escuro Averno
Com seu sequito audaz o Deos das Sombras:
Cuido entrever Plutão investigando
No subterraneo abysmo uma vereda
Por onde aos prados da Sicilia surja,
E roubar venha a bella Proserpina.
Já sobre o corpo d'Encelado marcham
Os fogosos ginetes com estrondo;
A sulfurosa costa rompe o carro,
Tudo é ruido, pó, trevas e fumo:
Os astros se obscurecem, treme a terra,
Os obstaculos, as rochas se desfazem;
Grita a filha de Ceres, e desmaia:
Nada importa, Plutão empolga a preza...
  Tens percebido?... Pois contempla agora
Uma alma sem remorso, uma alma simples,
Na qual a gratidão domina sempre,
E que estes toscos versos te dedica.

EPISTOLA

Ao Principe D. Pedro.

Em 1815.

Se te deleita o plectro harmonioso,
Se as Musas amas, Principe sublime,
D'ellas affasta a catadura horrivel
Com que a etiqueta, qual feroz Medusa,
Os genios petrifica; e não te peje
Seguir nos valles Phebo, quando humilde
Apascenta do antigo Admeto os gados.
Se posso, a ti consagro quanto ardendo
Em patrio amor escrevo, quanto a lyra
(Que humedeço com pranto os mais dos dias)
Entoa, por vencer acerbos fados
Que malogram serviços e talento.
Vou, por entre borrascas, vou cantando
Teu nome divinal, vou no futuro
Divisando milagres d'harmonia,
Com que no berço as Musas te embalaram;
Vejo as artes e o ingenho refulgirem;
Vejo em serie lustrosa vir raiando
D'entre o negrume de impostoras nuvens
O Vate, o Heroe, que fraude atroz sumia,
Qu' ía apagando o tempo malfadado,
Sem respeito ao que traz d'antiga stirpe
Illesa fé, valor, brio immutavel.
Só é dado ao Sabêr tirar das trevas
A verdade que embaçam feros erros:
Só é dado ao Sabêr saltar barreiras
Que oppõe Sophisma a rectos axiomas;

Fazer sair o certo d'entre as sombras
Em que o some fatal paralogismo.
Nos cofres de Mnemosine encerradas
Moram priscas virtudes, que algum dia
Incorrupta razão hade off'recer-te
Para a gloria sem par de restaurá-las.
A ti destina o Ceo esta ventura:
Serás tu, refulgente de virtudes,
Quem a Patria languente resuscite,
Quem se apresente ao Pae ausente e pio,
E lhe diga = « Senhor, olha o que fazes!
« Dos thesouros que tinhas pouco resta;
« Salva quanto do estrago remanesce. »
Passei co' a mente os ambitos da terra;
Transgredindo dos astros as balizas,
Muito além dos confins dos Ceos levada
Fui nas azas do puro sentimento,
Que da fraca razão o vôo excede.
Vi pesar na balança omnipotente
Dos homens a equidade e seus juizos:
Não como o vulgar vê, vi os successos
Bem como os via o Sêr omnividente;
E por mais que os mephyticos vapores
Da terra se exhalassem, puras, santas
As intenções de victimas sublimes
Offuscar ante Deos nunca alcançaram.
No altar d'ouro as angelicas essencias
Punham cofres de rutilos diamantes,
Onde o mais puro incenso recolhiam.
Não era o terreo incenso da Panchaia,
Nem perfumes d'Assyria, eram virtudes:
Viam-se ali aquellas que sem premio
O Ceo tiveram só por testemunha,

(Sendo os fracos humanos incapazes
De attribuir-lhe o preço que Deos fixa;)
As que a terra illudida transmutara
(Para fartar cobiça) em erro, ou crime.
Via-se o pranto de chorosas Virgens
Caïr nas mãos do immenso Sêr piedoso,
Em perolas celestes convertido.
Os inuteis gemidos das Viuvas
Reflectiam no Ceo, quando na terra,
Contra a lei, com furor se desprezavam.
Em fim, lá vi, Senhor, quanto rejeita
A superflua justiça dos humanos,
Que profana teu nome, sem que o saibas.
Remontei-me ao mais alto, os Ceos se abriram;
Rasgou-se um véo; luzio com vigor novo
Luminoso clarão, que reflectia
Na pura consciencia de um Rei justo.
O Auxilio renasceo e a Confiança,
E no eterno arsenal gemendo entraram
Os coriscos que arrazam a innocencia:
Os vituperios no ar se dissiparam;
Fugio a fraude, afflicta, envergonhada;
E gaguejando, a incuria decisiva
Foi praguejar no abysmo sem proveito;
Buscando em vão o desprezivel manto
Da hypocrisia e falso amor da Patria,
Que em sangue tantas vezes ensopara.
Veremos pois, Senhor, raiar os dias
Que Sibyllica voz fizera eternos,
Se o lycio grasno, em tempos desditosos,
Como oraculos vãos não supprimira.
Bem como, em justa proporção, nos quadros
Escultou com primor os casos Phidias

Que á Grecia tanta gloria recordavam;
Na mente augusta imagens se relevam
Que excitam n'alma movimentos gratos:
A natureza inteira lhe recorda
Quanto frustrou malicia, e zelo falso,
Quanto heroico soffrêr calado espera.
Voltam-lhe á mente os seculos passados:
O Conde augusto vingador das Damas,
A bella Elvira, adorno da Navarra,
E essa que o nome e o lustre ao Sol colhia.
Não mais bellas, mais nobres e innocentes
Foram do Cid as filhas, nem aquelle
Pela patria fez mais, que os que levaram
'Té ás portas d'Aurora a gloria Lusa.
Já do preclaro Avô o exemplo o punge,
E a neta de Pelaio (1) injuriada
A seus olhos parece horrido eclipse
Que resente affrontada a Natureza.
A par de um cadafalso que elevara
A mentira, a perfidia, vê cem thronos
Que tributarios lhe renderam esses
Cujo sangue e fadigas não tiveram
Premio igual aos exemplos que deixaram;
E que sem desmentir-se os seus seguiram.
Nas paginas da historia fita os olhos,
E todo o interno senso se lhe abala:
Percebe que a suspeita, monstro horrivel,
Recaío sobre os homens que achariam
Poucas mil vidas, quando mil tivessem,
Para salvar-lhe a sua, e os patrios lares.

(1) Juliana.

(Nota da auctora).

Mil lustrosos argueiros apercebe
Que pertendem supprir tão grandes astros;
Mas da Verdade o rutilante aspecto
Dissipa o nevoeiro que esses formam.
Vê as cousas quaes são, e accelerado
Busca os balsamos puros com que salvam
Os Reinantes feridas dolorosas;
Com que apagam meteoros pestilentes
Que infestam, sem proveito, a atmosphera.
Que privilegio, oh Principe! que gloria!
Quem pode, senão Deos ou quem o imita,
Restaurar existencias, romper trevas,
Que affrontando a innocencia, a sepultavam?
Gravou nos corações o quinto Affonso
Um padrão que é modelo d'equidade,
E ao patrio chão deu vida, destruindo
A proscripção fatal que injuriara
A incorruptivel fé dos Portuguezes;
Portuguezes!... que á polvora assemelham,
Os quaes sempre a favor da Monarchia
Fazem grande explosão, com tenue massa.
Não lhes vem o valor de estranho mestre,
Vem de stirpes, memorias, brio innato;
Na lembrança lhes vive o antigo Affonso
Cuja lança potente a terra deita
O gigantesco Rei de Silves, morto;
Omar cahe a seus pés, Ismar recua,
E o mauro povo em toda a parte cede.
Não lhe faltava gente forte em torno,
Os Fafes Luz, os Mendes, os Gutterres,
Os Mellos, que tambem eram Almeidas;
Os Pereiras, Dom Fuas, nesta lide
Com seu Rei competiram nas proezas.

Como um fogo voraz foi caminhando
A gloria Portugueza, e a cada passo
Se tomava ou vencia uma cidade,
E assim o immortal Reino se fundava.
Uma serie de Reis, todos valentes,
Uma serie de Heroes, todos vassallos,
Consolidou com gloria o Solio Luso.
Tudo é brilhante, heroico, magestoso
Nos cavalheiros seculos passados.
A politica lugubre e solipsica,
Dos ministros de então desconhecida,
Reservou para nossos baços dias
As intrincadas formas que a revestem.
Proclama-se um torneio, são chamados
Ao som de trompa nobres cavalheiros:
Concorrem d'Inglaterra, França, Hespanha,
Os mais destros e audazes, mais distinctos,
E entre enigmas, divisas, galanteios,
Se disfarça o projecto glorioso
Que Ceuta sujeitou ás Lusas quinas.
Luta D. Pedro, luta o sabio Henrique:
São pela regia mão do Pae ditoso,
Em premio de fadigas gloriosas,
Na maura praia, armados cavalleiros.

EPISTOLA

A Jonio.

Imitada da 1.ª Epistola do livro 1.º d'Horacio.

Tu, que da Musa minha adolescente
Os numeros singelos escutaste,
Como as canções, sem graça, derradeiras,
Queres que entoe nova cantilena?
No jogo antigo queres enredar-me?...
De applausos cavilosos vou cançando;
De taes esforços sinto-me liberta.
Discreto Jonio, não intentes tanto;
Nem sempre a idade e a mente são as mesmas.
Deixou Vejanio (1) as armas penduradas
No templo d'Horus, e vivia occulto
No seu casal, a fim de recusar-se
Depois de vencedor a ser vencido,
E supplicar refugio indecoroso
No infimo lugar da infausta arêa.
Tenho quem sem disfarce a meus ouvidos
Retinir faça claramente as cousas:
Ponho de parte agora versos, cantos,
E quanto alegra a juvenil caterva;
Da virtude e razão sómente cuido,
Sómente isto appeteço; entregue toda

(1) *Vejanio*, gladiador celebre. O gladiador vencido, e prestes a receber o golpe mortal, pedia a vida ao povo, que lha concedia quando elle tinha combatido lealmente. Vejanio era valente, mas as forças começavam a faltar-lhe, e era este o caso da indulgencia.

Á seria reflexão, mais nada estudo:
Só construo e componho o que sem risco
Produzir posso a salvo e sem censores.
Não me perguntes qual escola sigo,
Em que lares me abrigo: não sou dessas
Que a jurar me restrinja pelo mestre.
Onde a razão me leva, afoita corro,
Ou me hospede a ventura ou fado adverso;
Acudo onde a verdade me esclarece:
Agil prosigo ás vezes na vereda
Onde brotam as mais viçosas flores,
Ou sou por ondas bravas açoitada;
Da virtude custodia e da verdade,
Sou dellas defensora a todo o custo.
Os commodos preceitos d'Aristippo
Tambem ponho de parte sem violencia:
Eu cuido em subjugar a mim as cousas,
E em nunca ser por ellas subjugada.
Quanto a tardança enfada a quem espera!
Como os dias parecem tediosos
Aos jornaleiros! o anno preguiçoso
Ao pupillo que opprime inda tutela!...
Para mim assim tardo vai correndo
O tempo ingrato que a esperança alonga.
Pois basta d'illusões, e me contente
O que aos pobres é util como aos ricos,
Aos moços util sempre como aos velhos,
E mui nocivo a todos se lhe esquece:
Convem pois que a razão no-lo recorde.
Resta-me em fim reger-me com acerto,
Fazer destes principios meu thesouro.
Quem não tem como lynce a vista aguda
Usa de algum collyrio, os olhos unge,

E quanto póde vê; vejo o que posso,
Confortada co' as maximas que sigo:
Ellas de seita empirica me affastam,
E as faculdades d'alma me dilatam.
Se de Glycon, o gladiador, não tenho
Os membros ageis, fortes, não é justo
Que despreze os remedios que me livram
Da nodosa podagra que entorpece
Os movimentos: posso andar ao menos,
Se não me é dado progredir mui longe.
Se avareza ou cubiça me ardem n'alma,
E me atormenta seu ardor insano,
Palavras ha, razões brandas que adoçam
A dor que afflige, e diminuem parte.
Expiações saudaveis ha que saram
Os enfermos de vicios; algum livro
Que tres e quatro vezes me repita
Quanto é futil a gloria momentanea.
Não ha paixão feroz que não reprima
Saudavel reflexão: odio, vingança,
Colera, amor, inveja, modifica,
Anulla, quasi sempre, sã doutrina,
Quando docil ouvido lhe prestamos.
A virtude é saber fugir do vicio:
Carecer de 'stulticia é ser cordato:
Nisso consiste a summa sapiencia.
Com que trabalho, e até risco de vida,
Fugimos de quimeras que julgamos,
Sem raciocinio, serem mal supremo!...
Da falta de dinheiro, e da vergonha
De soffrer que o recusem se o pedirmos!
Deste apparente mal outros se seguem
Que empenham nossas vidas. Quantas vezes

O mercador solicito se arroja
Pelo agastado mar até ás Indias,
Fugindo da pobreza? Outros affrontam
Incendios, precipicios, serranias,
Loucamente admirando e desejando,
Só porque entendem pouco, cousas ôcas?
Nestas loucos s'empenham, mas recusam
Ouvir, acreditar, aprender essas
Que valem muito mais, e ' alma lhe saram.
Qual soldado haverá que em sua aldêa,
Certo da palma olympica, se ostente
Em seus humildes tectos laureado,
E despreze a ventura de c'roar-se
Nos jogos tão famosos, tão patentes,
Onde tantos applausos alcançara?
Muito mais se a esperança lhe promette
Conseguir facilmente nobre premio:
E que são esses premios? — fumo, vento.
A prata vale menos do que o oiro,
E o oiro muito menos que a virtude.
Oh Jonio, Jonio! a maxima perversa
Do mundo de hoje é dar a preferencia
Sobre tudo ao dinheiro. A praça grita...
Grita dinheiro, depois delle as honras:
Isto reclamam juvenis casquilhos,
Isto approvam os velhos desalmados,
Em usurarios calculos immersos.
Mas se acaso, exemplar em teus costumes
Tu fores, se discreto, se perfeito
Em palavra, em dictame, e ninguem tenha
Que notar, has de ser desconhecido
D'infima plebe, pobre, mas qu' importa?
Hão de acclamar-te Rei os d'alma regia,

Os candidos, os justos coroar-te.
Os nossos dias são como os de Roma:
Em faltando os sextercios necessarios (1),
Ou seja ou não de Scipia raça, um homem
Não será cavalheiro... Forte peça!
Se tem a consciencia sem remorsos,
Se qual muro de bronze a probidade
O defende dos sustos vergonhosos
Com que os culpados tantas vezes coram,
Por mais que em faxas d'oiro andem pensados.
Dize pois qual preferes: a Lei Roscia,
Ou o simples remate das cantigas
Que na rua as crianças já cantavam,
Quando tinha a virtude justo preço,
Quando Curio e Camillo respiravam?
=Faz bem tudo o que faz=Que mais desejas,
Se fallando de ti assim disserem?
Uns te dirão talvez: «Enthesaurisa,
«Se por licitos meios isso pódes,
«Se não, como puderes, e é preciso
«Para andar com mais pompa, com mais fausto,
«Ter camarote fixo, ir dar sentenças
«Sobre Dramas insulsos, Elogios
«Cincoenta e duas vezes praguejados (2).»
—Outros te exhortarão a viver livre,
Subjugando os caprichos da Fortuna
Á tua independencia:—qual escolhes?...
Qual destes dois avisos mais estimas?...

(1) Quatrocentos mil sextercios era a somma necessaria para ser cavalleiro, em virtude da lei de Roscio Othon, chamada lei Roscia do nome de seu auctor.

(2) O Padre José Agostinho de Macedo todas as semanas no seu jornal chamado —O Espectador— lança uma excommunhão litteraria sobre as obras de um certo Pato Moniz, auctor dos Elogios.

(Nota da auctora).

Se essa gente com quem vivo, e que encontro
Nos jardins, nos passeios, na assembléa,
Me pergunta porquê tanto diffiro
Em idéas e gostos dos seus delles,
Lhe direi o que diz acautelada
A raposa ao leão que jaz enfermo:
=Observo, e com temor, que á tua gruta
=Todos quantos vestigios ha de passos
=Lá vão parar, e nenhum ha de que voltem=.
Muitas cabeças tem hoje esta fera
Que chamam Sociedade: entre nós outros
Qual nos deve guiar? qual seguiremos?
Uns trepam co' a ambição altos empregos;
Nem todos podem: outros laços tendem
Á inexperta avareza; arras, heranças
De viuvas e velhos, tudo enredam,
E na espraiada rede astutos pescam.
E quantos pela usura se enriquecem!
Quantos mais co' a lisonja e co' a vaidade
Dão comsigo no escolho que recêam!
Os prazeres affagam, tedio os mina;
Mudam de gosto quando o gosto fartam;
Limites ao deleite em tudo encontram,
Quanto mais se aboboram na materia.
Solta-te, oh Jonio, das cadêas ferreas
Com que a futeis delicias te aferrolhas:
Avalia a tua alma, Kant estuda;
Serás livre, ditoso, serás sabio,
Avistarás a extensa eternidade:
Com desprezo as sensiveis metas vendo,
Remontarás teu vôo 'té onde chega
O immortal sêr que dentro em nós reside,
E o terreo volvedoiro despir deve.

EPISTOLA

A Godefredo (1).

Como sopra do Oeste rijo o vento!
Que susurro medonho as folhas fazem
Entre a floresta que reveste o monte!...
Como retrata o rio a nuvem negra
Que vem descendo, prenhe de borrascas!...
Porêm... verdeja o chão... e o Sol brilhante
Por uma fresta d'entre a nuvem rompe...
Já não desfolha as flores fero o vento,
Nem na floresta o rijo tronco estalá.
Eis, Godefredo, a imagem que me antoja
O furor com que assaltas as doutrinas
Que á mente humana mil thesouros trazem;
As doutrinas que o denso veo levantam
Da Natureza, e o bello quadro mostram
Dos portentos que a mão divina ostenta.
Has de applacar-te; o Sol virá raiando,
Quaes flores brotarão tuas idéas;
Quebrará teu ingenho essa barreira
Que vence quem medita, e aos distrahidos
Empece entrar no templo da Verdade.
Dizes bem, se contemplas necessario
Saber guiar primeiro o raciocinio,
Para observar depois os reinos varios
Que nos presenta a vasta Natureza.
Mas se entendes que andar investigando

(1) O Conde de Sabugal, D. Manoel Mascarenhas.

A apparencia dos Sêres, que phenomenos
Da reciproca acção delles resultam,
É fugir da verdade, muito erras:
Os olhos tapas, sopras sobre as luzes
Que esclarecem o templo magestoso
No qual o Creador se manifesta.
Cercado da mudez dos Sêres, julgas
Que só tem dimensões, côr, e figura?
E nestas propriedades não descobres
Cousa que te interesse o entendimento:
Mas quando esta apparencia importa menos,
E meditando, o sabio vai mais longe,
Mil prodigios então lhe patentêam
Os immensos phenomenos que o cercam.
Põe-no em contacto um ramo co' a riqueza
Do reino vegetal; um vaso d'agua,
Uma pedra, um cristal, a mesma terra
Sobre que move os pés, vastos thesouros
Nos mineraes dominios lhe revelam.
Nunca estou só; as aves, os insectos,
Os animaes domesticos, os bravos,
Eu mesma, bem que a mim enigma seja,
D'ignorar-me a mim mesma envergonhada,
Um curioso ardor deve excitar-me
A buscar, a indagar qual sou, e os outros.
Sujeita a precisões innumeraveis,
Dos entes, que me cercam, dependente,
Obriga-me a razão a analysá-los;
Que phenomenos gera esta analyse!
Que soccorro e delicia então procede
Das descobertas que fazemos novas!
Não fui eu quem no tempo em que apontava
Sobre teu rosto uma ligeira felpa,

Quem verteo na tua alma o amor das letras?
Quem tuas idéas juvenis, sensatas,
Aos templos de Minerva dirigia?
Separou-te de mim um triste fado;
Outro influxo, outras forças te lançaram,
Por furacão horrivel, nesse golfo
Onde tudo foi morte, gloria, e horrores.
Se boiavas acima destas ondas,
N'outro abysmo, ferinas, te arrojaram;
Entre homens, ao prazer dados e ao somno,
Que como inutil peso a alma avaliam.
Tem esta especie uma paixão damnada
Que do louco Empirismo os enamora;
E com tanto que fallem, que dissertem,
Que uma lanterna magica nos mostrem
Co' a borla de Doutor, se ostentam sabios.
Creou-te a Natureza para o seres:
Torna, torna a seguir-me; não receies
Que naturaes sciencias te desgarrem.
Verás como nas azas da Esperança
Me vão levando aos lares da Verdade,
A encontrar-me com Deos, co' a pura origem
Das virtudes que ao homem divinisam.
Tanto o estudo esta idéa magnifica,
Quanto mais docil coração nos forma;
Tanto mais nos confirma necessaria
A lei que ao limitado sêr dirige;
Sem a qual fôra a vida uma contenda,
A morte um tenebroso cadafalso.
Mas depois d'estudar a Natureza,
De sentir quanto d'alma as faculdades
Aspiram ao saber, nos convencemos
Que á maneira das plantas, neste mundo,

Plantados, cultivados os humanos,
Crescemos, como as outras plantas crescem;
Mas só da morte alem, na Eternidade,
A nossa florescencia se completa.
Despojados do opaco veo do corpo,
Sem prisões de sentidos illusorios,
Rodeados d'angelicas essencias,
Ante o Sêr infinito o amor nos leva,
E amor com Deos enlaça as almas bellas.
Tens da immortalidade penhor certo,
Se das terreas virtudes não discrepas.
Vamos pois reparar nas maravilhas,
Com que nos brinda o sabio Auctor dos Entes.
O que sem reflexão e serio estudo
Pelo mundo transita peregrino,
Como um rio, correndo e murmurando,
Vai-se perder no mar, donde não volta.
Não vás pois, Godefredo, desta sorte;
Nas abstracções da tua Onthologia,
Em quimericos sonhos não te envolvas:
Sêr por essencia é Deos; as mais essencias,
Em seu seio escondidas, são segredo
Que aos homens até 'gora não revela.
Contentem-te sómente propriedades;
Se á força de observar, descobres uma,
Has de hombrear c'os Newtons, c'os Descartes.
Contemplemos dos corpos a apparencia,
Sem mais cortejo que a razão por guia;
Nesses Reinos estranhos viajemos.
A apparencia dos sêres dos tres Reinos
É de sciencia um tronco de que brotam
Ramos diversos, cada qual trazendo
Por fructo outra Sciencia; uma descreve

Os sêres que tem vida e que povoam
As campinas, cidades, e desertos;
Os que habitam o mar, cortam os ares,
E quanto vive e sente sobre a Terra.
Cortejada dos Zephyros e Flora
Apparece a Botanica; sem ella
Das plantas os mysterios se ignoraram;
E o vegetal poder, que adorna os campos,
Fôra quimera ou sonho inexcrutavel.
Se largando a monótona cidade,
Pelos serros de Cintra passeando,
Os sonhos mythologicos trocasses
Em meditação séria, a mão te déra
A sã Geologia; observarias
A geral contextura deste globo;
A posição dos valles, das montanhas,
A formação das terras, dos rochedos,
Te iria engrandecendo os pensamentos:
Novo ardor curioso em ti crearam
Dos mineraes as faces regulares,
O arranjo das moleculas que as massas
Com tão grande artefacto constituem.
A Christalographia te encantára,
Déras mais preço aos vasos d'alabastro,
Ás columnas de marmore, aos diamantes
Com que orna o niveo collo *augusta Nympha.*
Se laborar com marmores e jaspes,
Com diamantes, saphiras, esmeraldas;
Examinar metaes, betumes, terras,
Da Mineralogia abrir segredos,
Faz ganhar de Pedreiro o insulso nome,
Erradamente o vulgo o denomina.
Estes Pedreiros são de outro calibre,

Ante a face dos Ceos melhor trabalham;
Não tomaram lições d'Inigo Jonnes:
O Creador seus templos lhe edifica.
Quero desafogar, quero provar-te
Que os que tudo isto ignoram, são os impios,
São os rebeldes, são os mentecaptos,
Que, sem mais protector que o seu canhenho
Por que argumentam, cuidam que convencem.
A methodica logica da Escola
Não excede a que dá a Natureza:
Nesta está o prototypo das artes;
E alêm da meta onde a razão pára,
Nada mais nos ensina a Metaphysica.
Que 'speculações vãs, no nosso tempo,
Fizeram desvairar o ingenho humano!
Das abstracções nasceram as revoltas,
Nasceo da Metaphysica a impiedade.
Quando novos Titanos sobre a terra
Co' a toga philosophica se ornaram,
E empunhando systemas transcendentes,
Empregaram arietes, petardos,
E quanta artilheria forja a imprensa,
Para escalar os Ceos; o que fizeram?
Nutrir loucos, fazer chorar os Sabios;
Espalhar sobre o mundo mil flagellos,
Com que ha seis lustros geme a humanidade.
Que verdade nasceo que nos console?
Em França, no vulcão onde moraram,
Ninguem lê já seus livros. O dinheiro,
Avareza, é que arroja em nossas praias,
Pelas mãos dos livreiros, essa escoria
Que os libertinos farta, e os envenena.
A avidez de saber, que nos devora,

Com especulações puras se contenta
Na Physica e na Chymica. Na Optica,
Que theatro tão bello a luz presenta!
Pela visão e a luz os ceos galgamos,
Em relação nos pomos co' as Estrellas.
Que deleitosas sensações na terra
Esta visão e luz nos participa!
Um phenomeno só, sirva d'exemplo.
Se enlutados os ares, densa nuvem
Co' as aquosas moleculas da chuva
Quer imminente refrescar os campos,
E nellas vasa o Sol feixes de raios,
A reflexão e a refracção das luzes
Criam dois arcos bellos, cujas bases
Vão, de cores ornados, repousar-se
Nos dois termos oppostos do horizonte.
Não são de Iris as roupas matizadas,
Nem a estrada por onde os Numes descem;
São um meteoro lindo; outros meteoros,
D'igual belleza, a experiencia explica:
Factos é que revelam mil segredos,
Que embaçam a ignorancia, e acha prestigios.
Se os de bom senso, na cohorte imbecil
Vão alistar-se frouxos, e eccho fazem
Aos delirios dos nescios, brevemente
Os elementos confundidos todos
O mundo lançarão no antigo cahos.
Não quero, nesta epistola já longa,
C'um tratado de Physica enfadar-te;
Nem com tenues vislumbres de sciencia
Inculcar-me instruida do que apenas
Entrevejo, e em distancia me recrêa.
As portas de saphira o Ceo nos abre,

De lá nos manda um Genio luminoso (1),
Que traz nas mãos um facho, que dissipa
As trevas em que a incuria nos trazia.
Tu és pois o primeiro a quem compete
O ser o introductor desta embaixada.
Mas se este Genio é nosso conterraneo,
Se tambem cá nasceo, se irmão é nosso,
Tu cavalheiro, genio egregio, heroico,
Avalia da Patria este ornamento:
Quando as serpes da inveja o atacarem,
Veste a cota de malha, põe-te em campo
Co' a espada que buio valor e brio,
E defende da Patria este luzeiro:
Toma o broquel, co' a face de Medusa
Faze que volte atraz cobarde a inveja:
Como o filho de Glauco, a Lysia salva
Intrepido, e no Pegaso montado
Fere a superstição, mata a Chymera.
Destroçados os erros, triumphante
A verdade, a razão purificada,
Do pensamento o vôo remontando,
Do coração as azas sem estorvo
Levam a alma, por entre extasis puros,
Arrebatada, unida ao Sêr dos Sêres,
A descançar na lucida morada.

(1) Este verso e os seguintes referem-se a Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, cujas lições de Physica e Chymica a auctora se aprazia de frequentar.

EPISTOLA

Em resposta a F...

O soffrimento
Põe no cimo da roda as almas fortes,
Derruba as apoucadas.
Filinto.

Queres que de amor te falle?
Fallarei; e por que não?
Os astros, os Ceos, a terra
Não tem outro coração.

Esse que Bion pintava
Armado d'aljava e settas,
Face córada, olhos vivos,
Foi invenção dos Poetas.

Mas o Amor que eu reconheço,
Origem do sentimento,
É quem dá a quanto existe
Força, graça, movimento.

Na primavera da vida,
Bem como nasce uma flor,
Brotou dentro de minha alma
Candido e lindo este amor.

Cresceo como cresce a planta
Que o mais doce aroma exhala;
Tudo nelle era celeste,
Aspecto, sorriso, falla.

Em seu semblante divino
Luzia a graça e vigor,
Não como paixão profana
Cheia d'impeto e furor;

Mas qual Deidade benigna
Que attrahe, consola, premêa,
E ao coração traz pegada
Dos mais sêres a cadêa.

De sentimento e ventura
Toda a terra revestia,
E quando se concentrava
Mais ditoso reluzia.

Em mim delle procederam
Tantas intenções sublimes,
Tantos colloquios co' as Musas,
E tão grande horror aos crimes:

Porêm estes, revoltosos,
Que amor tal não conheciam,
Invejaram sem piedade
O bem que não attingiam.

Quando me viram cercada
Das graças que Amor seguiam,
Quando os canticos das Musas
Aos meus canticos se uniam:

Quando a Natureza inteira
Meu estro audaz abraçava,
E por milagre de Amor
Tudo se divinisava:

Ignaros mortaes temeram
Ver-me acima das espheras,
E á minha paz oppozeram
Curto sizo, e paixões feras.

Estes tyrannos do mundo
Contra mim se conjuraram,
Meus innocentes prazeres
Para longe desterraram.

Tu que és sabio, como julgas
Sentença tão rigorosa?...
Só no inferno se não ama,
Amar é ser virtuosa.

Compõe-se de affeições puras
A virtude, a rectidão;
Se não serve para amar,
De que serve o coração?

Carta do Doutor Domingos Borges de Barros (hoje Visconde da Pedra Branca no Imperio do Brasil), acompanhando a epistola de Francilia que ao diante se segue.

Mercurio, bem que Deos fosse,
Não teve emprego capaz:
Eu sempre achei pouco airoso
O officio de leva e traz.

Porêm, como tudo muda,
Tenho mudado tambem,
E o que hontem feio julgava
Hoje me parece bem.

Francilia (1) louvou a Alcipe,
E quer que do seu louvor
(Muito pago estou da escolha)
Eu vá como embaixador.

Alcipe, ahi tens lindos versos
De justiça e de razão;
Ser neste caso Mercurio
É bem gostosa funcção.

(1) D. Francisca de Paula Pessollo, bem conhecida pelos seus talentos.

Resposta d'Alcipe.

Com tanto desdem não trates
O Numen do caduceo;
Sempre delle se fiaram
As embaixadas do Ceo.

Seu emprego te pertence
Por teus dotes immortaes;
Bem vês que não ha no mundo
Mais altas credenciaes.

Por ordem de úma Camena
Aquelle emprego assumindo,
Trazes para coroar-me
Mimosas flores do Pindo.

Em troca do dom sublime,
Com que alegras esta selva,
Só póde Alcipe entregar-te,
Quasi murcha, humilde relva:

Junto a planta tão rasteira
A minha empenada lyra,
Que ha muito, se algum som forma,
Melancolica suspira;

Esta dadiva mesquinha
Nas mãos de Francilia offerta;
No adormecido instrumento
Verás como os sons desperta:

Verás que seu estro ardente
A rustica planta aquece,
E logo, murcha em meus lares,
Junto della reflorece.

Se deste milagre és causa,
Que sorte haverá melhor,
Quando a gloria de Francilia
Deriva do Embaixador?

EPISTOLA.

Francilia a Alcipe.

Zoilos, tremei! Posteridade, és minha.
Bocage.

Se á musa de Francilia é dada a gloria
D'erguer na voz da lyra o nome egregio,
O nome illustre da extremada Alcipe;
Se á Cantora immortal, irmã de Phebo,
Póde ser grato o som de humilde canto;
Alcipe, honra de Lysia, acolhe meiga
A pura offrenda da singela musa.
Versos, que o coração remette aos labios,
Filhos da natureza, eia, animai-vos;
Da gratidão nas azas côr de neve
Adejai, versos meus, de Alcipe aos lares;
De Alcipe, cuja lyra magestosa,
O nome de Francilia aos ceos mandando, (1)
Impõe silencio aos Zoilos; e os colloca,
A par do nome seu, na Eternidade.
Zoilos, receios, timidez inerte,
Prejuizos fataes, tyrannos do estro;
Da mente que até hoje escravisastes
Apartai-vos, fugi: cantou-me Alcipe;
Alcipe honrou meu nome, honrou meus versos;
D'Alcipe divinal a lyra eterna
Meu nome, os versos meus salvou do Lethes.

(1) Allusão ao soneto de Alcipe que começa = Para o norte d'Arcadia um bosque havia = o qual se acha ao diante, no lugar competente.

EPISTOLA.

Alcipe a Francilia.

Versos que o coração remette aos labios.
Francilia.

Frustrou-me a sorte os impetos sublimes
Com que intentei subir ao monte excelso,
E explorar da Thessalia os sacros ermos:
Talvez, Francilia, as Musas, indignadas
Pela minha ambição, me destinassem
A gemer como a triste Nitimene,
Ou vagar pelos bosques, como vagam
As macedonias filhas de Pierio.
Tu, que és mimo de Apollo, e que modesta
Attribues á simples natureza
Luminosas centelhas do teu estro;
Tu, que em braços das Musas soltas cantos
Com que serenas o ar, domas os fados;
Vens, como foi Perseo, tornar em pedra
Os monstros de pezares que me cercam.
Ah Francilia! se eu tive algum momento
Em que doce illusão me consolasse,
Foi quando li teus versos, e sonhava
Que dos Ceos m'os trazia um genio affavel.
Bate as azas, não pares, sobe ao Pindo;
Busca assumptos sublimes, em que empregues
Vastos talentos, harmonia, gosto,
Com que as irmãs de Phebo te dotaram:
Tens os Ceos, tens a Terra, a Natureza,

A nossa Patria, as Artes, com que fartes
De assumptos grandes o teu genio extenso.
  Alcipe, solitaria e agradecida,
Já com tremulas mãos pulsando a lyra,
Não se atreve a alternar comtigo versos,
Mas no seu coração te erige um templo.

EPISTOLA

Em resposta a Elmano (1) *que me pede que escreva versos em louvor d'ElRei D. Pedro IV.*

Irei por entre os bosques taciturnos
Procurar os fragmentos dessa avena
Que espedaçou Fortuna! O novo Numen,
Cujo influxo potente a terra alegra,
Pede ao meu estro desusados cantos,
Pede a tuba grandiloqua d'Homero.
Ah! como posso, Elmano, entorpecida
Pelos constantes gelos do infortunio,
Recompor o instrumento que algum dia
Foi do meu desafogo amavel echo?
Mas vão fugindo os dias nebulosos
Em que os Ceos agastados se mostravam:
Desperta, oh lyra! Os Apollineos fogos
Sinto de novo incendear-me a mente.
Bem como o Sol raiando, o grande assumpto
Que me propões, se mostra, e quasi sinto
Do coração sair-me uma torrente,
Qual pela boca Pindaro soltava:
N'alma, onde abafadas as idéas
Jaziam pelo horror da desventura,
Á voz de um Rei, modelo de Reinantes,
Brotam, quaes brotam plantas na espessura.
Eis que a meus olhos fulgido apparece

(1) Este Elmano tambem é o Conde de Sabugal D. Manoel Mascarenhas, denominado Godefredo em outra epistola d'Alcipe.

No aparelho do Genio Lusitano,
De briosos prodigios rodeado:
Mas que expressões irão manifestá-los?
A lingua é pobre, a gratidão sem termo,
O assumpto immenso... balbucio, tremo
De profanar em numeros terrenos
O que é digno de canticos celestes.
Que nome d'entre as Eras devolvendas
Ha de vir competir com o Regio Nome
De Pedro, que afortuna o patrio solo?
Qual dos Reis encetou essa virtude
D'abnegação sublime com que avista
Dos mais homens a misera existencia?
Qual Rei se avaliou depositario
Da ventura geral, e subjugando
O tremendo egoismo e amor do mando,
Preferio aos triumphos da vaidade
Triumphar sobre si, e na sua alma,
E em nossos corações, formar imperios?
Já no seu berço as Musas o embalavam
Quando, agourando os bens que nos assombram,
Fui por entre borrascas, fui cantando
Seu nome divinal, e quanto ardendo
Em patrio amor, o agouro me inspirava.
Com profeticos olhos no futuro
Vi as artes e o ingenho refulgirem;
Vi em serie lustrosa despontarem
D'entre o negrume d'impostoras nuvens
O Vate, o Heroe, que fraude atroz sumia,
Sem respeito ao que traz d'antiga stirpe
Illesa fé, valor, brio immutavel.
Não temo, não, que n'alma do Reinante
Falleça a convicção desta verdade,

Em recordando os Fastos Portuguezes:
Foi dado ao seu saber tirar das trevas
Arcanos, que embaraçam feros erros;
Ao seu valor vencer, saltar barreiras
Que a corrupta ambição quizera oppor-lhe:
Fará surdir o certo d'entre as sombras
Em que o sumio fatal paralogismo.
Já se fartou o Ceo de castigar-nos;
Já quanto vio Leibnitz horrorisado
Se cumpre sobre a terra peccadora;
Se falta é pouco, e a nobre valentia
Porá termo á rebelde petulancia.
Duas gotas de sangue que me restam, (1)
Extrahidas do coração dorido,
Lá estão na guerra; guerra escandalosa
Dos fungos venenosos contra os cedros
Que base e escoras firmes são do throno.
Salve, oh ditosas gerações futuras!
Para quem a ventura se prepara:
Não vereis, como eu vi, regar a terra
Do mais nobre, innocente, e puro sangue;
Não vereis os talentos desprezados,
Patrio amor algemado e desvalido;
Nem as joias do Estado decorando
Infames peitos, cofres de mil vicios,
E de quanto a baixeza gera em almas.
A toga, excelso traje da Justiça,
Cessará de ser premio da ignorancia;
Nunca mais verão olhos cavalheiros
Sobre hombros vis as murças profanadas.
Assim decreta o Ceo, e nos envia

(1) Os meus netos.

De lá, por entre os astros rutilantes,
O Lusitano Genio, PEDRO o excelso.
  Se aqui, ali, um pó remanescente
De antigas profusões inda deslustra
De algum modo as sublimes dignidades,
Que multidão de affectos cavalheiros
Não vem logo apagar pequenas manchas!

  Basta, Elmano: se um voto 'inda me resta
A formar, é que teu raro talento
Rasgue os veos que lhe oppõe tua modestia,
E que o Estado aproveite luzes tantas.
Mas se és feliz sem cargos, se aproveitas
Na solidão prazeres ignorados
De quem no turbilhão do mundo vive;
Goza em socego as proveitosas horas;
Luza-te o dia claro, contemplando,
Sem importuno encontro, a Natureza:
Cerquem-te Vates bons, flores cheirosas,
Amigos virtuosos, e as venturas
Que Alcipe invariavel te deseja.

EPISTOLA.

20 de Julho de 1829.

Á Lusitana sonorosa Euterpe,
Que de Roma os poeticos dictames,
E da Critica as leis que Albião traçára,
Ao patrio idioma transplantou, com gloria
Do Tiberino metro, e metro Luso:
Que da Eleusina Diva aos ais queixosos,
No rapto injusto da mimosa prole,
De Lysia empresta os maviosos echos:
Que da harpa de Sião vozes augustas,
E profeticos sons extrahe sublime:
Que de Lysia ao mimoso e fragil Sexo,
Gostos, delicias novas inspirando,
Do reino vegetal lhe abre os thesouros,
Conduz ao estudo das singelas plantas,
Emula de Castel, em versos d'oiro:
Á Semi-déa, magestosa Alcipe,
Honra e brazão das Tagides Cantoras;
O ignorado Filinto envia o carmen,
Que em dias não de luto, em roseos dias
Sagrara ao Numen do Brasil, de Lysia.
Com quanto pejo, e descórado susto
Não faz elle chegar ante o Criterio,
Mais fino e puro, a producção mesquinha,
Que amor da Patria, e gratidão dictara!...
Ah! tão nobres tenções erros desculpem.

Francisco Freire de Carvalho.

EPISTOLA

A Filinto Junior (1), que partia para o Brasil.

(Resposta á antecedente.)

26 de Julho de 1829.

Navis, quæ tibi creditum
Debes F...
Reddas incolumem, precor,
Horat. lib. 1.° od. 3.ª

Já suspensa ás muralhas desse Templo,
Que ao Desengano os Evos levantaram,
Dormia a minha lyra; eis que vibradas
Por milagroso influxo de teus versos,
As cordas frouxas vigor novo tomam.
Cuidei que era mortal, mas enganei-me...
Não são meus versos, não, que me subtrahem
Ao golpe acerbo da inflexivel Parca:
Pelo novo Filinto celebrada,
Em cysne me transformo, adejo... subo...
Corto os liquidos ares, e transponho
Os mundos varios; chego ao Paço eterno,
Onde, oh Vate! ás mais Deosas me aggregaste.
Já não receio as trevas do sepulchro,
Nem que o Stix em seus circulos me feche:
Zombo da terrea sorte; cá no mundo
Me deificam os celicos accentos,
Com que Phebo aqueceo teu plectro illustre.
Que mais direi? Não sei que Vate possa

(1) Francisco Freire de Carvalho, hoje Commissario dos Estudos em Lisboa.

Dignamente cantar d'Orpheo ou Lino,
Que a meu ver mais lhe toca o throno excelso
Que aos dois filhos de Leda o Ceo concede.
  Deixas deserta a Patria... Vai, Filinto,
Mostrar ao Novo-mundo quanto vales:
Lá tens quem preço dê a teus talentos;
Á virtude, ao saber, quem de lá mesmo
N'um e outro hemispherio espalhar sabe
A claridade, como o Sol que alenta
Quanto vegeta, cresce, e a terra esmalta.

ODES.

ODE

Ao tumulo da minha Filha. (1)

Feliz quem póde com ligeiros passos
Calcar da morte a larva somnolenta,
Entregando á escura Eternidade
As horas da tristeza!

Sombras da Noite, lugubres cyprestes,
Que o sol, medroso, da sua luz não toca,
Vós guardai um thesouro, que rodêam
Mil gemidos maternos.

Tuas cinzas, oh filha! com que eu cubro
De morte e horror as horas mais ditosas,
C'o sôpro dos meus ais revolvo sempre,
Cobrem-me a frente afflicta.

(1) Maria Regina, que morreo de mui tenra idade, em Vienna d'Austria.

ODE

Ao nascimento de S. A. R. a Infanta D. Izabel Maria. Recitada na academia de Santarem.

Arde-me em santo fogo a mente ousada,
Luz-me o fúlgido Apollo nas idéas;
De profeticos dons a mente ornada
Quer guiar-me ás Olympicas arêas:
Comvosco, oh Vates, canto,
Comvosco até aos astros me levanto.

Eis o mysterio turbido patente!
As enroladas nuvens do futuro
Dissolve a mão de Jove omnipotente,
E sorrindo confirma os bens que auguro;
Os que a esperta Lucina
Com sybillicas vozes vaticina.

Ouvi, Povos, os Deoses que em mim fallam;
E em quanto, afoito cysne, os ares corto,
Vede os eixos do crime que se abalam,
Vede baixar dos Ceos vosso conforto:
A terra quebrantada
Fórça Jove a mandar-lhe a paz dourada.

Jove escuta, nos astros encostado;
E na infinita idéa revolvendo
Os successos do mundo consternado,
Decreta o bem, o vicio adormecendo;
O crime audaz sopêa,
E da Virtude os grãos do Ceo semêa.

Ordem nova d'eventos co-ordena;
As gastas molas d'erros, que espécaram
O geral desconcerto, o Deos condemna,
E aos golpes da verdade se quebraram;
Os thronos vacillantes
Com eternas virtudes faz constantes.

Ali-potentes aguias destacadas
Aos mares, de Albuquerque tumba honrosa,
Ás terras por Cabral descortinadas
Vão levar esta lei prodigiosa;
E o mundo afortunado
Já se prepara a ser regenerado.

Das verdades sublimes que lhe agradam,
Com que o susto esmorece, e o peito abranda,
— Um signal! um signal! — os Povos bradam,
E este penhor pomposo Jove manda:
Dos Paes mais virtuosos
A Infanta nasce, oh dias venturosos!

ODE

A Natercia, no dia seguinte á nomeação de seu marido para Ministro d'Estado.

Cobre de rosas a ligeira idade
O rosto juvenil, brotam desejos
Do tenro coração que Amor accende,
Que Amor afoito illude.

Já d'alma distrahida o voo altivo
Um sorriso cohibe, um mover d'olhos,
Um sim, um não decide da ventura
De um perturbado amante.

De punhaes, de venenos rodeadas
Avisto as aras do fatal Cupido;
Sobre as urnas de Pyramo e de Thisbe
Geme ou dorme a Saudade.

Cego mortal! acorda, despedaça
O jugo das paixões que te atraiçoam;
A razão magestosa te promette
Mais nobre recompensa.

Desse aligero Hermes a carreira
Mede co' a mente, toca do universo
As molas escondidas, rompe ousado
Os limites do espaço.

Com Hesiodo os Deoses avalia,
Bebe da Grecia as aguas saborosas,
E de systemas mil que o mundo regem
Escolhe o que é mais certo...

Qual misero Phaetonte a força perdes?
Nos desertos espaços titubêas?
Do alto dos Ceos cahe o altivo carro
No seio da incerteza?...

Ah! mais feliz o intrepido guerreiro
Doira co' a gloria os ultimos momentos;
Seu nome durará. Ceos! até quando?...
Sómente até que esqueça!

Quantos milhões d'Heroes a terra cobre!
Tu, qual Mavorte, oh Lippe, envolto em sangue
Sobre as margens do Weser derrubaste
Broglio, segundo Marte.

Oh Minden, oh campanhas sacro-santas,
Contra os feros Saxonios brilhar vistes
Aquelle Heroe (1) que é premio de meus males,
E a minha Patria o ignora!

De um moderno Sejano o impuro sopro
Uma gloria que o cega apagar póde;
A Virtude não morre; mas padece
Em quanto o vicio impera.

Tu surges do horizonte nebuloso,
Qual Jupiter brilhante, tu scintillas,
Honrado Balsemão, para animar-nos,
Ornado de justiça.

(1) Allusão ao Conde d'Oeynhausen.

A seva ingratidão, que tece os premios
Commummente á Virtude, já te observa;
Com seus olhos incertos atravessa
O bem que tu preparas.

Qual desultor (1) ligeiro, na carreira
Não vacilles, não pares, não te assustes;
Repara que o futuro te contempla,
Te espera ao pé da meta.

De apagados Heroes a turba immensa
Renova afoito á gloria Portugueza; (2)
Sega os ramos estereis da preguiça,
Enxuga o pranto á Patria.

Tu, Natercia, comigo em doce coro,
Comigo cantarás immortaes versos;
Com elles 'té aos astros levaremos
Domesticos Heroes.

Deixa bradar a estupida cohorte:
O Sol lança os seus raios luminosos
Sobre a fertil planicie e a pedregosa,
Nas flores e nos cardos.

(1) Palavra latina que significa o cavalleiro que salta de um cavallo para outro.

(2) Não é dado a todos este genero d'ambição sublime.

(Nota da auctora).

ODE

A Philotas.

No politico abysmo absorva os dias
Um Sejano, um P....l, que o Rei comprime;
Medite nas modernas perfidias
Se o triregnio vacilla, ou vence o crime...
Philotas, não te importe,
Não corramos afflictos para a morte.

A vida é muito breve, o mundo vasto;
A mocidade, as graças, fugitivas;
Em lutas e cuidados temos gasto
Muitos annos, mil horas oppressivas;
Basta, basta que a idade
Traga o somno cançado, e a enfermidade.

A velhice, de fero açoite armada,
Faz desertar o bando dos Amores:
A vista cança; a lua prateada
Nem sempre mostra os mesmos resplendores:
Esfria a seiva pobre,
E vidual tristeza os campos cobre.

Os erros são mais bastos que as espigas;
Um homem só não sega esta seara;
De uma verdade nascem mil intrigas,
Mil males uma intriga só prepara;
E do bem projectado
Nasce a pena de o vermos malogrado.

Á parda sombra de um copado freixo
Melhor é temperar a lyra d'ouro,
Compor de uma cantiga o gentil fecho,
Revolvendo das Musas o thesouro;
E não buscar na terra
Mais bens que os vegetaes que o campo encerra.

De innocentes ficções aureos instantes
Com doce liberdade aproveitemos;
Da verdade os espinhos penetrantes,
Correndo pela vida, não pizemos:
O aspecto da loucura
Murcha a flor da existencia e da ventura.

De alguma Assyria essencia ungindo a frente,
E de Homerico louro a testa ornando,
Irei meus fuscos dias docemente
Com estes gostos simples enganando:
Á tarde o chá superno,
Libado ás Musas, supre-me o Falerno.

Vem, Philotas, assim matar as horas
Antes que do zenith o sol decline;
Vem, recolhe estas notas tão sonoras
Com que o ar vibra o Delio Longarine; (1)
E vã Melancolia
Ceda aos doces encantos da Harmonia.

(1) Celebre cantor que frequentemente cantava em minha casa.
(Nota da auctora).

ODE

Ao auctor (1) *de uma Ode portugueza, a Lord Wellington.*

Troveja, oh Vate insigne!
Raios delphicos partem d'essas cordas,
Que vibras com firmeza,
Nas quaes Genios do Pindo em coros cantam:
Na altura a que te elevas
Pouco te offende o Lycio povo insulso,
Na pantanosa habitação grasnando.

Salve, oh Cantor sublime!
Tu que te affastas da lodosa estrada
Em que o louvor se avilta;
A ti compete só colher as palmas
Que premêam triumphos,
Respeitando a justiça, sem que insultes
No tumulo os heroes da prisca idade.

Com resoluto braço
Levantastes as campas que cobriam
As cinzas dos Patricios:
Trofeos podridos, c'roas desfolhadas
Pelo tempo invencivel,
E as veneraveis sombras, que resurgem
Em teus versos, á gloria, á vida tornam.

(1) O Padre José Agostinho de Macedo.

Esmorece a lisonja;
Brilha em teu estro esse nativo brio,
Elemento dos Lusos,
Que no louvor dos nossos não consulta
Interesse, ou vaidade:
De uns, o nome immortal revela os factos,
D'outros, a gloria só revela o nome.

Com que altivo semblante,
Hombreando c'os Lusos, nos presentas
O nobre Arthur hybernio!
Esse heroe, que encetou as hostes feras
De outro insolente Brenno;
Esse heroe, cujo peito guarda acceso
O cálido valor de um Lusitano!

Como lhe cresce a gloria
Sendo digno dos nossos, dessa gente
Que foi o espanto d'Asia,
Que na Europa colheo feixes de louros;
Cuja cerviz indocil
Revestio d'heroismo a paciencia,
Sacudio com vigor o jugo estranho!

Larga as vellas á Musa
Para a praia Cumana, ou para aquella
Onde em crepes envolta
Fatidica Sibylla existe agora,
Cheia da luz Phebea:
Se Orpheo, armado da invencivel harpa,
Quebrou do Averno as leis, tu tanto podes.

Levanta-te, não tardes,
Da caverna da Vate te avisinha;
Mysterios que ella sabe,
E que o Ceo aos melhores não recata,
Patentes ao teu estro,
Te elevarão alem do que cantaste,
E então excederás Camões e Homero.

O assumpto que te offerta
A Verdade, que envolve nevoa espessa,
Digna fama promette
Ás forças gigantescas d'esse ingenho.
Vinga em versos divinos
A innocencia, o pudor, o innato brio,
A nacional virtude injuriada.

ODE

A Filinto (1).

Anno de 1813.

Non é ver que sia la morte
Il peggior de tute i mali.
Metastasio.

Fui, como tu, Filinto, arremeçada,
Pelas improbas mãos da Sorte adversa,
Contra os escolhos que n'um mar de angustias
Accumula a desgraça.

Cerrou, longe de mim, a meiga Daphne (2)
As portas da existencia; a luz serena
De seus olhos celestes apagou-se,
Pereceram as Graças.

Estranha terra cobre o Luso Turno, (3)
Que esperdiçaram deslembrados Numes,
E a Patria, que em vanêos despedaça
Santos, fidos Penates.

A morte sem cessar, co' a fouce acerba
Exornou-me sem dó; fiquei qual tronco
Que os ventos furiosos desfolharam,
Que tisnaram coriscos.

(1) Francisco Manoel do Nascimento.
(2) Minha irmã.
(3) Meu irmão.

Foram-me inuteis delphicos thesouros,
Que na infancia comigo repartiste;
Escasso lume apenas me arde n'alma
Que este incenso te envia.

São, Filinto, reliquias do teu estro
Que me aquecem da lyra as doceis cordas;
São tuas odes magicas que acordam
A somnolenta Musa.

És tu quem me arrebatas, quem me levas
A encarar nas Olympicas moradas
C'o Pae da heroica tuba, e excelsos Vates,
Que emúlas, ou desbancas.

Comtigo vejo erguer do vitreo throno
O agastado Neptuno, e me envergonho
Que inertes no estaleiro os lenhos durmam,
Sem attentar na gloria.

Que Dabul, ou Cochim, que tanto sangue
Aos Almeidas custou, farte a cobiça
Do fôfo avaro, auri-sedento bruto
Que alhêa fama apaga.

Mas surge, oh Noite! (1) placida refresca
Com teu sombrio e socegado aspecto
A calida tristeza que me lavra
O anceado peito:

Ao Vate illustre que em teu seio acolhes
Legou Anacreonte a rosea solfa,
Com que Acidalia mesma carinhosa
Acalenta Cupido.

(1) Allusão a uma ode bellissima de Filinto.

Versos accesos no amoroso fogo,
Versos que atêam férvido heroismo,
Versos que poem a lyra a par da tuba,
Á fama o recommendam.

Ditosos Coridon, Elpino, Olindo! (1)
Já sobre vós não póde nada a morte:
Triumphantes ireis, calcando as eras,
Sobre as azas do Vate.

Mas Alcipe, a quem poz nas mãos o plethro!...
Duas vezes á morte submettida
Cessará de viver... é pouco... é nada...
Mas se esquece a Filinto!!!

Alcipe.

(1) Tres Poetas amigos de Filinto.

ODE

De Filinto a Alcipe.

..... Magnum hoc ego duco,
Quòd placui tibi.
Hor. lib. 1.º sat. 6.ª

Era noite, e Morpheo me tinha em braços.
Deslembrança profunda de fadigas,
Do desconcerto do Orbe,
Me coava nos placidos sentidos;
Mal abertos os labios, membros languidos,
Da alma a paz e o descuido eu respirava.

Vem manso e manso no interior do cerebro
Um frouxo albor da aurora esclarecendo;
Selvas, montanhas, fontes
Surgem ao raio d'oiro d'Hyperionio,
Luzem, no prado, aljofres matutinos,
Com tremulos, com rutilos reflexos.

Esta é a Phocide! (exclamo) o bipartido
Monte descubro! — escuto-lhe á Castalia
O rugir sonoroso:
Como os louros balançam! — Aves trillam
Modulados concentos!... — Pára a veia
Do Permesso; á flor d'agua as Nymphas surdem.

Sentados pelas penhas, Musas, Vates,
Estes as lyras, ellas os laúdes
Afinam jubilosos:
Pegaso alvoroçado azas desprega,
Crinas sacode, pede cavalleiro,
Relincha, fere o chão, borbota espuma.

Qual Sapho Lusa, ou Tavora Corinna,
A despedir luzeiros, desce de altas
Penedias do Pindo?
Em seu regaço as do matiz mais vivo
Flores colheo, que 'sparge a dextra prodiga,
Enfeite e aromas dando á terra, ás gentes,

Apollo a mão lhe dá; Clio, Calliope
Lhe vem mil doces vozes susurrando;
Camões divino, ao lado,
C'roa immortal, que as Musas hão tecido
Para gloria de Alcipe, ás Nações mostra,
Ufano das lições que á Alumna déra.

ODE

A Filinto, em resposta á precedente.

Janeiro de 1814.

N'um mar de luz os astros se sumiam,
Quando o Sol, transgredindo do Oriente
Os limites da Noite,
Expulsava do mundo a sombra, o somno;
Facultava ás ideias o aggregar-se,
E submetter ao doce metro as vozes.

Do Pindo os serros vi, cobertos d'ouro:
De Aganipe a torrente diamantina
Nas selvas se espraiava;
Quando um grupo de Genios Apollineos,
Á voz do Deos, me toma sobre as azas,
E da Phocida á Lysia me transporta.

Quaes Zephyros, vibrando as aureas pennas,
N'uma obliqua ascensão ás nuvens chegam,
E de lá reconhecem,
Pelas murtas e louros florecentes,
A patria de Camões e de Filinto,
E em recta direcção á terra baixam.

O Lis e o Lena, as ondas alizando,
Vinham c'o Erge e Ponsul brincando nellas,
E todos em cortejo
Por entre flores, conchas, arvoredos,
O seu tributo ao Tejo acarretavam,
Quando o coro melodico descia.

Na gruta o Pae dos rios reclinado
O ruido apercebe; ergue a cabeça:
Das roupas azuladas
Cobre as largas espaduas, onde escorrem
Do diadema de limos frias gotas,
Qual geada, quaes perolas em fio.

Golfinhos, chafurdando ao lume d'agua,
Pulam, mergulham, piscea dança cerca
O venerando Tejo:
Em rebanhos as Tagides esbeltas
Vem ver que novo caso a praia alegra,
Que benção manda o Ceo aos Lysios lares.

Nisto o Coro Apollineo desferindo
D'harpas celestes consonancias novas,
Milagres d'estro ousado,
C'os versos de Filinto o Tejo brinda;
E dos Heroes a quasi extincta raça
Nelles resalta com subido estrondo.

Heroes! que hoje do mundo sois o espanto,
Avante! vencereis a Lérnea fera:
Filinto vos promette
Nome eterno em seu canto, e outra Deiphobe
Que os dominios da Morte amenos faça,
E de lá mesmo vos revele á Fama.

ODE

Ás Musas adormecidas.

Musas, que ha tempos magoas prolongadas
Calaram sem piedade! ouvi meus brados;
Surdi das Heliconeas grutas, vinde
Acolher-me de novo.

Qual navegante que a borrasca arroja
Por incognitos mares, e a quem foge
A terra que procura; baixos, penhas,
É quanto afflicta encontro.

Tal fui horas amargas consumindo;
Caliginosos ares me cercaram,
Naufraguei sem amparo em sitios horridos,
Toquei do Polo os gelos.

Nevou sobre o meu plectro o frio Arcturo,
Perdi do Estro as luzes, perdi vozes,
Phebo apagou-se; oh Musas! deste abysmo
Resgatai vossa alumna...

Mas qual fantasma ingente ao norte avisto?
Alcantilada serra os Ceos invade!
Favonios brandos, aportai-me á praia,
Salvai comigo a lyra.

Cessai, ventos crueis! mostrai-me a terra;
Bemfazejas Deidades da Harmonia,
Serenai estes ares revoltosos,
Prestai-me imagens doces.

Columna argentea d'aguas cristalinas
Impetuosa desce de alto serro;
Quebra no encontro de um rochedo, e forma
Espaçosa cortina:

A superficie crespa vai partindo
Seus cristaes pelas varias penedias,
E do vapor aquatico que espalha
Enche o largo ambiente.

Ali do sol os raios refractados
Ornam d'Iris as roupas circundantes,
E de cores prismaticas tingindo
O nevoeiro, alegram.

D'arbustos lindos c'roam-se os rochedos;
Á dextra, ao longe, rochas estaladas,
De musgo, fetos, hervas, e de flores
Pomposas se revestem.

Por entre arbustos e arvores copadas
O rio que dimana da cascata
Vai perder-se no mar: á beira d'agua
Chama a Vate ao descanço.

Oh Natureza, immensa Natureza!
Como aqui te apresentas deleitavel!
A mente, que te abrange e te contempla,
Extatica se enleva!...

Quasi que a terra cinge o Arctico Polo,
E muito alem dos Tropicos se alonga:
Aguas immensas, gelos gigantescos
O Antarctico defendem.

Que multidões d'especies e de sêres
Á humana indagação prestam auxilio!
Como o ingenho co' as artes, co' a sciencia
Descortina o Universo!

Lyra ociosa, rompe os teus concentos;
Canta a Navegação do mar, dos ares,
A Chymica, a Botanica, mil artes
Que doiram a existencia.

Acima da materia te remonta,
Sobe á Causa de tudo, accende n'alma
Grato Vesuvio de um amor sem termo,
E o Creador adora.

ODE

A Godefredo (1), *em louvor do seu cavallo que diz ser da Arabia.*

Postquam G.... dicendi finem fecit cœteri verbo, alius alii, variè assentiebantur.

Sallust.

Lyra d'Apollo! és tu quem nos recrêas,
Tu, que afinas os cantos com que as Musas
Na propria mão de Jove o raio apagam,
Se exoravel o querem.

Tu fazes que um vapor suave desça
Ás palpebras do passaro que mora
Sob o imperio do sceptro omnipotente
Do Filho de Saturno.

Da aguia as rapidas azas relaxadas
Dos dois lados se abatem; vai cedendo
Ao magico poder da melodia,
E pesada adormece.

Vem, oh sacro instrumento, adormentar-me,
Do palacio dos sonhos me abre as portas,
Remonta as Eras, mostra-me prodigios
Que aos Vates só revelas.

Deixa-me ver a luta em que Minerva
Contende com Neptuno; ouvir o golpe
Com que o Nume agastado escacha a terra,
Cria o ginete alado.

(1) O Conde de Sabugal.

Quão fogoso sacode a argentea clina!...
Relincha... nelle monto... o vôo empr'endo
Que ás alturas do Pindo me transporta;
Meu estro ali se accende.

Em vão co' a redea os saltos lhe reprimo...
Abraza-o do ciume voraz chamma:
Avista ao longe outro Corcel mais bello,
Que a gloria lhe obscurece.

Oriundo de Athenas, já despreza
O excelso berço, a divinal origem;
Vem da Arabia o portento, que lhe insulta
O privilegio d'azas.

Teve tambem Diomedes cavallos
D'uma estirpe divina; mas que vençam
O subsolano vento, ou Noto fero,
Só os produz a Arabia.

Desse que combatia os Agarenos,
Moderno Godefredo! o teu descende,
E em Wagram (1) os Destinos ordenaram
Que a ti só pertencesse.

Tu, que ao Pegaso tens iguaes direitos,
Junge os dois ao teu carro, e triumphante
Celebra Delio, aprompta-te aos combates,
Enfacha immortaes louros.

(1) O Conde de Sabugal achou-se na batalha de Wagram, onde se portou com muito valor.

ODE

A Francilia. (1)

(Imitada de Horacio.)

Quòd spiro et placeo, si placeo, tuum est.
Horat. od. 2.ª lib. 4.°

Aquella a quem chamaste Irmã de Phebo,
E saudaste amorosa,
Não quer cingir a frente de outro louro;
Não inveja a victoria
Que no foro alcançou em Roma Hortensia;
Não anhela o triumpho
Que nos Isthmicos jogos concedia
A plebe aos vencedores;
Tão pouco esses applausos que cercaram
O carro que levava
Corilla coroada ao Capitolio:
Meus poeticos sonhos
Docemente entreteem do bosque as sombras,
O gorgeio das aves,
Ou dos patrios regatos o murmúrio:
Destas brandas origens
Lyricos versos nascem, com que alegro
Meus tenebrosos dias.
Mas se tu, oh Francilia, me aggregares
Ao coro dos Poetas;

(1) D. Francisca de Paula Possollo.

Se ao que julgas dá credito Ulysséa,
Desfallecida a Inveja
Irá desaferrando de meus membros
Os seus ferinos dentes.
Tu, qual Musa divina, é que regulas
As doces consonancias
Que da citara minha colhe o Estro;
Tu, que do cysne as vozes
Aos mudos peixes inspirar bem podes:
De ti me vem a gloria
De *Cantora immortal* na Lusa terra;
Por ti respiro e agrado,
E, se agrado, de ti tudo procede,
A gloria te pertence.

ODE ANACREONTICA.

Amor preso pelas Musas.

As Musas Amor prenderam,
E com cadêas de rosas
Fortemente lhe ligaram
As travêssas mãos mimosas.

Venus, vendo o filho preso,
Quiz carinhosa soltá-lo;
Mas o preço que offertava
Nunca poude resgatá-lo.

Embora o grilhão lhe quebre,
Nem assim o hade soltar:
Amor com taes Carcereiras
Quer prisioneiro ficar.

Costumado ao jugo amavel
Do talento e da verdade,
Julgou o seu captiveiro
Mais doce que a liberdade.

ODE

Em resposta a M. J. N.

Tu, que me fartas do liquor sagrado
Com que as Musas refrescam
Dos Vates a sedenta fantasia;
Elmano, por ventura
Pésa-te n'alma o delphico thesouro,
E derramas teus versos
Para que avulte um beneficio tenue?...
Não profanes o plectro:
Herdaste a Flacco, só para cantares
Os Ceos, a Natureza,
Os Heroes, a Virtude, e a sã Verdade.
Em demanda d'Hygina
Parte, a buscar nas furnas de Vulcano
O bem que te estragaram
Cuidados, zelo, ardor, benevolencia:
Nesses lagos sulfureos
Affoga a magoa, invoca a louçã Diva
Que sobre um throno herbaceo
Em plantas salutiferas se senta;
Cujo sceptro florido,
Qual caduceo suave, applaca monstros,
Manda ás dores que cessem.
Se de seus dons gozares, se benigna
O vigor te restaura,
Em devota oblação, nos seus altares,
Hade offertar-lhe Alcipe
As primicias das flores, dos rebanhos
Que em seus campos medrarem.

ODE

Ao Estro, em 14 de Agosto de 1823, dia anniversario da morte de meu filho (1).

Heu! miserande Puer!
Virg.

Onde me levas, Estro mavioso?
Apenas o teu fogo accende a mente,
Entrego ao vento as magoas, e lhe ordeno
Que as sepulte no Ganges.

Empolgo a lyra, e cercam-me de flores
Os zephyros macios; desenrugo
Os traços que na face imprimir ousam
Os insultantes annos.

Com melodicos sons assusto Clotho,
E a seva irmã medrosa o fio torce
Que em vão Atropos fera cortar tenta
Co' a tesoura embotada.

Estro divino! Tu, que a vida alongas,
Cerca-me d'illusões, doira-me instantes;
Em quanto o Fado austero a realidade
Em fatal luto envolve.

Exalta-me de modo que imagine
Que o volvedoiro terreo dispo, e fujo
Para os immortaes lares, onde avisto
Quem a saudade implora.

(1) O Conde d'Oeynhausen João Ulrico.

ODE.

Insomnia em a noite de 8 *de Outubro de* 1824.

Infeliz noite, só te não pareces
Na agitação co' a morte taciturna!
Morrer é nada; é mais o que padeço
Nesta noite funesta.

Que multidão de magoas me repete
Aterrada a penosa fantasia!
Como com igneos traços me debuxa
O quadro de meus males!...

Esposo, filhos, paes, irmãos que amava,
Que nunca mais verei, com que dureza
Mos mostra a corrupção devoradora
No sepulchro fechados!...

Do parentesco os vinculos suaves,
Os laços deleitosos da amizade,
Em pedaços desfeitos, ou trocados
Pela fria indiff'rença!

O bando dos prazeres carinhosos,
Por acerbos pezares supplantado,
Expulsa-o de meus lares a Tristeza,
Assusta-o minha Sorte.

Applacai-vos, oh Furias, oh Saudades!
Já não cabeis no peito... ou crescei tanto
Que se apague este sopro que alimenta
A minha infeliz vida.

Dos passados instantes mil imagens
Vem funestar de novo o pensamento;
E a dor, que o tempo n'outros anniquila,
Em mim se perpetúa.

Se ao menos mais ditosa a Patria visse!
Se as luzes, se as virtudes a adornassem!
Grata o suspiro extremo em paz soltara,
Os Ceos o acolheriam.

Patria! nome sagrado! Com que furia
Me persegue um cruel presentimento!...
Quão inuteis lições lhe deo a Sorte,
Terremotos, revoltas!...

Sorveo a terra as torres, os palacios,
Sumio a morte as gentes a milhares:
Desta lição tão aspera os preceitos
Anullou o descuido.

Das idéas erradas o fermento
Produzio nova serie d'infortunios:
Fomos Francos, Hybernios, só não fomos
Sensatos Portuguezes.

Ah! se não renascer co' a Patria a gloria,
Se a Sciencia e a Justiça inda dormitam,
Se a Moral não desperta, a Industria acorda,
Ao Nada caminhamos.

ODE

A um Ministro justo.

Musas, se é certo que amparais alumnas,
(Tal me chamou Filinto) alumna vossa,
Emborcai no meu peito a pura lympha
Da Pegasea Hyppocrene.

Igneo fervor fará que borbulhando,
Quaes na fonte, em meu cerebro as idéas,
Se adestre a mão, componha um ramalhete
Das Heliconeas flores.

Outr'ora, jogos floreos eram premio
Com que o Povo brindava os Vencedores;
Hoje a um Genio immortal são tenue offerta
As flores que se murcham.

Se meus versos não tem a tez purpurea
Da rosa, e do jasmim o odor lhe falta,
Não os rejeites, não... Phebo os decora
Com lumes da Verdade.

Após o grande assumpto que os inspira
Profetica visão no Pindo colhem;
Entre os Sullys e Sólons te colloca
A Delphica harmonia.

Embora Herculea força quebre montes,
Calpe e Abyla, immortaes columnas, fossem
As mais certas balizas do possivel;
Mais obra teu ingenho.

Se o nó Phrygio a Alexandre disputasses
Pelo imperio do mundo, que anhelava,
Com habil mão, o golpe prevenindo,
Mais cedo o desataras.

Ao Cytheron subiras denodado,
Colheras perspicaz do enigma o senso;
Juno zelosa, do seu monstro o baque
Assustada ouviria.

Então, mostrando aos Numes quanto vale
Teu saber, e a candura de tua alma,
Desgostada do Ceo, voltara á terra
A desdenhosa Astréa.

Da facha com que os Ceos Chyron cingira
A Déa se desprende, e pressurosa
Pelos liquidos ares vem descendo
C'os premios que te aguardam:

« Toma (te diz), acceita esta balança;
« Com meu poder divino, que te cedo,
« Restaura no fiel seu equilibrio,
« Errante ha *treze lustros*.

« Levanta os meus altares que abateram
« As sacrilegas mãos que me incensavam:
« Esquecendo do prisco rito a norma,
« Figuraram-me Alecto.

« Chama a ti a Innocencia espavorida,
« Cinge-lhe a pura frente d'assucenas,
« E restitue á gloria os aureos nomes
« Que apagara a Calumnia.

« Levanta o véo funereo que os encobre,
« E, em caracteres immortaes gravado,
« Verás teu proprio nome, por mim mesma,
« Em meu templo esculpido. »

ODE

Á feliz reconciliação de Portugal e Brasil.

Quia multis et magnis tempestatibus
vos cognovi fortes fidosque mihi...
Sallustio.

Nunca a lisonja mascarada poude,
Por mais que me acenasse co' a fortuna,
Extrahir-me da mente uma só rima
Em cortezana gala.

Hoje sobre a minha alma funde o Estro;
Qual aguia vigorosa me arrebata
Ao magnifico alcaçar que allumia
A presença de Phebo.

Enfio a senda que trilharam Vates,
E em magestoso assento avisto aquelles
Que hoje na terra, em pó, calados jazem
No sepulchral silencio.

Um se levanta, e grita: « Alcipe!... Alcipe!...
« Toma o laúde, a Patria afoita applaude;
« Canta como cantei, altêa as vozes,
« Tanto o assumpto demanda. »

A auréola que a egregia frente lhe orna
Mais brilhante parece, mais realça
O Vate, que atrevido Apollo encara,
E altivo assim lhe falla:

« Vales tu, Deos lustroso, o nosso Numen,
« Que com mão paternal do throno emborca
« Sobre os Povos torrentes de socego,
« Ha tanto foragido?...

« Repartiste do Ceo o azul dominio
« C'o teu Phaetonte? Acaso em aureo laço,
« Ao teu coração preso, lhe impediste
« Precipitada queda?

« Os teus raios acaso, competindo,
« Na miuda attenção, co' a Providencia,
« Depositam nas mãos do filho um solio?
« Domam feroz discordia?

« Espavorida aos antros se retira
« Essa filha do cahos; brama, espuma,
« Em quanto vem guiando horas ditosas
« Afortunados dias;

« Dias de paz, cercados dos sorrisos
« Com que as Graças decoram a Abundancia;
« Em que, sem deslustrar-se a dignidade,
« Se afortunam Imperios.

« Do mar, vedado á Industria, se abre a porta;
« Da Fluminense praia varre ambages
« Astuta a Sapiencia, e a dextra augusta
« Do melhor dos Monarchas.

« Quem do futuro o véo levantar póde?
« Quantos bens tem o cofre do Destino
« Ainda aferrolhados? mas previstos
« Pelo Pae, pelo Filho!

« Ingratos corações, suffocai sustos:
« A grandeza, a extensão reside em almas:
« Prestai meios de gloria a quem vos rege,
« Vencei as Syrtes d'Africa.

« Mora no seio d'espelunca ignota,
« Insondavel aos myopes humanos,
« Uma Deosa, que paga heroicos feitos
« Com premio immarcessivel:

« Seu cortejo são seculos e seculos,
« Heras, que em seus dominios reverdecem;
« Ornam seus aposentos aureos cofres,
« Cheios de grandes nomes:

« São palmeiras giganticas que assombram
« O portico da entrada: Lusitanos!...
« Com fadigas honrosas apressai-vos
« A colher os seus ramos.

« Gama, Cabral, zombando de borrascas,
« (Como vós podeis ir) foram colhê-los:
« Vencei Numidas, renovai Palmiras,
« Ganhai a Eternidade. »

ODE

Á instalação dos Inválidos no Hospital que mandou fazer em Runa S. A. R. a Princeza D. Maria Francisca Benedicta.

25 de Julho de 1827.

Salve, ó bosques c'roados de verdura!
Solidões, onde livre o pensamento
Contempla só acções cuja grandeza
Fixa os extasis d'alma!

Do pó vulgar os turbilhões me enojam;
De fabulados Numes a influencia
Não deixa formar sons que dignos sejam
Do assumpto que me enleva.

Vem, Filha de Sião! Divino influxo,
Qual na sarça de Horeb ardeo outr'ora,
Uma chamma os meus labios purifique,
Relatarei verdades.

O Ceo attento hoje olha para a Terra:
Qual pura exhalação que vem das nuvens,
Um Anjo desce, ou se converte em Anjo
Uma excelsa Princeza.

Em vão saío dos tubos inflammados
Terrifico trovão, sulfureo raio;
Foram silvando as balas, e abatendo
Numerosos humanos:

Inundou pranto amargo roseas faces
Das filhas, das esposas, das viuvas:
Tudo esqueceo á Gloria, não attende
O dó perpetuo luto.

Só tu, Regia Maria, tu que pésas
Da humanidade as penas, que avalias
O vinculo suave em que se apertam
Os corações sensiveis;

Tu, que em teu coração juntas thesouros
De virtudes, no olvido sepultadas,
Das generosas mãos sóltas torrentes
D'alivio, aos infelizes.

D'Inválidos o brado, o Ceo piedoso
Recolheo em teu peito compassivo;
E com teu Nome as Eras devolvendas
Se adornarão gostosas.

ODE

Imitada da ode 2.ª do livro 1.º d'Horacio:

Jam satis terris nivis, etc.

Anno de 1813.

Já sobre a terra Jove desabrido
Geada e pedra assás lançou; seus raios,
Despedidos da mão abrazeada,
Os templos arrazaram.

Aterrou tanto os povos, que temiam
Voltasse o infausto seculo de Pyrrha,
No qual Protheo levou pastar os Phocas
Ao cume das montanhas.

Então se viram cousas nunca vistas:
Onde as aves sabido asylo tinham
Peixes dos ramos pendurados viam,
Nadavam n'agua os gamos.

Vio-se o Tibre torcer violento as ondas
Que a Etruria repulsava contra Roma,
Derrubando de Numa o paço excelso,
E a capella de Vesta:

Vio-se inundar de Roma a praia extensa;
Presumindo vingar d'Ilia os ultrajes,
Jactar-se no poder de dar-lhe alivio
Contra o que os Ceos mandaram.

Mas um dia, os que o ferro poupa, raros,
Hão de saber com pasmo que Romanos
Contra Romanos são: quão melhor fora
Lutar só contra os Persas!

Que sanguineos combates! que injustiças!...
Qual Nume invocaremos que previna
Do Imperio vacillante a queda horrivel,
Quando tudo são erros?

Que preces fervorosas, sacras virgens
Hão de off'recer a Vesta, que as rejeita?
Qual victima que expie tantos crimes
Hão de escolher os Deoses?

Deos dos Auguros, vem, brilhante Apollo!
Desce das nuvens, cede a nossos votos;
Ou de amores e jogos rodeada
Desce tu, Venus linda!

Ampara a creação, de que és origem:
Ou Marte, se está farto de combates,
De gritos dos soldados, dos armurios
Ensopados em sangue,

Venha, por comprazer-te, soccorrer-nos:
Venha da bella Maia o filho alado,
Tome o gesto e figura do Reinante,
Que á Regia mãe succede:

Demore-se entre nós, expulse as feras
Que em forma humana infestam nossos ares,
Cujo dente feroz nos membros cravam
Dos Scipios, dos Emilios.

Nereo amanse o mar, almo Favonio
Guie o lenho que o torne a nossas praias:
Ah! vem, Principe, vem; o teu aspecto
Ha de assustar os crimes.

Astro eminente brilha, vem, consola
O povo consternado ha tanto tempo:
Não te desgostem vicios delle, ou forcem
A de novo eclipsar-te.

Ah! recrêa-te em ser o Pae da Patria;
Verás em côro os orphãos, que te chamam,
Escapando ao rigor de iniquos ferros,
Cantar teu nome augusto.

ODE

Á morte de meu irmão o Marquez d'Alorna D. Pedro d'Almeida.

(Imitada da ode 21.ª do livro 1.º d'Horacio:

Quis desiderio sit pudor, etc.)

Anno de 1813.

Que limite porei á dôr, ao luto
Com que tão caro objecto chorar devo?
Ordena o canto, lugubre Melpomene,
Filha do Deos dos Versos.

Tu, que teu Pae dotou de voz canora,
Unida á lyra harmonica, suspira:
Perpetuo somno opprime o heroico Alorna,
Triumpha delle a morte!

Supplica branda não demove o Fado,
Quando uma vez, c'o a vara inexoravel
De Mercurio, ao rebanho tenebroso
Aggrega qualquer alma.

Honra, justiça, irmãs incorruptiveis
Da boa fé, da nitida verdade,
Onde achareis alguem igual d'Alorna?...
A terra não tem tanto.

Muitas lagrimas esta morte custa!
Nenhumas tão amargas como as minhas:
Em vão devota os Deoses importuno,
Nem tem credito as preces.

Os Deoses por um tempo nos emprestam
Sobre a terra o que é digno só do Olympo:
Nas eternas moradas se recolhe,
Desampara os humanos.

Se nas selvas, com citara suave,
Eu, qual Thracico Orpheo, cantar soubera,
Nem assim voltaria o sangue, a vida
Á sombra vã que foge.

Destino fero!... Mas a paciencia
Aligeira os pezares, os desastres
Que não pode vencer força nem arte,
Que a razão não corrige.

ODE

Á Fortuna.

(Imitada da ode 30.ª do livro 1.º d'Horacio:

O Diva, gratum quæ regis Antium, etc.)

Anno de 1813.

Despotica Fortuna, Deosa d'Antium,
Que do abysmo levantas quem te agrada,
Que em funeraes convertes os triumphos
Junto aos umbraes da Gloria:
Com Jove competindo,
Geraes preces te cercam:
O pobre lavrador submisso te insta
Que fecundes seus campos, seus trabalhos.

Do mar dominadora, a ti recorre
O vaidoso Bretão que affronta as ondas;
O fero Dace, o Scytha vagabundo,
Os guerreiros Latinos,
Os Russos generosos,
Preces, votos te enviam:
Gentes, Cidades, Reis, mesmo os tyrannos
Mal poderão vencer sem teu soccorro.

Todos te adoram, Deosa, todos tremem
Que irritada, transtornes a columna
Que estêa do Poder o erguido templo;
Ponhas nas mãos as armas
Aos povos inquietos,
E as armas assumindo
Os preguiçosos mesmo, alento tomem,
E abalem dos Imperios o alicerce.

Seva Necessidade te precede;
Nas mãos de bronze traz pregos, martellos,
Cunhas, fouces, e chumbo derretido:
Mesmo a doce Esperança,
A pura Lealdade,
D'alvas roupas vestidas,
Não desdenham teu sequito pomposo,
Não se envergonham, não, de acompanhar-te:

A colera não temem, quando arrojas
Por terra altos palacios, quando em luto
Te mostras assustando almas cobardes.
A plebe infida foge;
As Nymphas delicadas
Eclipsam-se com susto:
Se a meza diminue, o vinho acaba,
Acaba o dó, falsos amigos vão-se.

Que te fizeram, Deosa, os Portuguezes?
Nesse enxame d'Heroes vigia attenta;
Iguala a seu valor da Fama o brado.
Pasmou-se o Sol nascendo
Quando observou seus feitos;
Do mar Vermelho a praia
Soube os heroicos nomes: hoje a inveja
Applaude o valor só, mas cala os nomes.

Ó justiça do Ceo! d'onde deriva
Tão enorme castigo?... Vem d'aquelles
Que em desestima tem raças heroicas:
Vem de quem troca
A justiça por odios,
A patria por empregos;
Faz da virtude crime, lei da força,
Anulla a gratidão, risca a nobreza.

A que excessos crueis não tem chegado
Nesta idade de ferro ambição louca!
Que não teem intentado os presumidos!
Teve o medo dos Deoses
Poder para coarctar-lhe
A audacia dos delictos?
Que altar vos escapou? que lei sagrada
Não quebrou sem pudor o vosso arrojo?

Profanos! reforjai vossas espadas,
Que as domesticas lides embotaram;
Os gumes amolai nos peitos Gaulos,
Que em perfidía excedem
Arabes fraudulentos,
Ferozes Massagetas:
Não é contra Patricios que s'illustra
O brio, o verdadeiro amor da Patria. (1)

(1) O verdadeiro assumpto desta ode é a escandalosa affectação com que na illuminação da festa nacional em Vauxhall, perto de Londres, se occultaram todos os nomes dos Generaes Portuguezes.

(Nota da auctora).

ODE

A meu Filho (1).

(Imitada da ode 2.ª do livro 3.º d'Horacio:

Angustam, amici, pauperiem pati, etc.)

Anno de 1813.

Convem que aprenda nas mavorcias lides
O mancebo a soffrer dura pobreza;
Que co' a lança enristada rompa os Francos,
Pasme os Bretões vaidosos.

Que no seio do risco os dias passe,
Que na raza campanha passe as noites;
Que ao fero aspecto seu tremam de susto
As esposas, e as noivas.

Ai de nós! (suspirando, afflictas digam)
Não queira o Ceo encontrem os consortes
Leão tal, que entre mortes ira impelle
A devorar quem topa.

Pela patria morrer é nobre, é bello:
Inutil é fugir; persegue a morte
O timido que vil as costas volta;
Não dá quartel aos fracos.

(1) O Conde d'Oeynhausen.

Eia, filho! a virtude não acceita
Repulsas que lh'envia a torpe inveja;
Não dependem do arbitrio vão da plebe
Honras que intacta alcança.

Pelos ares vedados abre estrada
Aos Heroes immortaes, aos Ceos os leva;
Longe do terreo lodo, e vulgo insano,
Rapido vôo toma.

Premio certo tambem alcança aquelle
Que os mysterios divinos respeitando
No coração os guarda, e a vida inteira
A Deos e ao bem consagra.

Não quizera viver com quem profana
Religioso rito; aventurar-me
No mesmo lenho, sobre as ondas bravas,
Com infieis, com impios.

O desprezo das leis os Ceos irrita:
Quem sabe se innocentes e culpados
Confundiria o Ceo, quando o castigo
Infallivel descesse?

Bem que tardía e coxa seja a Pena,
Que pareça dormir ou descuidar-se,
Attinge em fim quem erra, não escapa
O impio ao que merece.

ODE

Contra a Avareza.

Imitada da ode 2.ª do livro 2.º d'Horacio:

Nullus argento color est, etc.

Nada brilham nas minas as palhetas
Desse metal, que tenta o peito avaro;
Mudo e quêdo adormece nas gavetas
De um Harpago infeliz, que sem reparo
Troca pela figura
A real existencia da ventura.

Filhos meus, o dinheiro é precioso
Quando se emprega bem, quando soccorre:
Servio de pae Proculeo generoso
A seus irmãos; quem faz o bem não morre;
A Fama que o decanta
Sobre montes d'idades o levanta.

Imperar sobre si é grande imperio;
Muito mais é que unir duas Carthagos,
Juntar a Lybia ao territorio Iberio:
Sem temer sedições, guerras, estragos,
Tem ventura e riqueza
O que vive ao nivel da Natureza.

Se alguem no peito affaga a sede d'ouro,
Qual hydropico bebe, e augmenta a queixa;
Nunca se farta ao pé do seu thesouro,
E sem fartar-se, o seu thesouro deixa
A prodigos herdeiros,
Que o motejam, gastando os seus dinheiros.

A Virtude é que apaga ou cria o nome;
Só ella, não os Reis, é quem premêa
O General que soffre e doma a fome,
Desprezando os que a pompa só rodêa:
Ignorantes vaidosos
Lança fóra da lista dos ditosos.

A Virtude é que afoita o mundo ensina,
E dos idolos vãos que a plebe adora
Sem pejo e com valor rasga a cortina;
Põe os louros, que o tempo não devora,
Sobre a frente do Justo
Que segue o bem, e os males vê sem susto.

ODE

A Henriqueta, minha Filha.

(Imitada da ode 11.ª do livro 1.º d'Horacio:

Tu ne quæsieris (scire nefas) quem mihi, quem tibi, etc.)

Anno de 1820.

Não procures saber, querida Irene,
Se a mim, se a ti, os Deoses concederam
Da vida um termo proximo ou distante:
Não convem tal exame.

Não indagues os calculos incertos
Que produzem horóscopos confusos;
Melhor será soffrer que descobri-los:
O que vier acceita.

Ou nos dê Jove invernos numerosos,
Ou neste, que do Tejo açouta as aguas,
Atropos corte o fio a nossos dias,
Recear é fraqueza.

Gosta os fructos da Quinta do Descanço (1):
Para longa esperança o espaço é breve;
A idade foge em quanto discorremos:
Aproveita os momentos.

Submette o fado á tua independencia,
Une á lyra suave a voz celeste,
Doira as horas que tens, vive bem hoje,
No porvir não te fies.

(1) Nome que a auctora poz ao praso denominado da Féteira, situado em Almeirim, que havia doado á dita sua filha, hoje Dama Camarista de Sua Magestade a Senhora D. Maria II.

ODE

A Frederica, minha Filha.

Imitada da ode 4.ª do livro 1.º d'Horacio:

Solvitur acris hyems, etc.

O rispido inverno cede
Á serena Primavera,
Volta o macio Favonio,
Boreas a furia modera.

Por engenho ao mar trazidas
Vem as quilhas dessecadas,
O lavrador larga os lares,
Largam o aprisco as manadas.

Os prados já não alvejam
Com saraiva enregelada,
Já Venus os coros guia
Ante a lua prateada.

As decentes Graças travam
Co' as Nymphas alegre dança,
A compasso a terra batem,
Gira um pé que est'outro alcança:

Em quanto Vulcano abraza
Essas bigornas ruidosas
Onde incançaveis Cyclopes
Forjam farpas sanguinosas.

Convem de flores ou murta,
Que brota aquecida a terra,
Cingir a nitida frente,
Esquecer Mavorte e a guerra.

Convem nos bosques umbrosos
Immolar com sacro rito
O que ao Fauno mais agrada,
Ovelha mansa, ou cabrito.

Indistinctamente pisa
Com firme pé sempre a morte
Do pobre pastor a choça,
Do Rei o castello forte.

Filena amada, reflecte:
Da nossa vida os limites
Prohibem longa esperança;
Vive alegre, não hesites.

Já sobre nós vem descendo,
Já pésa a noite funesta;
Plutão funebre e os seus Manes
É quanto ao depois nos resta.

Então nas ouças moradas
Não tem lugar os festejos,
A sorte não favorece
Nem projectos nem desejos.

ODE

A G.*** (1)

(Imitada da ode 22.ª do livro 1.º d'Horacio:

Musis amicus, etc.)

Ás Musas dedicada, amando as Musas,
Os sustos, a tristeza
Entrego aos ventos turbidos que os levem
Até o mar Cretense,
E mui longe de mim nelle os sepultem.
Hoje pouco m'importa
Qual Rei nas plagas de Calisto assusta
As regiões geladas;
Qual borrasca imprevista abala o solio
De Tiridate altivo.
Musa, que amas das fontes a frescura,
Que em seu cristal te miras,
Vem comigo colher flores mimosas
Das que cercam Pimpléa,
E seu aroma a mente corrobora:
Coroa matizada
Tece ao juvenil Sabio que honra a Patria:
Sem ti, doce Camena,
Que direi que convenha á gloria sua?
Tu e as Irmãs celestes,
Só, podem renovar d'Alceo, de Sapho
As harmonicas lyras,
Que devem consagrar delle as virtudes,
Com que a Patria restaura.

(1) José Antonio Guerreiro, Deputado ás Côrtes, Ministro e Secretario de Estado, *etc.*

ODE

Sobre a projectada juncção da valla com o Alpiaçoulo, em Almeirim.

(Imitada da ode 6.ª do livro 1.º d'Horacio:

Laudabunt alii claram Rhodon, etc.)

Louvem Rhodes illustre outros Poetas,
Celebrem Mytilene,
Da bimaria Corintho os muros cantem,
D'Epheso o grande templo:
Louvem do excelso Apollo e Baccho a patria,
Thebas insigne, e Delphos;
Da Thessalica Tempe os arvoredos,
Os valles deleitosos.
Vates ha, que em seus numeros sublimes
Perpetuamente exaltam
Da intacta Pallas a cidade culta;
E os ramos d'oliveira
Colhendo sempre, a frente delles ornam:
Muitos, honrando Juno,
Argos applaudem, productora egregia
De corceis generosos,
Ou gabam a opulencia de Mycenas.
Quão diverso é meu gosto!
A mim pouco m'importa a austera Esparta;
Nem os bosques frondosos,
Nem as planicies ferteis de Larissa
Me tocam tanto n'alma

Como o ameno Almeirim, o Alpiaçoulo;
Nelle a Nympha amorosa
Murmura na caverna, e chama a Valla
Que d'Alpiarça desce:
Seus cristaes fecundantes, confundidos,
Refrigerando os prados,
A saude, a abundancia a nossos lares
Virão trazer alegres.

ODE

Á MINHA LYRA.

(Imitada da ode 28.ª do livro 1.º d'Horacio:

Poscimus, si quid vacui sub umbrâ, etc.)

Se comtigo pelos bosques,
Lyra doce, andei cantando,
E vencedores do tempo
Fui meus numeros juntando:

Não me abandones agora
Quando as penas me devoram;
São os teus sons deleitosos,
Que a morte e Parcas demoram.

Alceo entregue a cuidados,
Lutando por mar e terra,
Da lyra inventor, cantava
Por entre horrores da guerra.

Ora Baccho, ora as Camenas
Com aurea voz invocava,
Ora as madeixas e os olhos
Da Cypria Deosa louvava.

Tu Lyra, que Apollo adornas,
Que exaltas Jove nas festas,
Que afugentas dissabores,
Domas saudades molestas;

Lyra minha! não me deixes:
Se nenhum bem mais alcanço,
Acharei nos teus acordes
A fonte do meu descanço.

ODE

A uma Fonte.

(Imitada da ode 9.ª do livro 3.º d'Horacio:

O Fons Blandusiæ, etc.)

Fresca fonte, cujas aguas,
Mais claras do que o cristal,
São dignas de um sacrificio
Que agrade á Nay'de immortal:

Cercando a testa de flores
Heide immolar-te um cordeiro
Que já tem turgida a fronte,
Que em vão pede o Deos flécheiro.

Não espere a Cypria Deosa
Para si victima igual;
Tua gelida morada
É digna de um culto tal.

O fogo ardente que darda
A Canicula inflammada
Não te attinge; tu refrescas
O gado, e a gente cançada.

Fatigado da charrua,
O boi junto a ti descança;
Pela calma perseguida
Te procura a ovelha mansa.

Tu m'inspiras, nobre Fonte,
Teu murmurar me recreia;
Tuas cavas rochas canto,
E esse azinho que as sombreia.

A natureza me acolhe,
Tudo o mais de mim se affasta:
Eis-aqui quanto a Ventura
Me concede; isto me basta.

ODE

Imitada da ode 17.ª do livro 2.º d'Horacio:

Non usitata, nec tenui ferar, etc.

Da inveja vencedora, em nova forma,
Com desusadas pennas, ave altiva,
Rompendo os ares liquidos, mui longe
Irei do terreo globo.

Uteis mysterios, lucidas verdades
Me consagraram Vate; a Morte mesma
Co' a fouce, envergonhada, retrocede,
Submette-me o futuro.

Não morrerei; pasmados os tyrannos
Saberão que no tumulo não caibo;
Que em vão da Stygia as ondas somnolentas
Intentam comprimir-me.

Já me alveja a cabeça; as brancas plumas
Sobre todo o meu corpo se diffundem;
Sinto nos hombros musculosas azas
Que do chão me remontam.

Cysne canoro, atravessando as plagas
Mais veloz do que Dedalo voando,
As margens hei de ver do ameno Tejo,
Hei de ouvir-lhe os gemidos.

O Tibre, o Sena, o Ebro hão de acolher-me.
Vós, que d'agua immortal bebeis do Hemus,
Quando a luta feroz findar (1), meus hymnos
Entoareis gostosos.

A par dos Cysnes de Venusa e Cordova,
Afoita irei soltar notas saudosas
Sobre as rochas que a praia bordam do Ister,
Sobre os campos Panonios.

Humanos! (se é que humanos me conhecem)
Não perturbeis com lugubres officios,
Com funebre apparato a minha gloria;
Supprimi epicedios.

Ah! vergonhosas lagrimas não reguem
Meu sepulchro vasio; altiva e forte,
Em meus cantos harmonicos vivendo,
Alcançarei vindoiros.

(1) Quando acabarem as consequencias das revoluções.
(Nota da auctora).

ELEGIAS.

ELEGIA

Á morte de S. A. R. o Principe D. José.

Qual dos Deoses impoz este tributo
Á Lusitania, que elles tanto amaram?
Quaes são os nossos votos? qual o fructo?

Já de Affonso as virtudes não bastaram,
Já de João pendeo a Lusa gente,
E nem por isso as Parcas vacillaram.

Tu, que na idade mais resplandecente,
Gentil Theodosio (1), o Phlegetonte viste,
Tu preparaste o passo ao mal presente.

Porque tão cedo, ó Principe, fugiste,
Calcando o sceptro, as lanças, os arnezes,
A apagar-te do Lethes n'agua triste?

Até quando, infelizes Portuguezes,
Se hade occupar a Musa enternecida
Deste assumpto, chorado tantas vezes?

Mas que nuvem lá rompe denegrida?...
Que trovão lá rebenta estrepitoso?...
Eis-me, oh Parca! — Mas poupa aquella vida.

(1) Filho d'ElRei D. João IV.

Ai de nós!... É José, brando, piedoso,
Com quem se mostra o Ceo inexoravel!...
Oh morte! Oh morte! Oh golpe rigoroso!

Gela o terror o Povo inconsolavel,
Cede o silencio ao lugubre alarido,
E os Ceos atrôa um echo lamentavel.

Qual d'Epidauro o templo fementido
Afoito arrazaria, se pudera;
Qual co' a morte lutára embravecido.

O pezar em excessos degenera;
Contra tudo e com todos s'enfurece
A dor viva, que leis não considera.

Eu, que n'alma a esperança m'esmorece,
Dos meus proprios desastres nada vejo;
Só vejo a Mãe e a Esposa que padece.

Um caduceo benigno só desejo;
E o poder d'applacar-lhe acerbas penas
É dos cargos honrosos quanto invejo.

Mas tu, dura etiqueta, tu condemnas
Quanto inspira a suave humanidade,
Sem alterar as condições terrenas.

Geme a lisonja, geme a sã verdade;
Uns e outros gemidos equivocas,
Confundes o interesse co' a piedade.

Em meus olhos verás lagrimas poucas,
Que não sei dissolver nesses chuveiros
Pezares grandes, que em ligeiros trocas.

Bradem lá os ruidosos lisongeiros,
Que eu junto a minha voz á voz do povo,
E misturo os meus ais c'os verdadeiros.

Levanto as mãos aos Ceos, Principe novo;
E para consolar a Patria afflicta,
A apagada esperança lhe renovo,
Pois vejo em ti o que ella necessita.

ELEGIA

Á morte do Marquez de Lavradio, dirigida a seu filho D. Francisco d'Almeida Portugal, hoje Conde do mesmo titulo.

Quem morre não morreo, partio primeiro.
Camões. Eleg. 20.ª

Sobre um marmoreo tumulo sentada,
Dolorosa Elegia, vou formar-te
Na lyra, de cyprestes enramada.

Resoe o meu gemido em toda a parte:
Illustre Almeida, o sangue, a sympathia
Comigo a tua dor tambem reparte.

A minha tão penosa fantasia
Me debuxa o momento desgraçado
Em que a morte o que amavas te sumia.

O som desse suspiro magoado
Em que a vida exhalou teu Pae, escuto,
E vejo o seu despojo inanimado.

De lagrimas amargas um tributo
De teus olhos exige a Natureza,
Mas veda-lhe a torrente o interno luto.

Dissolve o pranto, excessos de tristeza:
Mudo, pallido soffres, demonstrando
Valor hereditario na firmeza.

No gremio da esperança repousando,
Mostra-te a Fé teu Pae aos Ceos levado,
E no Eden eterno triumphando.

De caducos sentidos despojado,
O juvenil vigor alegre assume,
E o terreo lodo sente dissipado.

Já da fouce da Morte embota o gume;
Da vasta mente as forças desenvolve;
Tudo entende, ao clarão do eterno lume.

Em delicia immortal sua alma envolve;
E se do mundo ingrato se recorda,
Com piedade celeste o mundo absolve.

Como de um sonho fugitivo acorda;
E aquella luz que a mente lhe allumia
Da Verdade infinita é que transborda.

Sobre os astros a sã philosophia
Não é, como a da terra, duvidosa;
D'evidencia a reveste immortal dia.

A saudade é comtudo tão teimosa,
Que julgas *perder tudo* o Pae perdendo,
Cuja memoria existe gloriosa.

Mas ah! que o teu pezar heroico entendo!
O mundo está deserto, na verdade:
Cessou o exemplo que lhe deo vivendo;
Porêm triumphe a gloria da saudade.

CANTO FUNEBRE.

CANTO FUNEBRE,

OU EPICEDIO DE UM MORTO VIVO.

Que denegridos cyprestes
E que funebre penedo
Encobre a meus tristes olhos
O sublime Godefredo! (1)

Mil suspiros derramai,
Aonias Nymphas, chorai.

Pouco tinha o sol girado,
Quando na florente idade
Já com seus briosos feitos
Penhorava a Eternidade:

Mil suspiros derramai,
Aonias Nymphas, chorai.

Em sua alma reluzia
Ora o Cid, ora Tancredo;
E via-se transformado
Achilles em Godefredo.

Mil suspiros derramai,
Aonias Nymphas, chorai.

(1) O Conde de Sabugal, D. Manoel Mascarenhas.

Tudo da faminta morte
Foi preza em poucos momentos:
Apagaram-se as virtudes
E os heroicos pensamentos.

Mil suspiros derramai,
Aonias Nymphas, chorai.

Se a Virtude milagrosa
Póde aquecer cinzas frias,
Rompa esta campa, e renove
A Godefredo os seus dias.

Mil suspiros derramai,
Aonias Nymphas, chorai.

Saia do funereo reino,
Veja a clara luz do Ceo;
Minha lyra á morte o roube,
Bem como a lyra d'Orpheo.

Doces versos espalhai,
Aonias Nymphas, cantai.

EGLOGA.

EGLOGA

A Holstenio (1).

Vós, Musas Lusitanas, novo canto
Empr'endei hoje: acabe o antigo pranto.
Se os arbustos, se a sombra do arvoredo
Nem a todos convém; eu, que em segredo
Nas selvas sólto assim minha cantiga,
Cousas dignas d'Holstenio em verso diga.

Acabaram-se os seculos preditos;
Chegou a idade d'oiro, que os escriptos
Da Sybilla Cuméa annunciaram.
Os dias de Saturno ou já voltaram,
Ou no oriente apontam: volta Astréa,
Que os desenvoltos erros encadêa.
A raça ferrea acaba: aurea progenia
Desce dos Ceos; scintilla Holstenio, Eugenia.
Astros meus, não tardeis! — Gentil mancebo,
Dissipa-nos as trevas deste Erebo.
Brilharás como Apollo, a quem semelhas;
E do teu genio grande igneas centelhas
Consumirão as fezes da ignorancia:

(1) D. Pedro de Sousa Holstein, hoje Duque de Palmella. Esta egloga é uma imitação da 4.ª de Virgilio, intitulada = *Pollio* =, e foi feita em Inglaterra, por occasião de chegar ali a personagem a quem se allude.

Assim nos promettia a tua infancia,
Assim nos afiançam teus progressos.
Farás nascer razão, cessar excessos;
O tempo adornarás, e nova gloria
Reflectirá d'Alcandro na memoria.
Irão correndo os mezes mais ditosos;
Desmaiarão os crimes aleivosos:
Acalmarás discordias agressoras,
Que envenenam da vida as curtas horas:
A Virtude banida, restaurada
Irá prestar soccorro á Patria amada;
E as paternas virtudes renovando
As dores nacionaes irás sarando.
Has de emular Heroes, e a Divindade,
Se arrancares das trevas a Verdade:
Se qual Glauco venceres a Chymera,
As flores espontaneas, c'roa d'hera,
De fresco inhame e acantho entrelaçada,
Te ha de off'recer a Terra consolada.
O gado farto, nos curraes tranquillo,
Ha de abundar em leite; hão de mugi-lo
Nitidas mãos em taças d'oiro puro:
Ha de contra o leão medrar seguro
O rebanho, até 'gora perturbado;
Nem do guerreiro injusto e arrebatado
Ha de temer ardís: planta nociva
Nunca mais brotará. Na calma estiva
Qual orvalho benigno aqui chegaste,
E a inculta e secca terra refrescaste.
Vê como exhala essencias preciosas,
Produz qualquer arbusto assyrias rosas;
E do seio feliz desta mudança

Nasce, qual flor, nas almas a esperança.
Se a pudesse eu cantar, se no Universo
Teu louvor espalhasse altivo o verso,
As espigas maduras nasceriam,
Dos abrolhos as uvas penderiam;
Ver-se-hiam carvalhos eminentes
Transsudando de mel aureas torrentes.
No caso que restasse algum vestigio
D'antiga fraude, do vapor estygio;
Se Avareza, que tem de bronze o peito,
A Thetis insultasse o vitreo leito
Pela sede do ganho; se com muros
Os cidadãos se cressem mais seguros;
Se o fertil chão, cortado em porções varias,
Favorecesse as mãos mais temerarias;
Typhios veremos, d'Argos constructores,
Argonautas, e mais exploradores,
Cuja voracidade não desmaia,
Que irão desembarcar na Iberia praia:
Novas Helenas, guerras motivando,
De Troya á queda os Gregos provocando.
Olha, Holstenio, estes males; não vacilles,
Vence-os todos, que has de exceder Achilles:
A Terra, os Ceos, o Mar, tudo t'implora;
Restaura os Ceos, a Terra, e o Mar agora.
Os Seculos, teu nome celebrando,
O irão comigo aos astros levantando:
Para cantar motivo tão sublime
O Ceo mesmo em meu peito força imprime.
Nem Thracio Orpheo co' a lyra transcendente,
Nem Lino, de quem é sempre virente
A laurea c'roa, hão de igualar meus hymnos,

Bem que os influxos seus sejam divinos.
A Musa a minha voz conforta e guia,
Apollo a propria lyra me confia.
Fosse Pan meu rival, tu meu assumpto,
O Deos flautista havia arriscar muito:
A Arcadia em coro os versos meus louvara,
E o Numen, sem receio, condemnara.

SONETOS.

SONETO

A um filho da auctora que morreo poucos instantes depois de nascer.

Em fim passaram estas tristes horas
Que o destino cruel tinha prescripto,
E das minhas entranhas ao Cocyto
Te levam, filho, as Parcas aggressoras.

Lá do seio da Morte, onde hoje moras,
Não venhas lacerar-me o peito afflicto;
Da consternada mãe escuta o grito,
E fica em paz nas trevas dormidoras.

Mas ai de mim! querido desgraçado!
Se ao menos no meu terno pensamento
Tu pódes existir, cresça o cuidado:

A força do materno sentimento
Te fará renascer, filho adorado,
Bem que eu morra d'angustia e de tormento.

SONETO

A minha Mãe.

NATUREZA! quaes leis difficultosas
Ao brando coração meu impozeste?
A quaes devo seguir, com quaes quizeste
Subjugar as paixões imperiosas?

Quando escuto da Mãe vozes queixosas
Que me pedem a filha que me déste,
Arranco-a do meu peito a que a prendeste,
Sem ver deste as feridas sanguinosas.

Mas apenas cedi, mais alto bradas,
E do materno amor golpe violento
As entranhas me deixa laceradas.

Se a não largo, qual é o meu tormento!
Se lha dou, quantas horas desgraçadas!
Barbara lei, difficil vencimento!

SONETO

A Guilherme Stephens, fundador da grande Fabrica de vidros no logar da Marinha, pouco distante de Leiria.

Heroes famosos, gente generosa,
Já dos dentes das feras se geraram;
Já os muros de Thebas levantaram
Os doces sons da lyra harmoniosa.

Uma vez da Saudade á voz maviosa
Do Averno as bronzeas portas se quebraram;
Porêm destes milagres só ficaram
Vagas noções, na historia fabulosa.

Tudo creio; pois vejo nesta idade
Prodigios taes nos campos da Marinha,
Ao clarão poderoso da Verdade.

Se a gratidão futuros adivinha,
Guilherme, irá teu nome á Eternidade,
A par do Lavrador (1) da Patria minha.

(1) El-Rei D. Diniz.

SONETO

A Natercia (1).

Sonhei, pois tudo é sonho nesta idade,
Que a Fortuna do templo a porta abria,
E que Natercia alegre desprendia
As suaves cadêas da amizade.

Sôlta assim, sem remorsos, nem saudade,
Novos objectos n'alma revolvia;
Da cega Deosa os habitos vestia,
Tomava os gestos, e a velocidade.

Ah! Natercia, Natercia, quem dissera
Que na lista fatal dos inconstantes
Tão cedo esse teu nome s'escrevera!...

Acordei, e com passos vacillantes
Correndo após a barbara chimera,
Achei Natercia amiga como d'antes.

(1) A Viscondessa de Balsemão D. Catherina Michaela de Sousa Cesar e Lencastre.

SONETO

Em resposta a Natercia.

Nos vasos da lethal melancolia,
Que contêm mil liquores denegridos,
Os Deoses, dos humanos condoidos,
Lançam o dom feliz da Poesia.

Co' este dom, que desfecha a luz do dia,
Se interpretam mysterios escondidos;
Reanimam-se os mais desfallecidos,
A dor se esfuma, applaca-se a agonia.

Tu bem vês, ó Natercia, que te entendo;
E que o ferreo segredo em vão se cança
Em apagar-me objectos que estou vendo.

Teus silencios, contrarios á esperança,
Não me assustam com seu aspecto horrendo,
Que m'os explica sempre a confiança.

SONETO.

O salto de Leucade.

Ninguem afoga Amor n'agua salgada,
Por mais que a Grecia illusa o certifique;
Bem que a sorte de Sapho assim publique,
No mar acabou Sapho namorada.

Artemisa infeliz, precipitada,
Quer nas aguas do fogo achar despique,
E não consegue mais senão que fique,
De Salamina a gloria equivocada.

Os effeitos da queda de Leucade
Não são quaes nos tem dito, porque infiro
Que muitos saltam dentro da Cidade:

Vencem Amor as damas no retiro,
Os homens em faltando á lealdade,
Este é o salto famoso lá d'Epiro.

SONETO

A M. D. M.

Dest' arte o peito um calo honroso cria.
Camões.

GLOSA.

Ó Ceo! ó Providencia! que ordenaste
A serie destes meus afflictos dias;
Se victima da força me querias,
Por que a luz da razão não me occultaste?

Na cadêa dos entes não formaste
Sem sentimento tantas penhas frias?
Um coração de rocha não podias
Dar-me a mim, como a outros que creaste?

Não quizeste; e em troco da Fortuna
A tocha da Verdade me allumia,
Quando um Sophista irado m'importuna.

Grite embora; que o brio que me guia
A crueldade mesma acha opportuna:
Dest' arte o peito um calo honroso cria.

SONETO

Feito em 1809.

Crespas as aguas, taciturno o Téjo,
Ás aureas praias suas me chamava;
E quando incerta asylo ali buscava,
A magestosa Patria ante mim vejo.

Vinha qual sempre a vio o meu desejo,
De lealdade e d'honra se adornava,
Religiosa fé, gloria brilhava
Nas mais virtudes, que eram seu cortejo.

Eis-me aqui, qual me queres, (me dizia)
Não temas que as paixões me desfigurem,
Nem que meu traje esconda aleivosia.

Ordena á multidão que todos jurem
Defender a razão, sem cobardia,
E que em amar seu Rei todos se apurem.

SONETO

Em resposta a Mr. Bathurst, em Londres.
25 *de Janeiro de* 1811.

Cysne, que rompes pela nevoa densa
Onde envolta me traz Fado malino;
Se os teus doces accentos examino
De um Numen tutelar sinto a presença.

Suave, mas tardia recompensa
D'esforços nobres que ultrajou Destino,
Na forma d'aureos sons estro divino
Vem decorar-me d'uma gloria immensa.

Já me sinto levar d'esfera a esfera,
Entrando na espaçosa Eternidade,
E anulla o seu rigor a Morte austera.

Reconstruir da Lysia a dignidade
Teu amphioneo canto bem pudéra,
Pois que o véo tira á incognita Verdade.

SONETO. (1)

Lusitania querida! se não choro
Vendo assim lacerado o teu terreno,
Não é d'ingrata filha o dó pequeno;
Rebeldes julgo os ais se te deploro.

Admiro de teus damnos o decoro:
Bebeo Socrates firme o seu veneno;
E em qualquer parte do perigo o aceno
Encontra e cresce o teu valor, que adoro.

Mais que a victoria vale um soffrer bello;
E assás te vingas de oppressões fataes
Se arrazada te vês sem percebê-lo.

Povos! a independencia que abraçais
Applaude alegre o estrago, e grita ao vê-lo:
«Ruina sim, mas servidão jámais!»

(1) Imitação do soneto de Pastorini, que começa = *Genova mia*, etc.

SONETO. (1)

Enfado da razão, forte Guerreiro,
Que com lucidas armas de diamante
Em batalha feroz te pões diante
Do real solio desse Deos flécheiro:

Não vês Amor rebelde, que primeiro
De lembranças phalange petulante
Junta, e te ataca com furor constante
Dentro do teu recinto derradeiro?

Vibra, forte Guerreiro, o golpe horrendo
Dessa espada de luz; por terra extincta
Caia a cohorte ao fulminar tremendo.

Amor o veja, o seu destroço sinta;
Teu carro triumphal reconhecendo,
A segui-lo algemado em fim consinta.

(1) Imitação do soneto de Vacari, que principia = *Sdegno della raggion*, etc.

SONETO. (1)

Inda não apontava a madrugada,
Quando eu com Filis junto a um choupo estava;
Ora lhe ouvia a voz doce, engraçada,
Ora aos Ceos, para a ver, luz implorava:

Verás, (lhe digo) Filis adorada,
A Aurora; (que do mar linda voltava)
Como a par della turba descórada
No Olympo tanta estrella desmaiava!

Verás depois o Sol, cuja presença,
Vence e dissipa logo esta, e aquellas;
Tal é de seu 'splendor a força immensa!

Mas não verás o que eu verei; quão bellas
Tuas feições lhe fazem, sem detença,
O que elle fez da Aurora e das Estrellas.

(1) Imitação de Manfredi.

SONETO.

Achando-se a auctora doente, em perigo de vida.

Este ser, que me deo a Natureza,
Vai desorganisando a enfermidade;
Sinto apagar da vida a claridade,
Doma as corporeas forças a fraqueza.

Vai crescendo em minha alma a fortaleza
Quanto cresce do mal a intensidade;
As portas aureas me abre a Eternidade,
E lá cessam cuidados e tristeza.

Vou amar quem sómente é sempre amavel,
Em oxigeneas luzes abrazar-me,
Nunca errar, nem temer gente implacavel.

Vou nos jardins celestes recrear-me,
E no seio de um Deos justo, adoravel,
A tudo o que me falta associar-me.

SONETO.

Ás minhas filhas, longe dellas em Inglaterra, e doente.

Não tem havido mal que eu não supporte;
O Fado contra mim tudo provoca;
Desfallecido o peito, a voz já rouca,
Em vão invoco um sêr que me conforte.

Adeos, queridas filhas! chega a morte;
Ouço a trombeta que um archanjo emboca;
Na eternidade o tempo se me troca,
E pela tumba fria a Patria, a Corte.

Encham de honra e piedade este intervallo,
Certas de um fim que a todos se avisinha;
Que já não vivo escutem sem abalo.

O maior dom dos Ceos na mão já tinha;
Porêm faltam-me os dias de lográ-lo:
O mundo é para os mais, a cova minha.

SONETO

A Jonio, que quer que imprima as minhas Obras.

Folhas de louro, e algumas bagas pecas
Basculhei nas alléas do Parnaso;
Este lixo está junto, e por acaso
Entre elle algumas flores menos seccas.

Cuidei ter rouxinoes, achei marrecas:
Tentada estou de pôr tudo isto raso;
Porêm, discreto Jonio, faço caso
De quanto neste assumpto me deprecas.

Arranjarei meus versos, sem que exponha
Sua innocencia a Zoilos sem piedade,
Que os lêam mal, e os cubram de vergonha:

E se o que dizes valem na verdade,
Livremo-los por ora de peçonha,
E vão salvos á sã Posteridade.

SONETO

Em resposta a Jonio.

Tempera n'outro som essa aurea lyra;
Não crê Alcipe que te causa espanto;
O seu plectro, banhado ha muito em pranto,
Destoa, geme, queixa-se, delira.

Ella assusta-se quando alguem a admira;
Com a luz da Razão destroe o encanto,
Pois do Fado o rigor tem sido tanto,
Que se canta, conhece que suspira.

O fogo com que Delio resplandece
Só é dado a quem tem contentamento;
Cercado de pezares, esmorece.

A Ventura é quem dá ao verso alento;
Sem ella o genio pasma, desfallece,
Cala-se a Musa, encurta o pensamento.

SONETO. (1)

Eu não gosto de versos, mas se acaso
Musas affaveis os seus dons me dessem,
Se algum suave assumpto me escolhessem,
Tentaria as veredas do Parnaso.

Batalhas não cantara em campo raso;
D'Enéas ou d'Achilles, se vivessem,
Proezas, com que o mundo esclarecessem,
Dessas faria pouco ou nenhum caso.

Mas se n'algum jardim visse uma rosa
De um botão lindo ornada, o genio ardente
Logo afinara a lyra sonorosa.

A frescura gentil, graça decente
É para o estro meu mais poderosa
Que todo o ardor de Phebo reluzente.

(1) Este soneto empreston a auctora a um Cavalheiro, para elle offerecer a uma senhora em seu proprio nome.

SONETO

A Robertson, subindo em um balão, e descendo no para-quedas.

Deo nome ás aguas Icaro morrendo;
Icaro novo, os ares invadindo,
Placidamente aos astros vai subindo,
E de lá sem sossobro vem descendo:

Tanto excede na gloria este vencendo,
E obstaculos sem conto desmentindo,
Esse, que a presumpção pagou caindo,
E no fatal despenho perecendo.

Mancebos presumidos destas eras,
Não fique para vós o exemplo mudo,
Despejai a cabeça de chimeras.

Sciencia, applicação, methodo, estudo
Poem os homens acima das espheras:
Pouco importa empr'ender, saber é tudo.

SONETO

A Francilia (1).

Para o norte d'Arcadia um bosque havia
Que os Nonacrios outeiros coroava,
E nelle a rama tanto se enlaçava
Que ali perante o sol anoitecia.

Nestes sitios de horror tudo gemia;
O Crethes venenoso murmurava,
E para lá de rastros me levava
Minha idéa, ou fatal melancolia.

Mas de repente baixa um Cysne lindo,
Que as engraçadas azas vem batendo,
E a clara luz do Ceo vai descubrindo.

Quem és? (disse eu) — *Francilia* — e foi descendo:
Á medida que fui seu canto ouvindo,
Foi-se a minha tristeza desfazendo.

(1) D. Francisca de Paula Possolo.

SONETO.

Quando assentaram praça o Marquez de Fronteira, e seu irmão D. Carlos Mascarenhas, netos da auctora.

Junto ás aras de Numes fabulosos
Os mancebos d'Athenas se juntavam,
E pela Patria e Fé ali juravam
Dar a vida em combates sanguinosos.

Fieis aos juramentos, animosos
As mais tremendas lides arrostavam,
E ou de louros eternos se c'roavam,
Ou seguiam os manes tenebrosos.

Juraste; vê perante quem juraste,
Vê com que acções os teus te precederam,
E o que impõe a carreira que abraçaste.

Os teus e os meus, que o Reino defenderam,
Querem de ti que proves quanto baste
Que desta raça, só heroes nasceram.

SONETO

Á restauração do Throno.

Como voltêa alegre a borboleta,
Em prado florecente, assim voltêa,
Ficções colhendo, a vagabunda idéa
De um valido de Phebo, almo Poeta.

Mas se o pezar, qual furibunda setta,
O coração sensivel lhe golpêa,
Do estro a chamma ardente não se atêa,
Não sabe revelar a dor secreta.

Tudo absorve o profundo sentimento,
É curta qualquer phrase; quem padece
Julga que a tudo excede o seu tormento.

Tambem quando a alegria muito cresce,
Como a vemos crescer neste momento,
Falla o animo, a boca é que emmudece.

SONETO.

Saudades a minha filha Julianna (1).

Bem como nos jardins florece a rosa,
Cercada de botões que o Sol affaga,
Que Favonio refresca, e não alaga
Fonte abundante, ou chuva copiosa;

Vivi serena, alegre, venturosa
Junto de ti, Julina: o tempo estraga
Os bens que a Sorte dá; a luz apaga
De um bello dia a Noite pavorosa.

Promette-me a esperança que hei de ver-te;
Esta promessa em mim o alento aviva,
Mas a tardança em magoa mo converte:

Da saudade o vigor deste me priva;
Vem; que me vejo em risco de perder-te;
Torna-me ao corpo esta alma fugitiva.

(1) A Condessa de Stroganoff.

SONETO.

Em agradecimento de um souvenir *que S. M. Fidelissima mandou á auctora.*

IMAGEM suavissima d'Aquella
Da qual pende dos Lusos o destino!
Se nos bens que nos trazes imagino,
Astro algum brilha mais que a minha estrella.

Dadiva preciosa, que revela
Quanto póde alcançar o amor mais fino!
Deo-ma o teu coração, e grande tino,
Pois me empenhei constante em merecê-la.

Foge-me a vida, foge-me a esperança
De vêr-te! mas devora-me a saudade,
Que em vão tanto deseja, e não alcança!

Porêm, se em fim me vence a enfermidade,
Levarei na minh' alma esta *lembrança*,
Fará parte do Ceo na Eternidade.

SONETO

Por occasião de partirem dois moços para a guerra.

Para mim nasce o Sol sem claridade;
Envolve-me em tal susto o meu cuidado,
Que nelle o pensamento concentrado
Me encobre quanto é menos que saudade.

Embora a Patria, a honra, a heroicidade
Exija o que poupou meu triste Fado;
Não vacillo: duas victimas ao Estado
Offerta voluntaria a lealdade.

Mas que dor, que tormentos e agonia
Mas arranca do peito c'um suspiro,
Que desculpe a materna sympathia!

Neste aperto afflictivo se respiro
Não vivo já; pois morro cada dia,
De morrer acabando, quando expiro.

SONETO.

No dia 24 de Julho de 1834, estando muito doente.

Adeos, Sol, de outro Sol imagem bella!
Para mim vão teus raios apagar-se;
Vai minha alma anciosa collocar-se
Onde não ha receios, nem cautela.

Em doce paz, sem susto de perdê-la,
Ha de em fim ao Supremo Bem ligar-se;
E da maior delicia irá fartar-se,
Transmigrando feliz d'estrella a estrella.

Não tardes, hora! evita que este dia
Funeste, recordando antigas penas,
Costume inveterado de agonia.

Não me apresentes mais glorias terrenas,
Sem que as possa gozar; é tyrannia,
Pois de Tantalo á sede me condemnas.

SONETO

Ás Musas sobre os Desposorios da Rainha.

Musas, que de meus annos na verdura
Com caricias e dons me consagrastes,
Dizei com que razão me abandonastes
Quando na Patria em fim raia a Ventura?

Não sei por que motivo a guerra dura
C'os Homericos versos adornastes!
Vós, que em futeis canções me acompanhastes,
Me deixais ir calada á sepultura?

O compassivo Ceo manda Fernando;
De Cobourg e Bragança a prole unindo,
A desertora paz vai restaurando.

Falsas Deosas! embora ides fugindo,
Que eu, no meu Creador só confiando,
Sei que antiga promessa irá cumprindo.

SONETO.

Nunca manchei com vil lisonja o plectro,
Nunca teci encomios á privança;
Nem fiz punhal da lyra, que á vingança
Consagram vates com ferino metro.

Consagrei submissão, respeito ao sceptro,
Quando a paixão dos homens foi mudança;
Nada a meus olhos vale o que hoje alcança
Quem, sem virtudes, opulencia impetra.

Despojada de tudo vim ao mundo;
Emprestou-me mil bens a Natureza,
Que me roubou meu Fado furibundo.

Bens futeis a minha alma sã despreza;
Em transitivas glorias não me fundo;
Volto á terra sem nada, e sem tristeza.

CANTATA.

OFFRENDA AOS MORTOS.

CANTATA.

Aquelle outeiro sombrio
Está de nevoas coberto;
Escorre entre cannas, perto,
Fraca e murmurando, um rio.
Naquelle negro pinhal,
Como tocha funeral,
Brilha modesta candêa,
Que ao pastor pobre allumêa
Com a luz embaciada;
Vem por corvos arrastada
A Tarde;
A luz apenas das estrellas arde!...
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Das frestas dos edificios
Vergonhoso môcho voa,
E com seus uivos atroa
Os Genios dos maleficios;
Saem Fadas peregrinas
A dançar sobre ruinas,

E vem por entre perigos
Gnomos, trasgos, inimigos;
Allumêa
O pyrilampo incerto esta chorêa.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Estão todas apagadas
As luzes da *Outra-banda* (1);
Pelas praças ninguem anda,
Vagam as sombras caladas.
Naquelle triste Convento (2)
Dobra o sino somnolento;
O ar c'os sons esmorece;
O horizonte empallidece;
O vapor autumnal
Cobre-o de um véo fatal,
Sombrio;
Suspira o vento, e nasce o calafrio.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Vem afflictos pensamentos,
Vem desde Cintra queixosos,
Vagar ternos e medrosos
Ao redor de monumentos...
A campa d'Iza (3) alvejando
A escuridão vai cortando...

(1) Nome que vulgarmente se dá a Almada e seus arredores.

(2) O Convento da Boa-morte, não longe do qual morava eu então.

(3) *Iza*, moura sepultada na margem do rio d'Alcantara, cuja campa alveja e se percebe de longe.

(Nota da auctora).

Dorme a quieta Africana...
Dormirá a raça humana.
Não rompe o mundo
Lethargo tal, um somno tão profundo:
Da manhã
Para os mortos a graça, a luz é vã.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Com teu clarão moderado
Que objecto me estás mostrando?
Que me estás afigurando,
Crepusculo descórado?...
Sombra magestosa e cara,
Que nas mãos da Parca avara
Enches todo o meu sentido!
És tu, Arminio querido? (1)
Se te retrata a saudade,
Apaga as cores a realidade:
Entretanto
O teu tumulo lava este meu pranto.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

Sobre o teu marmoreo altar,
Onde occulto me magôas,
De platano cinco c'roas
Venho hoje depositar.
Recebe, Arminio, a mais pura;
Duas leve-as a Ternura,
De meu pranto commovida,

(1) O Conde d'Oeynhausen, marido da auctora.

A Marcia (1), a Lilia (2) querida;
Aos dois penhores (3)
Dos nossos tristes doces amores,
Condoída,
Off'reço duas, off'recera a vida.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

(1) Minha irmã, a Condessa da Ribeira.
(2) Minha mãe, a Marqueza d'Alorna.
(3) Os meus dois filhos, M. Carlos, e Maria Regina, fallecidos.
(Nota da auctora).

HYMNOS.

HYMNO

A Apollo.

Numen, pae da Medicina,
Quando assomas no oriente
Vem confortar com teus raios
O meu animo doente.
Queixe-se embora
Plutão severo,
De novo ladre
Triste o Cerbero.

Tempere um balsamo puro,
Que serene os meus pezares,
Teu calor que anima as plantas,
E que purifica os ares.
Queixe-se embora, *etc.*

Triumpha da minha dor,
Cria-me um dia contente,
Tu que nas praias de Delos
Venceste a iniqua serpente.
Queixe-se embora, *etc.*

Tu não podes, santo Numen,
Curar o meu mal interno,
Se a lyra me não concedes
Que já triumphou do Averno.
Queixe-se embora, *etc.*

Dá-me esse plectro divino,
Dá-me, ó Deos, as aureas settas,
Irei dos tartareos sitios
Romper as vedadas metas.
Queixe-se embora, *etc.*

Com mais fructo affrontarei
Os dominios da Agonia,
Os caminhos já trilhados
Pelo thracio Vate (1) um dia.
Queixe-se embora, *etc.*

Não busco a fraca Eurydice;
Sulcando as averneas ondas,
Trarei comigo quem tinha
O valor de Epaminondas. (2)
Queixe-se embora, *etc.*

Se Ajax se oppuzer, se Achilles,
Porque um rival encontraram,
Lembre-te, ó Deos, que esses Gregos
Os teus muros arrazaram.
Queixe-se embora, *etc.*

(1) Orpheo.
(2) O Conde d'Oeynhausen, marido da auctora.

Imporei silencio ás sombras;
Esses heroes arrogantes
Temerão mesmo no inferno
O destino dos Gigantes.
Queixe-se embora, *etc.*

Ouve-me, escuta-me, ó Numen,
Justifica a Medicina;
Dá-me, ó Deos, o que te peço,
Do descanço é filha Hygina.
Queixe-se embora
Plutão severo,
De novo ladre
Triste o Cerbero.

HYMNO

A uma madeixa de cabellos da Senhora D. Maria II, que minha sobrinha D. Leonor da Camara (1) *me mandou de París.*

Anno de 1833.

Quando as cousas se ordenaram
E o Cahos se dissolveo,
Do Sol a coma luzente
Sobre o Orbe appareceo.
D'igual ventura
Suave agouro,
Vens consolar-nos,
Madeixa d'ouro.

Como nas praias do Tibre
Suberba náo encalhou,
E da Vestal aureo cinto
Segura ao porto a levou;
D'igual ventura
Suave agouro,
Hoje nos trazes,
Madeixa d'ouro.

Um fio destes cabellos
Tem tal força de attracção,
Que attrahe os bens que nos fogem,
Tranquilliza o coração.

(1) Hoje Marqueza de Ponta Delgada.

D'igual ventura
Suave agouro,
Hoje nos trazes,
Madeixa d'ouro.

Dobra a força, Augusto Emblema,
Os meus ferros despedaça;
À teus pés, Regia Maria,
É onde cessa a desgraça.
D'igual ventura
Suave agouro,
Vens consolar-nos
Madeixa d'ouro.

PARAPHRASE

DOS

VERSOS DE SANTA THEREZA DE JESUS.

PARAPHRASE

DOS

VERSOS DE SANTA THEREZA DE JESUS.

Amor, delicia d'alma a Deos unida!
Do mesmo Deos suavissimo atractivo,
Que o coração liberta, e dá motivo
A saudades crueis, em quanto ha vida!
Tal dor causa o saber que só morrendo
De Deos póde gozar quem a Deos ama,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Quanto custa esta vida dilatada!...
Cuido que a rastros levo duros ferros;
São carceres meus dias, são desterros,
Do bem, que tanto adoro, separada.
Vou com ancias de amor desfallecendo;
E sem chegar ao fim, padeço tanto,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Ai que vida tão dura, tão amarga,
Sem tomar do meu Deos inteira posse!
Se o puro amor em que ardo é sempre doce,
Cança, afflige a esperança, quando é larga.
Acode-me, Senhor! vai desfazendo
O pesado grilhão que inda me prende,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Co' a certeza do bem que a morte alcança
Vou sustentando a vida; mas entendo
Que o misero mortal só vê, morrendo,
Cumpridas as promessas da Esperança.
Responde a meus clamores, vem correndo,
Morte feliz! Não tardes, não vacilles,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Vida! que és tu? Supplicio deshumano.
Observa o vivo amor que me devora:
Perdendo-te, a existencia então melhora,
E o tempo que me dás é meu tyranno.
Encobrindo-me o bem que só pertendo,
Me agitas, despedaças, de tal modo,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Vida que não acaba, em Deos immersa,
Essa sómente é vida verdadeira:
Em quanto não termina esta primeira,
Não se goza d'est'outra, tão diversa.
Por que, ó vida cruel, me estás detendo?
Se a cada instante expiro, e tanto soffro,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Como retribuirei tanta fineza
A Deos, que vive em mim? É pouco amá-lo;
Devo perder a vida por gozá-lo.
Se não cabe este bem na Natureza,
Foge, importuna Vida; vai cedendo
Ás ditas immortaes o teu dominio,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Meu Deos! que dura ausencia! que tormento!
Que prolongada morte é minha vida!
Em duvidas, em riscos submergida,
De terrores cercado o pensamento,
Muito mais do que morte estou soffrendo.
Tem dó de mim, Senhor! Eu mesma o tenho,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Qual peixe que sae d'agua, a quem se nega
Ir ao proprio elemento restaurar-se;
Que arqueja, sem poder nunca escapar-se,
E sómente acabando é que socega;
Assim, meu Deos, na terra vou soffrendo:
Suspiro, chamo, arquejo, e tanto tardas,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Se me dás generoso algum alento
No divino manjar que me sustenta,
Tambem se dobra a dor, e me atormenta
O véo com que te encobre o Sacramento.
Quero ver-te, Senhor; e não te vendo
Torno a desfallecer; e tanto anhelo,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Porêm quando, Senhor, me reanima
A esperança de ver-te, e de gozar-te,
Vem um susto cruel por outra parte,
E que posso perder-te então me intima.
Posso, durando mais, ir-te perdendo?...
Que susto! que terror! Meu Deos, piedade!
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Desta vida arriscada me liberta,
Concede-me a existencia desejada;
Sólta-me, ó Deos! Da terra desligada,
Minha alma co' a ventura logo acerta.
Vê que do mundo nada já pertendo,
Que sem ti, ó meu Deos, viver não posso,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Se são os meus peccados que demoram
Esse ditoso golpe que te peço,
Ao ver esses abysmos estremeço,
E meus olhos a vida e morte choram.
Doce Amor da minha alma! vem descendo;
Abre-me o Ceo, liberta-me da vida,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

PENSAMENTOS.

PENSAMENTO.

Desfallece o espirito se busca
Ir alem da materia indagar Entes;
Mas a materia mesma lhe revela
O Deos que em propria gloria se concentra.
Ah! como se apercebe a Divindade
Nos prodigios immensos que observamos!
Por toda a parte se acha, abraça tudo,
Bem como a luz do Sol tudo allumia;
O seu calor em tudo se diffunde,
Tudo vigora, anima, desenvolve;
E não ha creatura que não sinta
Da sua actividade a acção benigna:
Sol das Intelligencias, só Deos mostra
Tudo quanto alem vai da mente humana.

Sem Deos cessa a esperança, chega a morte,
Assalta o susto, as illusões fenecem,
Luta a incerteza c'o animo turbado;
O Nada é seu refugio, treme, e morre,
Cercado dos phantasmas horrorosos
Com que os crimes promettem magoa eterna.

Á Natureza.

Manifesta porção da Omnipotencia,
Natureza! das leis systema egregio
Com que Deos determina o sêr ás Cousas,
E os Entes se succedem:

Tu não és Sêr, mas és potencia viva
Que tudo abraça; e bem que tudo animas,
Ao Sêr dos Sêres és subordinada,
Elle te dá o impulso.

Quando a tyrannia excede
Os limites do tormento,
Impõe leis á voz, ao gesto,
Encadêa o pensamento.

Mas este, batendo as azas,
Voleja sobre as cadêas,
E vinga-se da baixeza
Co' a elevação das idéas.

Pensamento a respeito da minha paraphrase dos Psalmos.

Nesta lingua tão doce se eu pudesse
Ler como leo Arator (1) os seus versos,
A convicção dos Povos poderia
Ganhar os corações extraviados;
E o raio que accendeo o estro eximio
Do Rei profeta, reflectindo em almas,
Tornara em anjos os tenazes impios.

(1) O Papa Vigilio mandou ler em publico o poema d'Arator em quatro cantos: o mesmo auctor o leo, e fizeram-no repetir tantas vezes que durou muitos dias a leitura, com maravilhoso effeito.

(Nota da auctora).

CANTIGAS.

CANTIGAS.

I.

Razão, por piedade esconde
O que eu dentro d'alma sinto;
Se amor se mostra em meus labios
Faze crer que sempre minto.

Não quero que hoje a verdade
Se opponha ás leis da razão;
Triumphe a modestia austera,
Gema embora o coração.

Não accenda um só suspiro
Chamma que devo apagar;
Siga-se á dor o silencio,
Vencer é saber calar.

Quantos males evitara
Esse incauto Prometheo,
Se na ferula escondido
Ficasse o fogo do Ceo!...

II.

Serás, Amor, o que eu sinto?
Temos novas travessuras?
São symptomas do teu fogo
Estas minhas imposturas?

Ostentei muita indiff'rença,
Arrojei-te ao precipicio:
Como paga o coração
Qualquer pequeno artificio!

Mais cruel és tu, se accusas
Leis severas da decencia;
Se ella te maltrata, dize,
Perdes logo a paciencia?...

Foge de mim, se assim queres,
Vai-te, ingrato, mas repara
Que um coração como o meu,
Alma tal, é cousa rara.

III.

Ora, Amor, façamos pazes;
Com teu capricho exaspero;
Queres o que te parece,
E não queres o que eu quero.

Cheio d'illusões brilhantes
Vens carinhoso, e me afagas;
E se o coração me accendes,
Logo n'outro a chamma apagas.

Se aqueces em peito humano
A meu favor sympathia,
Não sei que amante me escolhes,
O meu peito logo esfria.

Queima a venda, apaga os fachos;
Inuteis moveis são estes,
Se accendes o que se gela,
Se apagas o que accendestes.

IV.

Porque se ama, ou se não gosta,
Inda está mal definido;
O acaso, o fado, a estrella
Forjam armas a Cupido.

Se com desdens recompensa
Zelina meu vivo ardor,
Não tenho de que queixar-me,
Não depende della amor.

Por ella morro; e não pago
De Alcina os ais com os meus:
Ninguem a razão me indague,
Procure o enigma nos Ceos.

V.

Os meus olhos costumados
Á negra melancolia,
Ao ver Amor duvidaram
Se era amor, ou perfidía.

Ambos vem com brandas phrases
O coração ameigando,
Um depressa lhe põe fogo,
Outro vai-o envenenando.

Tu bem sabes, doce Numen,
Que a cautela é permittida;
Que ás vezes arrisca pouco
Quem sómente arrisca a vida.

Morrerei... menos se perde,
Da morte não tenho medo:
Feliz quem póde morrer
Sem que revele um segredo.

VI.

Incerteza.

Atreve-se a mente afflicta
A interrogar o futuro,
E quantas mais luzes busca
Mais parece o fado escuro.

A recondita esperança,
Se acaso no peito existe,
Abandona a verde pompa,
O seu traje é serio e triste.

Qual fraca luz que alimenta
Tocha que ao vento se estraga,
Se com um sopro se accende,
Com outro sopro se apaga.

Ministros creis de Amor,
Incertezas e cuidados,
Se assim tratais a innocencia,
Que fareis vós aos culpados?

VII.

Duvida.

Logo que Arminio apparece
Ergo os olhos com temor,
Quero fallar-lhe, não posso;
Será isto acaso amor?...

Quando falla não percebo
Que haja um som de voz melhor,
Mais graça, mais elegancia;
Será isto acaso amor?...

Se entre aquellas que eu estimo
Falla alguma a seu favor,
Desconfio, tenho raiva;
Será isto acaso amor?...

Se elle se vai, não encontro
Em nada chiste, ou sabor;
Nem ceo nem terra me agrada;
Será isto acaso amor?...

Se ostenta co' as outras bellas
Ar polido, e seductor,
Forcejo por lhe ter odio;
Será isto acaso amor?...

VIII.

Ironia.

Amor a um sitio isolado
Alcipe um dia levou,
E o que veda a terreos olhos
A seus olhos ostentou.

Antigo bosque sagrado,
Onde apenas entra o dia,
D'immortaes sombras coberto
Quasi até que aos Ceos s'erguia.

Essa morada de Deoses
Susto inspirava e ternura;
Propria de sacros deleites,
Mysteriosa espessura.

Alcipe tremendo entrou;
Mas logo mais claro vio,
E o templo de Venus linda
Ante seus passos se abrio.

Neste templo se adorava
A imagem de Adonis bello;
Mas Alcipe desdenhosa
Sorrio para Amor ao vê-lo.

« Bem sei, diz Amor, que zombas
« Do padrasto de Cupido,
« E achas máo gosto a Venus
« Em não preferir-lhe Alfido (1).

(1) Arminio.

IX.

Empreza infeliz.

Com certa penna, arrancada
Das azas do Deos de Amor,
Descrevi em verso ardente
Dos suspiros o calor.

Roubou-me Alfido o papel,
E no seu peito o escondeo;
Mas o incendio era tão grande
Que mal lhe tocou, ardeo.

Fragil ventura a de Amor!
Infeliz de quem suspira!
Se assim se converte em cinza,
Em fumo, o que Amor inspira!

X.

Cantiga Anacreontica.

D'ENTRE as cannas buliçosas
Leve Zephyro respira,
Movem-se as folhas lustrosas,
Amor palpita e suspira.

Nestes doces movimentos
Vão-se as sombras desfazendo,
Vão-se espreguiçando os Ventos,
Lucifer esmorecendo.

Vai-se a manhã levantando,
Acordam com ella as cores,
Vão com ella despertando
Pardas rochas, lindas flores.

Ante os raios refulgentes
Cessa o timido segredo,
Abrilhantam-se as correntes,
Nascem coros no arvoredo.

Sae do seio do descanço
Vigorada a phantasia;
As idéas são mais claras
Na hora em que nasce o dia.

Depois de um somno quieto
Tudo acorda com vigor:
Porque razão quando dorme
Não desperta assim o Amor?

XI.

Quando Amor me nomearam
Cuidei que era fé, verdade...
Doce, porêm louco engano
Da candida mocidade!...

Logo achei que facilmente
O coração divagava,
Que mais perfido que tudo
Fero Amor nos enganava.

Quando no altar da Amizade
Fiz os meus votos primeiros,
Cuidei que eram meus, em paga,
Os corações verdadeiros.

Porêm logo vagabundos
Os apercebi com dor,
E vinha a ser Amizade
Tanto ou mais falsa que Amor.

Vós, ó Deoses descuidados,
Que á pressa benignos dais
Gostos que dão preço á vida
Dos infelizes mortaes:

Dai corações que não fujam,
Ponde nelles mais calor;
Fazei fiel a Amizade,
Cortai as azas a Amor.

XII.

Spirat adhuc Amor.
Hor.

Apenas soltava Phebo
Na terra a loira madeixa,
Chega a meu leito enfadado
Amor, e de mim se queixa.

« Que tens, Amor? que te fiz?
« Acaso dos teus altares
« Me fizeram desertora
« Ingratidões, ou pezares?

« No posto de firme amante
« Não combati valorosa
« Contra ciumes, ausencia,
« E lisonja cavilosa?

« Vi-te um dia em regio traje,
« E zombei até de ti;
« Dize se Corina ou Sapho
« Venceram o que eu venci?...

« Cala-te, imprudente; (disse
« Com raiva a gentil criança)
« Ninguem me serve a meu gosto
« Se no amor não tem mudança.

« Quem tu amas já mudou. »
— Qu' importa, Amor? eu não mudo —
« Pois amarás sem deleite,
« No deleite é que está tudo. »

Fataes palavras de um Numen!
Mudou-me o modo de amar,
E não tenho na constancia
Mais gosto que o de teimar.

XIII.

Tira, Amor, tira esta farpa
Com que o peito me traspassas,
Que as delicias que promettes
Parecem-me só negaças.

Se ante os teus igneos altares
Ignara fui dar-te culto,
Eu não sabia que tinha
No peito um vulcano occulto.

Injusto Deos! qual motivo
Te fez que as armas trocasses,
E com attributos serios
Cabalmente me enganasses?

Para vencer-me, tyranno,
Ajustaste bem os tiros,
Dirigindo para a gloria
De Arminio, sempre os suspiros.

Quando em seus olhos fuzila
Um fogo audaz, uma chamma,
« Marte era assim (digo absorta),
« Ama a guerra, ella é quem ama. »

Quando extatico o apercebo
Absorvido n'uma idéa,
Cuido que está reflectindo
Em Leuctres ou Mantinéa.

Em mim não cuido, e entretanto
Sem cuidar acho-me preza:
Triumpha de Amor quem foge,
Cede a Amor quem o despreza.

XIV.

Ciumes.

Cruel Amor, tu que sabes
Rasgar com flechas meu peito,
Tira a venda dos teus olhos,
Põe-na sobre os meus com geito.

Deixa-me ver a figura
D'Arminio continuamente,
Mas cega-me logo, apenas
Arminio for delinquente.

Quando pintado em seu rosto
Triumpha o doce prazer,
Quando me aperta em seus braços,
Brando Amor, deixa-me ver.

Mas se á vista de outro objecto
Acaso o deleite esfria,
De que me serve ter olhos?...
Apaga-me a luz do dia.

Não é de maiores luzes
Que a minha alma necessita;
Não quero saber por quê
Quando vê Silvia se agita.

De que serve o ver pintada
No seu rosto a inquietação
Se chega o Correio ou parte?
Aperta-me a venda então.

Sem esta cautela, Amor,
Nullos os prazeres são;
Creio pouco nos sentidos
Se me foge o coração.

XV.

Inuteis são meus suspiros,
É sem força meu gemido:
Não batas mais, coração,
Fica em pedra convertido.

Deixa-te ficar na terra
Immovel sem sentimento,
Da rijeza d'outras pedras
Tu serás o monumento.

Duro, frio, congelado
Rirás dos mais corações;
Serás feliz anteparo
Contra alheias semrazões.

Virá Arminio, e tu frio
O verás rir do teu fado;
Perca o feitio á risada,
E volte desconsolado.

Se elle quizer revoltoso
Com punhaes despedaçar-te,
És duro, não passa o ferro,
Em vão pertende quebrar-te.

XVI.

MOTE ALHEIO.

Meu bem, cuidemos de amar:
Não vês o tempo voando?
Nos avisa que gozemos
De um amor suave e brando.

GLOSA.

Deixemos rugir o vento,
Deixemos ferver o mar;
Mova-se todo o universo,
Meu bem, cuidemos de amar.

Não vês tu o Sol correndo?
Vão-se as horas apressando;
Amemos, meu bem, amemos,
Não vês o tempo voando?

Parece-me que estou vendo
(Arminio, Arminio, ambos vemos)
Que o Numen que nos protege
Nos avisa que gozemos.

Voem soltas as caricias,
Aos amores ensinando
Novas e lindas industrias
De um amor suave e brando.

XVII.

MOTE ALHEIO.

Entre si o mundo regem
Doce Amor e Morte impia;
Com a fouce sega a Morte
O que Amor seméa e cria.

GLOSA.

Mil paixões que o peito cançam
Os homens loucos protegem;
Prosperando as mais ferinas
Entre si o mundo regem.

Neste imperio desditoso
Se rompe toda a harmonia,
E mil vezes se avisinham
Doce Amor e Morte impia.

Os mais doirados grilhões
Quebra do Fado a mão forte;
Os myrtos mais florecentes
Com a fouce cega a Morte.

Quão falsos são os projectos
Da mais doce sympathia,
Se a ventura não sustenta
O que Amor seméa e cria!

XVIII.

Acordai, sons esquecidos,
Estro mudo, replicai-me;
Vinde, numeros perdidos,
Harmonia, consolai-me.

Da morte as azas escuras
Vem de sonhos carregadas;
Formam tristes conjecturas
As idéas assustadas.

Ai de mim! a melodia
Evita uma alma agitada;
O terror da fantasia
Faz-me a voz desentoada.

Eu mesma não sei que temo;
Um desconhecido effeito
Me annuncia, quando gemo,
Que encerro a morte no peito.

O Tejo me vio com vida,
Sem ella o Danubio e o Rheno:
Fere, ó Morte desabrida!
O teu triumpho é pequeno.

Mas tu, objecto que adoro,
Incapaz d'esquecimento,
As minhas cinzas recolhe
Em um simples monumento.

Em premio do amor mais puro,
Este epitafio convêm
Gravar sobre o marmor duro:
Terna esposa, filha, e mãe.

XIX.

Presentimento.

Comtigo, lyra suave,
Dissipo negros cuidados,
Comtigo encanto o fastio,
Comtigo zombo dos fados.

Dom celeste, amavel fogo,
Que Delio accende na mente,
Troca-me estas longas horas
N'um só instante contente.

Nasçam das cadentes cordas
Sons que copiem meus ais;
Faça Amor compadecido
Que os paguem outros iguaes.

Mas que escuto? ó Ceo medonho!
Com feio agouro me bradas,
E a mão incerta na lyra
As cordas deixa quebradas.

XX.

Amor, que és causa de tudo,
Que todos os seres ligas,
Vem, conforta minhas vozes,
Respira em minhas cantigas.

Tu moras nos elementos;
De um sêr a outro passando,
Veio até mim este fogo
Que o peito me está queimando.

No primeiro dos humanos
Já estas chammas arderam;
E no seio de quem amo
Meus suspiros o accenderam.

Poderosa Natureza!
Não te offendas se t'imploro;
Tu me déste e és quem me roubas
O objecto por que choro.

XXI.

Ao pincel com que a auctora fez o retrato de Arminio.

Pincel, celeste pincel,
De Amor divina invenção!
Tu és certamente feito
Da fêlpa do coração.

Se o coração fosse calvo
Não havia tal pincel,
Nem com que Amor debuxasse
Uma imagem tão fiel.

Serás tu feito talvez
Dos bigodes de Cupido?
Certamente Amor imberbe
Fôra menos atrevido.

Mas que digo? Quanto dista
A ficção da realidade!
O meu pincel só é feito
Dos estames da saudade.

XXII.

Contraposição.

Nesta estação deleitosa,
Em que os chuveiros baixando
Chamam a verdura aos prados,
Vão as flores acordando:

Quando os botões se desdobram,
Saudando o dia nascente,
E que a terra amollecida
O poder dos raios sente:

Nesta estação é que eu choro,
E a pompa da Natureza
Cubro de um véo denegrido,
Tal poder tem a tristeza.

Flores, sol, botões mimosos,
Vós perdeis a graça, a cor,
Se a estação que vos renova
Não apaga a minha dor.

XXIII.

Anniversario de 3 de Março (1).

Ao som da lyra
A dor exponho,
Versos componho
Filhos da dor.

Gemendo as Musas,
Apollo em pranto
Meu triste canto
Faça escutar.

De Orpheo saudoso
O plectro invoco,
Meu peito rouco
Segui-lo quer.

Ah! se eu pudesse
Rompendo o Averno
Ao somno eterno
Ir-te arrancar!...

Ah! se eu pudesse
Qual outra Alceste
Ao sitio agreste
Ir-te buscar!...

Iria afoita,
D'animo forte,
Co' a mesma morte
Fôra lutar.

(1) Dia em que falleceo o Conde d'Oeynhausen, marido da auctora.

XXIV.

Sonho.

Perdoa, Amor, se não quero
Acceitar novo grilhão;
Quando quebraste o primeiro
Quebraste-me o coração.

Olha, Amor, tem dó de mim;
Repara nos teus estragos,
E desvia por piedade
Teus seductores affagos.

Tu de dia não me assustas;
Os meus sentidos attentos
Oppoem aos teus artificios
Mil pezares, mil tormentos.

Mas cruel, porque me assaltas
De mil sonhos rodeado?
Porque accomettes no somno
Meu coração descuidado?...

Eu, quando acaso adormeço,
Adormeço de cançada,
E o crepusculo do dia
Me acorda sobresaltada.

Argúo então a minha alma,
Reprehendo a natureza
De ter cedido ao descanço
Tempo que devo á tristeza.

Que t'importa um sêr tão triste?...
Cobre de jasmins e rosas
Outras amantes felizes,
Deixa gemer as saudosas.

XXV.

Supplica.

Por que razão, fero Amor,
Quando estou triste me affagas?
Se eu nada comtigo quero,
Por que razão não te apagas?

Tu já viste no meu peito
Teu fogo divino arder;
Quebrou-se o altar sagrado,
É já tempo de morrer.

Fizeste-me tão ditosa,
Que seria ingratidão
Recusar a teus rigores
Minha paz, meu coração.

Despedaça-o de saudades,
Converte-o em fonte de pranto;
Nada, Amor, nada receio,
Mas custa-me viver tanto.

A minha alma não conhece
Dos mais amantes o trilho;
Eu nunca julguei que fosse
O Amor de Vénus filho.

Achei n'alma a faculdade
De amar o que era perfeito;
E mostrou-me a Natureza
Um objecto sem defeito.

Amei; e Arminio animava
Todos os meus pensamentos,
Assim como a vida anima
Na materia os movimentos.

Provei em fim sobre a terra
Toda a delicia do Ceo;
Mas a Natureza avara
Roubou-me quanto me deo.

Mata-me, Amor, por piedade!
Nada mais tens que me dar;
Esgotaste os teus thesouros,
Eu já não sei suspirar.

XXVI.

Cantiga Anacreontica.

Tenho dito, em vão te canças
Comigo, maligno Amor;
Não hei de amar, tenho dito,
Despreza-te a minha dor.

Tu, que és domador dos Numes,
Cede a uma fraca mortal,
Que empunhou da morte a fouce,
Quebrou teu arco fatal.

Para desculpar-te, ingrato,
Todos sentem tentações;
Mas eu não; já te conheço,
Vives d'engano e traições.

Dize, não eras aquelle
Que em forma humana eu amava?
Eu não era aquella amante
Que o Deos de Gnido adorava?

Cuidei que sim; neste engano
Sem susto o tempo passava;
Presa com grilhões divinos
Da morte afoita zombava.

Encontrei sempre na posse
Toda a graça da esperança;
Mas a Parca escarnecia
Desta doce segurança.

Se tu eras o meu bem,
Deos de Amor, que me fizeste?
Se eras mortal, porque amaste?
Se eras Deos, porque morreste?

« Eu não morro » promptamente
Amor em meu peito brada,
E de seu fogo divino
Me sinto logo abrazada.

Cercado de mil amores
Me accommette a fantasia;
Fico ao vê-lo estupefacta,
Minha isenção balbucia.

Perco a força, perco o tino,
Não distingo a luz do dia;
Sem voz, pallida, expirante,
Invoco a Melancolia.

Deosa funebre, terrivel,
Cobre-me de cinza a frente;
Resista amarga tristeza
A Cupido omnipotente.

Defendam-me as tuas sombras
(Bem que de amar tenho o dom)
De unir ás honras de Psiches
As fraquezas de Ninon.

XXVII.

Antidoto.

Alerta, Pastores,
Que o throno de Gnido,
No peito escondido,
Amor quer fundar.
Ás armas depressa,
Vingança, rigor,
Pois quem poupa Amor
Não se quer poupar.

Se uns olhos formosos
Vos declaram guerra,
Olhai para a terra,
Que haveis triumphar.
Ás armas depressa, *etc.*

Se a voz das Serêas
Vos turba os sentidos,
Tapai os ouvidos,
Fazei-as calar.
Ás armas depressa, *etc.*

XXVIII.

Aqui no Deserto
Não sei porque vivo,
Nem por que motivo
Me não mata a dor.

Amei, e o que amava
A morte o sumio;
A paz me fugio
Qual tenue vapor.

De nevoas espessas
Me cobre a Agonia,
E da luz do dia
Me apaga o esplendor.

O sol quando sobe
Á esfera mais alta,
De quanto me falta
Me mostra o valor.

Do peito então sólto
Com ancia um suspiro;
Do ar que respiro
Me abafa o calor.

A vida me foge,
A mão desfallece,
A lyra emmudece,
Em mim tudo é dor.

XXIX.

O som da lyra
A magoa adoça,
E faz que eu possa
Soffrer a dor.

Musas queixosas,
Soltai as vozes,
Fados atrozes
Podeis domar.

Se o dia nasce,
Só com desmaios
Encontro os raios
Que darda o Sol.

Cobre de sombras
A Natureza
Minha tristeza
Sempre a crescer.

Basta, Destino!
Vencer-te espero;
Pois que és severo,
Firme eu serei.

XXX.

Em vão da sorte
Cessa o rigor;
Profunda dor
Véda o gostar.

Affeita a penas,
E sem conforto,
Mesmo no porto
Receio o mar.

Ave que espanta
O caçador,
Em tronco ou flor
Teme pousar:

Assim vacillo,
Paz não alcanço;
Onde, ó descanço,
Te hei de encontrar?...

Mas é meu peito
Sitio innocente;
Em mim contente
Paz devo achar.

O Sol não cessa
No inverno irado,
No Ceo nublado
Por se occultar.

O tempo ás vezes
Cala a verdade,
Que á eternidade
Quer revelar.

Futuro amavel,
Por que motivo
Tão triste vivo
Se has de chegar?

XXXI.

Sózinha no bosque
Com meus pensamentos,
Calei as saudades,
Fiz tregoa a tormentos.

Olhei para a lua,
Que as sombras rasgava,
Nas tremulas aguas
Seus raios soltava.

N'aquella torrente
Que vai despedida
Encontro assustada
A imagem da vida.

Do peito, em que as dores
Já iam cessar,
Revoa a tristeza,
E torno a penar.

XXXII.

Troncos altivos,
Fresco pomar,
Alcipe triste
Se vem queixar.

Aqui vegetam
Em paz as flores;
A quem acolhes
Tu, sombra, encantas.

Os vossos troncos
Mais brandos são
Que alguns humanos
Sem coração.

Aqui vegetam, *etc.*

Os vossos ramos
Aqui m'escondem,
A meus suspiros
Echos respondem.

Aqui vegetam, *etc.*

Gemem comigo
No ar as aves,
E minhas magoas
Tornam suaves.

Aqui vegetam, *etc.*

Peito de rocha,
Que nada sente,
É quanto encontro
Na humana gente.

Aqui vegetam, *etc.*

XXXIII.

A um geranio.

Cresce, ó planta, neste sitio
Que o puro amor consagrou!...
Era tal o calor nelle
Que logo os ramos brotou.

Os ares ali visinhos,
Seus effluvios revolvendo,
De suspiros deleitosos
Memorias me vão mantendo.

Os progressos com que cresce
A raiz pegada ao chão
Parecem-me a tua imagem
Pegada ao meu coração.

Mas que não vejo nas folhas,
Que tinge a cor da esperança?...
Morrem umas, outras nascem...
Assusta-me essa mudança.

Ausencia, que gela a vida,
No peito amor te esfriou?
Dize, neste duro inverno
O gelo a planta murchou?...

XXXIV.

A uma Rosa.

Tu das lagrimas d'Aurora
Bebes quando nasce o dia,
Querida filha de Flora,
Tenra imagem da alegria.

Tu apontas na roseira
Dos Zephyros cortejada,
E o teu lindo colorido
Causa inveja á madrugada.

De dia os jardins esmaltas,
Mostrando tua face bella;
De noite aromas espalhas,
E abrigas a Philomella.

Porêm logo que descora
A Primavera florida,
Imagem das outras bellas,
Perdes co' a belleza a vida.

XXXV.

Ás saudades do meu Jardim.

Saudades! por que sois lindas?
Por que prosperais aqui?
Por que neste sitio triste
Flora meiga vos sorri?

Desse tempo em que fallavam
As flores, se recordou,
E a saudade enternecida
Deste modo replicou:

« Se aqui com pompa floreço,
« É por que o meu alimento
« São pezares, magoas, dores,
« E nutre-me o sentimento.

« Se uma aura feliz soprasse,
« E Alcipe se consolara,
« Eu perdera a cor, morrera,
« E toda me desfolhara. »

XXXVI.

A um pyrilampo.

Encantador pyrilampo,
Adorno da noite em Maio,
Vem luzir neste meu canto,
Dá-me desses teus um raio.

Tu das estações incertas
Nada temes, nada provas;
Dá-te vida a Primavera
E o bafo das flores novas.

Não morres, mas adormeces
Em quanto os ventos irados
Açoitam as altas faias,
Dessecam os verdes prados.

Ah! se como tu pudesse
Dormir, quando as tempestades
Dos desastres alvoroçam
No meu peito mil saudades!...

Não queria viver mais
Que o tempo que tu existes:
De que servem tantos dias
Quando são todos tão tristes?

XXXVII.

A um Môcho.

Triste passaro, que tens?...
Esse tom dos teus gemidos
Não é tom que desconheçam
Os corações affligidos.

Tu calas-te em quanto Phebo
Dispensa com fausto o dia,
E só confias das sombras
A tua melancolia.

Tambem eu, como tu, gemo,
E fujo da claridade,
Que importa pouco aos humanos
A minha cruel saudade.

Mas quando a severa Hecate
As sombras negras evoca,
Todo o silencio do dia
Em suspiros se me troca.

Sólto então o freio ao pranto,
Ao desafogo abandono
Essas horas que os ditosos
Entregam ao doce somno.

Nem eu nem tu procuramos
A piedade dos humanos:
Uma compaixão esteril
Entra na lista dos damnos.

XXXVIII.

Saudade.

A uma flor chamam Saudade,
Que é primor da natureza;
Mas a que nasce em meu peito
É producção da tristeza.

Em quanto a saraiva, os Notos
Destes gelados paizes (1)
Açoutam as plantas, cresce,
Lança profundas raizes:

Mas se um dia transplantada
Outro terreno buscar,
Alivio terá meu peito,
E a Saudade ha de murchar.

(1) Inglaterra, onde a auctora então se achava.

XXXIX.

Ao clima d'Inglaterra.

Barbaro clima,
Que escolhe a sorte
Para que a morte
Reine sem dó.

A terra perde
A vida, a cor,
Perde o vigor,
E gela só.

Saraiva espessa
Torpor espalha,
Tudo amortalha
A neve só.

Expulsa a fome
Do brando ninho
O passarinho,
E acha-se só.

Se salta a um ramo,
Frio novelo
Que forma o gelo
Encontra só.

Se ao ninho torna,
O gelo o fecha,
E em vão se queixa
O pardal só.

Sem grão, sem ninho,
De frio morre;
Se a alguem recorre
Ninguem tem dó.

XL.

Saudades.

De nevoas o Ceo se cobre,
De magoas o coração:
Como o sol dissipa a nevoa
Dissipa o mal a illusão.

Doiro com doces quimeras
Severas duras verdades,
E com mentirosos sonhos
Applaco crueis saudades.

Se o que existe me não cega,
Faz-me chorar quanto vejo,
Quanto possuo não basta
A fartar o meu desejo.

Tal nos bosques vagabunda
Salta de ramo em raminho
Alguma ave solitaria
Que perdeo o caro ninho.

XLI.

Comtigo, doce Esperança,
Dos Ceos a luz apparece,
Que infunde intenso deleite
Nos olhos de quem padece.

Tu és conforto da vida
Por mil penas agitada,
E as feras paixões convertes
Em recreio, em jogo, em nada.

Pé ante pé vem o bando
Dos prazeres espreitar-te;
Dás um signal, para o sitio
Que lhe apontas logo parte.

Ai de mim! em vão consulto
A Esperança; não responde:
Cruel Esperança! dize,
Onde hei de ir? tyranna! aonde?

XLII.

Como está sereno o Ceo!
Como sobe mansamente
A lua resplandecente,
E esclarece este jardim!

Os ventos adormeceram;
Das frescas aguas do rio
Interrompe o murmurío
De longe o som de um clarim.

Acordam minhas idéas,
Que abrangem a Natureza,
E esta nocturna belleza
Vem meu estro incendiar:

Mas se á lyra lanço a mão,
Apagadas esperanças
Me apontam crueis lembranças,
E chóro em vez de cantar.

XLIII.

Quantas vezes descontente
Rompi com meus ais os ares!
Quantas reprimi no peito
Os mais severos pezares!
Contrario effeito,
Socego e dor
Causam no peito
Tyranno ardor.

Invoquei Amor, pedi-lhe
Que me deixasse quieta;
Sorrio; cravou-me no peito
A mais deshumana setta.
Contrario effeito,
Socego e dor
Causam no peito
Tyranno ardor.

Tive o valor de arrancá-la,
E minha paz fôra certa
Se não tivesse a desgraça
De ficar a chaga aberta.
Contrario effeito,
Socego e dor
Causam no peito
Tyranno ardor.

Uma tão cruel ferida,
Um tão desastrado corte
Sára quando cessa a vida,
Só lhe dá remedio a morte.
Contrario effeito,
Socego e dor
Causam no peito
Tyranno ardor.

XLIV.

Basta, pensamento, basta,
Deixa-me em fim descançar,
Que um bem que ser meu não póde
É um tormento lembrar.
Basta, sim, basta,
Meu pensamento;
Tu és a causa
Do meu tormento.

Eu tenho poder ás vezes
Das idéas apagar,
De beber agua do Lethes
Quando o tormento é lembrar.
Basta, sim, basta, *etc.*

Sómente a acção dos sentidos
É que eu sei fazer cessar;
Que o que está pregado n'alma
Jámais se póde arrancar.
Basta, sim, basta, *etc.*

XLV.

Voa, pensamento, voa,
Deixa estes sitios mortaes,
Onde se perdem sem fructo
A minha razão, meus ais.

O presente taciturno
Finge-me alegre o passado,
E nos cofres da memoria
Acha o tempo afortunado.

Ditosos dias, que todos
Enchiam nobres idéas
Com que adoçava infortunios,
Doirava ferreas cadêas.

Cercada a frente de loiro,
Na mão a lyra empunhando,
Fui a minha dor e a alheia
Muitas vezes adoçando.

Com doceis Nymphas em coro
Cantei o Ceo e as estrellas,
Os bosques, e a Natureza,
Seu Author, e as Graças bellas.

Com ellas busquei nas artes
Mil recreios innocentes:
Horas como aquellas fogem,
Só duram muito as presentes.

XLVI.

Sentou-se afflicta
Junto a Aganipe
A triste Alcipe,
E assim fallou:

«Nume de Cirrha,
Que impios abates,
Se amas os Vates,
Eu Vate sou.

Porque a pezares
Cruel m'entregas,
Teu calor negas
A quem te amou?

Meu estro aquece,
Torna-me á vida;
Cura a ferida
Que a alma rasgou.»

Ouvio-me, e logo
Venceo meu fado;
C'o plectro ousado
Me premiou.

Dos sons canoros
Fugiram penas;
E co' as Camenas
Cantando vou.

XLVII.

Versos pequenos
Nascei da lyra,
A quem suspira
Vinde alentar!

Lindas Camenas,
Soltai as vozes;
Fados atrozes
Podeis domar.

Não poupa a Sorte
No rigor seu;
Numes do Ceo
Chega a expulsar.

A Delio mesmo
Jove fez guerra;
Pastor na terra
O fez andar.

No fero exilio
Delio trabalha,
Sem que lhe valha
Saber cantar.

Inutil lyra
Que outros deleitas,
De que aproveitas
No meu pezar?

Se os Deoses soffrem,
Se Apollo geme,
Alcipe treme
De se queixar.

XLVIII.

Illusão.

Bate as azas, fantasia,
Acorda, imaginação;
Tendes nos vossos thesouros
A varinha de condão.

Em vão contra os casos tristes
A geometrica razão
Cuida achar remedio a tudo
Na melhor demonstração:

Replica-lhe o sentimento,
Sem compasso o coração;
Vão procurar seu conforto
Na encantadora illusão.

Pega, fantasia, pega
Com tua mimosa mão
N'um véo denso que me encubra
Os horrores da traição.

Da ferida mais profunda
Sempre é nulla a sensação
Se o teu magico soccorro
Põe longe della a attenção.

Pinta-me em todos os rostos
Doçura, paz, união,
Inda que as almas encerrem
A negra cavilação.

Não são males que percebo
Que me dão consolação;
Sou feliz c'o bem que sinto,
Seja verdade ou ficção.

XLIX.

Sonho.

Sonhos meus, suaves sonhos,
Sois melhores que a verdade;
Quando sonho sou ditosa,
Sem o ser na realidade.

Amor, tu vens nos meus sonhos
Acalmar-me o coração:
Mas cruel! quanto promettes
Não passa de uma illusão.

Sonhei, tyranno, esta noite,
Sonhei que tu me chamavas,
E que sobre a relva branda
Tu mesmo me acalentavas.

Disseste-me: « Dorme, Alcipe,
« Depõe todos teus cuidados;
« Amor sobre ti vigia,
« Mal podes temer os fados. »

Dormi: neste dobre somno
Me achei n'um palacio d'ouro:
Entregaram-me uma chave
Para que abrisse um thesouro.

— « Chave magica, sublime,
Que me vais tu descobrir?
Se é menos do que desejo
Será melhor não abrir... »

— « Abre, Alcipe » qual trovão
Brada o Deos que me vigia:
Acordei sobresaltada,
E abrio-se, mas foi o dia.

L.

PÁRA, funesto Destino,
Respeita a minha constancia;
Pouco vences se não vences
De minha alma a tolerancia.

Se eu sobrevivo aos estragos
Dos males que me fizeste,
Inutil é combater-me,
Nem me vences, nem venceste.

Com seccos olhos diviso
Esse horror que se apresenta:
Os meus existem de gloria;
Morrendo, a gloria os alenta.

LI.

Basta, Destino severo:
Em dias tão mallogrados
Me trocaste sem piedade
Instantes afortunados.

Quaes voltam do sol os raios
Pelas trevas apagados,
Voltai, se podeis, instantes,
Instantes afortunados!

Voto imprudente! que digo?
Só posso esperar cuidados,
Uma vez que se interrompem
Instantes afortunados.

LII.

Ás Marilias (1).

Logo que o Sol se levanta
São os raios da luz pura
Testemunhas do meu pranto
E da minha desventura.

Cresce o dia, e desenvolve
O rigor do meu martyrio,
E no excesso com que choro
Passa a razão por delirio.

Quando a noite tenebrosa
Cobre os Ceos e o mundo inteiro,
Peço ás Parcas que me acceitem
O suspiro derradeiro.

Soa no Averno o meu voto,
Acorda o esqualido Mêdo,
Soltam-se os sonhos afflictos,
E perseguem-me em segredo.

Faz trinta circulos Delio
Sem reparar no meu fado;
Já lh' esqueceo que chorava
Tambem nas margens do Pado.

(1) As tres irmãs Lacerdas, açafatas da Rainha, insignes cantoras, que todas tinham o nome de Maria.

Calcando os celestes climas,
Os doze signos visita;
E o meu mal sempre constante
Nenhuma piedade excita.

Os lustros como os instantes
Voam dos que tem ventura;
Para mim um só momento
Como um seculo me dura.

Cantai, Marilias, cantai
O mal que eu tenho chorado;
Póde ser que o vosso canto
Applaque o rigor do fado.

LIII.

Ás Marilias (1).

Já que não querem ouvir-me
Os destinos desabridos,
Marilias, lindas Marilias
Repeti-lhe os meus gemidos.

Se o canto de Orpheo abranda
Té do Averno a força bruta,
Que fará o meu Destino
Se alguma vez vos escuta!

Cantai, que ainda que injusto,
Denegrido, envolto em fumo,
Quando cantam as Serêas
Um bom nauta perde o rumo.

(1) Veja-se a nota antecedente.

LIV.

A Anarda, que se queixava do silencio do campo.

Silencio da Natureza!
Com que energicos accentos
Nas horas das saudades
Suavisas meus tormentos!

D'entre as folhas falla o vento,
Vegetando as plantas fallam;
Nem os concavos rochedos,
Nem os ribeiros se calam.

Estes louros que me cercam
Fallam-me do Deos do dia,
Defendem vastos thesouros
Da espaçosa fantasia.

Do passado e do presente
Imagens mil tudo encerra;
E a esperança do futuro
Cultiva tambem a terra.

Ora vejo nesta a origem
Dos soccorros do indigente,
Ora o pacifico asylo
Da singeleza contente.

Ora o coração me mostra
Entre a seara dourada
Ceres quebrando as espigas,
Chorando a filha roubada.

Chóro então, e com Virgilio
Digo esse verso sabido:
=Que tem dó do mal alheio
Quem outro igual tem soffrido.=

Rompendo o botão mimoso,
Exhalando pura essencia,
As rosas me vão mostrando
Das filhas a adolescencia.

Escuta as vozes dos ermos,
Bella Anarda, alguns momentos;
Vê quanto dellas differem
Narcoticos comprimentos.

Depois voltando á cidade
Dirás comigo talvez:
« Aqui todos fallam *grego*,
« Lá, falla-se *portuguez*. »

LV.

A Armania.

Este logar é sagrado,
Cerquemo-lo de verbena;
Musas, tecei nova c'roa,
Teço eu nova cantilena.

Apollo, tu não m'inspiras;
Escuta meu verso attento;
As vãs ficções do Parnaso
Escusa o meu pensamento.

Só, sobre um carro de nuvens,
Vou planar sobre o Universo,
Vou buscar luzes mui altas
Para adornar o meu verso.

Sapho em cysne convertida
Cantou menos do que eu canto;
Não te assustes, linda Armania,
Se 'té aos astros te levanto.

Lá nesses bosques celestes,
Onde a linda Egéria mora,
Vamos ler nos seus dictames
Um dictame para agora.

Lá não repugnam as Graças
Ligar-se co' a razão séria;
Vem, Armania, vem trocar
Teu nome pelo d'Egéria.

Olha que um alto destino
Igualmente por ti clama;
Vê que quem honra a Virtude
Tem que contemplar a Fama.

Olha que as cousas pequenas
Só ferem olhos vulgares;
Faze que o teu nome voe
Sobre a terra, sobre os mares.

LVI.

Amor com frio.

N'um bosque, onde entrar só póde
A séria melancolia,
Entre umas roseiras bravas
Encontrei Amor um dia.

— « Amor! oh Ceos, é possivel
Que adorado em Chypre, em Gnido,
Este Deos, que ama os festejos,
More aqui triste, escondido?... »

Ia a dizer mais; e Amor
O lindo rosto voltando
Me conta em phrases divinas
O seu desastre, chorando.

— « Fui abrigar-me (diz elle)
No seio amavel d'Aulisa;
Mas para estar sem sossobro,
Gaza e calor se precisa.

Fugi logo, que a tyranna
Tinha o peito descoberto;
Não achando onde esconder-me,
Preferi este deserto. »

LVII.

Ah! vem, não tardes, não, etc.

Esperei quem só buscava
N'um jardim cheio de flores;
As plantas raizes tinham,
Porêm azas os amores.

Em vão cheia de saudades
A vista ao longe estendia;
Voaram as horas leves,
E foi-se apagando o dia.

Desceo finalmente a noite,
A cor desmaiou nas plantas,
Meus suspiros foram muitos,
E minhas lagrimas tantas!...

Ingrata, se não me escutas
Vingue o Ceo tanta dureza,
Porque tens gesto divino,
E de fera a natureza.

Ah! vem, não tardes, não, etc.

LVIII.

Allegoria.

Uma gotta d'agua pura
Caío do rosto d'Aurora;
Iris a colheo nos ares,
E enxuga o pranto a quem chora.

Pedio a Phebo alguns raios,
E ornou-a das sette cores;
Pomposa assim brilha a gotta
C'os delphicos resplendores.

Os mortaes, que a vista erguiam
Aos ares aonde brilha,
Celebram, cantam, admiram
Esta rara maravilha.

Os sabios tudo explicaram,
Sem comtudo serem cridos;
Mas o povo neste assumpto
Aos devotos deu ouvidos.

Era um signal que mandava
Jove ao mundo descuidado,
Para restaurar na terra
O tempo d'oiro ou doirado.

Era um Sylpho, um Eon puro
Que aos homens vinha ensinar
As veredas da virtude,
Que ninguem póde atinar.

Nisto o Cão celeste ladra,
Manda o Sol maior calor;
Foi-se a gotta desfazendo,
E converteo-se em vapor.

LIX.

Quem diz que amor é um crime
Calumnía a natureza,
Faz da causa organisante
Criminosa a singeleza.

Que vejo, Ceos! que não seja
De uma attracção resultado?
Attracção e amor é o mesmo;
Logo amor não é peccado.

Se respiro, a atmosphera,
C'um fluido combinado,
É quem me sustenta a vida
Dentro do peito agitado.

Se vejo mares, se fontes,
Rio, cristalino lago,
Dois gazes se unem, formando
Aguas com que a sede apago.

Uma lei d'affinidade
Se acha nos corpos terrenos;
Acidos, metaes, alkalis,
Tudo se une mais ou menos.

De que sou feita? — De terra;
Nella me hei de converter:
Se amor arder em meu peito
É da essencia do meu ser.

Sem que te offenda, Razão,
Quero defender Amor;
Se comtigo não concorda
Não é virtude, é furor.

LX.

Cantiga improvisada com o Mote

É causa de tudo Amor.

Foi causa de amor a Terra
E o Zephyro animador;
Mas hoje este effeito é causa,
É causa de tudo Amor.

O planeta que nos manda
A luz, a força, o calor,
Sem attracção fôra inerte;
É causa de tudo Amor.

Se os mais astros não descrevem
Uma orbita maior,
Attractiva força os prende,
É causa de tudo Amor.

Se esta essencia poderosa
Torna a ternura em furor,
Se arraza os muros de Troya,
É causa de tudo Amor.

Se os mares espavorida
Corta a filha de Agenor,
Se um Deos se converte em touro,
É causa de tudo Amor.

Se nas aguas do Hellesponto
Perece um terno amador,
Se afflicta a amante se mata,
É causa de tudo Amor.

Se encruzado a roca empunha
Das Hydras o Domador,
Cumplice d'Omphale altiva,
É causa de tudo Amor.

Não procureis, infelizes,
A origem da vossa dor:
Ditosos! se sois ditosos,
É causa de tudo Amor.

LXI.

Amor e Ciume.

Dois irmãos gerou a terra
De caracter mui diverso;
Um encanta, outro atormenta,
Ambos regem o universo.

Uma venda, um facho acceso
Que attrahe tudo c'o esplendor,
É quanto possue um delles;
É lindo, e chama-se Amor.

Descórado, carrancudo,
Ardendo em sulfureo lume,
Corações roe o segundo,
Chama-se o feio Ciume.

Em quanto Amor innocente
Faz throno do coração,
Tudo é ventura entre os homens;
Mas esta não dura, não:

Pois toda a delicia cessa
Se avista o irmão cruel:
Ciume é Caim de Amor,
E Amor morre como Abel.

LXII.

A divina mãe de Amor
As verdes ondas geraram;
E por qual motivo as Horas
Esta deidade educaram?

Será por que o Fado absurdo
Tema as leis da Natureza?
Será por que as Horas fogem,
E fugir deve a belleza?

Mas de que servio a Venus
Tão sublime educação?
Seu filho é quem voa; a Deosa
Transmittio-lhe essa lição.

LXIII.

Deserção.

Amor longe do ruido
Procurou doce morada;
De rosas e madre-silva
Tinha a porta engrinaldada.

Tudo eram flores em torno,
Por dentro tudo caricias;
Neste sublunario mundo
Ninguem vio tantas delicias.

Aos sonhos como aos prazeres,
Costumados a segui-lo,
Impoz a lei que a Pobreza
Affastassem deste asylo.

Disse: — « Se acaso aqui chega
Hão de murchar estas flores,
Hão de desmaiar caricias,
Hão de fugir os amores. »

Nisto a pallida Pobreza
Da porta o degráo subio;
Amor abrio a janella,
Bateo as azas, fugio.

LXIV.

A meu Pae. (1)

Aqui, onde mora um cysne
Cuja voz desfallecida
Por entre surdos penhascos
Vaga sem que seja ouvida:

Aqui, onde ao longe soa
O ruido dos contentes,
Fluctuando na incerteza
Formo mil votos ardentes.

Mas dos Numes inflexiveis
Só a Febre é quem m'escuta;
Fartando-se do meu sangue,
Comtigo e comigo luta.

Se um voluntario systema
Te prescreve esse retiro,
Vem ao menos confortar
O meu ultimo suspiro.

Firme sem temor da morte
Vejo dissipar meus dias;
Tu, que a vida já me déste,
Dar-ma outra vez bem podias.

(1) O Marquez d'Alorna D. João d'Almeida.

LXV.

Testamento poetico d'Alcipe, a Lize sua filha. (1)

Já me vão tremendo as mãos
Quando as aureas cordas firo,
E em logar de um som cadente
Resoa um triste suspiro.

Cercado de dissabores,
Vai-me Saturno apagando
As idéas luminosas
Que n'alma estavam pulando.

Toma, Lize, a minha flauta,
E vai nos valles cantar;
Teu canto suave póde
Minhas magoas applacar.

Aqui tens a lyra d'oiro,
Na tripode toma assento;
Vai-te encontrar co' as estrellas
Nas azas do pensamento.

É voando co' as idéas
Que se avista a Divindade;
Só quem do vulgo se aparta
Entende a voz da Verdade.

(1) A Marqueza de Fronteira.

Resposta de Lize.

Falla-me Apollo ás idéas,
Tu fallas-me ao coração;
Quando a lyra assim me entregas
Minha alma dicta a canção.

Porêm a lyra conhece
O poder da tua mão;
Quando sabe que não tocas
Perde a sua afinação.

Se te diverte o meu canto
Illustra a minha razão;
Tudo pódes ensinar-me;
A amar-te, sómente não.

LXVI.

*Em resposta a outras de D.**

Apollo irado em pessoa
Tirou-me a lyra da mão,
Dizendo: — « Tu desafinas,
Não tocas o coração.

« Marsias viste castigado;
Teme a sorte do cantor,
E não mettas nos teus versos
As inepcías de Amor.

« Esse elemento do mundo,
Essa origem d'harmonia,
Só é digno de cantá-lo
O Numen que accende o dia.

« Cala-te, Alcipe imprudente,
Não cantes de Amor jámais;
Já cercaste os seus altares
Com enternecidos ais. »

LXVII.

A PAZ que mora nos bosques
É quem me ha de consolar;
Venho fugindo ao ruido,
Por que me póde matar.

Debaixo de um triste freixo
Vou pensamentos soltar;
Elles vão rompendo os ares,
Com os Ceos se vão ligar.

Lá das moradas celestes
Arrisco os olhos voltar;
E vendo em distancia o mundo
Então posso descançar.

Aqui transborda uma alverca
Que vai o campo inundar;
Acolá ventos irados,
Estão faias a arrancar.

Mais longe se atêa o fogo,
Que as searas vem queimar;
E apenas uma cabana
Póde ás chammas escapar.

De mil gemidos inuteis
Ouço os ares atroar:
Vejo junto áquella fonte
Uma Pastora a chorar.

Mas que bando d'aves negras
Vem sobre a terra pousar?...
A orfandade e a tristeza
Estão co' a innocencia a lutar.

Voam bandos de saudades
Os corações devorar:
Se eu não 'stivesse nos Ceos,
Té cá me haviam chegar.

Ah! como os momentos voam!
É já tempo de acordar:
Cuidei-me longe do mundo;
Comigo estava a sonhar.

LXVIII.

Cantiga patriotica, na guerra peninsular.

Que intentas, Tyranno?
Vencer Portuguezes?
Almas generosas
Não temem revezes.

No campo da gloria,
Vencendo, ou vencidos,
Quaes rochas constantes
Nos vês destemidos.

Se ferreas cadêas
Nos prendem os braços,
Nossas almas livres
Desprezam teus laços.

A terra ensopada
No sangue mais puro,
Ao Ceo justiceiro
Te accusa, perjuro.

Se tardam seus raios,
Se é lenta a vingança,
Já vem no horizonte
A nuvem que os lança.

LXIX.

Cantiga Patriotica.

Puz tímida a mão na lyra,
O tom desejando achar;
Mas incerta da verdade
Receei desafinar.

Fiel meu peito ao que jura,
Em santo fogo abrazado,
Menos me assustava a morte
Que um juramento quebrado.

Nesta luta, sem concerto
Meu coração palpitava,
E de minha alma fugia
A certeza que buscava.

Porêm do Ceo, condoído,
Nova luz em mim se atêa:
Seguida da Lealdade,
Vejo vir descendo Astréa.

— «Fugi da terra em que os homens
Me insultaram tantas vezes;
Volto, chamada; esta gloria
Só pertence a Portuguezes.

«Alento! me diz, não temas,
Jura o que te ordena a lei;
Serves a Justiça, a Patria:
Jura; pois jura o teu Rei.»

LXX.

Cantiga devota.

Com que ardor minha alma voa
Após a Eterna Belleza!
Para tanto amor são poucas
As forças da Natureza.

Oh dura ausencia!
Oh saudade,
Que só se apaga
Na eternidade!

Que tristeza, se no mundo
Longe de ti me contemplo!
Corro, busco, e só descanço
Acolhendo-me ao teu templo.

Oh dura ausencia!
Oh saudade,
Que só se apaga
Na eternidade!

Alli um penhor sagrado
Encontro do teu amor;
Cuido que melhor acceitas
Os meus ais, meu Creador!

Oh dura ausencia!
Oh saudade,
Que só se apaga
Na eternidade!

LXXI.

(Em 16 de Setembro de 1836.)

Apenas desponta a Aurora
Despertam meus pensamentos;
Resalta o mundo das trevas,
E annulla presentimentos.

A meus olhos dão recreio
Um monte, um valle, uma penha;
A cascata que entre rochas
Com ruido se despenha:

Relva que o chão alcatifa,
Troncos que aos Ceos se levantam,
Aves que os ares cortando
Com seus gorgeios me encantam.

Ah! se o resto dos humanos
Pudesse esconder paixões,
Inda houveram subsistencia
As suaves sensações.

Mas quaes ventos furiosos
Que precedem tempestade,
Em partidos se dividem
Os membros da sociedade.

Da razão cessa o luzeiro,
Desfigura-se a belleza,
O terror seu logar toma,
Enluta-se a Natureza.

Creador deste Universo!
Gela no peito a ternura:
Ou me acolhe nos teus lares,
Ou dissipa a desventura.

LXXII. (1)

Á sombra de uma roseira
Dormia Amor socegado:
De rosas ávida vespa
Picou o menino alado.

Estremecido e choroso,
Sem saber o que era ainda,
Torce as mãos, grita, e procura
O collo de Venus linda.

— « Uma serpente com azas
Me mordeo, estou perdido!
Eu morro, querida mãe! »
Soluçando, diz Cupido.

— « Socega, responde Venus;
Essa terrivel serpente
O vulgo lhe chama vespa,
É um insecto innocente.

« Mas pensa, se essa picada
Te causa tal sensação,
Que farão as tuas settas
Cravadas no coração?... »

(1) Imitada de Anacreonte.

LXXIII. (1)

Em vão se resiste a Amor,
O seu poder reconheço;
Ante seu throno ajoelho,
Meu captiveiro confesso.

Ha muito o doce tyranno
Minha alma ataca em segredo,
Que de principios armada
Nunca delle teve medo.

Lindo, sorrindo, e com graça
Contra mim afoito avança;
Eu sem susto desafio
Os golpes de uma criança.

De um arco fatal armado,
De rica e doirada aljava,
Desprezando as minhas forças
Á luta me provocava.

Um broquel tomo; a meu lado
Pende luzidia espada:
Qual fero Achilles lhe ordeno
Que me ceda logo a estrada.

(1) Imitada de Anacreonte.

Seus dardos porêm, ligeiros
Como a luz, contra mim voam:
Eu zombo, esquivando os tiros,
Que nem ferem nem magôam.

Vasa o carcaz todo inteiro,
Com furor, mas sem effeito:
Até que elle mesmo irado
Se entranha dentro em meu peito.

Esta interna cidadella
O seu triumpho proclama:
Tudo estraga sem piedade
A devastadora chamma.

Vai-te, espada infiel, vai-te;
Deixa-me, inutil broquel:
Meu coração luta e cede
Na batalha mais cruel.

LXXIV. (1)

Chorai, bando dos Amores,
Chore a bella Natureza:
Da minha Clore o Canario
Morreo — que dor! que tristeza!

Era seu prazer e encanto,
Mais que os seus olhos o amava:
Elle, filial e meigo,
Materno amor lhe pagava.

Do seu collo não fugia:
Se ora aqui e alli saltava,
Tornava logo saudoso,
Por ella só pipillava.

Hoje, ai de mim! pela estrada
Vai do Orco tenebroso,
De donde voltar não póde
Por decreto rigoroso.

Malditas sejais, ó trevas,
Que devorais quanto é bello!
Que nesse passaro lindo
Me roubaste o meu desvelo.

Oh desgraça! oh cruel Fado!
Que fizeste?... Enternecidos,
Tem Clore os seus lindos olhos
Vermelhos e entumecidos.

(1) Imitada de Catullo.

LXXV.

Em dia de Anno-bom. (1)

(1.º de Janeiro de 1800.)

Uma fresca aurora o dia
Apenas annunciava;
Para achar do bosque o trilho
Via-se quanto bastava.

Ficava-me para a esquerda
Lucifer; eu ia andando
Pelo valle, e docemente
Nisto e naquillo pensando.

Lembrou-me que á minha Patria
Esta estrella da manhã
Um anno novo trazia,
E me achava forte e sã.

Lembraram-me muitas cousas:
Lembrou-me o anno passado,
Mais o outro... e o meu destino,
E tudo estava acabado.

— «Quem te poz ahi, (lembrou-me)
Em muito converte o nada:
Quantas bençãos me rodeam!...
Valle! Estrellas! Madrugada!...

(1) Imitação de um cantico allemão.

« Logo o seu Sol juvenil
Virá tudo allumiar... »
Senti no peito um incendio,
Foi-me preciso parar.

Bem assim como quem sonha,
De mil visões rodeada,
Vacillante ao pé de um freixo
Fiquei com elle abraçada...

Senti então vir descendo
Por entre mil resplendores
Um canto que redisseram
Os echos dos arredores.

— « Patria dos antigos Vates,
Da antiga fidelidade,
Consagra-te Horus Lybico
De novo á santa Verdade.

« Em ti renasçam virtudes,
Do tempo velho, ornamento:
Tenham paz vossas cabanas,
E o Povo contentamento.

« Os homens, moços e velhos,
Não achem as leis molestas;
Sejam probos, sejam destros,
E as mulheres bem modestas.

« Principes grandes e justos,
Grandes, boas as Princezas,
Pagarão vossos esforços,
Dignas almas portuguezas.

« Sede sabios, valorosos,
Quaes foram vossos maiores:
Poetas, quebrai as lyras
Se cantais sómente amores.

« Os Bardos devem ser homens,
Ensinar a humanidade;
Encher de um fogo celeste
Versos que dicte a Verdade.

« Dizei ao nobre sem pejo,
Que em vão seus defeitos cobre,
Seja melhor, se lhe custa
Que o melhor seja mais nobre.

« Restrinja-se o vôo altivo
Do plebeo que a muito aspira:
Ambição une-se ás vezes
Com fraude, roubo, e mentira. »

Horus entre nuvens densas
Se encobrio no firmamento:
Ah! queira o Ceo que estas vozes
Não dissipe logo o vento!

LXXVI. (1)

Ausencia.

É certo que me deixaste?
Foste tu que me fugiste?...
Ah! que o som da tua falla
Inda em meu ouvido existe!...

Como o peregrino em trevas
Vê se a manhã se levanta,
Porque entre folhas reclusa
A cotovia já canta:

Busca-te a minha saudade
Nas grutas que o valle tem:
Chamam-te as minhas cantigas;
Ah! torna, torna, meu bem!

(1) Imitada de Goethe.

LXXVII. (1)

Medida do tempo.

Que nova insignia te adorna,
Amor! Dá-me a explicação
Por que motivo um clepsydro
Hoje vejo em tua mão?

Fantastico Deos, tu queres
Do tempo a regra mudar,
E o comprimento das horas
A teu capricho ordenar?

Longe do meu bem, pretendes
Que um' hora um anno pareça?
E que outr' hora junto delle
Corra, qual instante, á pressa?

(1) Imitada de Goethe.

LXXVIII. (1)

Cuidado.

Se os passos movo, que faço?
Ando quanto tenho andado:
Em que circulo penoso
Me fazes lidar, Cuidado?

Deixa-me ir por outra estrada,
Ver se alguma paz alcanço;
Não me invejes inquieto
Um momento de descanço.

Não sei se devo fugir-te,
Se entregar-me sem defeza:
Cuidado, fatal Cuidado,
Põe termo a tanta incerteza.

Se me não deixas, tyranno,
Ser feliz como preciso;
Se me estragas a ventura,
Se-quer, poupa-me o juizo.

(1) Imitada de Goethe.

LXXIX. (1)

Como devo, como posso
Mitigar esta paixão,
Este tumulto em que lida
Revoltoso o coração?

Como hei de calar os gritos
Que delle saindo vão?
Se são desta dor violenta
Ultima consolação!

Grito, sim, é-me preciso
Dissolvê-la nos meus gritos:
Desculpe Deos meus excessos,
E Marcia, pois são delictos.

Freme qual raiva do Inferno,
No peito a dor se revolta;
Da mais elevada chamma,
Que é sua origem, se sólta.

Desta labareda surde
Torrente devoradora,
Cujo incendio tudo abraza,
E a mim mesmo me devora.

(1) Imitada de Burger.

Sede, ó Deos! ó creaturas!
Testemunhas de um tal damno;
Se póde testemunha-lo,
Soffrê-lo algum sêr humano.

Bem como em masmorra escura
Geme um preso maneatado,
Que em grilhões de um peso enorme
Tem o corpo carregado:

Meu espirito assim luta;
Apalpa em torno, forceja
Por encontrar uma fenda
Onde entre a luz que deseja.

Um raio refrigerante
D'esperança qne o conforte,
Veda a abobada funesta,
Que romper só póde a morte.

De multiformes idéas
Um novo terror o opprime;
Todo o alivio lhe é defeso;
Desejo, esperança, é crime.

LXXX. (1)

A uma Rosa.

Vi uma Rosa,
Indo passando,
Que derramava
Um cheiro brando.

Eu quiz colhê-la
Bella e florente;
Porêm picou-me
Severamente.

Tu, Lilia amada,
Ouve o meu canto:
Tu te assemelhas
Á rosa tanto!

Porêm repara
Que o Sol passando
Vai-te aquecendo,
E vais murchando.

Antes da noite,
Já desfolhada
Por vento rijo,
Tornas-te em nada.

(1) Imitada do allemão.

Ah! não desprezes
Esta lição,
Bem que importuna
Seja a razão.

O tempo voa,
Pune altiveza,
Rigido humilha
Quem o despreza.

LXXXI. (1)

Vôa, vôa, passarinho,
Goza em Maio tua idade:
Tua gaiola quebrou-se,
Vai gozar da liberdade.

Porêm ouvi neste bosque
Um som enganoso agora:
Não te fies na negaça;
Vôa, vôa, vai-te embora.

Tu não vês o falso laço
Que do lindo bago pende?
Vôa, pobre passarinho,
Ou a traição te surpr'ende.

Se aquelle bago engolires
Em vão quererás voar:
O laço contêm a morte,
E tu vais nelle expirar.

(1) Imitada do allemão.

LXXXII. (1)

Os dois Cysnes.

Moram dois Cysnes no mar
Que evitam com susto a praia:
Sua alvura faz cegar,
Sua luz como o sol raia,
Entre juncos e salgueiros
Que n'uma penha musgosa
Que forma a cella de um monge
Lançam sombra pavorosa:
Esta veda a luz do dia,
E augmenta a melancolia.

Só do tecto do Castello,
D'entre o musgo gotejante,
Espreitando, os olhos rompem
O ambiente verdejante:
Então ao longe apercebem
Os dois Cysnes prateados,
Seus gestos, e que repousam
Com os collos enlaçados.

Quando as dunas e os outeiros
Vai prateando o luar,
Sobre o fluctuante espelho
Veem-se os cysnes navegar:

(1) Imitada do allemão.

Um delles afflicto víra
Para traz a vista amarga,
Como quem leva saudades
Do doce asylo que larga.

Quando o sol nasce, desmaiam
Pela manhã as estrellas;
Toca a sineta do claustro
Das penitentes donzellas:
Então cada qual dos cysnes
Na fugida se disputa,
E com rapida carreira
Procura a sombria gruta.

Por este modo lidaram
Muito tempo nestes lares;
E a Fama já lhes chamava
Dois amantes singulares.
É feliz quem vive amando
Em suave companhia;
Do seu bem se não separa
Um só instante, um só dia.

Nisto um sonoro gemido
Retinio na praia um dia,
Motivado d'uma flecha
Que o peito a um delles feria:
De sangue purpureo jôrro
Pelo golpe lhe saío,
E com elle o fôlgo, a vida
Para sempre lhe exhaurió.

O companheiro fiel,
Junto delle vigiando,
Nem comida, nem soccorro
Quiz ir d'alguem acceitando.
Do alvissimo cadaver
Cobrio com junco a ferida;
E por tres dias e noites
Canta a fatal despedida.

Triste Cysne! melhor fôra
Acabar tambem agora:
Muito mais soffre que a morte
Quem perpetuamente chora;
Quem com olhos quebrantados
Prantêa os casos passados.

LXXXIII.

Imitação livre de uma cantiga ingleza de Mrs. Opie.

Bem que tão longo e terno amor nos ata,
Separar-nos, devêr altivo ordena:
Mas se lavra teu peito angustia e pena,
Dor mais acerba, mais cruel me mata.

É mudo o meu pezar — o teu discorre;
O deposito triste tocar temo:
Tu buscas gente — eu solitaria gemo;
Chorar não sei — porêm teu pranto corre.

Por mais votos que a tua boca faça,
Na minha alma o tormento é mais duravel:
Rapida vai torrente vadeavel,
Sombrio e lento um vasto rio passa.

LXXXIV.

Cantiga de uma Princeza da China, casada com um Rei dos Hunos. (1)

Como o destino persegue
Quem d'alta estirpe nasceo!...
Illudido pela gloria
Meu pae um esposo me deo:
E no mais fatal instante
Fixou-me em paiz distante.

Que transtorno! Meus palacios
Em barracas se tornaram;
E as mais soberbas columnas
Por estacas se trocaram:
Cessou a meza opulenta,
Carne crua me sustenta.

Um acido leite apaga
Minha sêde desmedida;
Entre ancias crueis suppórto
Esta insipida bebida:
Que será de mim se a sorte
Me dilata muito a morte?...

Oh Patria querida! oh Patria!
Penso em ti continuamente;
Sinto o coração ferido,
E ferido mortalmente:
Ah! se em ave me mudara
Para lá logo voarà.

(1) Traduzida de...

LXXXV. (1)

Bem t'entendo, coração;
Queres queixas exhalar:
Se queres dizer que adoras,
De que te podes queixar?

Mas cala-te; não reveles
Da minha alma um tal segredo:
Os Deoses podem sabê-lo,
Mas dos mortaes tenho medo.

Zephyro brando, se encontras
Quem amo nesse retiro,
Não digas de quem, mas dize
Que não és mais que um suspiro.

E tu, placido remanso,
Se ao pé delle vais correr,
Dize só que és pranto, e cala
Qual chôro te fez crescer.

(1) Imitada de Metastasio.

LXXXVI. (1)

Tantas lagrimas chorei
Para teu peito abrandar,
Que ao teu rigor já te entrego,
Estou cançado de chorar.

Se o termo da vida esperas,
É tardia essa piedade;
Que em mim se apaga a ternura,
Como em ti augmenta a idade.

Vê a pressa com que o rio
Se precipita no mar:
Assim os annos que fogem
Sabem o amor avisar.

(1) Imitada de Metastasio.

LXXXVII. (1)

Amor, Tempo, e Amizade.

Se queres, Amor, que eu ame
Dá-me a idade dos amores:
Une á tarde de meus annos
Da manhã os resplendores.

De Paphos e de Cythéra,
Onde Amor brinca e suspira,
Pela mão me leva o Tempo,
E por força me retira.

Deste seu rigor tiremos
Ao menos utilidade:
Quem não tem da idade o senso,
Tem as desgraças da idade.

Deixemos aos tenros annos
Seus loucos divertimentos:
Um momento á razão demos,
Se a vida são dois momentos.

Triste sorte! tudo foge,
Prazer, illusão, ternura:
Dons do Ceo, que consolaveis
Da minha vida a amargura!

(1) Traduzida de V.

Nós morremos duas vezes:
Mas deixar de ser amada
É das mortes a peor;
Cessar de viver é nada.

Deste modo eu deplorava
A perda de erros antigos:
Minha alma entregue a desejos
Chorava os seus inimigos.

Nisto, veio soccorrer-me
Dos Ceos a terna Amizade;
Menos viva que os Amores,
Mas d'igual suavidade.

Senti-me, ao vê-la, illustrada
De uma luz serena e bella;
Segui-a, porêm chorando:
Porquè? — Por seguir só ella.

LXXXVIII. (1)

O Valle.

Meu coração fatigado,
E mesmo até da esperança,
Com supplicas importunas
O Destino já não cança.

Valle, onde a infancia passava
Sem me aperceber da sorte,
Dá-me asylo por uns dias,
Para esperar pela morte.

Eis essa estreita vereda
Que ao recluso Valle traz:
Eis o bosque, que me cobre
De sombras, silencio e paz.

Dois regatos, escondidos
Entre berços de verdura,
Vão serpeando perder-se,
Sem nome, nesta espessura.

A fonte destes meus dias
Tambem assim tem corrido;
Esgota-se mansamente,
Sem regresso nem ruido.

(1) Imitada de Lamartine.

Como a creança que embala
Do canto a monotonia,
C'o murmurío das aguas
A minha alma adormecia.

De um verde muro cercada,
E um limitado horizonte,
Ah! como então me bastava
Ver os Ceos, e ouvir a fonte!

Muito, vi, senti; na vida
Tudo já me sobejava:
Só do Lethes o socego
Nestes ermos invejava.

Sitios bellos, convertei-vos
Nesses onde tudo esquece:
O esquecimento agora
Só ventura me parece.

SEXTINAS.

SEXTINAS.

A D. José Manoel da Camara, que então se achava no Rio de Janeiro, donde me communicou que o Principe D. Pedro gostava da Poesia.

Com pensamento e vontade
Fui da Phocida ás campinas,
Ver se a minha adversidade
Domam as Musas divinas;
Ou se afogam a saudade
As torrentes Cabalinas.

Inutil esforço é este!
Acho-me dentro em Lisboa,
Aonde o fogo celeste
Arde sim, porêm magôa:
Nada é bom, por mais que preste,
E até Homero destôa.

Onde acolher-me, Camiro?
Qual recanto sobre a terra,
Qual pacifico retiro
Me ha de livrar desta guerra?
Lá onde moras infiro
Que o socego e paz se encerra.

Pois deixo o Parnaso; e creio
Que as Camenas avisadas
No Brasil com mais aceio
Fixaram suas moradas;
E que adornam com recreio
Frentes que hão de ser c'roadas.

Outr'ora da lyra ufanas,
Contentes da branda avena,
No Lyceo ou nas cabanas
Soltavam a cantilena:
Junto ao solio, soberanas,
Novas leis Phebo lhe ordena.

Quer que as Irmãs que trajavam
Gregas alfaias, se adornem
Como d'antes se adornavam
As Virtudes; que não tornem
A morar onde moravam,
E que regios lares ornem.

Quer que os thesouros que tinham
Derramem nessas florestas,
Pois que tão pouco avisinham
D'Europa as plagas infestas,
Onde monstros esquadrinham
Sómente cousas funestas.

Novo e gentil Hierophante,
Em nobre templo elevado,
Com diadema radiante
Presida ao rito sagrado;
Pois seu canto altisonante
Inda póde mais que o Fado.

Graças, Musas virtuosas
Lhe offertem nossa esperança
Para as canções sonorosas:
Feliz quem a dor amansa!
Quem das palpebras chorosas
Enxugar o pranto alcança!

Acima de tudo eleva
Sapiencia, ingenho, e arte:
Esse volatil que leva
Os nomes a toda a parte
Sobre taboa d'ouro escreva
Pedro, Diniz, e Duarte.

Quando este pregão ditoso
Realçar a Poesia,
No Tartaro tenebroso
Gemerá a aleivosia,
E culto respeituoso
Terão as leis da harmonia.

Em quanto, desentoada,
A turba das rans grasnando
Faz no seu lodo morada,
Irão os Cysnes voando,
Sobre a terra afortunada
Seus aureos sons espalhando.

SEXTINAS.

Cantai, Aonias Donzellas,
Ás filhas do Tejo unidas:
Sejam muito alem dos astros
As vossas canções ouvidas;
E de lá do immortal templo
Dai ao mundo o nosso exemplo.

O que viram com assombro
Os antigos Transtaganos
Vemos hoje, renascendo,
O Reino, isento d'enganos:
Derrubou-se a maura gente, (1)
Surge a Patria refulgente.

Alagar de sangue a terra,
Quebrar vinculos sagrados,
Foi o funesto remedio
Que salvou outros Estados:
Entre nós triumpha a Lei,
Honra, Divindade, e Rei.

(1) A maura gente entende-se com aquelles que no anno de 1810 condemnaram tão injustamente meu irmão o Marquez d'Alorna.

(Nota da auctora).

Não foi vingadora espada
Que desfez antigos erros:
Á simples voz da verdade
Caem por terra nossos ferros:
Dissipa alegre a innocencia
As trevas da Inconfidencia.

São de flores as cadêas
Com que nos prende o Governo;
Grata a Nação lhe afiança
Entre os Lusos nome eterno:
Ávante, Heroes da verdade!
Abrangei a Eternidade.

Dizei sem susto aos que ensinam
Aos homens a lei divina,
Que as paixões discordam sempre
De tão pura e sã doutrina:
Mas affastai os enganos
Com que os insultam profanos.

Depositarios do Culto,
Quanto lhes deve a piedade!
Deos honramos, respeitando
Ministros da Divindade:
Fazendo-lhes grave offensa
Desmentimos nossa crença.

Dizei ao nobre sem pejo,
Que em vão defeitos encobre,
Seja melhor, se lhe custa
Que o melhor seja mais nobre:
Não traga seu nome a rastos,
Se este ornava os nossos fastos.

Mas se o sangue hereditario
Tem no seu peito calor,
Seria ingrato descuido
Rebaixar preço ao valor;
Reassumir o premio herdado
Dos defensores do Estado.

Vinde, Victimas illustres
De uma briosa illusão;
As leis esquecidas bradam,
Chama por vós a Nação:
Mantende o que Heroes juraram
Quando este Reino fundaram.

Então columnas do Throno,
Do Povo sublime amparo,
Defendereis o Rei, tanto
Quanto o Reino vos for caro.
Será cego quem não vê
Que nisto consiste a fé.

SEXTINAS.

QUANDO ME PENHORARAM INJUSTAMENTE TODOS OS MEUS BENS.

Á Fortuna.

FORTUNA, que me persegues!
Pequeno triumpho tens;
Eu desejo só vontades,
Tu disputas-me vintens:
Basta-me o que me deixares
Quando tudo me levares.

Basta-me esta alma que tenho,
Constante como os penedos;
Bastam-me as aguas das fontes,
E a sombra dos arvoredos:
Ponho-me ao fresco no Estio,
E aquento-me, andando ao frio.

Basta-me o Sol, que não podes
Apagar; e á noite a Lua:
Se me tirares a casa,
Irei dormir para a rua:
Sopa, não me dá cuidado,
Tem muitas plantas o prado.

Se o teu rigor se estendesse
A tirar-me o meu tinteiro,
Escreveria nos troncos,
Com um prego, este letreiro:
« Vim ao mundo sem camisa,
Ninguem morrendo a precisa. »

Madrigal.

Imitado de ***

Philis disse ao seu Pastor:
« Sabes tu por que motivo
Não terá olhos Amor? »
Respondeo-lhe: — « Não tem olhos
Porque generoso os deo
A Philis quando nasceo. »

APOLOGOS.

APOLOGOS.

I.

O Pyrilampo e o Sapo.

Lustroso um astro volante
Rompeo das humildes relvas:
Com seu vôo rutilante
Alegrava á noite as selvas.

Mas de visinho terreno
Saío de uma cova um Sapo,
E despedio-lhe um sopapo
Que o ensopou em veneno.

Ao morrer exclama o triste:
« Que tens tu de que me accuses?
« Que crime em meu seio existe? »
Respondeo-lhe: « Porque luzes? »

II.

O Morcego.

Um Morcego presumido
Fez nas trevas mil projectos,
Dizendo, que a luz não era
Essencial aos objectos.

Que para subir tão alto
Como as Aguias, bastaria
Ir subindo para o ar
Antes que nascesse o dia.

Sem mais calculos fazer,
Sem suas forças medir,
Bateo as dentadas azas,
E começou a subir.

A madrugada, entre nevoas
Assomando no horisonte,
Inda soçobrou mui pouco
O nosso novo Phaetonte:

E logo que a luz serena
Do formoso Sol luzio,
Foi subindo até aos astros,
E lá de cima caío.

Caío por terra, coitado:
Mas o seu ingenho opaco
Não descubrio outro abrigo
Mais que um escuro buraco.

III.

O Pintasilgo e o Rouxinol.

Um Pintasilgo imprudente
Desviou-se do seu ninho,
E nem um só grão d'arpista
Encontrou pelo caminho.

Pela fome conduzido
Entrou n'um bosque sombrio
Onde retinia ao longe
De um Rouxinol o assobio.

Ao doce cantor das selvas
Voou afoito, e lhe disse,
Se tinha grão de sobejo
Que com elle repartisse.

« Tenho, (respondeo polido,
O musico das florestas)
Tenho grão, e sei cantigas;
Terás delle, escuta estas. »

Começou logo a cantar;
Cantou, té que amanheceo,
E entretanto o Pintasilgo
Foi definhando, e morreo. (1)

IV.

A penna e o tinteiro.

Uma penna, presumida
D'escrever grandes sentenças,
Fallava das suas obras
Tão sublimes como extensas.

(1) Este apologo foi feito em casa de uma senhora que tambem fazia versos, e tinha a vantagem de ser casada com um Ministro d'Estado.
(Nota da auctora).

«Sem mim, disse ella ao tinteiro,
Pouca figura farias:
Cheio de um liquor immundo,
Sem mim, triste, que serias?»

O tinteiro injuriado
Vasou logo a tinta fóra,
E voltou-se para a penna
Dizendo-lhe: «Escreve agora.»

Assim responde aos ingratos
Muitas vezes a razão:
Muita gente ha como a penna,
Como o tinteiro outros são.

V.

O Cuco e o Rouxinol.

Disse um Cuco, ponderado,
A um Rouxinol, certo dia:
«O meu canto é regulado,
Tem compasso e melodia.

«São estas regras do canto
Dignas de grande attenção:
Ouve, Rouxinol, talvez
Que te aproveite a lição.»

Espanejou-se o cantor,
E em duas notas iguaes
Vomitou do triste papo
Cucu, cucu, nada mais.

A Philomella sorrindo
Respondeo n'uma volata,
E em torrentes d'harmonia
Suffocou a voz ingrata.

Quando um quadrupede triste,
Pelas orelhas famoso,
Começa a cantar tão alto
Que atrôa o bosque frondoso.

O Rouxinol coitadinho
Nem mais poude abrir o bico:
Eu tambem n'um caso destes
Nem me pico, nem despico.

VI.

O Leão e a Raposa.

Meu Senhor! (disse a Raposa,
Fallando nm dia ao Leão)
Eu não sou mexeriqueira,
Mas calar-me é sem-razão.

Sabe que mais? anda um Burro
Aqui por toda a cidade
A dizer mil insolencias
Contra Vossa Magestade.

Elle diz, que não percebe
Como lhe acham talentos,
Em que consiste a grandeza
Desses seus merecimentos.

Diz que o seu valor é força,
E que é pouca habilidade
Quando vence facilmente
Ostentar heroicidade.

Calou-se um pouco o Leão,
E depois, sorrindo, disse:
« Qu' importa o que diz um asno?
Enfadar-se é parvoice. »

EPIGRAMMAS.

EPIGRAMMAS.

I.

Traduzido de Marcial.

Atravessando as ondas empoladas
Buscava audaz Leandro a amante linda,
E assim fallava ás ondas irritadas:
« Deixai-me lá chegar, matai-me á vinda. »

II.

A um Prégador insipido.

Este prégador famoso
Põe-nos em contradição;
— Vigiai — diz a Escriptura,
E — durma — diz o sermão.

III.

Se acaso a febre de amor
Fosse como a das sezões,
Que vergonhas no intervallo,
Teriam os corações!...

IV.

Vá mentindo, mentiroso,
Contra mim muito á vontade;
Hei de vingar-me dizendo
De você simples verdade.

V.

Dos teus estudos sublimes
Os mestres negar não podes;
Euclides em Geometria,
Em Jurisprudencia Herodes.

EPIGRAMME

À un soi-disant médecin qui m'accusait d'être sçavante.

Tu m'accuses, Docteur, le crime est beau!
J'ai du sçavoir, ce mal vaut bien un autre;
Blâmez, criez, je garde mon défaut,
Et fais serment que ce n'est pas le votre.

DECIMAS.

DECIMAS.

MOTE ALHEIO.

Toma Amor, mas toma em vão
Um suspiro em desafogo:
Quer subir, mas torna logo
A descer ao coração.

GLOSA.

1.ª

Jove anima a Natureza,
Solta ao sol raios dourados,
Flora em vão adorna os prados,
Nada em mim vence a tristeza:
Minha altiva dor despreza
A vulgar consolação;
Nem mesmo a doce paixão
Pode ao meu mal arrancar-me;
O cuidado de alegrar-me
Toma Amor, mas toma em vão.

2.ª

O tumulto das idéas
Me arroja o sangue á cabeça,
Que bate, ardendo com pressa
Nas entumecidas vêas:
Virtude! se não premêas
Feros sacrificios logo,
Se a pyra em que arde o teu fogo
Rodêam punhaes, venenos,
Consente que eu solte ao menos
Um suspiro em desafogo.

3.ª

Desfallecida e cançada
Me prostro ás vezes por terra,
E a dor que minha alma encerra
Mando aos Ceos desesperada:
São surdos os Ceos; o Nada,
Em perspectiva ao meu fogo,
Annulla no ar meu rogo;
Do destino desprezado,
Quer no peito encarcerado,
Quer subir, mas torna logo.

4.ª

Torna logo, e o seu veneno
Vai-me corroendo os dias,
Sinto o rosto e as mãos já frias,
D'Atropos já vejo o aceno:
Neste despojo terreno
Já lavra a destruição;
Não vacilles, Parca, não,
Vibra em mim o feliz corte...
Começa o gelo da morte
A descer ao coração.

MOTE

Do Doutor Domingos Borges de Barros.

Tu és minha companheira,
Ó triste e mimosa flor!
Se tens de saudade o nome
Da saudade eu tenho a dor.

GLOSA.

1.ª

A Parca em seu fuso enrola
Os meus afflictos instantes,
Põe-me os prazeres distantes,
E a fatal tesoura amola:
Nem ao menos me consola
Memorar a vida inteira;
Como exhalação ligeira
Tudo fugio: que me resta?
Tu, meditação funesta,
Tu és minha companheira.

2.ª

Contemplando a Natureza,
Os Astros, a Terra, o Ceo,
Tudo, tudo esmoreceo,
Tudo amortece a tristeza:
Murchou do campo a belleza,
As boninas não tem cor;
Só tu conservas vigor,
Saudade, que açouta o vento;
Symbolo do meu tormento,
Ó triste e mimosa flor!

3.ª

Flor funesta! que não sentes
O que á vista significas,
Que hypocritamente explicas
O que insensivel desmentes:
Não insultes descontentes
Que a dor aguda consome;
Teme que vingança tome
O Ceo desse atrevimento,
E que te desfolhe o vento,
Se tens de saudade o nome.

4.ª

Nome que differe tanto
Da cruel realidade,
Como a sombra da verdade,
O Ceo dos sitios do pranto:
Se gemo, se a voz levanto,
Se inspiro aos mortaes terror,
É que o meu sedento ardor
De Tantalo a sede excede;
Com meu mal algum se mede,
Da saudade eu tenho a dor.

MOTE

DE MANOEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE.

Para Amor todos são crentes,
Atheos não ha para Amor.

GLOSA D'ALCIPE.

TYRANNO Amor, quando mentes,
Quando as almas atraiçoas,
As razões sempre são boas,
Para Amor todos são crentes:
Os suspiros mais ardentes
Finges, divino impostor;
Seu veneno encantador
Convem tanto ao peito humano,
Que adoram todos o engano,
Atheos não ha para Amor.

MOTE.

O tormento da incerteza.

GLOSA.

Nas ondas do mar irado,
Nas furias do Noto fero
Uma pintura achar quero
Do meu acerbo cuidado:
Mas é tão duro o meu fado,
Tão densa a minha tristeza,
Que na vasta natureza,
Por mais que a idéa dilate,
Nada encontro que retrate
O tormento da incerteza.

MOTE ALHEIO.

Quem creou o coração
Deve ser centro de amor.

GLOSA IMPROVISADA.

Luz brilhante da razão,
Presente do Author dos Ceos,
Tu declaras que foi Deos
Quem creou o coração:
Se os nossos suspiros vão
Ás paixões dar só calor,
Distantes do seu Author
Insultam a natureza;
Pois só de Deos a belleza
Deve ser centro de amor.

INSOMNIA.

Na madrugada de 17 *d'Agosto de* 1832.

Raios de luz do Oriente
Vem a noite afugentando;
Vão-se as sombras affastando,
Sem que algum sonho me alente:
O susto assalta-me a mente,
Que em cuidados envolvida
É tanto o horror em que lida
Que nada vê que a conforte,
E crê que mais vale a morte
Que a duração de tal vida.

QUADRAS.

QUADRAS

Que fiz a minha irmã. (1)

Se da sorte a mão ousada
De teus braços me arrancou,
Não póde roubar a imagem
Que a saudade em mim gravou.

Se eu e tu fossemos duas,
Pudera a Parca sem dó
Separar-nos; mas não somos
Eu e tu mais que uma só.

Se respiro, inda respiras;
Nem tem a Parca poder
De confundir-te c'os mortos
Em quanto Alcipe viver.

(1) A Condessa da Ribeira D. Maria d'Almeida.

EPITAFIO DE RAPHAEL.

Hic situs est Raphael, timuit quo sospite vinci
Rerum magna Parens, et moriente mori.

Traducção minha, ou imitação, em italiano, porque se não entendia o portuguez, em Vienna d'Austria, onde foi proposto pelo Principe de Kaunitz a quatro pessoas, para traduzir em quatro differentes linguas: coube-me a traducção italiana.

Qui jace Raphael; mentre vivea
Sotto il penei sublime se credea
La grande Madre de le Cose vinta,
E con la morte sua anch' ella estinta.

Despedindo-me do Abbade Metastasio, fez-me ou repetio-me esta quadra (elle tinha já 83 annos.)

I momenti sanno eterni
Si lontan tu sei da me;
Sanno istanti i giorni miei,
Idol mio, vicino a te.

RESPOSTA.

É ver, Musa, tu lo sai,
Che con lui le voce alterni;
Quando la gloria se serve
I momenti sanno eterni.

Io lo so, nel alma mia
Si ripetono fra se
Le tue voce, i tuoi concenti,
Si lontan tu sei da me.

Ma cosi lente non giova
Contar l'ore, io non potrei:
Quando vi lodo o vi canto
Sanno istanti i giorni miei.

La mia cetra adesso io prendo,
Piu dolce cura non vè:
Porte Amor grato l' ommagio,
Idol mio, vicino a te.

EPITAFIO.

Aqui jaz essa Virtude,
Companheira da innocencia,
Com que as graças se adornavam;
Chama-se Condescendencia.

Despedida nas Caldas a uma amiga.

Na invenção das cortezias
Não entrou o coração:
Nasceram do fingimento,
Tolerou-as a razão.

Se eu fosse amiga das duzias,
Fôra a teus pés despedir-me:
Mas faz sol, eu tenho calma,
Quer o meu bem, quero ir-me.

Vou-me embora, adeos, amiga:
De palavra ou por escripto
Verás sempre na minha alma
Mesmo o que não tenho dito.

Lerás o que outras não leem;
Saudades, sinceridade;
E mais calida que as Caldas
A minha terna amizade.

Imprecações contra Apollo. (1)

PHEBO! a lyra me bastara
Se este instrumento dourasses:
Com que gosto iria a Mafra
Se os teus urcos me emprestasses!

As minhas mulas idosas
Não vencem estradas rudas;
Eram bons Pyrois e Ethonte,
Neste aperto, para mudas.

No teu rutilante carro
Nenhuma attenção me dás:
Cruel Deos! porque m'impedes
Que vá festejar a Paz?

Tu com teu vigor fecundas
No seio da terra as minas:
Porêm isso de que serve
Quando as mãos tens tão mofinas?

Na imaginação conservo
Os thesouros que me déste:
Mas com elles emmagreço,
Valem quanto vale a peste.

(1) A auctora desejava ir a Mafra em uma occasião de parabens a ElRei D. João VI., e faltou-lhe a carroagem.

Guarda os teus dons; não m'importa
O teu corporeo calor:
A minha alma independente
Vai saudar o Imperador.

Talvez que mais generoso
Da paz reparta comigo:
Se o meu leal amor paga,
Quanto desejo consigo.

CANTICO

Para os meninos da Escola da Infancia.

Os nossos primeiros Pais,
Lá no principio do mundo,
Tinham claro o entendimento,
Por isso saber profundo.

Conversavam com os Anjos,
O Senhor os instruia;
E então na vontade humana
Erro algum ou mancha havia.

Dias tão ditosos nascem
Por divina inspiração;
Maria da Gloria os suppre,
Protegendo a educação.

Regia Maria! és o Anjo
Que da parte de Deos fallas:
As sementes da maldade
Tua mão vem arrancá-las.

Em Genios da Patria dignos
Tu vais converter a Infancia,
Levantar throno de gloria
Das ruinas da ignorancia.

Já vemos de toda a parte
Affluirem Subscriptores;
Tal é do exemplo o triumpho
N'alma dos imitadores.

Os oraculos sagrados
Disseram verdade eterna,
Que a multidão sempre é justa
Como é tal quem a governa.

Do teu animo celeste
Quem te vê logo adivinha
O amor patrio, a caridade
Que adorna a nossa Rainha.

Na face das Inspectoras
Brilham maternaes cuidados,
E multiplicam-se as mães
Aos meninos desgraçados.

Os homens, a quem não toca
Tão delicada funcção,
Generosos contribuem
Para que cresça a instrucção.

Por este bem tão sublime,
Em logar de outra paixão,
Crearam em nossas almas
A mais firme gratidão.

Salve, ó compassivos Socios
Da empreza mais caridosa!
Seja-vos constante o premio,
Sendo á Infancia proveitosa.

Unido ao coro dos Anjos
O nosso cantico soe:
A Rainha e a quem a imita
Benigno Deos abençoe.

Estando muito doente, em 22 *de Novembro de* 1837.

ACTO DE CONTRICÇÃO.

Sinto o corrosivo tempo
Sempre sobre mim passar,
Sem que a minha razão possa
Meus defeitos emendar.

Córos celestes! cantai-me
Hymnos da resurreição:
As imagens doces ganham
Facilmente o coração.

Tu, meu Deos, que me creaste,
E de barro me fizeste,
Quebra, dissipa este barro,
Que piedoso compuzeste.

Lava-me tu, ficarei
Mais alva que a neve pura;
Terei forças com que faça
Quanto a salvação segura.

Victimarei com valor
As fantasticas vaidades;
Guardará meu sêr apenas
Cicatrizes das saudades.

Porêm, inundada em pranto,
De viva dor opprimida,
Meu Deos! virá tua piedade
Conduzir-me a melhor vida?

Perdoa se descuidada
Fechei á tua voz ouvidos,
E ouvi criminosos brados
Dos meus barbaros sentidos.

Em memoria de Pimperle. (1)

(Anno de 1839.)

Chorai, sensiveis matilhas,
Pimperle já não existe!...
Á saudade que nos causa
O coração não resiste.

Se os humanos imitassem
Suas raras qualidades,
Ausentando-se do mundo
Cresceriam as saudades.

Nem Oreste nem Pilades
Na amizade o excederam;
Nunca foram tão ditosos
Quando no mundo viveram.

Pimperle sabio e prudente
Do Orco evita os horrores,
E só do estrellado Ceo
Sollicita os resplendores.

Vê que está vago o logar
Que a Canicula occupou;
Cheio de merecimentos,
Para lá se encaminhou.

(1) *Pimperle*, cão valido, que pertencia a Sua Magestade ElRei D. Fernando.

Brilhou como brilha a estrella
Na boca do Cão maior,
Todo ornado das insignias,
Das graças do seu Senhor.

Logo se sentio na terra
Sua benigna influencia;
Os calores diminutos
Nos consolaram da ausencia.

Este assumpto inda é mais bello
Que o que Catullo cantou;
Pois se um canario gorgêa,
Pimperle pouco ladrou.

Foi grato a regios favores,
Com talento os mereceo;
Acabou seus dias breves,
Fama lhe superviveo.

Eu tambem, que inda respiro,
Se uma igual sorte tivesse,
Pela sua a minha sorte
Trocara em quanto vivesse.

Mas chegou o Enxota-Musas, (1)
Phebo desappareceo:
Se parodiei Catullo,
Se o imitei, não sei eu.

(1) Nome que a auctora poz a um seu criado que a veio interromper na occasião em que compunha estes versos, dezoito dias antes de fallecer.

FIM DO TOMO II.

INDICE

DO QUE CONTÊM O TOMO I. DAS OBRAS POETICAS D'ALCIPPE.

Paginas

Noticia biographica da Ex.ma Senhora D. Leonor d'Almeida V

Breve Noticia historica do Conde d'Oeynhausen, Carlos Augusto XLV

POESIAS D'ALCIPPE NO MOSTEIRO DE CHELLAS.

SONETOS.

Deitei-me sobre a fresca relva um dia. 5

Que me falta? A vida me sobeja 6

Sobre as margens de um rio que fugindo. 7

Junto ás margens de um rio docemente 8

(Petição á Melancolia) Tu, Deosa tutelar da solidão. 9

Retratar a tristeza em vão procura. 10

Escuro Ceo, cravado de diamantes 11

(A uns annos) Já rasgado da noite o obscuro manto 12

(Aos mesmos) Que harmonico ruido estou sentindo 13

Bem como se perturba a clara fonte. 14

(A uma despedida) As horas voadoras vão trazendo. 15

Feliz esse mortal que se contenta. 16

Esperanças de um vão contentamento 17

(A Pierio) Desde que vi brilhar a madrugada. 18

(Ao mesmo) Pierio, tu que logras a ventura 19

Como posso explicar em brando verso. 20

(Tristeza) Idéas que em desgostos exercitas 21
Se aqui neste lugar me figurassem. 22
(Em dia dos annos da auctora) Dia cruel, no qual ao bem resiste 23
(A Tirce) Entregue a meus pezares, inspirada 24
Eu cantarei um dia da tristeza. 25
Esperanças de um bem tão contingente. 26
Vós, oh Satyros desses arvoredos 27
Ouvi, não já de Amor ternos enredos. 28
(Glosa) N'uma noite serena descançava. 29
Como, importuno Amor, inda procuras 30
Bem póde sobre o candido Oriente. 31
(Glosa de um mote de Pierio) Soltando as louras tranças pensativa 32
(De Pierio) N'um abysmo de horrores fui creado. 33
(A ElRei) Um moribundo esforço, um fraco alento. 34
(Em uma doença) Áquelle espaço que a alma comprehende 35
(A Filinto) Morra a memoria da famosa Alcina 36
(A Jesus Christo) Se a dar-vos morte, oh Deos! um só peccado. 37
Se me aparto de ti, Deos de bondade. 38
Fecunda Natureza, em vão procura 39
(De tres) O Zephyro em silencio lisongêa 40
(Idem) Escassamente o sol já se mostrava. 41
(De Marcia) Doces cheiros, do Ceo rico presente 42
(Idem) Que encanto em ver-te, oh rio, estou provando 43
(Em agradecimento) Trigueira e bella a noite illuminava 44
(A uma Senhora que principiava a fazer versos) Nympha gentil, não penses que em Cythera 45
(A Pierio) Do teimoso desgosto a mão nefanda 46
(Á Musica) De um véo de nuvens finas, guarnecido 47
(Ás Musas) Co' a flauta agreste os beiços comprimindo 48

QUADRAS GLOSADAS.

De que serve, oh Sorte ingrata..... 51
Se lá ouvires, Dircéa..... 53

CANTIGAS.

Ao mote = Silvio, meu caro Pastor..... 57
Anacreontica..... 58
Á Paz..... 59
Á Liberdade..... 61
Á Noite..... 63

CANÇÕES.

Ao Despotismo..... 67
Escutai-me, altos muros pavorosos..... 70
Aos annos de Tirce..... 73
Acordai, ternas aves, com meu canto..... 77
Oh puro Amor, conforto dos humanos!..... 79
Idade abençoada, que fugistes!..... 83
Se descrever ao menos eu pudesse..... 85
Aos Passaros..... 88
Ás Aguas..... 91
Abre um som, terna flauta, como aquelle..... 95

EGLOGAS.

Amizade..... 103
Aos annos de Tirce..... 109

IDYLLIOS.

(De Marcia) No dia em que o Pastor que seguio Daphne 127
A Tirce. 131
Cordeiros meus, que em tempo mais ditoso. 135
Ao Valle de Chellas. 139
A Pierio 142
(De Almeno) Offrenda a Lize. 201

ODES.

Ás Parcas 149
A Amor 153
A Almeno. 156
Á delicia da amizade. 159
(De Almeno) A Alcipe. 161
(Do mesmo) A Alcipe. 163
(De Filinto) A Alcipe 164
Espirito inflammado, aonde corres. 166
Espirito, que rompes leve os ares. 168
Vinguemos-nos um dia: a Daphne versos. 170
Que esmaltados festões teceis de flores 173
A Filinto e a Albano, a respeito dos seus versos. 175
A Albano partindo para o Ultramar. 178
A Filinto. 181
(De Filinto) Albano não partio, mas breve parte 184
Loiro Delio, esta lyra que me déste. 186
Guardai, Musas, os dons com que me honrastes. 188

ELEGIAS.

Amaveis solidões, bosques sagrados. 193
Sólta os loiros cabellos pensativa. 196

EPISTOLAS.

(A Almeno) Nunca poude esse Deos que o verso inspira 204
(A Tirce) Fugiste de meus olhos, doce amiga! 207
(De Filinto) Conversação entre tres. 210
(A Filinto) Ah! Filinto, que versos magoados. 211
(De Silvio a Alcipe) Tuas queixas, Alcipe, lastimosas . . . 213
(A Silvio) Quem me diria, oh Silvio, que moravam. 215
(A Alceste) Alceste, sabio Alceste, revolvendo. 219
(A uma Freira em Chellas) Quando em silencio adormecem 220
(De Isabel Clesse a seu pae) Injuriado Pae, que me injurías. 222
(A Filinto) Apenas soltou Phebo a lyra d'oiro 227
(Ao mesmo) Quando será, Filinto, que este canto. 232

POESIAS D'ALCIPPE, DEPOIS DE TER SAHIDO DO MOSTEIRO DE CHELLAS.

SONETOS.

Da minha alma ditosa faculdade. 241
Não vejo, não respiro, escuto, ou penso 242
Alcandro, que me fez mil juramentos 243
Pensamento importuno, que me queres? 244
Que procurais de mim, tristes cuidados?. 245
Idéas minhas, multidão de idéas. 246
Por triste que da vida o termo avisto. 247
(Saudade) Altas serras, que a vista frouxa alcança 248
(Como se passa o dia) Vai a fresca manhã alvorecendo. . . 249
(Ao tempo) Tempo, que a mão benigna pões nas chagas 250
Já diviso no campo as lindas flores. 251
(Á morte de Leandro) Pelo Deos dos Amores inspirado 252

IDYLLIO.

Daphne 255

CANÇÃO.

Ciumes 261

EPISTOLA.

Á Virtude (fragmento) 267

ODES

Imitadas do allemão.

Deos 271
A Instabilidade 274

POEMA dedicado á memoria de minha irmã a Condessa da Ribeira, D. Maria d'Almeida. (Imitação livre do 1.º Canto das Solidões de Cronegk) 279

HYMNO MATINAL 299

VARIANTES 305

ERRATA.

Paginas			*Erros*	*Emendas*
VIII	linha	8.ª	interrnpção	interrupção
12	verso	7.º	d'agonia,	da agonia,
17	»	12.º	annuncias	annuncias,
18	»	3.º	donde	onde
20	»	4.º	Se não	Senão
22	»	8.º	furias	Furias
24	»	3.º	desta	dessa
27	»	2.º	Driades	Dryades
28	»	1.º	Ouvi	Ouvi,
31	»	10.º	E quaudo	E quando
44	»	11.º	Lico	Lyeu
82		nota	pessonalisado,	personalisado,
86	»	25.º	Harpias,	Harpyas,
93	»	4.º	flécheiro	flécheiro,
»	»	5.º	colhendo	colhendo,
»	»	15.º	De meus	Dos meus
»	»	23.º	suspiro	suspiro,
97	»	23.º	Em terminar	A terminar
98	»	13.º	Clycia	Clycie
105	»	19.º	Atelante	Atalante
110	»	16.º	carreira :	carreira.
113	»	6.º	contente,	contente ;
115	»	4.º	d'adversidade.	de adversidade.
116	»	16.º	plena.	plena ;
129	»	1.º	rouxinoes	rouxinoes,
131	»	18.º	habito	halito
143	»	16.º	magoadas,	magoadas.
153	»	21.º	Laura (1)	Laura (1),
168	»	6.º	desfeitos	desfeitas ;
»	»	7.º	desprezo,	desprezo ;
175	»	12.º	Driades	Dryades
179	»	19.º	sol,	Sol,
182	»	18.º	Flaco	Flacco
183	»	11.º	alterne.	alterne
188	»	2.º	Senão	Se não
207	»	19.º	desvia	desvia,
227	»	19.º	O corpo	O corpo,
229	»	1.º	coréas,	choréas,
245	»	5.º	fados,	Fados ;
250	»	2.º	me abrio cruelmente :	me abrio *tão* cruelmente ;
256	»	18.º	amor ;	Amor ;
262	»	31.º	furias	Furias
285	»	14.º	ardente	ardente ;
299	»	7.º	sol,	Sol,

INDICE

DO QUE CONTÈM O TOMO II. DAS OBRAS POETICAS D'ALCIPE.

EPISTOLAS.

Paginas

Enthusiasmo patriotico, na occasião do feliz parto da Infanta D. Marianna Victoria, filha da Rainha a Senhora D. Maria I. 3

Á Princeza D. Maria Francisca Benedicta, depois da morte de S. A. R. o Principe D. José. 7

A D. Vicente de Souza, Embaixador de Portugal em França, onde foi feita. 13

A Armania 15

A Natercia 17

Á mesma, em resposta. 21

A Philotas. 23

Ao Conde da Ega Ayres de Saldanha, em resposta. 29

A Elmano, em resposta á Dedicatoria das suas obras . . . 34

A G.*** — Resposta ao poema sobre a origem dos Açores 36

A Pedro Caetano Pinto de Moraes Sarmento. 39

Ao Principe D. Pedro 42

A Jonio. 48

A Godefredo 54

A F... — em resposta. 62

Carta do Doutor Domingos Borges de Barros, acompanhando a epistola de Francilia. 65

Resposta d'Alcipe. 66

Francilia a Alcipe 68

Alcipe a Francilia..... 69
A Elmano (o Conde de Sabugal) — em resposta..... 71
(De Francisco Freire de Carvalho) Á Lusitana sonorosa Euterpe..... 75
A Filinto Junior (Francisco Freire de Carvalho)..... 76

ODES.

Ao tumulo da minha Filha..... 81
Ao nascimento de S. A. R. a Infanta D. Isabel Maria... 82
A Natercia, no dia seguinte á nomeação de seu marido para Ministro d'Estado..... 84
A Philotas..... 87
Ao auctor de uma Ode portugueza a Lord Wellington 89
A Filinto..... 92
De Filinto a Alcipe..... 95
A Filinto — em resposta..... 97
Ás Musas adormecidas..... 99
A Godefredo, em louvor do seu cavallo..... 102
A Francilia..... 104
Anacreontica — Amor preso pelas Musas..... 106
A M. J. N. — em resposta..... 107
Ao Estro, em 14 de Agosto de 1823..... 108
Insomnia em a noite de 8 de Outubro de 1824..... 109
A um Ministro justo..... 111
Á feliz reconciliação de Portugal e Brasil..... 114
Á installação dos Invalidos no Hospital que mandou fazer em Runa S. A. R. a Princeza D. Maria Francisca Benedicta..... 117
Imitada da 2.ª do liv. 1.º d'Horacio:
Jam satis terris nivis, etc..... 119

Á morte do Marquez d'Alorna D. Pedro d'Almeida: (Imitada da 21.ª do liv. 1.º d'Horacio:
Quis desiderio sit pudor, etc.) 122
Á Fortuna. (Imitada da 30.ª do liv. 1.º d'Horacio:
O Diva, gratum quæ regis Antium, etc.) 124
A meu Filho. (Imitada da 2.ª do liv. 3.º d'Horacio:
Angustam, amici, pauperiem pati, etc.). 127
Contra a Avareza. (Imitada da 2.ª do liv. 2.º d'Horacio:
Nullus argento color est, etc.). 129
A Henriqueta, minha filha. (Imitada da 11.ª do liv. 1.º d'Horacio: — *Tu ne quæsieris (scine nefas)* etc.). 131
A Frederica, minha filha. (Imitada da 4.ª do liv. 1.º d'Horacio: — *Solvitur acris hyems*, etc.). 132
A José Antonio Guerreiro. (Imitada da 22.ª do liv. 1.º d'Horacio: — *Musis amicus*, etc.). 134
Sobre a projectada juncção da Valla com o Alpiaçoulo, em Almeirim. (Imitada da 6.ª do liv. 1.º d'Horacio:
Laudabunt alii claram Rhodon, etc.). 135
Á minha Lyra. (Imitada da 28.ª do liv. 1.º d'Horacio:
Poscimus, si quid vacui sub umbra, etc.) 137
A uma Fonte. (Imitada da 9.ª do liv. 3.º d'Horacio:
O Fons Blandusiæ, etc.). 139
Imitada da 17.ª do liv. 2.º d'Horacio:
Non usitata, nec tenui ferar, etc. 141

ELEGIAS.

Á morte de S. A. R. o Principe D. José. 145
Á morte do Marquez de Lavradio. 148

CANTO FUNEBRE,

Ou Epicedio de um morto vivo. 153

EGLOGA.

A Holstenio 157

SONETOS.

A um filho da auctora, que morreo poucos instantes depois de nascer 163
A minha Mãe 164
A Guilherme Stephens, Fundador da Fabrica de Vidros da Marinha 165
A Natercia 166
Á mesma em resposta 167
O salto de Leucade 168
A M. D. M. glosando um verso de Camões 169
Crespas as aguas, taciturno o Tejo 170
Em resposta a Mr. Bathurst, em Londres. 171
Lusitania querida! se não chóro 172
Enfado da razão, forte Guerreiro. 173
Inda não apontava a madrugada 174
Achando-se a auctora doente, em perigo de vida. 175
Ás minhas filhas, longe dellas em Inglaterra, e doente. . . 176
A Jonio, que quer que imprima as minhas obras. 177
Em resposta a Jonio. 178
Eu não gosto de versos, mas se acaso. 179
A Robertson, subindo em um balão, e descendo no páraquedas. 180
A Francilia 181
Quando assentaram praça o Marquez de Fronteira, e seu irmão. 182
Á restauração do Throno. 183
Saudades a minha filha Julianna 184

Em agradecimento de um *souvenir* que Sua Magestade Fidelissima mandou á auctora. 185
Por occasião de partirem dois moços para a guerra. 186
No dia 24 de Julho de 1834, estando muito doente. . . . 187
Ás Musas, sobre os Desposorios da Rainha 188
Nunca manchei com vil lisonja o plectro. 189

CANTATA.

Offrenda aos mortos. 193

HYMNOS.

A Apollo. 199
A uma madeixa de cabellos da Senhora D. Maria II . . . 202

PARAPHRASE dos Versos de Santa Thereza de Jesus. . . 207

PENSAMENTOS 213

CANTIGAS.

Razão, por piedade esconde. 219
Serás, Amor, o que eu sinto? 220
Ora, Amor, façamos pazes 221
Porque se ama, ou se não gosta. 222
Os meus olhos, costumados. 223
Incerteza 224
Duvida 225
Ironia 226
Empreza infeliz 227
Cantiga Anacreontica 228
Quando Amor me nomearam 229
Apenas soltava Phebo. 230

Tira, Amor, tira esta farpa 232
Ciumes 234
Inuteis são meus suspiros 236
Glosa do mote — Meu Bem, cuidemos de amar. 237
Glosa do mote — Entre si o mundo regem 238
Acordai, sons esquecidos. 239
Presentimento 241
Amor, que és causa de tudo. 242
Ao pincel com que a auctora fez o retrato de Arminio 243
Contraposição. 244
Anniversario de 3 de Março. 245
Sonho 246
Supplica. 248
Cantiga Anacreontica 250
Antidoto 252
Aqui no Deserto 253
O som da lyra. 254
Em vão da sorte 255
Sózinha no bosque 257
Troncos altivos. 258
A um geranio 260
A uma rosa. 261
Ás saudades do meu Jardim. 262
A um pyrilampo 263
A um môcho. 264
Saudade 265
Ao clima d'Inglaterra 266
Saudades. 268
Comtigo, doce Esperança. 269
Como está sereno o Ceo! 270
Quantas vezes descontente. 271
Basta, pensamento, basta 273
Voa, pensamento, voa 274

Sentou-se afflicta 275
Versos pequenos. 276
Illusão. 278
Sonho 280
Pára, funesto Destino. 282
Basta, Destino severo. 283
Ás Marillias. 284
Ás mesmas 286
A Anarda, que se queixava do silencio do campo. 287
A Armania. 289
Amor com frio. 291
Esperei quem só buscava 292
Allegoria. 293
Quem diz que amor é um crime 295
Glosa do mote = É causa de tudo Amor. 297
Amor e Ciume 299
A divina mãe de Amor 300
Deserção. 301
A meu pae 302
Testamento poetico d'Alcipe, a Lize sua filha. 303
Resposta de Lize. 304
Resposta a outras de D.* 305
A paz que mora nos bosques 306
Cantiga patriotica, na guerra peninsular 308
Cantiga patriotica 309
Cantiga devota. 310
Em 16 de Setembro de 1836. 311
Á sombra de uma roseira. 313
Em vão se resiste a Amor. 314
Chorai, bando dos Amores 316
Em dia de Anno-bom 317
Ausencia 320
Medida do tempo. 321

Cuidado. 322
Como devo, como posso 323
A uma rosa. 325
Voa, voa, passarinho 327
Os dois Cysnes. 328
Imitação livre de uma cantiga ingleza de Mrs. Opie. . . . 331
Cantiga de uma Princeza da China, casada com um Rei dos Hunos. 332
Bem te entendo, coração 333
Tantas lagrimas chorei. 334
Amor, Tempo, e Amizade 335
O Valle. 337

SEXTINAS.

A D. José Manoel da Camara. 341
Cantai, Aonias Donzellas 344
Á Fortuna. 347
Madrigal, imitado de *** 348

APOLOGOS.

I. O Pyrilampo e o Sapo. 351
II. O Morcego. 351
III. O Pintasilgo e o Rouxinol 352
IV. A penna e o tinteiro 353
V. O Cuco e o Rouxinol 354
VI. O Leão e a Raposa 355

EPIGRAMMAS 359

DECIMAS.

Glosa do mote — Toma Amor, mas toma em vão..... 363
Idem idem — Tu és minha companheira..... 364
Idem idem — Para Amor todos são crentes..... 365
Idem idem — O tormento da incerteza..... 366
Idem idem — Quem creou o coração..... 367
Raios de luz do Oriente..... 368

QUADRAS.

A minha irmã..... 371
Epitaphio de Raphael..... 372
Despedida do Abbade Metastasio..... 373
Epitaphio..... 374
Despedida nas Caldas a uma amiga..... 375
Imprecações contra Apollo..... 376
Cantico para os meninos da Eschola da Infancia..... 378
Acto de Contricção..... 380
Em memoria de Pimperle..... 382

ERRATA.

Paginas	*Verso*	*Erros*	*Emendas*
5	27.°	percursoras	precursoras
9	20.°	Cohorte	cohorte
10	7.°	estado	Estado
11	12.°	causa	Causa
12	7.°	regaça	negaça
25	17.°	as sedições	sedições
29	25.°	creação	Creação
34	17.°	Tempe,	Tempe !
»	21.°	susurro,	susurro ;
36	13.°	Apollo	Apollo,
43	25.°	sublimes	sublimes,
44	2.°	fixa ;)	fixa) ;
»	ultimo	Escultou	Esculptou
50	22.°	Anulla,	Annulla,
72	23.°	quanto	quanto,
84	6.°	d'olhos,	d'olhos ;
85	17.°	sacro-santas,	sacro-santas !
87	4.°	triregnio	triregno
»	»	ou	e
102	15.°	as Eras,	ás Eras,
103	24.°	Enfacha	Enfaxa
110	3.°	anniquila	aniquila
»	16.°	Anullou	Annullou
122	9.°	demove	revoca
126	5.°	coarctar-lhe	coarctar-lhes
133	7.°	ao Fauno	a Fauno
138	7.°	acordes	accordes
148	16.°	pranto,	pranto
158	15.°	Verdade :	Verdade,
»	16.°	Chymera,	Chymera :
168	14.°	Este *é* o salto famoso	Este o salto famoso
174	6.°	A Aurora ;	A Aurora
»	»	voltava)	voltava) ;
193	4.°	Fraca	Fraco
223	1.°	olhos	olhos,
224	13.°	creis	crueis
228	penultimo	Porque	Por que
238	16.°	cega	sega
242	15.°	déste	déste,
246	15.°	accomettes	acommettes
276	1.°	pequenos	pequenos,
347	3.°	vontades,	virtudes,

PQ
9261
A6
1844
t.1-2

Alorna, Leonor de Almeida
Portugal Lorena e Lencastre
Obras poeticas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 13 13 03 012 4